

JOYCE COLLIN-SMITH

NÃO CHAME NINGUÉM DE MESTRE

Como aprender com os líderes espirituais sem transformá-los em gurus



FICHA TÉCNICA:

Autora: *JOYCE COLLIN-SMITH*

Tradução: Marcello Borges

Nome do Livro: *Não chame ninguém de mestre*

ISBN: 85-267-0531-8

Título original: *Call no man master*

Publicado em 1988

Editora Siciliano 1993

Em memória de James Webb

Introdução

por Colin Wilson

O século XX produziu mais gurus, sábios e messias do que os cinco séculos anteriores reunidos. A razão é bastante simples: o colapso da religião organizada deixou em sua trilha a fome de certezas morais, o anseio por 'conhecimentos ocultos'. "Após a guerra de 1914-1918, por onde quer que passasse, fosse na Inglaterra ou no Continente, na América ou no Extremo Oriente, a conversa provavelmente se encaminhava para assuntos sobrenaturais." Este comentário foi feito por Rom Landau, num livro chamado *God is my adventure (Deus é minha aventura)*, um estudo sobre diversos gurus e místicos, e é importante frisar que quando surgiu, em 1935, tornou-se um *best-seller* instantâneo, recebendo oito edições em menos de um ano.

Quatro décadas depois, um jovem e brilhante historiador chamado James Webb, também ficou encantado com essa 'proliferação de profetas', de Rudolf Steiner a Billy Graham, do conde Keyserling a Gurdjieff, de Rasputin a Timothy Leary, e passou a registrar a história numa série de livros cuidadosamente pesquisados, começando com *The occult establishment (A instituição oculta)*. E foi em 1972 que Webb assistiu a uma palestra dada por Joyce Collin-Smith, tendo por tema seu cunhado, Rodney Collin, um dos principais discípulos de Ouspensky. Surgiu imediatamente uma amizade um pouco estranha — sim, pois Webb era totalmente cético a respeito do 'oculto', e Joyce Collin-Smith, como os leitores deste livro irão descobrir, era tudo, menos cética. Contudo, possuía exatamente aquilo que faltava a Webb: experiência própria na 'busca da certeza' e no conhecimento oculto. Sua influência pode ser sentida no livro mais substancial de Webb, *The harmonious circle (O círculo harmônico)*, um estudo sobre Gurdjieff e Ouspensky que ele completou não muito antes de se suicidar, em 1980. E suponho que deva ter sido, de várias maneiras, uma influência um tanto perturbadora. A atitude de Webb para com 'o

oculto' era do tipo racionalismo espertinho 'eu-sei-tudo', da variedade que se pode esperar de alguém formado em Cambridge. Diante dessa extraordinária senhora, ele deve ter se sentido inclinado, de início, a considerá-la uma charlatã auto-iludida, graças à sua crença em percepção extra-sensorial, astrologia e reencarnação. E depois, não tenho dúvidas, começou a perceber que ela era tão 'cabeça-dura' quanto ele, e que talvez sua própria abordagem fosse superficial e simplista. Durante o período de intenso estresse mental por que passou antes de sua morte, ele admitiu com pesar que tinha sido 'suspenso com seu próprio petardo'.

Sinto empatia pelo dilema de Webb, pois passei pessoalmente por ele. Tive uma educação científica, e depois decidi que preferiria ser um escritor de idéias; contudo, minha tendência pessoal continuou sendo racionalista (como ainda o é). Quando, no final da década de 60, aceitei a incumbência de escrever um livro sobre 'o oculto', não tinha dúvidas de que se tratava, na maior parte, de pensamento positivo e auto-ilusão. Lembro-me de ter passado uma tarde com o grande estudioso de Shakespeare, G. Wilson Knight, e de tentar esconder meu desconforto enquanto ele falava de espiritualismo, descrevendo como tinha se convencido de que sua mãe havia se comunicado com ele após morrer... Contudo, quanto mais estudava casos de telepatia, precognição, 'segunda visão' e até reencarnação, mais ficava consciente de que há uma enorme quantidade de evidências científicas a respaldar essas coisas. Quando comecei a me perguntar se não deveria manter minha mente aberta à astrologia, dei com uma seção em minha agenda de bolso que descrevia as características de diversos signos solares (áries, touro, gêmeos etc.) e percebi que elas se aplicavam, com notável precisão, a muitas pessoas que conhecia. E, tendo escrito *The occult (O oculto)*, concluí que seria estúpido tentar manter uma atitude de rígido ceticismo. Mesmo assim, declinei firmemente de tratar o assunto como importante, permanecendo convencido de que nosso negócio neste mundo está intimamente relacionado com a autodisciplina e o autoconhecimento, e que assuntos como reencarnação e vida após a morte são basicamente irrelevantes. No entanto,

também passei a aceitar o fato de que *há* muitas pessoas que passam a vida na região fronteira entre dois mundos, e que essas pessoas podem, vez por outra, lançar algumas luzes interessantes sobre os recônditos sombrios da existência humana.

Ainda esbarro em meu ceticismo fundamental enquanto leio a autobiografia de Joyce Collin-Smith. Sei que muitas crianças têm amiguinhos imaginários que, para elas, são perfeitamente reais. Mas é óbvio que, quando Joyce Collin-Smith fala de seu 'irmão', está tratando de algo muito mais profundo. Se fosse apelar apenas para minha experiência pessoal, estaria inclinado a tratá-lo apenas como fruto da imaginação. Contudo, conheço-a bem o suficiente para saber que é uma pessoa notadamente honesta e que não está entregue a nenhum tipo de fantasia; assim, tenho de estar preparado para reconhecer que suas primeiras experiências com seu 'irmão' foram além de qualquer coisa que eu já experimentei; no entanto, foram reais e válidas. Aqueles que consideram 'o oculto' como outra expressão para 'mente fraca' vão me acusar de credulidade. Parece-me, contudo, que esse tipo de credulidade é um passo vitalmente importante para tentarmos entender algumas das principais questões suscitadas neste livro.

Uma delas, por exemplo, surge quando ela fala de sua amiga Elsie Abercrombie, que, aparentemente, era capaz de influenciar as pessoas por telepatia. Em 20 anos de estudos sobre 'o oculto', encontrei tantas vezes esse tipo de coisa que não posso descartá-la como auto-ilusão. J.B. Priestley, por exemplo, descreveu como, num entediante jantar literário em Nova York, decidiu fazer uma experiência com sugestão telepática, tentando se concentrar numa senhora de semblante bastante austero, ordenando-lhe mentalmente que piscasse para ele; após alguns instantes, ela se virou e piscou; mais tarde, ela o procurou para pedir desculpas, explicando que tinha sido apenas um 'impulso tolo'. Assim, quando li a descrição de Joyce Collin-Smith do modo como Elsie Abercrombie fez com que todos num banquete começassem a falar de camelos, fiquei instantaneamente intrigado e lhe pedi que me

falasse mais sobre essa senhora. Ela me contou duas histórias fascinantes. Em certa ocasião, ela estava sentada com Elsie Abercrombie numa sala um tanto fria quando a velha senhora murmurou: "Frio. Melhor acabar com isso". Alguns minutos depois, a anfitriã de ambas comentou: "Parece que ficou bem frio aqui. Vamos para mais cedo e tomar um café". Joyce comenta: "Poderia ter sido uma coincidência, mas, julgando por sua piscada e por seu riso, tive certeza de que ela manipulou a situação de alguma forma".

Noutra ocasião, Joyce tinha levado uma hortênsia de presente para a velha senhora; a flor sobreviveu a uma longa viagem de carro sem problemas. Uma hora depois de ficar na mesma sala que Elsie, porém, começou a murchar. "Quando mencionei isso, ela olhou de lado para mim e disse, com ar de malvada: 'Odeio hortênsias'. Quando pedi desculpas por ter-lhe dado um presente inaceitável, ela contemplou a flor durante um bom tempo, depois continuou a conversar. Dez ou quinze minutos depois, fiquei atônita ao notar que a flor se recuperara e estava levantando suas pétalas de modo visível, como se lhe houvessem exortado a viver para não me magoar."

Uma outra história sobre lady Abercrombie pode oferecer uma possível explicação para seus poderes peculiares. Quando adolescente, caiu de um cavalo e fraturou a espinha; suas pernas ficaram paralisadas. Um dia, ela entreouviu uma conversa entre seu pai e o médico, que discutiam o que fazer com ela, pois era óbvio que nunca mais poderia voltar a andar. Isso a enfureceu tanto que ela pediu aos empregados indianos que a pusessem sobre um cavalo já velho, passando a comandá-lo com suas mãos e voz. Ao fazer isso repetidas vezes, foi recuperando gradualmente o uso de suas pernas. Perguntei-me se esse tremendo esforço da vontade teria desenvolvido nela alguma estranha capacidade de dar 'ordens mentais'. Depois, reli a história sobre o banquete e os camelos, e notei que ela já possuía poderes telepáticos desde a infância; assim, minha explicação não seria válida. Contudo, menciono esse exemplo para explicar a razão pela qual acho este livro tão

notável e importante — ele suscita questões que não deveriam ser ignoradas, e às vezes orienta a mente na vaga direção geral das respostas.

Naturalmente, essa não é a única razão. Muitos leitores vão achá-lo fascinante por causa dos relatos de suas experiências próprias com Pak Subuh, o 'messias' indonésio que causou tanta sensação na década de 60, e com o Maharishi. Quando li a primeira versão deste livro, há uns cinco anos, ele tratava principalmente do Maharishi, e o li de ponta a ponta com total absorção. Quando a incentivei a procurar uma editora, ela explicou que diversas editoras tinham, de fato, pensado nisso, mas o consenso geral era de que o interesse pelo Maharishi tinha diminuído e que ninguém teria interesse em ler um livro inteiro sobre ele. Fico feliz ao ver que meu entusiasmo fez com que ela decidisse transformar o livro numa autobiografia e que ela tenha escrito bastante sobre Rodney Collin e James Webb, bem como sobre suas experiências com o grupo de Ouspensky, liderado por Francis Roles. Para mim, porém, o núcleo do livro continua a ser o relato que fez do iogue Maharishi Mahesh. Mais uma vez, na anedota que contam sobre a senhora irritada que reclamou com a gerência do hotel sobre a multidão de discípulos, encontro o curioso problema do controle telepático. De outra maneira, como teria sido possível para Maharishi declarar com tamanha certeza que eles não teriam mais problemas com a velha senhora? No entanto, ainda mais fascinante é a questão de como ele conseguiu mergulhar todos os seus 'iniciados' num imediato estado de meditação transcendental — apesar de acreditar que seria possível ensinar o mundo inteiro a 'meditar' em três anos. De algum estranho modo, Maharishi conseguiu mostrar aos seus seguidores a maneira de conseguir aquilo que denominei, em outro texto, de 'acesso a mundos interiores'.

As experiências subseqüentes de Joyce Collin-Smith são, a meu ver, igualmente fascinantes e importantes — a estranha ruptura mental que fez com que ela 'visse' o passado e o futuro de tudo aquilo para que olhasse: uma árvore seria simultaneamente um arbusto, uma árvore nova e uma pilha de lenha... A história de sua tentativa de suicídio e de como compreendeu que o desespero lhe revelara o

truque de manter as coisas 'paradas' são tremendamente importantes; mesmo se o resto do livro não contivesse nada de significativo, bastaria essa história para lhe assegurar certo *status* clássico. Contudo, a questão básica que suscita é explorada mais a fundo quando ela discute o colapso mental de Webb. Sartre teve uma experiência similar após ingerir mesalina — mostradores de relógio pareciam lhe sorrir, e ele teve a ilusão de estar sendo perseguido por uma lagosta gigante — e isto, por sua vez, parece apoiar a sugestão de Aldous Huxley: nosso sistema nervoso não foi propriamente projetado para admitir a experiência, mas para afastá-la, para filtrá-la até um nível aceitável. Isto, por sua vez, leva-me a especular se o tipo de racionalismo complacente encontrado em *A instituição oculta* e *The flight from reason (O vôo da razão)*, de Webb, não seria um tipo de mecanismo inconsciente de defesa que teria começado a falhar após ele ter sido exposto às idéias de Gurdjieff, Ouspensky e da própria Joyce.

Talvez a maneira mais simples de explicar por que acho tão importante este livro seja contar a curiosa história de minha própria introdução — que não foi publicada — para *A instituição oculta*. Em 1981, fui procurada por Richard Drew, diretor de uma pequena editora de Glasgow; disse-me que queria produzir uma edição britânica do livro de Webb (que até então só tinha sido publicado nos Estados Unidos) e pediu-me que escrevesse a introdução. Concordei enfaticamente, e declinei sua oferta de pagamento, pois, apesar de não ter conhecido Webb, tínhamos trocado algumas cartas amistosas, e achei que seu brilhante e divertido livro deveria ser publicado na Inglaterra. Quando Joyce Collin-Smith me permitiu ler as cartas que Webb lhe escrevera durante seu colapso mental, percebi que ele e eu havíamos partilhado a mesma aterradora experiência de 'ataques de pânico' — descrevi as minhas num livro chamado *Mysteries (Mistérios)* — e que para Webb essas experiências foram uma espécie de equivalente à 'noite escura da alma' dos místicos cristãos. Eu tinha descrito algo do gênero em meu primeiro livro, *The outsider (O forasteiro)*, quando falei de 'viajantes mentais' que tinham visto as coisas 'demasiadamente a fundo'. Mencionei

extensos trechos dessas cartas em minha introdução (gostaria que Joyce também o tivesse feito neste seu livro). Em setembro de 1981, enviei para Richard Drew a introdução completa. Ele me escreveu dizendo que a introdução era longa demais (na verdade, era mais curta do que esta) e que, de qualquer maneira, Mary, a mulher de Webb, queria eliminar todo o trecho que tratava de sua doença mental. Ela achava, aparentemente, que ele tinha ficado completamente 'pirado' ao desperdiçar seu tempo em coisas absurdas e irrelevantes como o 'ocultismo', e deplorava minha tendência de levá-las a sério. Naturalmente, minha reação foi dizer que, se a introdução não fosse publicada na íntegra, não poderia ser usada. A reação de Richard Drew foi 'não usar'. Assim, *A instituição oculta* finalmente surgiu sem uma introdução...

O próprio Webb teria rido da ironia da situação. A meta de seus livros é demonstrar que 'o oculto' é apenas uma curiosa aberração da mente humana, uma prova de que o homem foi incapaz de superar a superstição primitiva, e que uma de suas características mais incorrigíveis é o anseio pelo conforto oferecido por falsos messias e gurus. Seus dois anos de doença mental, porém — "não é uma experiência que eu desejaria para meu pior inimigo" — deixaram-no com a sensação de que "apesar da natureza indubitavelmente alucinatória de muitas de minhas experiências, resta um resíduo que tenho simplesmente de levar a sério, mesmo que não consiga encaixar todos os estados alterados de consciência num sistema único..." E declaro em minha introdução: "O que estou tentando estabelecer aqui é que as estranhas visões de Webb, produzidas por uma espécie de colapso entre a mente consciente e o inconsciente, não podem ser tratadas como as ilusões de um louco; suas cartas deixam claro que ele permaneceu são o suficiente para distinguir entre ilusão e o vislumbre de alguma realidade maior.

O perigo real, estou convencido, não está nessa aceitação da existência de uma 'realidade maior', mas em nossa tendência infantil de reagir a ela com medo e desconfiança. Joyce Collin-Smith citou Ouspensky a respeito desses vislumbres místicos e de seu comentário de que "poderíamos enlouquecer com um cinzeiro".

Entretanto, se este comentário for lido no contexto apropriado, o capítulo chamado "Misticismo experimental" em *A new model of the universe (Um novo modelo do universo)*, ver-se-á que seu tópico central é uma visão extraordinária da *inter-relação* de tudo que parece ser comum a toda experiência mística — aparentemente, tudo no universo está ligado a tudo o mais, e o místico consegue realmente *ver* as conexões. Todos nós experimentamos algo do gênero em estados como felicidade e excitação — uma espécie de brilho mental cujo significado é tudo aquilo que olhamos ou pensamos; de algum modo *recorda-nos* alguma outra coisa, outras épocas e outros lugares. Esta sensação costuma provocar um curioso senso de prazer: percebemos que 'tudo está bem'. Quando Ouspensky olhava para o cinzeiro, este o fazia se tornar consciente de tantas outras coisas, que ele se sentia esmagado pela mera simplicidade do significado, uma sensação que pode ser comparada ao bêbado que se afoga num barril de uísque...

Esta é uma sensação que experimentei repetidas vezes quando li este livro, uma tremenda excitação a qual me fez desejar Joyce sentada na cadeira à minha frente para que pudesse lhe dizer: "Sim, mas você não acha..." Em seu primeiro capítulo, ela descreve como Rodney Collin lhe disse que um dia ela escreveria um livro sobre 'o miraculoso'; o qual acha que deve ser agora ou nunca. E eu acho que ela está correta ao pensar que este livro é seu 'testamento' para outras pessoas que compartilham seu obscuro anseio por uma 'realidade maior'. Na minha opinião, ela foi bem-sucedida em dizer com precisão aquilo que tinha para dizer, e que o livro tem aquela estranha aura de 'retidão', tornando-o um desses livros que nunca deixará de ter seu séquito de admiradores.

1

A infância foi assombrada por algo urgente e esquecido.

Fosse na cama, na velha casa de North Oxford, ou no peitoril de uma janela por trás de longas cortinas de veludo onde costumava me esconder, eu quebrava a

cabeça, ansiosa por não deixar de lado alguma tarefa ou dever fugidio. Teria deixado de dar algum recado? Levar alguma mensagem? Completar minhas lições de casa? Querendo sempre agradar, fazer o que é certo e não incorrer no desagrado de mamãe, babás ou professoras, sentia meu coração bater forte com minha contínua ansiedade. O mundo era sempre um lugar estranho, no qual buscava eternamente um modo aceitável de me comportar.

Já era uma adolescente quando me ocorreu que poderia talvez estar tentando me lembrar de alguma obrigação ou tarefa que restara de 'outra época', de uma outra vida.

A rotina organizada de minha casa não dava margens a conhecimentos estranhos ou pouco convencionais. Não tinha ouvido falar de esoterismo. A reencarnação não seria admitida como possibilidade na família cristã, que ia à missa todo domingo de manhã, na qual nasci. Com o tempo, porém, o pensamento surgiu espontaneamente: já tinha estado aqui um bocado. Já vivi um monte de vidas. Esta é uma dentre uma série. Aquilo de que me esqueci é simplesmente aquilo que conheci antes e que devo me lembrar a todo custo, do contrário algo — alguma tarefa, algum propósito — não poderá ser feito. De maneira confusa e sincera, a magra e nervosa menina tentava encontrar novamente aquilo que mais tarde poderia ser melhor definido como um Caminho.

Meu pai era editor do *Oxford Times*. Descendíamos de uma longa linhagem de jornalistas. Vovô trabalhara na rua Fleet, e os meus bisavós desse mesmo ramo familiar foram homens de imprensa, colegas de Charles Dickens na galeria dos repórteres da Câmara dos Comuns. As palavras fluíam por mim com facilidade e logo eram formuladas em imagens vividas de outros mundos e costumes, enquanto mitos, lendas e contos de fadas formavam meu alimento intelectual. Para mim, era claro que tudo tinha um outro significado. Nada era exatamente o que parecia, e a vida cotidiana era apenas um reflexo, uma espécie de imagem especular da realidade. Tinha a impressão de estar sempre tentando virar as coisas, ver o outro lado de um universo

em que a vida no mundo cotidiano seria apenas o negativo, ouvir o som original em que as vozes e ruídos comuns seriam o eco continuamente reverberante.

Refugiando-me em sonhos, busquei a realidade em algum recôndito da mente e do coração que, além do alcance da razão, da lógica e das palavras dos professores, eu tinha a impressão de conhecer. Aqui seria apenas uma espécie de abrigo contra a invasão de presenças estranhas, tarefas onerosas, ambientes desconfortáveis. Apesar de amada e cuidada por uma mãe atarefada, eficiente, freqüentadora de comitês e de reuniões sociais, um pai bondoso e gentil, nervosamente correto, e pelos serviçais, algo normal naquela época tão remota, retirei-me cada vez mais para o reino da privacidade e da fantasia. Com propensão a doenças, fragilidade óssea, timidez e nervosismo excessivos, devo ter sido uma menina cansativa e difícil. Minha irmã mais nova, exuberante e confiante, era a queridinha da casa. Fui me tornando cada vez mais solitária. Temendo censura ou incompreensão, caso expusesse meus pensamentos, ocupava-me com atividades particulares. Num canto do maternal, da sala de aula ou do dormitório, estava sempre pintando, desenhando ou fazendo algo com plastilina, uma massa de modelar para crianças. Poderia estar escrevendo uma história, compondo um poema ou recitando uma longa narrativa imaginária para mim mesma. Confortava-me com a atividade. Ela trazia resultados, mesmo não tão bons quanto se poderia esperar de antemão, enquanto os jogos infantis ou os ensinamentos adultos me deixavam com a sensação de falta de propósito e de sentido. Mais velha, perambulava sozinha por parques e faculdades, entrava em igrejas, salas e capelas da universidade, até passar a adorar o aprendizado. Tocando os volumes encadernados em couro em bibliotecas antigas, retirando-os e folheando-os sempre que permitido pela bibliotecária naquela época mais sossegada, procurava alguma coisa, qualquer coisa que pudesse me dar orientação, um mapa, uma série de pistas, um padrão de vida que eu pudesse seguir com facilidade. Será que haveria registros de outras pessoas como eu?

Entretanto, por muitos anos a única companhia que tive foi meu complemento quase esquecido — um irmão imaginário.

Só fui encontrar Rodney Collin, discípulo e associado de Ouspensky e autor de *The theory of celestial influence (A teoria da influência celestial)*, *The theory of eternal life (A teoria da vida eterna)* etc., quando já estava com trinta e poucos anos.

Na época, estava casada com seu irmão, Derry. Rodney estava viajando pelo México e veio nos visitar bem depois de eu ter me tornado sua cunhada. Assim, foi uma situação do tipo 'carroça na frente dos bois', pois quase esquecera dos sonhos da infância. Quando finalmente exclamei "Você é meu irmão!" com espanto e satisfação ao contemplar o rosto familiar, tão parecido com o meu, muito já havia se passado desde esse encontro tardio.

Estávamos sentados juntos no alto da Pirâmide do Sol em Teotihuacan, no México, quando percebi tudo.

— Muito provavelmente — respondeu-me amigavelmente, seus olhos azuis, meus próprios olhos azuis encontrando os seus, semicerrados contra o forte brilho do sol da tarde, nossos chapéus de abas largas puxados na direção do pescoço, nossas compleições tão semelhantes, nossos corpos altos, magros e de ombros estreitos tão similares que poderíamos mesmo ser parentes, não apenas por vínculo conjugal.

— Um dia, você vai escrever sobre tudo isso — disse-me depois de muitos meses naquela estranha atmosfera do Vale do México, 2100 metros acima do nível do mar, onde a altitude, a forte luminosidade e as pessoas da casa, com pendores filosóficos, finalmente fizeram alegre sentido. — Um dia, você vai parar de escrever esses romances e vai escrever algo mais importante. — Meu livro *Locusts and wild honey (Gafanhotos e mel selvagem)* e outros estavam na lista dos mais vendidos na época, e os sonhos e fantasias da infância encontravam vazão nessa forma distorcida. — Um dia, você vai escrever sobre o miraculoso. — Eu estava lendo *In search of the miraculous (Em busca do miraculoso)* de Ouspensky à noite em vez de dormir, pois os

dias eram repletos de ação e de palavras ansiosas. づ sua própria maneira, você dará um ou dois indicadores para aqueles que virão depois.

Estou no último quarto da vida. Já falei, dei conferências, escrevi, viajei, ocupei meus dias com um atabalhado galope contra o tempo.

Estou beirando os 70. 'Um dia' deve ser agora.

Minha memória é tão abrangente e límpida que às vezes me pergunto se conseguiria — sob hipnose, por exemplo — ter a lembrança de tudo.

Conheço a sensação de ser um bebê num carrinho forrado de couro branco cheirando a cálido verão; acima de mim, um toldo de seda verde com franjinhas me dava sombra. Lembro-me da primeira experiência de causalidade. Se eu chacoalhasse as pernas para cima e para baixo, o carrinho se agitava e as franjas dançavam. Se ficasse parada, elas não se moviam. Era um tipo diferente e mais interessante de causa e efeito do que o conhecimento instintivo que todo bebê tem: chorar atrai atenção, vozes, braços, conforto. Isto era algo que eu fazia pelo resultado em si, compreendendo que tinha o poder de fazer as coisas acontecer. Deitada, pensava nisso, jovem demais para me sentar sem auxílio ou para balbuciar qualquer palavra. Deveria ter uns cinco ou seis meses de idade.

Meu 'irmão' surgiu em minha imaginação quando eu estava com uns dois anos e meio. Mamãe estava grávida de outro bebê. Disseram-me isto e que ela precisava se afastar de mim por alguns dias para ter o bebê.

Eu já sabia de um garoto tão parecido comigo que seria minha segunda metade. Aguardei sua chegada com aceitação e confiança. Levaram-me ao berçário e me mostraram um bebê recém-nascido num bercinho, em meio a uma fila de outros berços numa grande sala.

— Esta é sua irmãzinha — disseram-me. — Uma linda menininha. A confusão me assomou.

— Não. Eu quero meu irmão.

— Uma irmã, querida, não um irmão.

O berço do lado abrigava um bebê. Sua família o cercava, admirando-o e se referindo ao pequeno pedaço de gente como 'ele'. Fui para o lado, olhei intrigada pelas barras e exigi que levássemos este. Sabia que os bebês cresciam. Apesar de não ter sido como imaginava, este deveria ser o meu esperado. O som de risos adultos ressoou por toda parte enquanto me afastaram gentilmente dali.

— Aquele! Aquele! — gritei atônita, impotente e incrédula. Apesar de raramente apanhar, meus gritos e esperneios ilógicos provocaram ordens severas para me calar, e um tapa ardido e inesperado me reduziram a resmungos e, finalmente, ao silêncio. Quando fiquei plantada firmemente numa cadeira e me disseram que me comportasse, não olhei mais para os bebês nem fui, como me mandaram, até mamãe, vestida em sua camisola rosa, reclinada entre travesseiros. Ela estendeu seus braços e me chamou. Olhei obstinadamente para o chão, meus pés balançando, lágrimas ainda escorrendo. Então, subitamente o mundo se tornou um lugar vazio.

A imaginação criativa sempre me intrigou. Desde pequena, conseguia visualizar coisas, ver rostos, ouvir vozes, fazer pessoas, lugares e situações em minha mente. Eram tão reais quanto meu ambiente cotidiano. Houve uma época, no início da infância, em que tive dificuldade para distinguir os dois tipos de experiência, e me acusaram de mentir. Sem o irmão do berçário, o 'ser evocado' como companheiro de brincadeiras, passei a recriá-lo em minha mente.

Lentamente ele cresceu e ficou alto. Apesar de seu rosto nunca ter ficado perfeitamente definido para mim, conhecia a 'forma que desenhava no espaço'. ... assim que o definia para mim mesma. Gradualmente, ficou mais velho do que eu, alto, magro, rosto comprido, ombros estreitos, rápido e gentil, compreendendo plenamente minhas dificuldades. Mantive longas conversas com ele em minha mente, fiz-lhe perguntas, obtive respostas confusas que nada mais eram do que sons calmantes e reconfortantes. Era como o diálogo noturno dos sapos nas quentes lagoas africanas, que mais tarde conheci — ou as fitas de Raudive, que dão a mesma e ilusória

impressão de ter certo sentido que, por algum motivo, não é bem inteligível. Eu falava, escutava interiormente e ficava em paz.

Só uma vez, no começo da idade escolar, ouvi palavras reais. Meu irmão me parecia agitado e perturbado, andando em passos rápidos de um lado para o outro numa sala e gritando. "Parte-me o coração. Meu coração está partido". Ele aparentava uns 16 ou 17 anos. Infelizmente, nunca conferi com Rodney Collin se ele tinha alguma lembrança de um incidente semelhante — se teria sido mesmo telepatia. Pode ter sido.

Normalmente, sua presença era como uma reconfortante extensão de mim mesma, e na juventude já tinha parado de inventar histórias de sua eventual vinda. Durante anos, o lugar do peitoril onde as cortinas me escondiam e de onde tinha a visão do portão e do caminho do jardim, tinha sido meu refúgio e eremitério particular. Ao ouvir o rangido do portão de ferro, fechava os olhos e fingia, fingia furiosamente, que os passos no caminho de pedra eram do garoto magro e alto. Meus pais o saudariam com alegria. "Eis o seu irmão há tanto perdido!" diriam, com a maneira teatral dos personagens de contos de fadas. Mas o carteiro, o leiteiro, os vizinhos, as amigas de minha mãe e os colegas de meu pai vinham nos ver com muita freqüência, e o jogo da infância perdeu a graça.

Um dia, 'pensei-o' pela última vez. Eu era uma jovem repórter no *Reading Standard*, logo antes do começo da guerra. Numa hora de folga, perambulei pelos Jardins Forbury, onde as semidestruídas paredes de granito cobertas de hera da abadia servem de lar para corvos e gralhas. O cântico medieval, *Summer is i'cumin in* (*O verão se aproxima*), foi escrito ali, e a reprodução do manuscrito original ficava sob um vidro num pilar da clareira central. Concentrando-me, pude ouvir o cântico nos ouvidos de minha imaginação, essas camadas sutis da mente que dão forma, cor, som, sabor e aroma a objetos que não estão presentes naquele momento real. Notei os monges cantando, sorrindo, rubicundos, aliviando-se brevemente de seus deveres mais sérios.

"Ele gostaria disso", pensei subitamente, e quando fui completamente tomada pelo desolado anseio de ver o jovem alto e magro, agora visualizado como plenamente adulto e inatingível nesta vida, as lágrimas começaram a rolar por meu rosto, caindo sobre o pedestal envidraçado que abrigava a antiga partitura e suas palavras praticamente ilegíveis.

A hera farfalhava ao vento enquanto os grandes pássaros iam de lá para cá, ocupados com seus insondáveis afazeres. Por alguns minutos, o mundo me deu a impressão de ser um lugar assustadoramente solitário para se viver. Depois, tomei a decisão de largar aquilo tudo, de pôr de lado aquelas coisas da infância e de tentar me sentir mais à vontade, por necessidade, entre meus colegas humanos desta terra.

2

Knowledge of the higher worlds (Conhecimento dos mundos superiores), de Rudolf Steiner, foi o primeiro livro esotérico que li. Aos 16 anos, dando uma olhada nas estantes da Biblioteca Municipal, encontrei-o no título Religião e Filosofia, li-o numa sala silenciosa com intensa excitação, e finalmente levei-o para casa para continuar sua leitura em segredo, usando uma lanterna sob as cobertas depois que mandavam minha irmã e eu apagar as luzes para dormir.

Idéias como diferentes níveis de realidade, diferentes modos de consciência, seres superiores que sabiam mais do que homens comuns, não se encaixavam nem um pouco com os sermões do sacerdote na igreja de St. Peter le Bailey, que freqüentávamos nas manhãs de domingo. A idéia de seres desencarnados era tão nova e forte para mim que fui procurar o padre pessoalmente sob um pretexto qualquer e tentei questioná-lo.

O reverendo Christopher Chavasse, mais tarde bispo de Rochester, era amigo pessoal de meu pai, portanto abordável. Contudo, desapontou-me ao responder a minhas ansiosas questões como se lidasse com uma criança importuna, e finalizou dizendo-me para rezar como uma boa menina, pois Deus olharia por mim.

— Preces não fazem nada — protestei. — São apenas um punhado de palavras.

Ele sorriu de modo amigável.

— Bem, todos temos momentos em que nos flagramos rezando o "Pai nosso que estais no céu" enquanto pensamos no que teremos para o almoço. Às vezes, pilho-me soletrando o ABC ou contando até 20 de maneira errada, porque não estou prestando atenção. Até eu faço isso quando não estou pensando corretamente em Deus. Você precisa prestar atenção e pensar em Deus.

— E como é possível pensar corretamente em Deus? Ele é muito... — quis dizer "distante, desafiando as definições. Ou então pode haver muitos deuses, muitos níveis ou muitos modos de Deus". Mas não consegui expressar minhas idéias embrionárias.

Dr. Chavasse estava sentado ao lado da escrivaninha de seu escritório em St. Peter's Hall, cuja administração cabia ao reitor de St. Peter le Bailey. A seu lado, na parede, havia uma reprodução das mãos em prece, de Dyer. Meu olhar se deslocou de seu rosto e de suas palavras inúteis, e passei a contemplar a postura das mãos de ossos delicados, com a súbita sensação de ter compreendido a natureza da prece, mesmo que por um só instante. Decidi que Dyer sabia de algo que o reitor não sabia. ABC, francamente! Que confissão ridícula e vergonhosa!

Depois, tentei o reverendo Bryan Green, que posteriormente se tornou cônego e personalidade da televisão, mas que na época era outro reitor de Oxford e também amigo pessoal de minha família. Seu estilo era evangélico e emocional, e ele conseguia encher a igreja de St. Aldate de estudantes, pondo-os em fila nos corredores para entregar suas almas a Deus no altar. Seria fácil ser levada a fazer o mesmo. Contudo, minha alma ainda se parecia com um componente nebuloso, algo que não poderia dar ou manter. E Bryan, apesar de ouvir com atenção minhas perguntas confusas e mal formuladas, não deixava passar nada que não fosse seu apego emocional à imagem do Cristo crucificado. Este pensamento — o corpo

agonizante na cruz — não causava efeito em mim. Nem o "meigo e doce Jesus". O "pálido galileu" do poema de Swinburne.

[“Tu conquistaste, Oh! Pálido galileu,/O mundo ficou cinzento com teu hálito.” Hino a Prosérpina, A.C. Swinburne.]

De qualquer forma, só algumas pessoas têm alma, pensei. Sabia disso desde criança, de algum modo, vendo a presença ou ausência em seus olhos.

Tio Reggie Carroll esteve no Tibete com sir Francis Younghusband. Ele foi a primeira pessoa que analisei nesse sentido. Ele nos visitou quando eu era bem pequena; não era um tio de verdade, mas um amigo de infância de meu pai. Ele trouxe seda da Índia para que meus pais fizessem vestidos para nós e presentes orientais para meu pai e minha mãe.

Rindo, ele me enrolou numa porção de pano azul reluzente, virando-o e prendendo-o sob um braço, como um sári. Encantada por sua frágil beleza, toquei o tecido e olhei para meu tio. Ele era um homem alto, sorridente e grisalho, com toque suave. Seus olhos eram luminosos e tinham certa qualidade que nunca mais encontrei. Olhei bem para o fundo deles e ele devolveu meu olhar com um ar firme e subitamente bem sério.

— Se você fosse uma menina indiana, você sempre vestiria um sári de seda destes.

— Eu já fui — disse, com uma segurança desprezível.

Ele imediatamente me olhou com seriedade, e eu o contemplei longa e espantadamente. Mais tarde, ficamos a sós na sala de visitas.

— De que você se lembra? — perguntou quando não havia ninguém por perto.
— Você realmente se lembra de ter sido uma menininha indiana?

Não estava muito segura, e minha cabeça pendia em silêncio.

— Tente se lembrar! Você lembra de algum nome? Do lugar onde viveu? Quem sabe, há muito tempo?

Parada, com minhas mãos sobre seu joelho e suas mãos cobrindo as minhas, tive a impressão de sentir um odor forte, estranho e adocicado, de visualizar a fumaça

perfumada subindo de um prato raso, de me sentir transportada para um lugar pouco iluminado onde todos estavam sentados no chão.

Sem nenhum pensamento consciente, sentei-me no chão com as pernas cruzadas, uma posição na qual normalmente me sentava para pensar, e depois peguei um dos meus pés com a mão e tentei colocá-lo sobre meu joelho. Ele não ficou ali facilmente, e deixei-o solto. Reggie Carroll me observava. Nesse momento, ele disse:

— Você se recorda da posição do lótus? — e sentando-se no chão com flexibilidade e suavidade, assumiu aquela que hoje conheço como a posição do meio-lótus e depois a do lótus.

Na hora, pareceu-me estranha, mas ao mesmo tempo familiar. Tentei copiá-la e não consegui. Homem e menina se contemplaram num prolongado silêncio. Ninguém entrou na sala de visitas durante um bom tempo, e quando isso aconteceu ele se levantou com facilidade, tocou minha testa e me viu saltar e sair correndo.

Não me lembro de ter tido oportunidade de conversar com Reggie Carroll quando estava com idade suficiente para discutir reencarnação com certa compreensão. Pode ser que ele já tivesse falecido pois, apesar de ágil, aparentava certa idade. Contudo, muitas vezes pensava nele com a sensação de ter encontrado alguém que entendia de coisas estranhas e que tinha me reconhecido 'de alma para alma'. Quando os vestidos azuis de seda ficaram prontos, eram cheios de babados e de mangas bufantes sem qualquer significado real. Mas eu tocava o meu no guarda-roupa, fechando os olhos e deixando o tecido deslizar suavemente por entre meus dedos. Em algum lugar daquela seda havia um eco de memória.

De tempos em tempos, falavam do Tibete em casa porque Reggie estivera lá e trouxera dois pratos *tsampa*, que eram usados como açucareiro ou algo assim. Mas foi na escola que ouvi falar do Dalai Lama pela primeira vez, suas encarnações sucessivas, o Potala — a enorme lamaseria antiga escavada na rocha sobre a cidade montanhosa de Lhasa. Mostraram-nos fotos do lugar. Eu sabia que já o vira antes.

Corri para casa para contar a minha mãe que iria para o Tibete quando crescesse. Animada por todas as novas informações que recebera na aula daquele dia, recriei uma antiga terra sagrada. Em minha imaginação, ouvi as orações escritas em papel sobre os pilares de pedra, balançando fortemente ao vento contínuo. Corri pelo lugar trajando roupas espessamente acolchoadas, bem diferentes do leve sári indiano de seda. Botas compridas atrapalhavam os movimentos. O frio era intenso. Girei as rodas de orações enquanto passava por elas, ouvindo-as matraquear. A nota seca dos sinos da lamaseria, que não tinham ressonância, parecia audível. O ar gelado fazia arder meu rosto vermelho, e uma ventania cortava o vale.

Sabia que, num mosteiro de granito situado acima daquele lugar, meu irmão vivia e trabalhava, estudava e entoava longas, longas preces. A lição da escola desdobrara-se numa aparente memória.

Caminhando até os bancos próximos à entrada dos parques da universidade, não muito longe de casa, lembrei de meu estado atual com uma assustadora sensação de choque. Para me acalmar, atravessei os portões e entrei no parque, sentando-me num banco para pensar no assunto. Agora, via-me jovem, gorda e de roupas acolchoadas, carregando um prato de cerejas em minhas mãos, segurando-o cuidadosamente para levá-lo a meu irmão. Podia vê-lo através da treliça onde cresciam flores azuis. Ele se aproximava e se inclinava, uma figura de manto, alta, que me recebeu com discreta afeição. Por algum motivo, sempre pensei em dar cerejas a meu irmão. Agora, isso parecia ser alguma memória do Tibete. A breve aula na escola tinha provocado algo alojado no fundo de meu subconsciente. Voltei rapidamente para casa, entrei pela cozinha e comecei a contar tudo.

— De onde você tirou essas idéias malucas? — retrucou mamãe, ocupada batendo um bolo para alguma festa da igreja ou reunião.— Ouvi na escola. Tio Reggie foi até lá. Vou para lá também.

— Mulheres brancas não vão para o Tibete — respondeu com firmeza. — ... um país fechado, fechado para estrangeiros. Tio Reggie só conseguiu entrar uma vez,

na expedição de Younghusband, e isso foi há muito tempo. Você nunca irá até lá. Não seja boba.

Tive a sensação de que fechavam bruscamente uma porta à minha frente. Quando corri pela estrada Banbury na volta da escola, tudo parecia tão claro, tão certo. Desejei tanto que tio Reggie nos visitasse, mas provavelmente estaria viajando novamente. Ele saberia. Ele compreenderia. Sem obter auxílio, afastei o Tibete de meus pensamentos por muitos anos.

Quando já adulta, comecei a perceber que a crença de se ter vivido uma vez no Tibete é bastante comum entre aqueles que parecem se lembrar de outras vidas. Alguma influência esmaecida daquela cultura misteriosa e antiga, os segredos dos arquivos da lamaseria, remontando ao início da história, parece permanecer conosco, encontrando morada sempre que alguém se recorda vagamente de outras encarnações. Tinha certeza de que todos os tibetanos teriam alma nesses dias distantes. No ocidente do século XX, porém, tinha a impressão de que a alma seria um bem muito mais escasso.

Comecei a pensar que todos devem ter uma alma embrionária, mas na maioria das pessoas ela nunca chega a se desenvolver direito. Os olhos de tio Reggie eram a única indicação de que ela poderia chegar à plenitude num homem vivo. Durante muitos anos, pensava nele quando desejava paz e segurança, bem depois de Christopher Chavasse e Bryan Green terem sido deixados de lado, cuidando de seus sermões e dos rebanhos de cristãos fiéis. Agora, era o Oriente que me chamava.

Entrei para a equipe do *Oxford Mail* e do *Oxford Times* direto da escola e, depois de dois anos, consegui emprego no *Reading Standard*.

Com confiança crescente, logo descobri que o talento familiar inato me encaixou sem muito esforço no molde de repórter de jornal.

Trabalhávamos numa quinzena de 13 dias — um dia inteiro de folga a cada duas semanas, mas muita liberdade entre as matérias do dia. Foi antes do Sindicato Nacional de Jornalistas ganhar poder, e cada pessoa trabalhava depois do expediente

por sua própria conta. Indo e vindo entre reportagens, geralmente livre durante parte do dia, especialmente se havia algum evento noturno para cobrir, sentia que tinha um propósito, e me divertia. Em meus colegas, gostava da mente rápida, alerta e inquiridora, a ausência de preconceitos estreitos. Eu era a única moça. Exceto na rua Fleet, as jornalistas não eram numerosas.

Minhas atividades me levavam a reuniões que incluíam todos os partidos políticos, toda 'causa' ou projeto, toda linha de pensamento, protesto ou aspiração que a época produzia. Desde a extrema esquerda até a União Fascista Britânica, à direita. Desde a Liga Anti-Vivisseccionista até a União pela Abstinência Total; da Federação de Institutos Femininos à Sociedade de Pesquisa Psíquica, segui meu caminho, caderneta de repórter na mão, levando minhas anotações taquigráficas, correndo de volta para a redação para redigir uma 'história' em minha máquina de escrever e saindo para as delegacias de polícia ou para uma reunião na prefeitura; ou então, sendo dirigida para um acidente, um incêndio em armazém, a morte de alguma celebridade local ou alguma descoberta interessante.

Eu tinha uma visão idealista do mundo jornalístico. Honestidade nos relatos, a história objetiva, a apresentação fria e reta dos eventos eram praxe da maior parte da imprensa da década de 30. Os jornais locais, em particular, orgulhavam-se de cobrir tudo em profundidade, sem preferências pessoais, "levando o mundo para o mundo", como dizia o lema do *Gaumont British News*.

Não ter preconceitos é relativamente fácil quando se é jovem e inexperiente, observando continuamente opiniões honestas e divergentes sobre todo assunto que exercita a mente humana. Como descobri, as pessoas ficam bastante inflamadas em nome de suas causas. Muitas vezes, meu interesse pessoal, não o profissional, era atizado através de pedidos para assinar alguma lista, escrever artigos especiais, envolver-me de algum modo.

Contudo, já achava que nenhuma das 'causas' a cujo respeito as pessoas gritavam umas com as outras, em extremos de fúria e convicção de suas próprias

certezas, tinha algo a ver com a causalidade real e crua, com as atividades básicas de causa-e-efeito. Crie problemas num lugar e outros surgirão imediatamente noutro lugar. Alivie alguma causa de injustiça e, em conseqüência, outros sofrerão de algum modo, especialmente se houve interferência governamental no esquema aparentemente 'natural' de coisas.

Em meus momentos de folga, lia poetas metafísicos, ouvia música clássica com um grupo de jovens amigos, ia ao teatro ou a festas do tipo 'traga sua garrafa' e me integrava com relativa facilidade à estrutura social do *Reading*, enquanto mantinha um pé nos círculos da Universidade de Oxford, cultivados no final da adolescência.

Creio que o amplo espectro desses poucos anos de jornalismo pré-guerra formaram o cascalho da estrada que percorri toda a minha vida desde então. As Parcas foram gentis comigo. Tive uma base muito boa para alguém que sempre ansiou interiormente encontrar um 'caminho'.

Eddie Armstrong, chefe de reportagem do *Reading Standard*, era membro do Grupo de Oxford — Rearmamento Moral, como esse grupo passou depois a ser chamado. Eu caçoava de seu desejo de confessar seus pecados aos quatro ventos, e não fiquei particularmente impressionada quando me levou para uma reunião onde o fundador, dr. Frank Buchman, iria falar, vindo dos Estados Unidos. Ele fora ministro luterano, rosto redondo, olhos redondos, óculos redondos, resplandecia de bonomia e tinha uma facilidade com as palavras que não me chamou muito a atenção. De súbito, porém, parece que todos os jovens dos círculos que freqüentava estavam sendo 'mudados' — a terminologia buchmaniana para a conversão súbita à fé cristã.

No curso de meu trabalho, conheci o escultor Eric Kennington, mais tarde um dos artistas oficiais da guerra, conhecido também por sua amizade com T. E. Lawrence* e pelas ilustrações de chefes árabes que fez para *Seven pillars of wisdom* (*Os sete pilares da sabedoria*). Mandaram-me fazer uma entrevista com Eric sobre a efígie de T.E. Lawrence que seria instalada com uma cerimônia na igreja de St. Martin em Wareham, Dorset, perto do local da morte de Lawrence, e travei amizade com

esse meigo e discreto artista; costumava ir visitá-lo em seu estúdio na Homer House, perto do *Reading*, enquanto desbastava a pedra e dava os toques finais na efígie. Creio que estava com uns quarenta e tanto.

[Também conhecido como 'Lawrence da Arábia' (N. do T.)].

Celendine Kennington era uma mulher formidável. Apesar de aparentemente não opor objeções à presença da apalermada jovem que eu ainda era no estúdio do marido, costumava nos procurar, levando-me para tomar chá em sua casa. Lá, falava interminavelmente do Rearmamento Moral, com o qual também estava profundamente envolvida.

— Sobre o que você e Eric conversam? — perguntou-me irritada. — Ele não se interessa pelo RM ou qualquer outra coisa, a não ser por seu trabalho. Geralmente, detesta ter pessoas por perto enquanto trabalha.

Ela me dava a impressão de ser incapaz de manter qualquer conversa com o marido, provavelmente porque tinha tendência a dominar em excesso qualquer pessoa à sua volta.

Notei que eu não sabia sobre o que falávamos.

— Às vezes, sobre T.E., creio. — Ele estava obcecado por Lawrence. O respeito que nutria pela profundidade dos pensamentos de T.E. raiavam o amor reverenciai. — Na verdade, na maior parte do tempo nem chegamos a conversar.

Acostumei-me a visitá-lo porque ele sempre dizia "volte na quarta-feira", ou algo assim. Ele não parava de trabalhar. Geralmente, ficávamos em silêncio.

Um dia, porém, ele me levou para conhecer a sala Lawrence em sua casa, onde me mostrou os trajes árabes de T. E., a cimitarra curva que tinha recebido de presente do emir Faisal e vários de seus bens. Depois, colocou em minhas mãos o manuscrito de *The mint*, o qual esteve embargado por uns 25 anos após sua morte, antes de poder ser publicado.

Já havia lido e gostado de *Os sete pilares* quando meu pai, a pedido do irmão de Lawrence, preparou a edição inglesa a partir da limitada versão americana,

adaptando suas diferenças ortográficas. Havia algo nas aventuras árabes que me atraía bastante, além da prosa perfeita com que expressava seus profundos pensamentos. No entanto, as distorções de sua mente, quando se alistou no exército como recruta Ross e depois na RAF como piloto Shaw, estavam muito além da minha mentalidade imatura daquela época. Via a mente atormentada, mas não sua causa. Virei as páginas do manuscrito sem entendê-las, coloquei-as de lado e voltei para o estúdio. A contínua tensão de Lawrence e a tranquilidade de Eric Kennington, que o adorava, faziam forte contraste. Lembro-me de ter visualizado, por um instante, a diferença entre aqueles que lutam com a vida e aqueles que a levam com facilidade, fluindo com a corrente de modo profundo, e tenho ponderado sobre isso desde aquela época.

Sentava-me no peitoril da janela e observava as mãos do escultor em ação, com meus longos e pacíficos pensamentos. ... por isto que ia lá, de certo modo: em busca desses longos e pacíficos pensamentos. Aqueles monumento já perdeu a cor, tornou-se brilhante pelo toque de dedos inquiridores ou reverenciais na pequena igreja de Dorset, onde os visitantes a vêem há mais de 50 anos. Na época, estava nova em folha.

às vezes Eric ficava me olhando, e disse certa vez:

— Você ainda vai posar para mim um dia; farei uma estátua em argila e depois vamos fundi-la em bronze.

Mas veio a guerra, e isso nunca aconteceu. Enquanto isso, Celendine, por ser mais sofisticada que meus amigos, além de mais determinada, ficava conversando comigo e me levava lentamente a frequentar o Grupo de Oxford. Ela era um dos membros mais velhos. Em sua maioria, era jovens que 'partilhavam' suas maluquices em contínua confissão pública.

Basicamente, não era mais do que cristianismo evangelista. Exortavam os membros do grupo a viver segundo os quatro ideais do comportamento: Honestidade Absoluta, Pureza Absoluta, Altruísmo Absoluto e Amor Absoluto. O fato dessa

perfeição ser inatingível obrigava todos a se confessar continuamente e a 'partilhar' seus defeitos. Escolhi não participar disso tudo: era muito constrangedor e, já na época, pareceu-me juvenil demais.

O que me atraiu foi o conceito de 'Período de Quietude'. Ele era fundamental para as idéias de Buchman. Era um método de prece que devia ser cultivado durante uma hora e meia em intervalos ao longo do dia. Esta disciplina, muito mais exigente do que qualquer outra coisa que tivesse visto nos meios religiosos, tinha seus atrativos. Além disso, estranhas coisas aconteciam quando se começava a prática conhecida no RM como 'Escutando Deus'.

Primeiro, a mente devia ser esvaziada de qualquer pensamento. Devíamos ter papel e lápis à mão. Na quietude e no vazio, viriam mensagens. Seriam as palavras de Deus, devendo ser anotadas imediatamente e, quando apropriado, postas em prática.

Eddie Armstrong estava sempre entrando num 'PQ' em seu canto da redação; ironizavam-no ou ignoravam-no, dependendo de quem estivesse por perto. Ele sorria benignamente diante de reprovações ou desprezo, era amigável e ajudava todo mundo, vivendo uma vida útil e feliz.

Quando eu também peguei esta mania, a equipe achou que já era demais. Ninguém mais foi 'mudado'. Em Oxford, porém, os círculos jovens aumentavam cada vez mais depressa, animados e ansiosos como os restauradores do século XIX, francos como os puritanos, gentis como os *quakers*, alegres como escoteiros e bandeirantes ao fazerem suas boas ações do dia.

As grandes reuniões e confissões com Frank, como Bruchman gostava de ser chamado, abraçando sorridente as pessoas, foram o equivalente nos anos 30 ao fenômeno Billy Graham, suponho. Frank fazia bons e sinceros sermões proselitistas, cheio de americanismos.

— O que é a prece? — ele exortava. — Vou lhes dizer! 'Perfeitos Radiogramas, Exato Contato com Ele'. ... isto o que acontece quando você ouve Deus.

Todos eram alegres, felizes. Havia acampamentos no verão e conferências no inverno. Como ele tinha certeza de que a guerra vindoura só poderia ser evitada se um número suficiente de pessoas ouvisse Deus e mudasse, pôs a todos num esquema para motivar os grandes da terra em seus escritórios na tentativa de convertê-los. Esta técnica de vendas por 'alta pressão' baseava-se num conceito simples: se você conseguisse os figurões, os outros iriam atrás. Anos depois, encontrei a mesma teoria quando estava com o iogue Maharishi Mahesh. Ele também acreditava que se a MT, sua Meditação Transcendental, pudesse ser introduzida no Palácio de Buckingham e na residência do primeiro-ministro, na rua Downing, n° 10, o mundo poderia ser salvo de suas próprias loucuras.

Sem dispor de uma recomendação pessoal ao primeiro-ministro ou ao rei, nós jovens embarcamos — embora com certo embaraço de minha parte — numa campanha que, entre nós, era chamada de 'isca-de-prefeito'. Consistia em levarmos folhetos do RM conosco onde quer que fôssemos, chamando a atenção do prefeito, das empresas e de outras personalidades locais para seu conteúdo. Eddie e eu fomos considerados especialmente úteis, pois tínhamos acesso a muitos lugares em nossa rotina de trabalho.

Celendine se concentrava nos círculos mais elevados da cidade, e na Casa Homer mantínhamos reuniões para analisar e comparar nossos sucessos. Apesar da presença do escritor Beverley Nichols em Hays Mews n° 4, perto da praça Berkeley — um adepto fugaz — e do tenista Bunny Austin, que sacrificou o restante de sua carreira em Wimbledon em prol do Rearmamento Moral, poucas pessoas famosas juntaram-se ao grupo de maneira aberta. Ouso dizer, no entanto, que havia tantas pessoas praticando discreta e reservadamente a técnica Escutando Deus na época quantas praticaram a MT depois. Há certa semelhança nas abordagens.

No estúdio, Eric trabalhava continuamente, sem se abalar com os acontecimentos em casa.

— Você não quer escutar Deus, Eric? — perguntei.

— Ele me deu mãos para esculpir. Devo esculpir. — respondeu. Após um longo silêncio, acrescentou: — Você vai ver o que vai acontecer depois com esses jovens. Farão cada vez menos coisas na vida e, no final, não farão nada exceto incomodar os vizinhos.

... verdade que Eric parecia cada vez menos inclinado a sair de seu escritório, exceto quando surgia uma 'reunião para compartilhar' ou alguma isca-de-prefeito em potencial. Nessa época, porém, estava com um novo namorado, e portanto mais preocupada com as questões do coração do que com a amizade avuncular que tivera com ele.

Roger Ranson herdara algumas terras ao norte de Oxford e começou a formar uma fazenda depois que saiu da universidade. Ele participava dos círculos de Oxford, não do *Reading*, mas nos reuníamos durante as grandes festas à beira da fogueira na propriedade de seu vizinho, o general de brigada C.R.P. Winser.

Roger e eu íamos depois para sua Fazenda Spelsbury Downs, onde sua caseira fornecia almoço ou ceia, e passávamos nossos 'Períodos de Quietude' nos braços um do outro à beira da lareira. Tudo era feito de maneira bastante ingênua. Ele era um jovem tímido, sincero, mas com um provável pendor por pessoas do mesmo sexo, como o ciúme de prima-dona de seu sócio capitalista deveria ter-me indicado. Entretanto, eu não sabia nada sobre homossexualidade. Não era algo de que se falasse abertamente nessa época, e as moças eram espantosamente ignorantes acerca de sexo. Nada nos era ensinado na escola ou em casa. Fiquei bem satisfeita com a situação aparentemente 'lenta'. Conversávamos sobre religião de mãos dadas durante horas, e só ficávamos um pouquinho mais juntos depois que o sócio de Roger nos deixava a sós.

O problema sobre o que verdadeiramente acontece quando alguém tenta abrir a mente, ou esvaziá-la completamente, num esforço para se comunicar com uma fonte superior ou receber dela comunicações, nos mantinha fascinados. Gradualmente, porém, levou-nos a incertezas cada vez maiores.

Se não há palavras rituais, um objeto de contemplação, algum conceito básico com que se possa manter a mente quieta, nenhum mantra, frase ou idéia para se centrar, podem acontecer coisas realmente estranhas.

Com a maioria das pessoas, os resultados iniciais eram interessantes, pois as barreiras semiconscientes ou subconscientes eram quebradas facilmente pelo simples ato de 'escutar'. Ocasionalmente, surgiam novas idéias ou pensamentos. Fortalecia-se a sensação de se saber algo que as pessoas totalmente materialistas não compreendiam.

Numa noite de verão, após o trabalho, Eddie Armstrong e eu fomos até Pangbourne, às margens do Tâmis, e subimos uma colina juntos. Quando ele se afastou com seu caderno de anotações e se sentou a certa distância de costas para mim, assumi minha postura habitual com as pernas cruzadas. Sempre me sentei assim, mesmo na infância, quando engatinhava até um canto da cama e segurava em duas esferas de latão com as mãos; de olhos fechados na escuridão, pensava nas coisas mais difíceis. Agora, conseguia fazer o meio-lótus, mas a posição plena de lótus nunca foi totalmente dominada por mim, talvez por falta de perseverança quando tinha idade para fazê-lo.

Lá na colina, com o sol da tarde no meu rosto, o cheiro de tomilho selvagem e de flores do campo levado pelo ar quente, entrei no costumeiro estado de 'escuta'. Após alguns minutos, o mundo exterior esmaeceu e a consciência interior começou a se agitar. De repente, como se estivesse em transe, tive a impressão de compreender a Trindade. Não o conceito cristão de Pai, Filho e Espírito Santo, mas uma imagem muito antiga de homem, mulher e filho, aproximando-se dos ensinamentos dos cabalistas. A sensação de profunda realidade — de que a dualidade e depois a Trindade seriam as primeiras manifestações de uma Causa Primeira não manifestada, Absoluta — foi tão forte que tentei colocá-la em palavras em meu caderno de PQ. Isso mostrou-se impossível, por não ser nem a Trindade ocidental, nem a hindu, formada por Brahma, Vishnu e Shiva, sobre a qual lera. Só pude anotar "Três em Um, Um em

Três" e fiquei com uma sensação de frustração e de impotência pela incapacidade de expressar alguma coisa.

Desde aquela época, a percepção de que nunca seríamos capazes de definir aquilo que é indefinível em palavras ficou cada vez mais forte. Mais tarde, compreendi o que Gurdjieff queria dizer quando afirmava com aparente ambigüidade: "a verdade só pode ser contada na forma de uma mentira". Ouspensky, lidando com os pensamentos induzidos pelas experiências com a mesalina, concentrava-se num cinzeiro sobre sua escrivaninha e escrevia suas profundas impressões. Mais tarde, livre da droga, descobriu envergonhado que tinha rabiscado estas ridículas palavras: "Um homem pode ficar louco com um cinzeiro".

Quanto mais me aprofundava nos PQ, maior a tendência a ir além da lógica e da razão, buscando regiões inexploradas da mente, mas cada vez menos capaz de trazer de lá alguma coisa para o cotidiano.

Não tardava até que uma torrente de idéias, do tipo mais mundano, começasse a invadir a mente aberta da pessoa — sem nada para impedir seu progresso. Membros dedicados do grupo descobriram que Deus estava lhes dando conselhos sobre cada detalhe de suas vidas cotidianas, desde a roupa que deveriam usar até o lugar onde tinham de almoçar. Em caso de dúvida, diziam-nos para 'conferir nossa orientação' com os demais. Alguns dos excessos de tolice eram postos de lado com humor, tidos como meros pecadilhos por parte do Senhor. Todos ficavam gratos quando descobriam que não seria preciso contar ao prefeito que tinham dado um beijo na namorada ao lado do prédio da prefeitura quando o manobrista não estava olhando, ou confessar, num palanque público, que certa vez deixou de cumprir um PQ obrigatório quando estava na quarta forma.

— Apesar de tudo, isso está ficando um pouco ridículo — disse a Roger após as alegres conversas fiadas de uma reunião à beira da fogueira num dos campos do general Winser, com canções evangélicas americanas e salsichas bem-passadas na brasa. — Sinto que voltei à quarta forma.

Tivéramos uma longa 'sessão de partilha' após o lanche, no qual alguns líderes do grupo lavaram a roupa suja em público de maneira constrangedora, e uma garota neurótica, que confessou odiar a mãe, aparentemente inócua, teve um longo ataque de histeria. A pobre senhora estava sentada com a cabeça entre as mãos, ouvindo esse anúncio público de uma centena de pequenos queixumes infantis.

Roger andava meio tristonho há alguns dias. Sequer abria a boca para cantar a animada canção do RM:

*Tivemos pais que ousaram cruzar a última fronteira,
Viram o custo e rumaram para o Oeste onde sua visão
ficou clara.
Agite-nos, inquietude Divina, e ponha-nos nos caminhos
que trilharam,
Nossa paixão e vontade forjarão uma nação livre do ódio
e temente a Deus...*

Anteriormente, até que gostava da camaradagem dos encontros noturnos de verão. Na maioria, eram estudantes de Oxford, com seus jovens rostos reluzentes cheios de calor humano, generosidade e esperanças para o futuro. Provocávamo-nos em meio a um inocente idealismo. Cada geração teve sua versão da síndrome do RM, suponho, e eu o vi repetir-se várias vezes desde então, do *Flower Power* dos *hippies* e da MT a Billy Graham, a Bhagwan Rajneesh e um punhado de cultos menores. ... um fenômeno da juventude que ainda não foi testada, mantendo a experiência da vida a distância. Morre em quase todo indivíduo após alguns anos.

Roger tinha um motivo diferente para a tristeza, e com o tempo ele veio à tona numa enxurrada.

— Em Hays News eles têm registros sobre cada um de nós. Num arquivo. Como uma espécie de registro de polícia ou de médico. Eles analisam cada um, discutem seu passado, lêem todos os pecados partilhados, esse tipo de coisa. Quando

fiquei a sós por algum tempo, li a minha ficha. E a sua. Contemplei ambas. Depois, rasguei-as.

Fiquei horrorizada. Era como uma pessoa 'de confiança' na cadeia passando a perna nos guardas. Quando disse isso, Roger respondeu:

— Guardas?

Olhamos um para o outro. E, de súbito, todo o esquema nos pareceu bastante estranho e sinistro.

Eventualmente, meu instinto jornalístico veio à tona com toda a força, e escrevi um longo artigo para o *Oxford Times*, pondo-o com hesitação na escrivaninha de meu pai. Ele não tinha feito nenhum comentário sobre minha conexão com o grupo, mas quando leu o artigo, disse "nada mal, nada mal mesmo", e o publicou sem cortes na página do editorial.

Foi uma análise razoável para uma moça de 19 anos, creio, mostrando o valor e os perigos, os fenômenos interessantes, além do duvidoso e do tolo. Como era praxe nos jornais do interior na época, o artigo foi assinado apenas com minhas iniciais. O dia da grande manchete ainda não havia chegado.

Para meu espanto, o artigo despertou uma enorme quantidade de correspondência e comentários. Teólogos, decanos da igreja, o cônego John Stansfield de Christchurch, os vigários locais, até donas-de-casa e pais ansiosos que achavam que tinham 'perdido' seus filhos para o movimento do RM, foram levados a escrever com tamanha profusão e verbosidade que a seção de cartas foi preenchida apenas com comentários sobre o Grupo durante semanas — até que meu pai teve de pôr fim ao caso com uma nota de rodapé que dizia "Esta correspondência está encerrada".

De modo geral, parece que as pessoas que freqüentavam igrejas aprovaram o movimento. O cônego Stansfield queria saber quem era 'esse' tal de JYH para ousar criticar um método que não seria nada mais, nada menos do que uma versão moderna de *Practice of the presence of God (Prática da presença de Deus)*, do irmão Lawrence.

General Winser, que também desconhecia a autoria, ficou furioso com o autor por menosprezar um movimento que não fez nada além de "redimir os jovens desta geração".

Outros, porém, reclamaram como os pais dos *moonies** [*Adeptos da seita do Reverendo Moon (N. do T.)*]* na década de 80; diziam que sua prole deixara de ter interesse pelos estudos ou pela carreira, e que nada faziam senão ficar sentados, caderneta à mão, ou perambular pela vizinhança constrangendo a todos com suas espúrias confissões de pecados e revelações pessoais desnecessárias, atormentando os leigos com fanatismo evangelizador e uma enorme quantidade de livros e tratados religiosos. A convicção de que detinham o monopólio da Verdade não era muito diferente da mantida pelas Testemunhas de Jeová. Eles também acreditavam ser o Povo Eleito.

Durante algum tempo, fiquei com um pé em cada lado. Não queria perder meu círculo de jovens amigos. Mas, cada vez mais, percebi que não ia simpatizando com eles.

Um dia, Peter Farrow, jovem e agradável cura, cuja companhia me era perfeitamente aceitável, levou-me até um bosque perto de Oxford. A seu pedido, estacionamos numa clareira coberta de folhas. Nesse lugar, deveríamos cumprir nosso costumeiro PQ, e para isso pegamos nossos cadernos. Lembro que Peter tinha me dado um fichário novo, bonito, encadernado em couro, de presente de aniversário. Sentados um do lado do outro, fechamos os olhos em obediente escuta.

Após alguns minutos, percebi subitamente que a respiração de Peter tinha ficado mais pesada, e sua mão buscou a minha. Depois, voltando-se firmemente para mim, disse com brilhante confiança:

— Recebemos a mesma orientação, não foi? Devo me casar com você e, juntos, trabalharemos por Cristo e mudaremos o mundo.

Fiquei horrorizada.

— Não, não! Não recebi nenhuma orientação assim!

— Escute novamente, Joyce. Ele está lhe dizendo isso, em alto e bom som.

Ao mesmo tempo exasperada e subitamente alarmada com seu impulso e seus braços, que agora tentavam me envolver ainda mais estreitamente, empurrei-o e abri a porta do carro.

— Devemos estar escutando Deuses diferentes — eu disse.

— Não seja tola! Só existe um Deus. Você sabe muito bem disso.

— Não tenho tanta certeza. De qualquer modo, se eu me casar com alguém, será com Roger — gritei, gesticulando furiosa.

Peter me olhou com desapontamento e desaprovação, reduzido temporariamente ao silêncio. Então:

— Você nunca vai se casar com Roger, disso tenho certeza — berrou enquanto eu caminhava pelas árvores na direção da estrada e dos ônibus para Oxford.

Quanto a esta última profecia, tinha razão. A guerra começou poucas semanas depois, Roger se alistou na RAF como piloto de bombardeiro e foi morto no ano seguinte durante um ataque sobre Colônia.

Quanto a mim, deixei o Grupo de Oxford, não vi mais o RM como uma experiência interessante e dirigi minha atenção para outras coisas. O Rearmamento Moral não funcionara, pois o conflito na Europa ocorreu do mesmo modo, e estava claro que, dentro em breve, eu mesma deveria servir as forças armadas.

Contudo, a idéia de escutar algum tipo de 'voz interior' ficou constantemente em meus pensamentos, e em períodos de estresse eu às vezes recorria a ela com sucesso.

3

A guerra corrompe a todos.

A jovem inocente e idealista, com idéias sobre verdade e beleza, noção do valor do jornalismo e nenhuma experiência sexual além de um ou dois abraços desajeitados estimulados por sonhos e fantasias sobre o amor, logo deu lugar a uma

aeroviária uniformizada, que fazia exercícios de hora em hora, infernizada por sargentos, achando que o mundo era um lugar bem mais difícil para se viver.

Fui comissionada para servir com os esquadrões de bombardeiros poloneses, com base num feio aeroporto em Yorkshire. Tinha empatia pela desolação que sentiam pela perda de sua terra natal para os alemães e russos, pois a Polônia estava sendo gradualmente espremida entre os dois. Fiz amizades, rapidamente interrompidas pela morte. Vez após outra, dois ou três dos Wellingtons deixaram de voltar para a base depois de ataques.

O serviço noturno na sala de operações, as instruções às tripulações antes de cada partida, as ansiosas horas de espera e as sinopses de homens exaustos toda madrugada após os ataques marcaram os longos meses. Eles chegavam em suas jaquetas forradas de lã de carneiro e se sentavam a contragosto em torno das escrivaninhas dos oficiais da inteligência, forçados a continuar respondendo a nossas perguntas para avaliar o sucesso de cada ataque sobre as fábricas de armamentos da I.G. Farben em Essen, ou sobre as vilas operárias, onde as mulheres e filhos de Frankfurt e Colônia eram as vítimas inocentes de nossas táticas de bombardeio.

Depois, fui transferida para uma instalação secreta dos Serviços Combinados do Exército, onde nossa tarefa consistia em interrogar prisioneiros de guerra de alto escalão — aqueles cuja vontade tinha sido dobrada na notória Gaiola de Londres, e aqueles que eram considerados suficientemente experientes para merecer maiores atenções. Deviam receber pressão e serem ludibriados para revelar posições de tropas, estratégias e qualquer coisa que pudesse ser útil para nosso serviço secreto.

Como jornalista, pediram-me que 'pusesse ordem' no farto material que provinha de celas infestadas de insetos, onde homens assustados e às vezes loquazes, ou detentos infelizes de lábios cerrados conversavam à vontade entre si, totalmente inconscientes das novas técnicas de escuta, a cujo respeito ninguém os advertiu antes. Apesar de ninguém ter sido torturado, havia um processo sistemático

de quebra da resistência, que deveria ser o precursor dos métodos mais sofisticados de lavagem cerebral dos estados totalitários do pós-guerra.

O material de utilidade para nós era extraído dos prisioneiros de diversas maneiras, além da gravação aleatória das conversas. Era enviado para tradução e depois, em meu departamento, analisávamos as muitas duplicações, eliminávamos as baboseiras, comparávamos anotações e reuníamos os documentos que eram distribuídos para diversos departamentos militares do governo.

Nesses anos, meu raciocínio se tornou superficial, limitado pelos eventos e pela fadiga, disciplinado por saber do sofrimento de tantas pessoas, algo que às vezes era duro demais para encarar e suportar, e pela falta de acesso a livros e a ausência de companhia adequada. Vivíamos sempre o dia presente, numa atmosfera de 'coma, beba e seja feliz'. Amanhã, também poderíamos estar mortos.

Algum tempo após a morte de Roger, tive experiências sexuais com um jovem piloto, com quem acabei me casando. De imediato, pôs-me grávida, determinado a me possuir inteiramente desta maneira, contra meus próprios instintos de que não seria a melhor época para começar uma família. Porém, após cinco limitados e frustrantes anos com ele, nos quais a guerra acabou e lutamos contra a pobreza em meio à paz, trocou-me por outra mulher, deixando-me com uma filha pequena para criar.

Encontrei uma viúva de guerra com um filho da mesma idade que a minha menina, instalei-a como governanta e consegui um emprego na rua Fleet. Quando chegou a hora, conheci Richard Collin-Smith, cujo irmão era conhecido no mundo filosófico e literário como Rodney Collin, discípulo e associado íntimo de P.D. Ouspensky, e autor de livros baseados no método de desenvolvimento psicológico de Gurdjieff. Rodney desenvolvera sua própria linha de pensamento após a morte de Ouspensky.

Não tive qualquer contato com religião ou filosofia durante alguns anos. Minha mente e coração tinham se endurecido devido à experiência com a guerra e pela

descoberta da infidelidade e do abandono, dupla moral, crueldade e perda. Richard, por algum motivo, achou atraente minha expressão:

— Você parece estar sempre tão triste. Quero fazê-la feliz.

Quando Rodney e Janet Collin-Smith voltaram do México, estávamos vivendo numa velha casa em Westerham, Kent. Eu estava escrevendo vigorosamente e tivera sucesso com minha primeira novela, *Gafanhotos e mel selvagem*, que fora iniciada durante a longa lua-de-mel pela África do Sul e Rodésia. Minha caneta ainda fluía com facilidade, e a pesquisa histórica levou à caracterização e ao enredo. A BBC transformou *Gafanhotos* numa peça, distribuída em vários países, e o sucesso me satisfez. Eu era uma pequena celebridade. Meu conhecimento do mundo tinha amadurecido. Minha caçada por coisas semi-esquecidas tinha se convertido em imaginação criativa.

Sou uma mulher alta, 1,80 metro sem sapatos, mas Rodney era muito mais alto. Olhei para cima e vi um rosto agradável e pouco notável, beijei meus novos parentes cerimoniosamente e saudei minha nova sobrinha, Chloe, com um abraço maternal. Não tinha a mínima idéia do que estava por vir.

Minha filha Ann Verônica, fruto de meu desastroso primeiro casamento, era uma tímida menina de oito anos, apegada a mim e relutante no contato com estranhos. Eu lhe disse que não conhecíamos tio Rodney e tia Janet. Para minha surpresa, ela foi diretamente até Rodney, pegou-o pela mão, sentou-se ao seu lado e não o deixou pelo resto do dia. Ele a tratou com benevolência enquanto conversava com meu marido e comigo. Os olhos de Ann não desgrudavam de seu rosto — tal como, suponho, meus próprios olhos não se afastavam do rosto de tio Reggie Carroll.

— Mamãe, por que você disse que não o conhecíamos? — perguntou intrigada enquanto a punha para dormir.

— Você acha que já o conhecia?

— Claro. Quando eu era... — hesitou e pensou no assunto. — Quando eu era pequena, ele estava sempre lá.

Rodney e Derry, que era o apelido familiar de meu marido Richard, eram filhos do curioso casamento entre um comerciante aposentado e uma moça de vinte e poucos anos. Frederick Collin-Smith fez considerável fortuna como importador de vinhos, mas ficou solteiro, apesar do seu modo de piscar o olho, que me sugeria que não lhe faltou interesse pelas mulheres. Antes da primeira guerra mundial, comprou uma casa de estilo georgiano no luxuoso bairro de Marine Parade, em Brighton, e ia de lá para cá numa pequena charrete puxada por dois pôneis. Sua noiva era a bela filha do proprietário do Hotel Royal Crescent.

Havia uma diferença de quatro anos entre os rapazes. O jovem Derry, de cabelos cacheados, lembrava-se de passear pelos antiquários em Brighton com seu irmão mais velho, alto e magro, perambulando pelas livrarias, explorando velhas igrejas, sentando-se no dólmen da igreja de St. Nicholas, como era chamada Brighthelmstone.

Rodney se interessava por megálitos e círculos de pedra, pelo homem pré-histórico, início das civilizações, as relíquias do passado e tudo o que pudesse nos levar a compreender a natureza do homem e de Deus.

Tal como minha própria infância, sua formação foi bastante convencional e cristã, apesar de sua mãe ler livros teosóficos e, quando viúva, ter permitido que sua mente vagueasse por confins menos estreitos de pensamento do que os do círculo social pelos quais antes andava. Quando jovem, porém, Rodney não teve muito acesso às idéias esotéricas e seguiu seu próprio rumo. Aos 18 anos, caminhou pela Espanha com uma mochila e algumas libras nos bolsos, ganhando seu próprio sustento; voltou e escreveu *Palms and patios (Palmeiras e pátios)*, que foi um bom começo de vida de escritor, para a qual tinha óbvias aptidões.

Ele e Derry embarcaram em carreiras jornalísticas. Apesar de competente, porém, Rodney viu diminuir seu propósito e ímpeto, até que a desolação tomou conta dele. Mais tarde, disse-me que a contínua pergunta interior, "quem sou eu?", atormentou-o na juventude.

Buscando uma causa para seguir, matriculou-se no Toe H e trabalhou com seu fundador, Tubby Clayton; inscreveu-se na União pela Promessa de Paz e lidou com sua propaganda contra as guerras; trabalhou brevemente como relações-públicas para uma série de pequenas causas nobres; finalmente, reuniu-se a uma equipe que se dedicava a pesquisar e escrever a *Enciclopédia Daily Express*. A riqueza de conhecimentos que adquiriu nessa época mostrou-se muito útil para ele em seu trabalho posterior, tal como minha própria experiência como repórter me ajudou.

Um dia, sentado sobre um caixote no apartamento para o qual estava se mudando, viu-se tão desesperado com sua incapacidade de encontrar companhia ou um modo de vida que satisfizesse sua fome de realidade, que se lembrou desse momento durante toda a sua vida — aliás, não muito longa.

— Comecei a procurar naquele cômodo vazio algum aviso, algum sinal, algum presságio que pudesse me dizer que tinha feito bem em me mudar para lá — contou-me. — Havia um jornal amassado no chão, usado como embalagem. Casualmente, vi o nome Oberammergau. Era o ano da peça da paixão, a última antes da guerra. Pensei que deveria ir até lá. Talvez lá acontecesse alguma coisa interessante comigo.

Na verdade, ele conheceu sua futura esposa, Janet Buckley. Ela era quase dez anos mais velha do que ele. Seu pai, Wilfred Buckley, tinha sido Ministro da Produção Leiteira durante a primeira guerra. Ele era uma autoridade em vidros venezianos, e doou a vasta Coleção Buckley para o Museu Albert e Victoria, onde ainda está exposta. Janet cresceu sob circunstâncias luxuosas, uma filha única adorada e educada por governantas. Tinha um pendor por idéias budistas e orientais e, devido à diferença de idade, estava bem à frente de Rodney em seu pensamento.

Apaixonaram-se. Devido à diferença de idade, ela hesitou em concordar com o casamento. Porém, logo suas objeções foram superadas e os dois permaneceram juntos, raramente se afastando.

A mente exploradora de Janet levou-a a diversos campos da religião e da filosofia, e eventualmente Rodney foi com ela ouvir o filósofo russo, Ouspensky, que tinha se afastado recentemente de Gurdjieff e estava dando palestras em Londres.

A reação inicial de Rodney foi esta, segundo me contou:

— Este é o homem mais interessante que já conheci. Mas não estou pronto para ele.

Contudo, Janet se apegou ao grupo que seguia Ouspensky, e Rodney acabou por se reunir gradualmente aos círculos, ponderando cada vez mais sobre as idéias que Gurdjieff tinha chamado de "a Obra" ou o "Quarto Caminho".

Ouspensky, jornalista também, publicara seu *Tertium organum* e *Um novo modelo do universo* como resultado de suas próprias pesquisas sobre a natureza do homem. Seu tema básico era o desenvolvimento da consciência: achava que as possibilidades do homem se encontram nesta direção, e que todo esforço nesse sentido seria de imenso valor, levando à Quarta Dimensão e a outras dimensões da experiência.

Por intermédio do estranho greco-caucasiano Gurdjieff, a quem encontrou na Rússia, seu próprio país, após longas perambulações em busca de mestres da Índia, ele aprendeu métodos, técnicas e um padrão de desenvolvimento que poderiam trazer à existência o avanço na direção da consciência superior, que sempre foi sua meta.

O livro *Em busca do miraculoso*, de Ouspensky, detalha o desenvolvimento da relação entre os dois homens e seu afastamento posterior durante a revolução russa.

Ouspensky devia muito a seu professor, cujo conhecimento era misteriosamente profundo e proveniente de fontes que nunca foram satisfatoriamente explicadas. Talvez fossem de origem sufi. Talvez viessem de comunidades orientais fechadas, mesmo do Tibete, por onde Gurdjieff dizia ter viajado bastante. Pode ser que Gurdjieff tenha inventado seu 'próprio' sistema.

A aparente base científica de seu pensamento, seu conhecimento de física e química, sua ampla familiaridade com antigas tradições orientais — com as quais o

próprio Ouspensky lidara durante algum tempo — e seu *insight* e compreensão psicológicos atraíram fortemente Ouspensky.

Mas as muitas contradições aparentes da personalidade de Gurdjieff e suas ações o perturbavam. Houve alguns casos de prevaricação ou de fraude que não poderiam ser desprezados como pecadilhos ou como tentativa de ensinar por meios alegóricos. Além disso, a falta de compaixão de Gurdjieff preocupava Ouspensky cada vez mais.

— ... melhor morrer tentando do que não tentar — disse, quando Ouspensky reclamou que ele tratava muito duramente, muito drasticamente seus seguidores. — Para que um homem acorde, torne-se consciente, é necessário um grande bastão.

O exercício de atenção, conhecido como o exercício 'pare', preocupava Ouspensky devido ao modo como Gurdjieff o impunha a seus seguidores. A exigência era de que, não importa o que estivesse fazendo o aluno num dado momento, ele se imobilizaria imediatamente ao comando de 'pare' na posição em que estivesse, "lembrando de si mesmo", como dizia Gurdjieff.

Ouspensky viu esse exercício sendo aplicado quando um homem estava erguendo uma xícara contendo chá fervente. Ao segurá-la continuamente no ar, sofreu queimaduras na mão. Gurdjieff riu e lembrou uma história sobre seu próprio mestre — real ou fictício — que, de acordo com ele, disse "pare" de dentro de uma tenda no deserto de Gobi quando um de seus seguidores estava com o nariz e a boca debaixo d'água no rio, tentando recuperar alguns objetos. O aspirante ficou imóvel quase a ponto de sufocar, até que a ordem para continuar foi dada.

Ouspensky percebia o valor do exercício 'pare', e continuou a usá-lo depois com seus próprios seguidores. Entretanto, ele era um homem mais moderado, e ninguém correu perigo em suas mãos.

Quando explodiu a revolução, Ouspensky permaneceu ao alcance de Gurdjieff, decidindo não escapar para o ocidente enquanto houvesse luta. Ele seguiu o mestre e seu grupo para a Geórgia, no sul da Rússia. Sua devoção a Gurdjieff era tão grande

que, sem dispor de transporte ou de acomodações locais, costumava caminhar mais de 30 quilômetros na neve à noite e outro tanto de volta para não perder nenhuma de suas palestras. "Geralmente não havia lugar na carruagem, então não me restava muito a fazer" comentou mais tarde sobre esse período.

O ponto de mutação surgiu quando Gurdjieff mandou um seguidor de volta a Moscou numa época em que sua vida corria sério perigo. "Eu não teria enviado nem mesmo um cachorro para Moscou naquela ocasião", escreveu Ouspensky.

Após muito ponderar, e num nítido estado de profunda inquietude interior, afastou-se de Gurdjieff e foi para Londres. Por volta dessa mesma época, Gurdjieff dirigiu-se a Paris e acabou por instalar seu quartel-general em La Prieré, em Fontainebleau, perto de Paris.

"Confesso que me senti muito tolo" escreveu Ouspensky. "Tinha aberto mão de minha carreira e de todos os meus projetos para ficar com G., e acabei por afastar-me dele."

Ouspensky encontrou um patrocinador na Inglaterra e se estabeleceu por conta própria, dando palestras regularmente e atraindo um número crescente de seguidores dentre a *intelligentsia* londrina. Gurdjieff, ao que parece, sempre tivera um grupo bastante variado de seguidores de diversas nacionalidades e preferia o que Ouspensky descreveu como "aquele estrato social de classe média baixa, do qual não se pode esperar nada de muito interessante".

Em contraste, Ouspensky atraía e cultivava os níveis aristocráticos, literários e artísticos da sociedade e, acima de tudo, os tipos mais inteligentes e dedicados, que na verdade levavam muito a sério a questão do desenvolvimento pessoal.

Quando Rodney Collin uniu-se ao grupo, Ouspensky estava vivendo em Gaddesdon, mas depois se mudou para uma casa de campo chamada Lyne Place em Virgínia Water. Janet, que em termos financeiros estava bastante confortável, comprou uma casa grande e moderna numa região arborizada próxima dali. Lá, dedicou-se como aprendiz a seu mestre Ouspensky, trabalhando todos os dias em atividades

simples na cozinha de Lyne Place, fazendo os exercícios de 'pare' e de 'auto-recordação' e assistindo a todas as palestras, levando o sistema de autodesenvolvimento realmente a sério.

Rodney, trabalhando de dia na rua Fleet, assistia às palestras de maneira espasmódica, mas passava mais tempo trabalhando nos jardins de Lyne Place, cultivando verduras e frutas para a casa.

Nessa época, a idéia de escola esotérica criara raízes em sua mente. Ele era um homem auto-impelido, um homem auto-realizador, usando a terminologia de Abraham Maslow. Quando ele se encantava com alguma coisa, dava o máximo de si, às vezes ao ponto de exaustão.

Um dos conceitos de Gurdjieff era o de que o auto-impulso vigoroso é necessário, e que se um homem pudesse trabalhar a ponto de cair, dar sua 'segunda corda' e ainda continuar, eventualmente deixaria de funcionar no nível de energia normalmente disponível, valendo-se do que chamava de "o grande acumulador". Neste, haveria um tipo mais sutil de energia à disposição, o que lhe permitiria ver-se como é, observar as diversas funções da mente e se desenvolver de algum modo.

Rodney apegou-se a esta idéia mais prontamente do que às palestras, e impôs-se rígida disciplina e exercícios de modo mais intenso do que se exigia de qualquer seguidor de Ouspensky.

Quando chegou a segunda guerra mundial, Ouspensky estava velho. Afastou-se temporariamente de sua mulher, conhecida nos círculos de 'trabalho' como Madame. Ela decidiu se mudar para os Estados Unidos com todos os seguidores que preferissem sua própria abordagem, mais extrema e gurdjieffiana.

O próprio Ouspensky parecia mais hesitante com relação ao futuro. Depois, anunciou sua intenção de reunir-se a Madame, e o restante dos seguidores largaram seus empregos, venderam suas casas e foram com ele para Southampton. No cais, anunciou subitamente que não iria mais. "Pensei em tirar uns dias de folga, mas agora mudei de idéia", disse. O grupo entrou em caótica histeria. Alguns embarcaram sem

ele, outros voltaram, sem casa e sem emprego, para suas próprias cidades e, com ansiedade, aguardaram as ordens do mestre.

Durante algum tempo, Rodney e Janet ficaram separados: ele escolheu ficar na Inglaterra, e ela foi para os EUA como previamente planejado, com a filhinha do casal. Além da herança deixada por seu pai, Janet dispunha de consideráveis recursos nos EUA provenientes do espólio de sua mãe, que foram usados em grande parte para ajudar na aquisição da Fazenda Franklin, perto de Mendham, Nova Jersey.

O trabalho com Madame parecia ficar cada vez mais bizarro. As pessoas eram sujeitas a períodos de disciplina quase absurdos ou a humilhação pública, numa tentativa de quebrar aquilo que Gurdjieff chamava de "falsa personalidade", por trás da qual todos ocultam sua verdadeira natureza, fazendo com que o verdadeiro *eu* emerja.

Quando o grupo se reunia para jantar, trajando roupas formais, exigia-se que se trocassem as roupas e jóias entre os membros, de acordo com os caprichos da Madame. As pessoas costumavam ser tratadas em públicos com desprezo ou extrema rudeza durante o jantar. Eram forçadas a suportar toda forma proposital de constrangimento. Janet aceitava tudo com firmeza, certa de que, através do método cruel, estaria aumentando seu auto-entendimento.

Madame costumava falar na forma de enigmas, copiando o hábito de Gurdjieff, cujos contos e fantasias já eram quase folclóricos nessa época. Certa vez, Gurdjieff assegurou a Ouspensky que estaria preparando uma grande representação, que seria chamada o Combate entre os Magos Brancos e Negros. Foi feita uma série de aparentes preparações prévias, até que Ouspensky percebeu que não seria um desempenho teatral, mas a descrição simbólica de eventos mundiais que ocorreriam em breve. Madame se regozijava com esse tipo de invenção, sempre com significados alegóricos ou ocultos por trás de suas palavras, o que deixava as pessoas pisando em ovos, elocubrando sentidos que às vezes nem existiam.

Minha amiga Irene Nicholson, autora de uma série de livros sobre civilizações pré-colombianas na América Central e do Sul, viajou certa vez de Londres para a

Fazenda Franklin sem ter sido convidada e enviou uma mensagem: "A senhorita Nicholson solicita uma entrevista com Madame, e aguarda". Ela esperou, esperou e esperou. Após algumas horas, chegou uma secretária com a resposta:

— Madame diz a senhorita Nicholson: "Não estou aqui para ajudar os fracos, mas os fortes".

Abalada, envergonhada, Irene partiu e voltou cheia de tristeza para o grupo de Ouspensky na Inglaterra. Só depois de alguns anos é que percebeu, conforme me contou, muito depois da morte de Madame, que esta não tinha se recusado a atendê-la. Ela só precisaria enviar de volta a mensagem "a senhorita Nicholson ainda está esperando", e com quase toda certeza seria admitida. Ela mesma se rotulara de fraca.

Com o tempo, Ouspensky acabou decidindo sair da Inglaterra, antes que a situação da guerra tornasse a saída difícil ou impossível. Rodney e o restante do grupo zarparam com ele. Durante um longo e desconfortável período na Fazenda Franklin, Rodney, Janet e sua filha Chloe ficaram juntos.

Naturalmente, Rodney estava em idade para ser convocado para o serviço nacional, e, numa tentativa de não evitar esse dever, alistou-se na Comissão Britânica de Compras e foi mandado para o México. Logo depois, foi transferido de novo, aparentemente de modo espontâneo, para Nova York, e voltou a morar na Fazenda Franklin. A guerra foi tranquila para ele, mas seu irmão mais novo, Derry, serviu o Exército Britânico na África ocidental e na Birmânia.

Quando me falava dessa época, mais tarde, Rodney disse que tinha retomado seu cargo auto-eleito de jardineiro, plantando verduras para o grupo todo fim de tarde. Ocasionalmente, freqüentava encontros e palestras.

Ouspensky estava agora dando palestras noturnas regulares em Nova York. Apesar de Rodney raramente comparecer, ficava acordado na cama até que visse as luzes do carro se aproximando, indicando o regresso. Elas se refletiam nas paredes do quarto. Ouspensky entrava pela cozinha e se sentava para tomar vinho com quem

quer que estivesse com ele ou que tivesse aguardado a chance de estar em companhia do mestre.

Certa noite, ocorreu a Rodney, com um súbito senso de revelação, que ele ia para a cama e não para as palestras por um motivo diferente do que supunha. Teria sido fácil dizer que, após um dia de trabalho na Comissão de Compras e uma tarde colhendo batatas, ficava cansado demais. Agora percebia que, tal como dissera antes "esse é o homem mais interessante, mas ainda não estou pronto para ele", estava novamente se esquivando de alguma exigência interior de sua natureza.

Ele me disse:

— Saltei da cama, pus meu roupão sem sequer me lembrar de amarrar o cinto, descí correndo as escadas e abri a porta da cozinha a toda pressa.

Foi uma atitude completamente diferente do comportamento excessivamente controlado e disciplinado que era habitual na casa, e contrário a seu próprio comportamento normal.

Ele esperava encontrar um grupo de pessoas sentadas, tomando vinho juntas. Ele ainda era um membro novato do grupo, e normalmente não se reuniria a eles sem ser convidado. Acontece que Ouspensky estava sozinho, sentado a uma extremidade da longa mesa com uma garrafa e um copo de vinho. Nessa época, estava bebendo bastante. Rodney disse: — Antes de perder a coragem e antes que pudesse controlar minhas palavras, gritei com O. — como passou a chamar Ouspensky mais tarde. — Por que eu tenho medo de você? O. me olhou calmamente e disse: "Por que você diz 'eu'?"

Nos ensinamentos do 'sistema', aprendia-se que as pessoas consistem de muitos 'eus' desunidos. O 'eu' que vai ao escritório é diferente do 'eu' que é pai e marido, ou do 'eu' que tem aspirações a outras metas pessoais. As pessoas até assumem diferentes 'eus' com diferentes companhias. A esse respeito Gurdjieff disse que "só Deus pode dizer 'eu', pois só Deus é unidade".

Esse comentário de Ouspensky, embora parecesse razoavelmente banal, atingiu Rodney com o impacto de uma revelação profunda: um caso típico de 'experiência de ápice', segundo Maslow ou Colin Wilson. Revelou-se um ponto de mutação. Daquele momento em diante, a 'Obra' assumiu novo sentido em sua vida.

Convidado a se sentar à mesa com o mestre do grupo, Rodney aparentemente despejou torrentes de idéias enquanto Ouspensky bebia e escutava. Em dado instante, foram até o escritório, onde ele mostrou a Rodney sua coleção de pistolas antigas, um passatempo de que se orgulhava.

Algum tempo depois disso, Rodney lhe disse:

— Sou um jornalista. Quero escrever.

— Você não tem nada sobre o que escrever — respondeu Ouspensky. — Mas fique comigo e depois descobriremos um tema para você.

Quando a guerra acabou, Ouspensky voltou para Lyne Place, e Rodney, Janet e Chloe seguiram com ele. Sua casa em Virgínia Water fora requisitada pelo Exército, e um depósito de pólvora havia sido plantado no jardim das roseiras. Eles foram morar provisoriamente num *trailer* no terreno de Lyne Place.

Nessa época, Rodney estava muito mais perto de Ouspensky, para a inveja de seguidores mais velhos e antigos. Parece ter havido brigas e ciúmes constantes, e a interminável disputa por posições que ocorre em qualquer situação comunitária ao redor da figura de um mestre.

... correto dizer que Ouspensky nunca se apresentou como mestre, tal como fez Gurdjieff. Sua forma de lidar com as idéias da Obra foi sempre modesta. Tendo exposto um tema baseado em seu próprio *Theory of man's possible evolution (Psicologia da evolução possível ao homem)*, ele sempre dizia a seus seguidores que não acreditassem no que falava, mas "experimentem, observem, descubram por si mesmos".

Foram seus seguidores que viram nele um mestre. Ansiando, como muitos aspirantes, sentar-se aos pés do professor, dirigiam-se a ele como sr. Ouspensky, e

mostravam um respeito que chegava a beirar a reverência. Certa vez, uma mulher, num lance impulsivo de humilde adoração, pôs-se de joelhos à sua frente. Ele lhe ordenou, ríspido: "Levante já! Nunca mais faça isso". E se afastou dela num aparente sinal de desaprovação e desprezo, em vez de se envergonhar com o gesto dramático.

A saúde de Ouspensky se deteriorou lentamente. Dava a impressão de gostar de ter Rodney por perto, tratando-o mais como filho do que como discípulo.

Ele passou a se dedicar a uma série de estranhas atividades, quase até o dia de sua morte. Pedia que Rodney pegasse o carro e o ajudasse, às vezes quase o carregando, a entrar nele. Dizia-lhe para dirigir pelos lugares onde tinha morado, conferenciado ou visitado. Em cada lugar, fazia longas pausas enquanto o moribundo tentava memorizar todos os detalhes possíveis para 'a próxima vez'.

A doutrina do eterno retorno que Gurdjieff tinha instilado nele não era a mesma que as versões habituais da reencarnação. Gurdjieff dissera que seria inútil pensar em reencarnação como um estudo prático pois, mesmo se fosse verdadeira, o conhecimento a seu respeito não teria sentido.

— E se você viveu muitas vezes antes? Você precisa trabalhar com o que você é agora.

A recorrência, porém, era uma teoria baseada na idéia de que a essência de um homem retorna nas mesmas circunstâncias, experimenta as mesmas coisas, até que seu nível de consciência atinge o ponto em que não precisa mais passar pelos mesmos testes e tribulações de antes. Ele então 'recorre' em circunstâncias levemente melhores. Ele não tem o poder de mudar essas circunstâncias. Porém, mudando sua atitude em relação a elas, estará fazendo alguma coisa positiva. Aparentemente, Ouspensky estaria determinado a se lembrar de tudo que tinha feito. Estava determinado a morrer conscientemente.

Uma noite, sentado no carro ao lado da casa, exigiu que lhe levassem seus dois gatos. Ele achava que os gatos tinham corpos astrais e que seriam os únicos animais com essa característica. ... por isso que seriam os 'favoritos' das bruxas.

Durante toda a noite, o ancião ficou sentado no banco de trás do carro com os gatos, enquanto Rodney esperava silenciosamente no banco da frente. De tempos em tempos, membros curiosos, ansiosos ou exasperados do grupo olhavam pelas janelas da casa ou iam até a varanda para tentar olhar o que acontecia no carro. Ouspensky não ligou para ninguém. Os gatos ficaram sentados ao lado de suas pernas enquanto ele olhava fixamente para o espaço.

Mais tarde, no México, Rodney me mostrou alguns papéis particulares que se referiam a essa época. Eles continham certos detalhes de seu relacionamento com O., que não são de conhecimento público. Presumo que depois teriam sido destruídos, pois sua filha Chloe não sabe nada sobre eles. Sugeriram que o relacionamento teria sido de natureza homossexual. Rodney não tinha tendências homossexuais, e não acho que tenha sido esse o caso. Contudo, a intimidade do relacionamento aumentou, e com ele os ciúmes exasperados do grupo.

Tanta gente afirma que Ouspensky teria morrido em seus braços, que quase ultrapassa o número de camas em que a rainha Elizabeth dormiu. Rodney e Janet contaram abertamente sua versão, e é importante levá-la em conta ao se avaliar os dois principais livros de Rodney Collin, publicados três anos após a morte de Ouspensky. Seus outros livros, *The theory of conscious harmony (A teoria da harmonia consciente)* e *The mirror of light (O espelho de luz)* são coleções de trechos de suas cartas e textos, reunidas postumamente por Janet. Não estou bem certa se ele teria gostado de ver tudo isso exposto à luz do dia — mas têm sido publicados continuamente desde 1956, com um público leitor formado por sucessivas gerações. O mesmo não aconteceu com uma pequena série de livretos que o próprio Rodney publicou com o nome de *Editiones Sol*, que mostra seu estranho estado mental pouco antes de morrer.

Ouspensky morreu no dia 2 de outubro de 1947 em sua cama em Lyne Place, na presença de várias pessoas. Algumas horas antes, disse a todos que o rodeavam:

— Abandono o sistema. Comecem novamente por si mesmos.

Rodney me disse que ele estava segurando O. em seus braços quando este morreu. Logo depois de dar o último suspiro, de ser posto sobre a cama e coberto, Rodney deixou o lacrimoso grupo e entrou no vestíbulo ao lado. Trancou a porta. Ficou lá por um período de três, quatro ou seis dias, conforme a versão, sem responder a batidas na porta ou chamados. Enquanto isso, o corpo de Ouspensky foi removido do quarto e devidamente enterrado na igreja de Lyne.

Janet me disse que, após vários dias de tristeza e caos na casa, o dr. Francis Roles, pneumologista da rua Wimpole, amigo e seguidor fiel de Ouspensky há anos, assumiu o comando do grupo.

Eles começaram a se perguntar se deveriam mesmo "abandonar o sistema" ou se estas teriam sido apenas as palavras de alguém que já não estava mais no comando de seus pensamentos.

Ao mesmo tempo, a ansiedade em torno de Rodney, fechado, silencioso, sem responder a ninguém e sem emitir um único som de dentro do pequeno vestíbulo, causava uma crescente agitação. A pedido de Francis Roles, foi colocada uma escada que chegava até a janela do cômodo, e alguém começou a subir na tentativa de ver o que estava acontecendo. O silêncio prolongado já alarmava a todos, a ponto de alguns acharem que Rodney teria morrido.

Subitamente, a veneziana se abriu. A mão de Rodney apareceu e, com um violento empurrão, arremessou a escada para o jardim.

Janet disse:

— Pelo menos, todos viram que estava vivo. Tentei persuadir Francis a deixá-lo sozinho em sua vigília, e depois disso ele concordou.

Em certo instante, o sino que Ouspensky costumava tocar para chamar a atenção soou alto, continuamente, na cozinha do porão. Ninguém sabia exatamente o que esperar. Janet foi enviada e entrou no vestíbulo, encontrando Rodney sentado com as pernas cruzadas sobre a cama de Ouspensky, a barba por fazer, o rosto magro, sujo.

De acordo com Janet, ele não comeu nem bebeu nada durante essa longa vigília, e ela afirma que não havia água no vestibulo. Outros dizem que sim, e que ele não teria sobrevivido sem líquido durante o período em que supostamente teria se isolado. De qualquer maneira, estava extremamente sedento. Pediu um pouco de suco de lima, e Janet o levou.

— Ele parecia muito estranho, infantil — ela me disse. — Tive dificuldade para me comunicar com ele. Disse-lhe que devia se lavar e fazer a barba. Levei-lhe um pente e o pus em sua mão. Ele ficou sentado por um bom tempo, olhando para o pente de todos os ângulos. Ele disse: "Este é o pente mais bonito que já vi".

Os comentários que Rodney fez naquele dia e nos seguintes soam quase que exatamente como os de alguém bastante drogado. Aldous Huxley disse, em seu *The doors of perception (As portas da percepção)*, que quando fez experiências com a mesalina passou um longo tempo examinando o tecido de *tweed* de suas calças, achando que seu desenho era uma criação muito bonita e notável.

Ao me falar da vigília anos depois, no México, Rodney disse que O. tinha, de algum modo, invadido seu ser. Que teria sentido sua presença e achado que estava recebendo mensagens diretas, de um extraordinário poder e profundidade. Nada mais importava, exceto prestar atenção consciente naquela experiência interior, minuto a minuto. Ele sabia que não poderia ser perturbado enquanto tudo não acabasse.

Ele percebeu quatro níveis interpenetrantes da existência, que mais tarde chamou de "quatro mundos", usando-os como a base de *A teoria da vida eterna*. Seriam o mundo mineral, que reagia a um processo evolutivo muito, muito lento, funcionando em vibrações vagarosas; pensou que deveria ser o Inferno. O mundo celular, o mundo da carne, que reagia a uma escala de tempo diferente, a vibrações mais rápidas, representaria a Terra. O mundo molecular, o mundo dos aromas e da percepção sensorial, corresponderia ao Paraíso. E o mundo eletrônico, igualando-se à velocidade da luz, seria licenciosamente chamado de Céu. Os mundos não seriam apenas interligados e interpenetrantes; seriam unidos por uma escala de tempo

logarítmica, através da qual a essência natural do homem e seu desenvolvimento do nascimento até a morte ou o julgamento poderiam ser medidos.

Quando escreveu *A teoria da vida eterna*, Rodney pintou os quatro mundos como quatro círculos girantes coloridos de vermelho, verde, azul e dourado, tocando-se num ponto central, e superpôs a escala de tempo logarítmica numa série crescente de padrões tubulares. Richard Giatt a pintou novamente mais tarde, mas raramente é reproduzida em cores, e causa pouco impacto sem cor e clareza. Uma cópia em tamanho grande do original de Giatt adorna a parede de meu estúdio, e sempre chama a atenção daqueles que a identificam.

Em anos mais recentes, Tad Mann, astrólogo americano, tomou a teoria da escala de tempo logarítmica de Rodney Collin e a usou como base de seu próprio trabalho astrológico em livros como *Round art of astrology (A arte circular da astrologia)*, *Life time astrology (Astrologia da vida e do tempo)* etc. Ele é um homem muito inteligente, cujo trabalho prezo bastante. Ele acha que a teoria é provável em termos astrológicos, talvez até científicos.

Logo após sair do quarto de Ouspensky, Rodney pediu para falar com os membros do grupo. Houve muitas versões deste evento que causou vivo interesse em alguns, e espanto ou dissabor em outros. A julgar pelos relatos, ele ainda estava 'alto'.

Logo depois, manifestou o desejo de sair de Lyne Place. Janet encontrou e alugou uma casa na rua St. James, em Londres, e eles se mudaram para lá.

— Finalmente, O. me deu material para escrever — disse.

E enquanto Janet mantinha a distância muitos visitantes importunos, curiosos ou insistentes, ele se trancou em seu estúdio e começou.

4

Na época em que Rodney Collin nos visitou em Westerham, *A teoria da vida eterna* e *A teoria da influência celeste* já tinham sido publicados, e ele contava com um bom número de seguidores.

Francis Roles tinha assumido o que restara do grupo de Ouspensky em Lyne Place, bem como os seguidores londrinos, que estavam acostumados a assistir às palestras na sede de Ouspensky, próxima à Escola do Royal Ballet em Colet Gardens. Lá, as diversas disciplinas destinadas a produzir o desenvolvimento do potencial humano ainda eram seguidas, além de diversos detalhes e complementos acrescentados de tempos em tempos pelo próprio dr. Roles.

Ouspensky formara e registrara uma empresa chamada Sociedade para o Estudo do Homem Normal, depois alterada para Sociedade para o Estudo da Psicologia Normal por Francis Roles. Este título de aspecto inócuo, dando a seus estudos e obra uma imagem aceitável, baseava-se numa idéia de Ouspensky: a de que o homem se desvia continuamente da 'norma', que, em tese, deveria ser o estado de equilibrada serenidade e inteligência sagaz.

Gurdjieff ainda estava ensinando em Paris que o "homem é como uma casa dotada de instalação elétrica, mas ainda não ligada à rede". Grandes, até violentos esforços seriam necessários para fazer com que parasse de tatear às escuras em sua propriedade pessoal e "acendesse os cômodos", podendo assim começar a usar suas plenas possibilidades.

Vê-se, até hoje, que apenas uma pequena parte da mente humana está acessível e em uso consciente. Em seus últimos dias, porém, Ouspensky começara a dizer que não estava chegando a parte alguma, que estava desapontado com seus resultados e com os seus seguidores. Ele achava que seria preciso encontrar algum tipo de 'método direto', externo a si mesmo.

O conceito de Gurdjieff, que Ouspensky aceitara, dizia que já existem muitos níveis de 'homem', desde o primitivo até o tecnologicamente avançado, e ele os chamava de Homem números 1, 2, 3 e 4. Era preciso um esforço para desenvolver o Homem número 5, um homem cada vez mais consciente, mais em controle de seu próprio destino do que nos estados inferiores. Além deste, porém, deveria haver — em

tese — o Homem número 6 e o Homem número 7, ambos conceitos levemente nebulosos de estados superiores de existência.

A idéia de um método direto atraiu Rodney desde o princípio, daí seus vigorosos esforços e tentativas pessoais para elevar, acima do nível de seu conhecimento e do nível de seu ser, o que o homem em si é.

Estas duas linhas devem, conforme Gurdjieff, manter-se lado a lado. Quando o conhecimento ultrapassa o ser, temos o caos inerente à sociedade moderna, onde o conhecimento científico e tecnológico é detido por homens de pequena estatura interior que estão levando o mundo a um estado cada vez mais perigoso. Quando o ser suplanta o conhecimento, porém, o resultado seria aquilo que Gurdjieff chamou de um "santo estúpido". Essas pessoas teriam a tendência a não fazer nada pelo desenvolvimento a longo prazo do homem, pois ficariam cada vez mais inativas e satisfeitas com o status *quo*.

Rodney, sempre ativo e vigoroso, resolveu manter as duas linhas na mesma medida, desenvolvendo seu próprio caminho segundo suas convicções íntimas. Logo depois de emergir do intenso período de escrita em sua casa, na rua St. James, decidiu mudar-se para o México, pelo qual se sentira atraído durante suas viagens para a Comissão Britânica de Compras. De certa forma, ainda estava meio 'alto', e aparentava uma atitude infantil, inocente e confiante no contato com as pessoas, bem diferente de suas maneiras anteriores, levemente peremptórias.

Aqueles que queriam continuar a seguir a obra de Ouspensky, exatamente como ele a havia deixado, estavam razoavelmente satisfeitos com Francis Roles. No entanto, Francis não confiava na transformação de Rodney e se aborrecia ao ver que as pessoas pareciam gravitar na direção dele. Na verdade, Rodney não estava buscando discípulos. Ele era um homem disposto a 'chegar em algum lugar', e se os outros quisessem segui-lo podiam fazê-lo, mas estava bastante indiferente a isso.

Francis era um homem cauteloso e cuidadoso. Lentamente, desenvolveu a nítida tendência de limitar seus seguidores. Dizia-lhes com quem poderiam e com

quem não poderiam ter contato, e o que deviam ou não ler. Criou uma lista de livros proscritos, quase como a da Igreja Católica Romana. Incluíam-se as obras de Maurice Nicoll, cujos *Commentaries on the teachings of Gurdjieff and Ouspensky* (*Comentários sobre os ensinamentos de Gurdjieff e Ouspensky*) e *The mark* (*O alvo*) eram considerados leitura inadequada. Além deles, toda a obra de J.G. Bennett. Os dois autores, inteligentes e claramente 'auto-realizados', foram encorajados por Ouspensky a desenvolver suas próprias linhas, em vez de ficar nos calcanhares dos outros.

A teoria da vida eterna e *A teoria da influência celestial* foram logo incluídos na lista de leituras proibidas, aparentemente por seu conteúdo não ser passível de comprovação, podendo ser cientificamente imprecisa.

Além disso, todas as pessoas que trabalharam com Ouspensky e deixaram o grupo, ou que ainda trabalhavam com Gurdjieff, foram declaradas *persona non grata*, e logo os seguidores de Rodney Collin foram adicionados à lista.

A situação chegou a um exagero tal que maridos e mulheres, pais e filhos em ramos diferentes ou grupos isolados da Obra foram proibidos de se comunicar.

Disseram a Sergei, o filho anglicanizado de uma idosa e erudita senhora russa, madame Kadloubowsky, que ele não podia mais conversar com sua própria mãe. Madame K, como era afetosamente conhecida, era extraordinariamente culta e muito respeitada. Ela traduzira o *Philokalia* para o inglês. Tinha acesso a todos os apontamentos das palestras de Ouspensky, muitos dos quais ela mesma preparara. Com o tempo, foi selecionado e editando esse material, acabando por publicá-lo num grande volume com o título simples de *The fourth way* (*O quarto caminho*).

O nome veio de Gurdjieff, que descrevera os diversos métodos de desenvolvimento com que estava familiarizado, como: 1. O Caminho do Faquir: desenvolvimento por meios físicos. 2. O Caminho do logue: desenvolvimento por meios mentais. 3. O Caminho do Monge: desenvolvimento por meio das emoções. E o Quarto Caminho: uma amálgama dos três, que permitiria a cada um realizar-se no

mundo, na vida, em vez de fazê-lo por intermédio da dedicação a estados como os de um recluso.

Quando Ouspensky disse, em seus últimos dias, "Abandono o sistema", instruiu as pessoas ao seu redor para que nada mais de seus escritos ou palestras fosse publicado. Por isso, Francis Roles ficou muito irritado com a atitude de Madame K., que ele considerou uma desobediência direta aos desejos do mestre. Em sua sabedoria, Madame K. sumiu de cena e, em seu apartamento na praça Edwardes, em Kensington, continuou com a tarefa a que se tinha proposto. Seu filho Sergei, um arquiteto que tinha abandonado seu nome russo e que era agora conhecido como George Kadleigh, ficou aborrecido, e ele e sua mulher Lesbia ficaram divididos entre o desejo de seguir Francis Roles e o instinto de que o filho não deveria se afastar arbitrariamente da mãe. Muitos outros parentes e companheiros íntimos de Obra também se atormentaram por causa de suas ligações pessoais — tal como ocorreu com os Cientologistas e com os *moonies*, mais tarde.

Certa vez, alguns anos mais tarde, perguntei a Francis Roles o que achava desses problemas com relacionamentos, e ele disse que seu dever era o de "manter o sistema puro" e de "proteger as pessoas dedicadas à Obra".

— Por que você banuiu o pessoal de Rodney? Não poderia haver seguidor mais fiel de O.

— Ele é um homem violento — disse Francis Roles. — Morrerá de forma violenta.

Recordando-me dos modos suaves e gentis de Rodney, fui mais a fundo e descobri que, em certa ocasião do passado, Rodney perdera a calma com Francis e lhe arremessou uma xícara de café. Havia a questão da escada empurrada da janela. Uma terceira história dizia que Rodney teria lhe dado um tapa tão forte no rosto durante um exercício de percepção ou resistência que seu tímpano foi rompido. Este incidente também foi exposto por meu amigo James Webb em *O círculo harmônico*,

com a informação adicional de que Roles teria ficado permanentemente surdo em função do tapa.

Pessoalmente, nunca observei o menor sinal de violência em Rodney. Tampouco me recordo de Francis Roles sofrendo de alguma deficiência, salvo, depois, a leve surdez natural da idade.

Quando conheci meus cunhados, foi Janet, não Rodney, quem me despertou o interesse pelas idéias da Obra. Com a mente menos clara que a de Rodney, porém, ela se atrapalhou ao falar de coisas como crescimento da percepção, e foi incapaz de explicar o sistema com sensatez.

Rodney e eu conversávamos sobre jornalismo, livros, arte, filosofia e religião em geral, sem qualquer propósito ou padrão aparente por trás dessas inúmeras conversas, primeiro em Westerham e depois em sua casa na rua St. James. Para mim, ele era uma companhia de fácil trato e convívio. Fiquei contente por conhecê-lo. Mas não notei nada de especial, nada de familiar ou significativo a seu respeito.

Tal como Celendine Kennington alguns anos antes, Janet dedicou-se a intenso trabalho de proselitismo, acabando por me levar a visitar Francis Roles na rua Wimpole. Lá, fui inscrita num pequeno grupo de principiantes, à tarde. Não podia comparecer a sessões noturnas, pois minha filha ainda estava na escola diurna e eu tinha de voltar para casa, em Kent, para cuidar dela.

A primeira pergunta que Francis Roles me fez foi: "O que você deseja?" Aparentemente, esta era uma abertura padronizada, funcionando como 'gancho' para darem informações aos aspirantes aos crescentes círculos fechados do ensinamento esotérico. Após um breve momento, respondi: "Voltar para o lugar de onde vim. Voltar para Deus".

Aparentemente, a tendência das pessoas era dar respostas que iam de "quero ser perfeito", "atingir a unidade", "ajudar no processo evolutivo", "entender Deus", "compreender-me melhor" a "saber do que se trata" e uma série de outras.

Focalizando a atenção do indivíduo em seus próprios desejos, suas próprias necessidades, Francis fazia com que todos se dedicassem a disciplinas e exercícios de observação. O drástico exercício de 'pare' tinha sido abandonado, mas houve uma ênfase na técnica da 'auto-recordação'.

Para praticá-la, o estudante havia, tantas vezes ao dia quanto pudesse, tomar consciência de si mesmo no momento e lugar em que se encontrasse; de sua postura, seus pés sobre o chão, a sensação de suas roupas sobre o corpo, as pessoas e objetos à sua volta; e usar seus sentidos ao máximo para registrar tudo o que visse, ouvisse, cheirasse, saboreasse ou tocasse naquele momento.

Apesar disso parecer relativamente fácil, logo se percebe que é um estado que não pode, como regra geral, ser mantido por mais do que um ou dois minutos. A vigilância relaxa logo a seguir, pois alguma coisa — uma palavra, um som, um móvel — chama a atenção e a pessoa se 'identifica' com aquela coisa e só percebe as outras coisas de modo marginal.

Ouspensky recordava que, certa vez, decidira "lembrar-se de si mesmo" enquanto caminhava pela avenida Nevsky, em Moscou, enquanto trabalhava com Gurdjieff. Ele estava em estado de alerta, observando os cavalos e carruagens, os pedestres e os edifícios de ambos os lados da rua. Uma hora ou duas depois, ele "acordou" novamente, "lembrando-se de si mesmo", de volta a seu apartamento. Nesse ínterim, entrara em contato com a tabacaria e encomendara seus cigarros especiais, foi até uma papelaria e comprou canetas e fez mais alguns trajetos de rotina, tudo no estado de 'sono acordado', no qual a maior parte das atividades diárias das pessoas comuns é levada a cabo.

O estado de 'sono acordado' ou 'identificação', no qual a maioria das pessoas realizam seu trabalho cotidiano, identifica o baixo nível de consciência dos indivíduos em geral, o que, por sua vez, reflete-se no baixo nível da ordem e propósito ou unidade de um país ou do mundo. Tommy Steele, que esteve em Moscou na época de sua juventude do *rock*, comentou que todos os cidadãos "davam a impressão de

estarem correndo até a loja Woolworths para comprar latas de tinta ou alguma coisa assim, e de que tudo o que conseguiam pensar era 'Woolworths-tinta' ". Naturalmente, pode-se dizer o mesmo de Londres ou de qualquer cidade. Cada pessoa está encerrada em seus próprios problemas e idéias individuais, e se devota a seus propósitos imediatos.

Gostei do exercício de auto-recordação. Sendo uma pessoa naturalmente observadora, provavelmente como resultado de minha formação jornalística, achei relativamente fácil manter-me assim por alguns minutos. Após certo tempo, também fiquei consciente de estar sendo mais observadora, como regra geral, do que muitas das pessoas naquele agradável e sortido grupo, que me surpreenderam por não serem capazes de lembrar o que comeram no almoço naquele dia, a posição exata onde estacionaram o carro ou o caminho que traçavam quando iam trabalhar.

Logo ficou aparente para mim que não bastava a técnica da 'voz interior', a 'escuta de Deus', para descobrirmos quem éramos na realidade, e o que estávamos fazendo; precisávamos cultivar o mundo à nossa volta através do uso pleno e constante dos sentidos.

Certa vez, sentada à mesa no refeitório da escola, época em que cursava a sexta série, adolescente magra e de pernas compridas, enquanto nós, garotas, discutíamos nossa filosofia juvenil, tive uma súbita e pequena experiência de ápice, o que me fez dizer:

— Bem, há duas maneiras diferentes para fazermos isso. Uma é agir como as freiras, caminhando de cabeça baixa e mãos dentro das mangas, sem olhar para ninguém, sem tocar nada, sempre procurando por Deus em algum lugar interior. A outra consiste em andarmos por aí de cabeça para cima, olhando para tudo, envolvendo-nos, e... e amor e sexo e essas coisas, querendo realmente fazer parte do mundo, pois Deus é tudo isso também.

Ao subir pelo elevador do prédio da rua Wimpole até o apartamento onde o dr. Roles dava seus cursos diurnos, logo acima de seu consultório, lembrei-me certa tarde

daquele momento, subitamente, com a abertura de um novo canal de compreensão. Por meio de experiências como 'escutando Deus' e auto-recordação e da lembrança daquele incidente, fatos separados pela época da guerra e por tragédias pessoais e particulares, captei a natureza das duas modalidades do Criador. Deus imanente e Deus transcendente tornaram-se, de repente, compreensíveis para mim.

Apesar das regras e restrições, consegui me manter em contato com Rodney e Janet, e permanecer no grupo do dr. Roles também, durante um bom tempo. Logo descobri que, apesar de ele ter herdado um ensinamento muito interessante e antigo, este ia ficando disperso a cada nova liderança. Os presentes seguidores, apesar de seu número crescente (Francis Roles tinha uns 200 alunos quando estive com ele, e afirmava ter chegado a mais de mil, mais tarde), demonstravam, em sua maioria, mediocridade sem inspiração.

Eram, principalmente, profissionais liberais, muitos de meia-idade, e, diferentemente do Movimento de Rearmamento Moral, raramente jovens espertos e animados eram admitidos. Na verdade, a natureza fechada das atividades da Obra significava que os forasteiros de todo tipo eram vistos com certa dose de suspeita. "Levar alguém para a Obra" era considerado uma atividade para especialistas e de proporções geralmente indesejáveis.

As pessoas da Obra tinham aprendido, na terminologia de Gurdjieff, que não podiam "fazer". Isto é, que tudo simplesmente acontecia com elas, pois viviam inteiramente sob a lei do acaso, e só pelo desmantelamento positivo de suas 'falsas personalidades' é que poderiam começar a crescer. Para isto, deveriam se entregar totalmente a seu novo mestre, obedecendo a seus caprichos e desejos com humildade, sem questionar seus motivos ou suas leis.

Não havia mais a atitude liberal de Ouspensky, com seu "não acreditem no que digo, descubram por si mesmos". Tampouco havia a implacável e vigorosa autoridade de Gurdjieff, que entendia claramente muitas coisas acima do nível humano normal de compreensão da vida. Em vez disso, estava se formando um despotismo gratuito.

Roles estava, portanto, atraindo aqueles que queriam um mestre, em vez de um professor ou conselheiro dotado de conhecimentos além dos seus próprios. Isso significa que a admissão, apesar de cuidadosamente selecionada, restringia-se essencialmente a aqueles que queriam ouvir o que deveriam fazer. Havia neles uma obediência passiva. Era fácil dizer-lhes o que não deviam ler, quem não podiam ver, os lugares que não se visitavam. Pediam sua permissão para quase toda ação, mesmo em suas vidas particulares, alguns chegando a não aceitar um convite sem antes verificar se ele concordava. Convidei algumas pessoas para irem até Westerham, mas só aqueles que eram 'de confiança' podiam aceitar.

Não havia essa obediência em mim. Eu queria ir até a fonte de qualquer conhecimento que pudesse estar ao meu alcance. Portanto, lia tudo o que podia de Gurdjieff e Ouspensky, além dos livros de Rodney, Nicoll e Bennett. Em vez de causar um furor de desaprovação, simplesmente fui em frente. Da mesma maneira, continuei a visitar todas as pessoas que queria, mas me mantive de boca fechada.

Uma de minhas amigas era lady Abercrombie, viúva de Sir John Abercrombie, membro do corpo diplomático na Índia. Viveram nos mesmos círculos em que ela nascera, pois seu pai também servira naquele país, e ela passou a infância e juventude lá.

Elsie tinha idade para ser minha mãe, além de sabedoria suficiente para tanto. Sua saúde física estava falhando, mas mentalmente ela era muito alerta, espiritualmente muito mais avançada, eu acho, do que a maioria das pessoas da Obra, além de ter lido muito mais. Quando menina, na Índia, procurou constantemente um mestre. Certa vez, cavalgando sozinha, foi impelida a parar o cavalo e a escalar o muro da propriedade de um marajá, convencida de que havia algo importante para ela do outro lado. Lá, sentado na posição de lótus sob uma árvore, estava um homem santo. Ela havia encontrado muitos deles, e, geralmente, após maiores investigações, mostravam-se desapontadores. Contudo, sua mente curiosa fez com que continuasse a agir com o método que sabia ser o mais cortês.

Ela também se sentou sobre a grama, a uma considerável distância, e esperou em silêncio até que ele a convidou para chegar mais perto. Ela se levantou, saudou-o com a respeitosa forma hindu de cumprimento palma-a-palma e se sentou um pouco mais perto dele. Durante uma hora de conversação — ela falava hindi fluentemente — ouviu-o dizer:

— Não, não sou o seu mestre. Seu mestre está no Ocidente. Vá agora e procure por ele. Ele a aguarda.

Foram dadas outras indicações que fizeram com que se sentisse segura de identificá-lo quando o visse, e isso a levou a P.D. Ouspensky. Ela trabalhou com ele e sob sua direção em Londres, com devoção disciplinada. Mas ela foi uma das primeiras a notar que Rodney Collin experienciara algo e deveria ser seguido com confiança. Mesmo mantendo contatos polidos com Francis Roles e todos os seus antigos amigos, cultivava Rodney e outros grupos alternativos em segredo, seguindo sua própria intuição.

Aprendi muito mais com Elsie Abercrombie do que com qualquer dos grupos da Obra em Londres. Desenvolvemos uma amizade íntima e prezada, na qual discutíamos repetidamente nossas idéias e experiências. Ambas estavam cada vez mais conscientes de que apenas uma pequena parte da mente humana está sendo usada atualmente. Em certas circunstâncias, poderes adicionais, conhecimentos adicionais, forças adicionais podem ser usados. A questão era: como uma pessoa podia chegar a isso por meio da intenção ou da vontade? Na maioria das vezes, isso só ocorria pelo aparente acaso.

Apesar de seu porte físico ser leve, Elsie se lembrava muito bem de ter carregado nas costas o seu irmão mais velho, de 1,80m. Quando cavalgavam na Índia, certa ocasião, o cavalo dele empinou num terreno perigoso, e ele quebrou a perna na queda. Procurando por ajuda, ela perdeu sua própria montaria, pois ambos os cavalos fugiram, assustados com o cheiro de tigres. Ela não ousou deixá-lo para caminhar de volta vários quilômetros em busca de auxílio. Do mesmo modo que

alguns homens conseguiram, em desespero, levantar um carro com uma só mão para soltar alguma criança sob suas rodas, Elsie ergueu e carregou o jovem alto até chegarem em casa. Fisicamente, a tarefa parece impossível, e mais tarde ela não conseguiu se lembrar de como reuniu forças físicas ou força de vontade para fazê-lo.

Elsie tinha muitas histórias de infância que me intrigavam por saber que ela dispunha de certos poderes naturais que outros nem sequer imaginavam. Desde cedo, descobrira que era possível influenciar as ações e palavras de outras pessoas. Certa vez, na Õndia, expulsa por sua mãe de uma reunião formal, foi para seu quarto de estudos e, por pura travessura, desejou influenciar os eventos no andar de baixo. Determinou que todos começariam a falar compulsivamente sobre coisas tolas, coisas irrelevantes, e não conseguiriam parar.

Sua mãe, sabendo de seus dons, subiu severa meia hora mais tarde e a repreendeu:

— Pare já com isso, menina travessa! Estão todos falando sem parar de...

— Camelos? — perguntou Elsie com ar inocente.

E era isso mesmo. Em muitas outras ocasiões, anos depois, ela tentou usar essas habilidades com fins úteis. Freqüentemente funcionava. Pessoas com quem desejava falar telefonavam. Aconteciam coisas, em seu proveito ou de amigos. Uma vez, ela apareceu para me apoiar e orientar, evitando que sofresse um desastre enquanto dirigia à noite sob forte nevasca, perto de sua casa em Hampshire. Mas ela não tinha idéia de como fazia essas coisas. Ela simplesmente me 'viu' chegando perto de um lugar esburacado próximo a um despenhadeiro e me 'conduziu'.

Tais episódios fortaleceram muito meu anseio de encontrar um método que despertasse possibilidades latentes. E eu estava começando a pensar que as idéias, disciplinas e práticas da Obra, apesar de interessantes, poucas chances teriam de conseguir algum resultado deste lado do túmulo. Só em encarnações seguintes ou 'recurrências' é que alguém seria capaz de algum resultado.

Resolvi, portanto, visitar meu cunhado no México.

Sobrevoei o Golfo do México no momento em que o sol se punha. No final da tarde, as paisagens banhadas de sol da Geórgia e da Carolina do Sul estavam visíveis sob nós. Depois o avião sobrevoou o mar, circulou e começou a descer no estranho Vale do México, dois mil metros acima do nível do mar, cercado por montanhas que chegam a 5 500 metros.

Devido à altitude, a Cidade do México exerce um efeito curioso sobre o recém-chegado. Tendo chegado do ar, a pessoa não repara na altitude, até que sua respiração se altera e os passos e degraus se tornam mais lentos e uma corrida é impossível. Leva-se vários dias para se acostumar com o ar rarefeito.

Rodney e Janet me encontraram no aeroporto e me levaram imediatamente para um restaurante ao ar livre, o favorito deles. Apesar de terem empregados, assim como a maioria das famílias inglesas e americanas, comer fora era o hábito. Os restaurantes ficavam abertos até a meia-noite ou duas da manhã, quando a noite ficava refrescante, sempre cheios de gente. Os *mariachis* — cantores com grandes *sombreros* e violões mexicanos — faziam serenatas durante o jantar na maioria dos lugares. Quando ouço a estranha música espanhola no rádio ou na televisão, com sua curiosa mistura de ritmos europeus e de índios mexicanos, até hoje me transporto mentalmente para aquela atmosfera, os odores, sons e memórias de jardins e pátios repletos de lanternas coloridas sobre as árvores, o ar cálido da noite e o gosto forte de tequila tomada com um toque de sal e uma fatia de limão, como é o costume local. Molho quente de *chili* com frango, as saborosas frutas semitropicais, as *tortillas* semelhantes a panquecas sem fermento, estarão perpetuamente incrustados em minhas papilas gustativas.

Nessa época, não só tinha lido os livros de Rodney como me correspondera longamente com ele. Contudo, pessoalmente, só me lembrava dele como o homem suave e amável que conhecera durante algumas semanas em sua visita à Inglaterra dois anos antes. Fosse pelo cansaço do vôo, pela altitude ou pela tequila, uma hora

depois de estar em sua companhia no México, tive a impressão de estar lidando com alguém completamente diferente do que me lembrava.

Ele estava usando uma camisa azul berrante aberta no pescoço e posta por fora das calças. A pele bronzeada acentuava os cabelos agora acinzentados e meio compridos que encaracolavam em torno de seu rosto. Ele me pareceu excepcionalmente alto. Seus olhos, como os de Elsie, os meus próprios e os de algumas pessoas que me davam a impressão de fazer parte do mesmo grupo de almas ou algo assim, eram de um azul excepcional. Sentada à sua frente na mesa de restaurante naquele pátio ajardinado, percebi que estávamos olhando profundamente os olhos um do outro. E os seus tinham, sem dúvida, o mesmo jeito dos de Reggie Carroll.

Logo ao chegar à Cidade do México, falei pelos cotovelos, fazendo perguntas e expressando minha opinião sobre tudo. Senti-me sempre meio leve. À sua volta, Rodney tinha um grupo de ingleses que o acompanharam desde Londres, mas que já tinham sido superados em número por mexicanos, que falam espanhol. Como resultado, suas palestras eram dadas principalmente em espanhol, bem como quase todas as reuniões do grupo. Isso me exasperava, pois achava que não teria tempo de aprender aquele idioma de maneira fluente. Senti-me posta de lado. Na verdade, quanto mais exigente eu ficava, mais sentia que, apesar de amigáveis, ninguém estava muito interessado em mim, e que eu não iria aprender nada a longo prazo. Tudo acontecia à minha volta em ritmo acelerado, mas pouco me era explicado.

Rodney fundou a única livraria especializada na língua inglesa da Cidade do México, a Livraria Britannica. Ela ainda existe. Ele comprou uma mina numa região montanhosa e pouco explorada do interior do país, e a estava explorando com um grupo de peões. Ela poderia produzir prata, sal e vários nitratos. Contudo, como aconteceu com a maioria dos projetos semelhantes nessa época, a ausência de estradas e a intransigência das autoridades, combinadas com a preguiça dos

trabalhadores, fizeram com que as áreas montanhosas e ricas em minérios não fossem uma proposta muito viável.

Ele comprou uma antiga *hacienda* e nela instalou um grupo de camponesas para tecer os cobertores e ponchos com motivos astecas e cores fortes, que os turistas americanos tanto cobiçam. Tentou obter uma licença de exportação para esses produtos, mas, uma vez mais, a teimosia burocrática abortou o empreendimento um ou dois anos depois.

Seu outro grande projeto era a construção de um planetário no alto de umas colinas situadas a uns 30 quilômetros da Cidade do México. A cidade é a terceira maior do hemisfério ocidental, e é uma salada de arranha-céus americanos, rodovias com cinco faixas de rolamento e trânsito rápido, arquitetura hispano-mexicana, em parte ornamentada e bonita, e bairros com bulevares sombreados e residências modernas em jardins com filas de árvores. Há também grandes áreas com prédios antigos e favelas ocupadas pelos mexicanos mais pobres e por trabalhadores indígenas.

Um pouco além dos limites da cidade começam as extensas e áridas terras do planalto, cobertas de cactos. Além delas, as montanhas do Popocatepetl e do Iztaccihuatl, com suas neves eternas, são quase sempre visíveis. Para sair do planalto, você precisa atravessar as montanhas. Depois, você mergulha até a *tierra caliente*, as terras semitropicais. Nelas, há cores em profusão — nas flores, nas árvores frutíferas, nos frutos, nas roupas das pessoas. Apesar dos peões da região mais rude usarem roupas sóbrias, as mulheres com saias pretas e *rebosos* na cabeça, os homens de branco com um *serape* dobrado sobre o ombro, nos muitos dias de *fiesta* aparecem trajando uma variedade de matizes e variantes do estilo espanhol e do traje nacional do México. No ar claro e leve além da cidade, há cores por toda parte. Não havia poluição naquela época, apesar de hoje serem bastante frequentes as nuvens de fumaça.

O local do planetário fora aplainado e as obras estavam prosseguindo rapidamente. Rodney recrutara uma equipe de peões para talhar a rocha vulcânica que forma a base da maior parte das terras daquele círculo de acima do nível do solo. Seriam a Câmara do Sol e a Câmara da Lua. Entre os dois havia um pequeno espaço circular, onde uma grande concha voltada para cima, posta sobre um pedestal, captaria a luz do sol através de uma abertura no momento do solstício de verão.

Em torno das duas câmaras, escavada profundamente na rocha relativamente macia, havia um corredor estreito e curvo. As paredes estavam sendo adornadas pedaço a pedaço com mosaicos que mostravam o desenvolvimento do homem, desde as formas primordiais de vida até o homem perfeito. Rodney trabalhava diariamente cortando e aplicando os mosaicos, enquanto os peões continuavam os trabalhos acima do chão. Aqui, a continuação das câmaras subterrâneas deveria se tornar uma sala de palestras, com um piso adequado a danças rituais ou nacionais, exercícios e os 'movimentos' ao estilo de Gurdjieff, usados para desenvolver a concentração e a atenção. A outra câmara deveria ser uma biblioteca, que alojaria a enorme coleção de livros esotéricos que Rodney possuía na época. O próprio planetário, sobre o qual uma imagem móvel do céu estrelado podia ser projetada, viria a seu tempo sob o grande teto em forma de redoma. Não havia planos definitivos para o término do projeto, se é que chegaram a ser realmente preparados.

De várias maneiras, Rodney trabalhou contra as desavenças. O dinheiro de Janet era mais do que suficiente. Contudo, ele confiava depressa demais em todo mundo, e primeiro o capataz, depois os outros empregados passaram a drenar seus recursos — incluindo um grande golpe — e o progresso era muito lento. Ele supervisionou a demarcação de uma longa, íngreme e sinuosa estrada que daria acesso ao local a partir da única estrada próxima. Ao lado, colocou grandes rochas e desenhou em cada uma um signo do zodíaco, começando a pintá-los em cores claras. Lembro-me dele ajoelhado, o forte vento levantando poeira à sua volta, a camisa vermelha aberta até a cintura, um *sombrero* atrás da cabeça. Vendo o cinzel, lembrei-

me de Eric Kennington em seu estúdio na Casa Homer muitos anos antes, dizendo: "Deus me deu mãos para esculpir, então esculpo". Enquanto os membros do grupo de Francis Roles tinham a intenção de examinar sua natureza interior, Rodney estava determinado a *fazer* alguma coisa em sua vida.

Vendo a pobreza e falta de assistência médica dos operários, Janet abriu uma clínica e empregou os serviços de um médico da cidade para atendê-los. Suas mulheres e filhos faziam fila nos dois dias da semana em que dava atendimento. Janet e Chloe, então com 18 anos, e um grupo de ajudantes costuravam saias coloridas e blusas bufantes para dar às mais pobres, que usavam quase que simples trapos.

A água foi finalmente canalizada, e foram implantados jardins que receberam vegetais em terraços estreitos, dotados de pequenos arbustos e árvores jovens para dar abrigo ao sol quente. O solo vulcânico mostrou-se muito fértil.

Na época de minha visita, o trabalho no planetário estava se tornando prioritário em relação aos outros projetos. Dirigíamo-nos para lá quase todos os dias. O impulso criativo e a imaginação de Rodney, além de suas habilidades manuais, eram consideráveis, e sua energia parecia ilimitada. Ele era tão constantemente requisitado para responder dúvidas, fazer comentários e lidar com questões de natureza filosófica, que era difícil conseguir conversar com ele. Para fazê-lo, era preciso pegar nas ferramentas ou implementos agrícolas e ficar ao seu lado em qualquer atividade que estivesse exigindo sua atenção.

Senti que queria aprender com ele. Havia nele a qualidade da dignidade e da autoridade. Suas palestras, pelo que eu pude captar, estavam se desviando cada vez mais dos ensinamentos de Gurdjieff e Ouspensky, entrando numa esfera onde a ação e o serviço aos povos do mundo, a atenção às necessidades do planeta, eram de importância capital.

Cada vez mais agitada pela dificuldade de comunicação, pela sensação de que estava perdendo alguma coisa importante, acabei pondo-o contra a parede em seu estúdio no grande apartamento em Rio Nazas, onde morava. Sua casa anterior, uma

hacienda comunitária em Tlalpam, fora abandonada logo antes de minha chegada por ter perdido o seu sentido inicial.

Rodney costumava sentar-se de pernas entrecruzadas ou na posição de meio-lótus quando dava aulas ou conversava em casa, a postura que eu mesma sempre assumi. Assim, estava sentado numa grande cadeira, com as venezianas de tabuinhas brancas cortando os raios quentes do sol da tarde, cobrindo tudo com listras de luz e sombra. Sobre sua escrivaninha, uma variedade de papéis, cartas e manuscritos. Numa das paredes, um grande retrato de Ouspensky sentado numa cadeira com seus dois gatos, que o próprio Rodney havia pintado.

Eu sentei num longo sofá e tentei questioná-lo sobre a base de seu pensamento atual, cheia de urgência e exasperação.

— Não entendo nada! Estou esperando algum tipo de revelação sobre o que seu trabalho é na realidade — acabei por dizer. Seus olhos azuis me olhavam com bondade.

— Joyce, nada pode acontecer enquanto você não ficar quieta — disse ele.

Até aquele momento, não havia me dado conta da extensão e profundidade de minha própria agitação interior.

Fiz algum esforço para relaxar meu corpo, numa atitude de auto-recordsção: ouvi minha voz interior à maneira do RM: estar mais consciente, de algum modo, da situação atual. Ficamos em silêncio.

Subitamente, a sala começou a ondular de modo alarmante. Pensei que o contraste de luz e sombra criado pela veneziana estava me dando uma enxaqueca, a quais sempre estive um pouco sujeita. Disse, trêmula:

— Poderia fechar a persiana, Rodney?

Ele se estendeu e puxou o cordão. As linhas pretas e brancas desaparecem, e a sala ficou razoavelmente escura. Continuamos a nos olhar, e nada foi dito.

Então, lentamente, o rosto de Rodney começou a mudar de forma e tipo. Não conseguia entender o que estava acontecendo.

— Você está parecendo um velho — murmurei. — Está com um pouco de barba, e ...

— Deve ser porque não me barbeei nestes últimos dias — veio a voz da boca de Rodney, que não era a voz de Rodney.

Assustada, olhei confusa para a sala e depois olhei para ele novamente. O rosto do homem de pernas entrecruzadas na cadeira à minha frente era a face quadrada, de maxilar pesado, de óculos, de Piotr Damianovitch Ouspensky, o amado mestre de Rodney, sempre conhecido pelo grupo simplesmente como O.

— Você é o sr. Ouspensky!

— Chamavam-me assim — respondeu numa voz diferente e gutural.

Pouco depois, o rosto de O. mudou completamente, e, como nesses programas de televisão em que uma imagem é superposta a outra, surgiu uma fisionomia oriental.

— Agora você é chinês.

— Tibetano — respondeu.

Então, rapidamente, uma série de faces diferentes se sobrepunham uma à outra — pele escura, levantina, mediterrânea, do norte da Europa, de diversas idades e tipos diferentes, algumas usando chapéus variados. Meu coração batia forte enquanto observava.

— Quem é você? — acabei perguntando.

— Todos esses e muitos outros também — respondeu a voz de Rodney Collin, e seu rosto do século XX, bronzeado, de cabelos grisalhos e olhos azuis surgiu, tão normal quanto se tivesse estado sempre ali.

— Suas outras vidas?

— A cortina do tempo fica mais tênue — respondeu.

Mais tarde, interroguei-me, examinando e reexaminando em minha mente o estranho fenômeno. Teria sido apenas um truque de luz e sombra? Uma perturbação visual causada por um problema neurológico similar à enxaqueca? Pura imaginação?

Acabei perguntando a muitas outras pessoas do grupo e a diversos de seus seguidores se já haviam experimentado algo parecido com Rodney.

Para meu espanto, ninguém tinha. Depois de algum tempo, percebi que o fenômeno estava centralizado em mim mesma. Janet, sentada em sua cama, penteando os cabelos, subitamente assumiu uma série de rostos diferentes, e quando comecei a falar-lhe sobre isso, ela se transformou numa criança tibetana.

— Creio que sou sua filha — disse sua voz, a voz da própria Janet. — Você prometeu que iria fazer algo por mim, alguma coisa por meu peso. Você disse que iria carregá-lo por mim.

Vinha tendo problemas com meu próprio peso recentemente. De menina magricela, fiquei evidentemente cheinha após o nascimento de minha única filha e o término de meu primeiro casamento. Esse problema se acentuara nos últimos anos, de modo que estava seguindo dietas quase que permanentemente, chegando a pensar que poderia ser um desequilíbrio hormonal. De repente, tive a impressão de estar ativando alguma memória parcial. O planalto de Lhasa novamente, os sinos da lamaseria — como eu poderia conhecer tão bem o curioso tom seco que emitiam? O vento constante, as rodas de oração, as bandeirolas tremulando sobre os pilares de pedra. E eu, agora uma senhora de idade, com uma filha gorda de meia-idade, em roupas espessas, perturbada com seu peso. "Gostaria de poder carregá-lo por você", tive a impressão de dizer.

Hoje estou ciente de que esse fenômeno, conhecido geralmente nos meios psíquicos como 'transfiguração', é uma ocorrência conhecida, não muito incomum para aqueles que têm certa clarividência. Aconteceu comigo repetidas vezes no México, tornou a se repetir quando voltei para a Inglaterra e acabou se tornando algo que eu conseguia — embora nem sempre — induzir à vontade.

Noutra ocasião, uma mulher da Obra em Londres viu diversos rostos sobre o meu, enquanto lia um livro em sua cama, recostada em almofadas, no seu apartamento em Sussex Gardens.

— Você parece grega — disse subitamente. — Posso vê-la até a cintura, e você está usando uma túnica branca. — No instante seguinte: — Agora você tem um rosto egípcio.

Em ambas as ocasiões, ouvi-me dizer "sim", como se a palavra viesse de uma vaga memória nas profundezas do meu ser. Senti o peso de um grosso traje de linho branco sobre um dos ombros e senti meu cabelo repuxado para o alto, preso por uma faixa. Depois, senti o rosto egípcio todo maquiado, o *kohl* negro acentuando os olhos. No instante seguinte, tudo cessou. Não consegui dar aos rostos um nome ou atribuir-lhes um período.

Após o incidente no estúdio de Rodney, tudo começou a acontecer muito depressa. Tive a curiosa sensação de que o tempo se expandira de algum modo, de forma que 60 segundos eram preenchidos com muito mais coisas do que um minuto de experiência poderia dar, tendo a cada dia mais impressões do que alguém poderia receber normalmente numa semana. A impressão que tinha era a de que estava entrando e saindo do tempo, vendo a mim e às pessoas que me rodeavam numa variedade de papéis diferentes, todos antigos papéis, todos eles familiares.

Rodney comentou em resposta a minha pergunta:

— Penso que pode existir algo como alma-grupo. Encarnamos ao alcance uns dos outros, mas em relacionamentos diferentes. Antigos amantes são hoje mãe e filho, pai e filha ou apenas amigos e colegas... essas coisas.

Contudo, o momento de reconhecer o próprio Rodney ainda não tinha chegado. Estava preocupada não só com os mistérios de outras possíveis identidades, mas também (e muito) com a questão de minha própria identidade. Quem era eu? O que devia fazer aqui?

Várias pessoas vieram dos Estados Unidos para ver Rodney. Na verdade, havia um fluxo contínuo de visitantes em sua casa, e Rodney ficava enclausurado com várias pessoas, conversando em particular. À noite, entre onze e meia-noite, os membros do grupo e os convidados saíam para jantar em algum lugar. A mesa variava

de 4 a 20 pessoas. A conversa girava sempre em torno de filosofia, do crescimento do ser, desenvolvimento do conhecimento, despertar da consciência e métodos e caminhos que levassem a esses fins.

Rodney experimentara maratonas de resistência, caminhando longas distâncias sob o sol, sem água ou descanso, às vezes prosseguindo por dias a fio. Seu fiel braço direito, John Grepe, que na época administrava a Libreria Britannica, e um punhado de pessoas que o seguiam, caminhavam o mais que podiam antes de caírem exaustas.

Havia algo de extremo nessas experiências, e elas não aparentavam qualquer efeito visível em ninguém, salvo o próprio Rodney. Ele estava ficando cada vez mais exausto. De algum modo, as pessoas ficavam sempre conscientes de que ele era um 'grande homem'. Não que desse qualquer indicação de se sentir assim, pois sua atitude era modesta e humilde ao extremo. Mas ele era muito impressionante, chamando a atenção onde quer que estivesse.

Uma noite, o grupo do jantar incluía Hugh Ripman, que trabalhara com O. e com Madame em Nova York e que estava fazendo uma visita de passagem. Estávamos sentados um diante do outro numa longa mesa. Sendo um homem tímido, controlado e autodisciplinado, pensei que seria um pouco difícil conversar com ele. Isso se aplicava a muitas das pessoas que se dedicavam há tempos à Obra. Elas desenvolviam tamanha autoconsciência e seriedade de propósitos que suas vidas ficavam um tanto circunscritas, sem espaço para amenidades.

Estava perguntando a Hugh alguma coisa acerca da natureza da consciência, o verdadeiro significado da Obra no sentido de Gurdjieff. O que era a Grande Obra? Gurdjieff dissera que, para estar "na Obra", a pessoa devia ser útil para si mesma, para seu mestre e para a Grande Obra.

Hugh Ripman começou a explicar cuidadosamente aquilo que pensava sobre esse assunto bastante incômodo e que o próprio Gurdjieff nunca havia definido claramente, mas que todos acreditavam que teria alguma relação com a evolução da

humanidade. Eu o estava observando e ouvindo com atenção. Ele era um homem inteligente, e tinha se esforçado muito ao longo de todos aqueles anos. Contudo, ele tinha, assim como muitas pessoas pareciam ter, dificuldade para formular a base de suas próprias crenças.

De repente, a intensidade de nossa concentração mútua teve um efeito curioso. Hugh disse:

— Gostaria muito de ajudá-la. Estou tentando explicar...

Nesse instante, suas palavras ficaram completamente perdidas no que me pareceu uma vasta e instantânea abertura das portas interiores da minha mente. Lembro-me de ter dito:

— Eu sei! Eu sei! Sempre soube. Apenas tinha me esquecido. Como é que alguém poderia se esquecer de algo tão óbvio?

Senti que tinha me expandido a ponto de ocupar a sala, de ocupar todo espaço disponível. De estar centralizada em toda parte e em nenhum lugar. De fazer parte de tudo e de todos à minha volta. De ser, de algum modo, Deus. Após um período vago, talvez alguns segundos, voltei à normalidade do restaurante, da tagarelice das mesas próximas, do garçom juntando os pratos. A expressão de Hugh foi um sorriso amarelo causado pelo nervosismo. Evidentemente, ele tinha dito uma série de coisas que nem sequer escutei, mas nenhuma delas teria provocado essa forte explosão emocional. Senti meus olhos lacrimejarem.

— Você me deu uma chave que vai abrir todas as portas — falei. Ele pigarreou e disse ansiosamente que ficaria muito feliz se tivesse me ajudado a entender alguma coisa.

Muitas vezes depois, tentei em vão me lembrar dos detalhes das palavras que foram trocadas entre nós. Nunca mais vi Hugh Ripman. Pode ser que não tenha tido nenhum sentimento pessoal por mim, nem eu por ele. Mas a óbvia concentração de todos os seus recursos numa tentativa disciplinada de me ajudar combinou-se, ao que parece, com a intensidade de minha própria fome e necessidade de conhecimento,

ativando alguma reação interna em minha mente. Por um momento, eu 'entendi'. Mas a mente consciente ainda não captou a natureza do segredo, nem entendeu a fonte do súbito afluxo de felicidade.

Durante vários dias, senti que sabia de algo, mas não sabia o que sabia: um curioso paradoxo, familiar para aqueles que passaram pelas portas da percepção e vislumbraram a verdade das verdades. Tal como o ouro das fadas, descobre-se na manhã seguinte que eram pedregulhos. Não é a moeda do nosso cotidiano, e jamais pode ser usada como presente ou pagamento.

Ao mesmo tempo, agora 'sabia' qual era a natureza da 'coisa urgente mas esquecida' que tinha me assustado na infância, apesar de não ter sido capaz de comunicar sua natureza aos demais. O melhor que pude fazer foi dizer: "... alguma coisa que tem a ver com o fluxo da criatividade: com a cooperação consciente com tudo o que flui do Criador, de modo que as 'criaturas' se tornam cientes de sua própria natureza inata e retornam deliberadamente à fonte de sua existência".

Daquele momento em diante, fiquei imensamente feliz por todo o restante de meus meses no México.

Rodney tirou alguns dias de férias e anunciou que iria me levar, junto com muitos outros, para um dos lugares astecas e toltecas, Teotihuacán, a cidade dos deuses. As extraordinárias pirâmides e os restos das antigas civilizações espalhados em regiões inabitadas do México eram de grande interesse para mim, e ele já havia me mostrado vários. Ele achava que os astecas, que sacrificavam prisioneiros em rituais no alto de algumas das pirâmides, eram os remanescentes decaídos da cultura tolteca, muito mais antiga. Os toltecas eram o povo que detinha o conhecimento, de cujos complexos ensinamentos, transmitidos oralmente, restavam apenas fragmentos na época da conquista espanhola. Torres e cúpulas douradas tinham se erguido das ilhas nas águas do então inundado Vale do México, e longas passagens os uniam às terras ao redor. A bela e dourada cidade de Tenochtitlán, que Hernán Cortês e os

conquistadores pilharam e saquearam, tinha evidentemente sido o lugar de uma cultura muito elevada e antiga.

Ainda existem jóias e a grande coroa de plumas de Montezuma, o último imperador. E a imensa pedra do calendário asteca, com 3,5 metros de diâmetro, preservada na Academia de Belas Artes da Cidade do México, é evidência de um complexo e profundo conhecimento dos movimentos planetários e da natureza do tempo.

Na véspera daquela que seria nossa expedição especial à cidade dos deuses, torci meu tornozelo. Ele inchou muito, e apesar de tê-lo enfaixado bem, acostumada que estou a tornozelos torcidos, tive muita dificuldade em pisar no chão. O grupo pensou em me deixar para trás, com meu pé sobre o sofá e as empregadas cuidando de mim no apartamento.

Estava determinada a ir. Pulei no carro. Janet, bastante sensata, objetou que eu estava incapacitada para suportar o terreno pedregoso da cidade parcialmente escavada. Mas Rodney disse "Joyce deve ir" e me ajudou a entrar no carro.

A cidade de Teotihuacán consiste numa longa avenida, com a grande Pirâmide do Sol — maior do que a pirâmide de Quéops — em uma extremidade e a Pirâmide da Lua, bem menor, na outra. A avenida é conhecida como Caminho dos Mortos. Em ambos os lados, há construções semi-soterradas, a maioria com câmaras subterrâneas revestidas de murais e esculturas do curioso tipo angular que os astecas criaram. Representam os deuses dos elementos: o Deus Chuva, Huitzilopochtli, por exemplo. E grandes cabeças emplumadas de pedra, datadas de uma antiga ordem conhecida como os Cavaleiros Jguia e Tigre. Rodney compreendia a importância dessa ordem aparentemente religiosa, que parecia ligar as criaturas da terra às criaturas do ar. Ele também conhecia muitas lendas sobre Quetzalcoatl, o deus branco que teria surgido do Oriente, e que Montezuma supôs ter identificado, com os resultados trágicos que conhecemos. O imperador saudou os visitantes com presentes

de ouro e jóias. Em poucos dias, o deus oriental se mostrou muito malvado, começando a pilhar, saquear e derramar sangue.

Enquanto estávamos na estrada, confesso que me senti bem contente e interessada. Ao chegarmos lá, porém, tive dificuldades. O grupo se dispersou, olhando as coisas. Fiquei apoiada numa só perna, olhando para a Pirâmide do Sol.

— O que você quer fazer? — perguntou Rodney.

— Subir até o alto — disse, rangendo os dentes.

— Ei, Joyce, não seja desagradável — disse Janet, exasperada. — Nós mesmos não vamos fazer essa escalada. Vamos apenas subir a Pirâmide da Lua, depois voltamos para o carro e fazemos nosso piquenique aqui com você. Fique sentada na sombra e espere por nós.

Olhei para Rodney. Ele estendeu sua mão, ignorando Janet.

— Venha, então — disse —, se é o que você quer.

Dolorosamente, pulando e lutando com cada passo, cheguei até a pirâmide com ele, e começamos a longa e árdua escalada dos muitos e muitos degraus encravados na pirâmide. Pareciam ir até o infinito. Rodney segurou minha mão com firmeza, erguendo-me, puxando-me constantemente, num ritmo que eu podia suportar.

Na metade do caminho, fizemos uma pausa e descansamos. Para meu espanto, naquele momento um peão coberto de quinquilharias surgiu do nada, caminhando sobre um patamar até nós, sorrindo muito.

— *Buenos tardes, señor, señora!* O senhor não deseja comprar algo para a senhora? Vai deixá-la contente.

— Já estou contente! — respondi.

Mas olhamos para a bandeja que trazia e escolhi um anel de prata mexicana que representava uma serpente enrodilhada. Pus o anel num dedo. Uso-o até hoje, mais de 30 anos depois, como lembrança daquele dia.

Finalmente, conseguimos chegar até o topo, e nos sentamos ao sol. Lá do outro lado do Caminho dos Mortos, podíamos ver as pequenas figuras do resto do grupo, reunidas no alto da Pirâmide da Lua.

Ficamos sentados em silêncio. Levantei-me por alguns instantes para observar a vista do outro lado. Rodney se levantou para me ajudar. Sua sombra se projetou sobre o topo da grande estrutura de pedra — uma sombra alta, de ombros estreitos e quadris um tanto largos que me pareceu vagamente familiar. Uma forma cortando o espaço. Sentamo-nos novamente, pusemos nossos chapéus de palha e olhamos um para o outro.

Subitamente, compreendi: uma sensação muito imediata e extraordinária de reconhecimento, reunida ao espanto de não ter percebido tudo antes. Este era o homem alto, o jovem alto, o menino alto, o amado.

— Você é meu irmão! Você é meu irmão! — gritei.

— Muito provavelmente — respondeu Rodney. — Você é muito, muito familiar para mim. Certamente há um vínculo cármico.

Fazia tanto tempo desde a última vez em que pensara em meu 'irmão' que o assunto havia se alojado no fundo da minha mente. Agora, porém, começou a borbulhar como um rio revolto, e quase gritei de alegria e satisfação pelo maravilhoso momento de re-união.

— O ar está cheio de anjos! — eu disse, meio chorando, meio rindo. Tinha a impressão de que presenças estranhas, benignas e desencarnadas nos rodeavam e nos tocavam com suas meigas asas.

Dali em diante, caminhamos sempre lado a lado, de mãos ou braços dados, nossos passos no mesmo ritmo, nossos pés sempre em harmonia. As conversas eram fáceis, livres e fluentes. Ele estava repleto de sabedoria, de bom senso.

— Não existe um 'deve' — ele disse, quando perguntei se deveria tomar certo curso de ação, se seria ou não benéfico.

"Tome o que quiser, e pague por isso" ele costumava dizer. "Há um momento para tudo, mas não há tempo a perder", aconselhava-me quando eu estava indevidamente apressada. "Não extravase tão facilmente, a menos que a pressão criativa esteja a sua volta", dizia quando eu mastigava resmas e resmas cheias de palavras em minha máquina de escrever portátil. "Espere. Você vai escrever sobre tudo isso mais tarde."

Esses comentários, talvez não muito notáveis devido ao contexto em que foram proferidos, foram para mim faróis luminosos, brilhando em certos intervalos ao longo dos muitos anos que se seguiram, toda vez que precisei ordenar meus pensamentos. Eles reverberavam em mim, com sua voz claramente recordada.

Logo depois, Rodney sugeriu que alguns de nós fizéssemos uma expedição que há muito tinha sido mencionada — ver o nascer do sol do alto do Popocatépetl. Popo e Izta, como as montanhas gêmeas de Iztaccihuatl eram afetuosamente chamadas, traduzem-se por Guerreiro Fumante e Mulher Adormecida. Aquele se parece com um índio mexicano envolto por um poncho, sempre fumando seu cachimbo — a tênue nuvem de fumaça azulada está sempre saindo da cratera do vulcão, que nunca se extinguiu completamente; esta se parece com uma mulher nua deitada de lado. O velho chefe aguarda tranquilamente o despertar de sua mulher.

Você pode dirigir por uma estrada de terra, atravessando cinzas vulcânicas, até chegar perto do Passo Cortês, de onde os conquistadores espanhóis contemplaram a cidade de Tenochtitlán pela primeira vez. Agora, ao se olhar daquela grande altitude, vê-se a colossal cidade moderna construída sobre os leitos ressequidos de um lago firmados em cinza vulcânica.

Rodney e eu fomos até o precipício íngreme para contemplar a cidade de mãos dadas, como de costume. Contudo, quando fui caminhando confiante, ele me surpreendeu ao recuar bruscamente, dizendo:

— Não olhe para baixo.

— Por que não?

Ele não respondeu. Deu dois ou três passos para trás. Soltei minha mão da dele, fui para a frente e olhei da beirada para a magnífica vista. O pequeno incidente ficou alojado em algum recôndito de minha mente, sendo lembrado claramente como algo muito significativo quando, apenas um ano depois, fomos surpreendidos com a maneira trágica e inesperada com que morreu.

Naquele dia, tudo parecia alegre e vivo. Subimos, deixando para trás o resto do grupo. Acima de nós, podíamos ver a linha nevada do cume se aproximando. Certa vez, Rodney subiu através da neve até o pico da montanha, mais de 5 700 metros acima do nível do mar, onde a grande cratera, com seus 1 500 metros de diâmetro, se abre. Lá do fundo, sobem rolos de fumaça de largas fissuras no leito plano e acinzentado. O ar é tão rarefeito, porém, que é preciso uma máscara de oxigênio. Rodney subiu sem levá-la, tendo de parar de tempos em tempos para encher plenamente os pulmões antes de prosseguir.

— Minha idéia era descer até a cratera e atravessá-la, como outros já fizeram — disse-me. — Mas aconteceu uma coisa meio estranha. A falta de oxigênio me afetou, pondo-me num estado de euforia, mas sem me permitir realizar meus planos. Após olhar para a cratera, lembrando-me de que, ao subir, achava que estava chegando perto do céu, comecei a pensar que estava olhando para a entrada principal de um lugar bem diferente! Por sorte, tive o bom senso de dar meia-volta e regressar.

Não chegamos perto da neve. Apesar de estar com disposição para subir, Rodney disse que já tínhamos ido suficientemente longe. O ar rarefeito, que já estava fazendo com que sentisse falta de ar, logo começaria a nos afetar em demasia.

A subida não era mais do que uma caminhada sinuosa. Ainda estávamos sob a meia-luz, bem no início da manhã. Ele nos levou a um ponto em que podíamos enxergar quilômetros e quilômetros de terra montanhosa desabitada, estranha e selvagem, como se estivéssemos noutro planeta, não na Terra. À distância, enquanto o céu se iluminava, o grande círculo cor de bronze do Sol começava a se erguer,

pulsando e vibrando no céu claro, por trás do grande pico de Orizaba, o ponto mais alto do México.

— ... como a dança de Shiva — disse, encantada.

Estava me lembrando dos *gunas* hindus e da tradição oriental, na qual ambos éramos bem versados. Ficamos afastados do resto do grupo, de mãos dadas, num profundo e privado silêncio, em comunhão com a natureza, um com o outro e com a glória do Deus Sol erguendo-se em seu majestoso silêncio.

Rodney sempre sustentou que, para nós aqui na Terra, o sol é Deus, pois sem sua luz e calor não haveria nenhuma vida orgânica na Terra. Ela seria uma esfera fria e escura, incapaz de sustentar qualquer forma de vida. Portanto, poderíamos e deveríamos adorar nosso Deus com humildade e reverência — apesar de ele não ser o rei de todo o universo.

Por falar em experiências de ápice, a minha foi uma. Senti que nada mais podia ser desejado, senão viver e trabalhar ao lado de meu amado irmão por todo o sempre.

Não percebi que estava entrando num estado de intensa euforia. As estranhas experiências dos últimos meses, junto com o efeito contínuo do ar mexicano, estavam me deixando permanentemente 'alta'. Notei que não conseguia mais dormir. Estava tão cheia de energia e de idéias que minha cabeça mal podia contê-las. A lógica e a razão estavam lentamente sendo substituídas por algo bem diferente.

Vendo meu jeito irrequieto, nada calmo, Rodney me levou para passar uma semana na *Tierra Caliente*, Cuernavaca. Lá, em meio às plantas semitropicais, as buganvílias, os jasmims brancos e fortemente perfumados, as árvores vermelho-fogo, as flores azuis e a beleza das árvores de copos de ouro, consegui descansar e relaxar num hotel turístico, à sombra das árvores próximas de uma piscina.

Em vez de estudar, escrever ou relaxar à beira da piscina, vi-me sociável e tagarela ao extremo, conversando com os turistas americanos, visitando o mercado e mantendo longas e estranhas vigílias nas ornamentadas igrejas católicas.

Rodney dizia que é importante rezar, e o fazia constantemente. Acendia velas e me ajoelhava ao lado dos mexicanos, que rezam apressadamente, entrando na igreja no caminho para o mercado para acender suas velas e pedir bênçãos à Virgem Maria. Como o catolicismo romano foi imposto à força, após a conquista espanhola, esse é, tecnicamente, um país católico. Mas uma mescla de antigos conhecimentos e antigas superstições parece animar os fiéis. Nos dias de *fiesta*, dançam durante horas nas *plazas*, bebendo *pulque* — a matéria-prima com a qual se faz a mescalina — até que as portas internas da mente se abram e seus corpos atinjam finalmente o estado de exaustão. Depois disso, normalmente entram na igreja, ajoelham-se e veneram o Deus cristão, pedindo a Nossa Senhora perdão por seus pecados.

Essa curiosa mistura de paganismo e cristianismo enche as igrejas com uma atmosfera extraordinária. Minha tentativa de fazer uma prece que fosse bem além da pouco sofisticada técnica de 'escutar Deus' pôs-me num curioso estado de dúvida e confusão.

Tive a impressão de descer de minha exaltada adoração por Rodney e todos os seus livros e de analisá-lo em contraste com uma série de eventos que ainda não descrevi nesta narrativa.

Pouco antes de minha chegada, havia entrado nos círculos próximos a Rodney uma bela mulher mexicana chamada Mema Dickins. Seu marido, Toby Dickins, era da família Dickins e Jones. Ele trabalhava para a Kodak na Cidade do México. Ele costumava dizer que um amigo seu lhe mostrara a fotografia de Mema muitos anos antes na Inglaterra, e que ele disse na hora que aquela era a mulher com quem iria se casar. Ele foi para o México expressamente para procurá-la, e a conheceu. Estavam casados há anos, e tinham três filhos adolescentes.

Mema era católica devota. Era também médium natural. Era seu hábito comungar todos os dias e se confessar regularmente.

De acordo com sua própria história, Mema começou a receber a visita de um homem que lhe aparecia por meio da clarividência, ordenando-lhe: "Procure o filósofo

Rodney Collin". Durante algum tempo, ela ignorou ou simplesmente não se afetou por essa ordem. Mais tarde, porém, contou o incidente a seu confessor. Ele reconheceu o nome de Collin, sabia que este residia na Cidade do México e descobriu seu endereço. Ele aconselhou Mema a obedecer 'a voz' e a ir procurá-lo para ver no que daria.

Quando Mema entrou pela primeira vez no estúdio de Rodney, viu o grande retrato de O. que adornava a parede e exclamou:

— Esse é o homem que me enviou!

Ela reconheceu o rosto, sem nada saber, aparentemente, sobre o homem que representava. Mema então passou a dar uma série de 'mensagens' a Rodney, supostamente vindas de O., de Gurdjieff e depois de outras personalidades, geralmente históricas.

Rodney a recebeu com sua graça infantil. Ela se tornou uma visitante diária. Transmitia mensagens de profundidade e valor variado a todos os membros do grupo.

O grupo tinha se desorganizado por causa de sua aparição, de certo modo, antes de minha chegada, e foi ela a verdadeira razão para o abandono da casa comunitária em Tlalpam e para a mudança para o apartamento em Rio Nazas. Algumas pessoas não gostavam de ver Mema por perto, e desconfiavam de cada palavra que saía de sua boca. Outras eram incapazes de diferenciar as palavras e opiniões da própria Mema Dickins e as palavras que fluíam através dela, sabe-se lá de que fonte ou de que níveis de diferentes fontes.

Um núcleo coeso de seguidores, centralizado principalmente em Janet, achava que tinha recebido uma linha direta para o Todo-Poderoso, e adorava o oráculo com reverência crescente. Seu comentário mais banal ou cotidiano era visto como uma ordem dos mestres, sendo posto em prática com estardalhaço. A observação "você não deveria comer tanto creme" era traduzida como "sr. Ouspensky diz que não devemos comer creme". Quando comentou, numa exposição de arte, que Turner era

pálido e incompreensível, isso se transformou em "sr. Ouspensky não aprova o estilo de Turner".

Certo dia, enquanto passava algumas semanas no apartamento, estava sentada lendo quando ouvi os passos de um homem que se aproximava da longa sala de estar. Olhando por sobre o livro, fiquei atônita ao perceber que o 'homem' era, na verdade, Mema, caminhando com um passo pesado e calculado, diferente de seu caminhar feminino, de passos curtos. Tomando de uma cadeira à minha frente, ela se sentou com os joelhos afastados, numa postura nada característica para uma mulher tão feminina, e, com suas mãos plantadas firmemente sobre os joelhos, pôs-se a me observar. Olhando-a com certa surpresa, percebi que seu rosto estava se transformando gradualmente no de Gurdjieff. Numa voz gutural, o fenômeno se dirigiu a mim. O impacto das palavras foi menos profundo do que o da aparição. Ele/ela me disse que eu era vã e arrogante, que eu só escrevia livros porque queria aplausos, e que deveria usar bijuterias pesadas, em vez dos colares e pulseiras leves que usava.

Poucos instantes depois, Mema cruzou as pernas, relaxou as mãos sobre o colo, olhou-me de modo absolutamente normal e me perguntou se tivera um bom dia e se o livro que estava lendo era interessante.

Tantas e variadas foram as experiências de todos os tipos que estava recebendo naquela época, que o fenômeno Mema Dickins pareceu se encaixar, a princípio, em um de diversos, novos e interessantes desdobramentos, e não dei ao assunto muita atenção. Contudo, Mema iria se mostrar, mais tarde, um desastre para Rodney.

Ocorreu-me que muitas das pessoas que faziam parte do grupo de Rodney não mais o freqüentavam. Quando alguém perguntava sobre elas, recebia respostas evasivas. Elas foram varridas para debaixo do tapete com comentários do tipo "não concordaram com o modo como a Obra estava sendo conduzida".

Apesar de a maioria dos visitantes de fora estarem aparentemente interessados nos livros de Rodney e nas idéias da Obra, havia um círculo fechado em

torno de Rodney a cujo respeito eu estava um tanto insegura. Eram mexicanos, na maioria, e Mema Dickins era o centro de seu trabalho. Eles se reuniam no estúdio de Rodney a portas fechadas, gravando alguma coisa em fita. Não fui convidada a fazer parte desse grupo, e como as conversas devem ter sido em espanhol, isso me pareceu natural e não me aborreceu nem um pouco. Tinha mais do que o suficiente com que me preocupar para querer fazer parte de um pequeno grupo que, evidentemente, estava trabalhando junto há algum tempo em algum projeto específico. Mas logo comecei a descobrir que as atividades desse grupo é que causaram o desaparecimento de muitos dos seguidores originais.

Um dia, Rodney me disse que, com o advento de Mema, seria possível descobrir os vestígios da Escola do Quarto Caminho ao longo das eras, formando um documento que teria grande valor no futuro. Ele tinha a intenção de partir em breve para a Europa e o Oriente Médio, para acompanhar evidências que estariam se acumulando. Era um projeto interessante, e teria gostado de fazer parte dele. Contudo, estava claro que precisaria voltar logo para minha casa, para meu marido e minha filha.

Quando fui de Cuernavaca para a Cidade do México, também estava num estado mental mais tranquilo. Comecei a meditar bastante sobre alguns aspectos do trabalho e atividades de Rodney e sobre o que poderia estar acontecendo pessoalmente com ele. Ele parecia muito cansado. Ainda estava trabalhando vigorosa e continuamente, mas tive a impressão de que seus recursos estariam, de algum modo, se esgotando. Ele adquirira o hábito de se colocar à disposição de todos, chegando a sair da mesa ou da cama para atender a todos os que pedissem para vê-lo. Certa vez, vendo-o deixar o almoço novamente na mesa para conversar com uma senhora bastante tagarela, cujos propósitos não pareciam merecer tanta atenção, perguntei-lhe se ele não deveria descansar mais, terminando suas refeições sossegadamente e pedir que eu ou alguma outra pessoa mantivesse seus visitantes a certa distância.

— Quanto mais se exige de mim, melhor — respondeu. — Tenho de fazer o que preciso fazer.

— E o que é isso?

— Obedecer à vontade de O.

Quis perguntar-lhe alguma coisa a respeito de sua própria vontade, suas próprias necessidades, sua própria contribuição para a Obra. Mas havia uma expressão de não-me-toque em seu rosto que eu estava começando a conhecer bem, e achei melhor não fazer mais nenhum comentário. Ao mesmo tempo, a idéia de obedecer à vontade de um mestre do além me causava um pouco de desconforto. Imaginei que ele podia perder seu senso de direção se continuasse assim.

Voamos da Cidade do México juntos e nos separamos em Nova York. Rodney, Janet e Chloe, Mema e um ou dois outros foram a Paris, e eu a Londres.

Chloe era uma moça de 18 anos muito bonita, animada, mas bastante flexível e obediente. Ela adorava seu pai. Já fazia algum tempo que Mema e Janet estavam pensando que Chloe poderia se casar com Tony, o filho mais velho de Toby e Mema, que tinha a mesma idade e estava no último ano do colégio na Inglaterra. Esse casamento seria, segundo elas, da vontade de O. e de G. O jovem casal levaria a cabo a Obra quando chegasse o momento. Chloe não foi consultada a respeito, mas seria levada, aparentemente de maneira complacente, na direção de um eventual casamento com esse rapaz apresentável e agradável, quando fosse a hora.

Contudo, nos últimos meses, ela estava chamando a atenção dos rapazes do Colégio Americano da Cidade do México, que freqüentava em meio período. Eles queriam sair com ela. Lembro-me em particular de um belo jovem que se ofereceu para ensiná-la a dirigir. Todos os pedidos de Chloe para aceitar esse convite bastante inócuo foram vetados por Mema e por sua mãe, que a mantinham bastante ocupada em casa e na obra do Planetário, lembrando-lhe constantemente de que estava comprometida. Pensei um pouco nisso, mas não dei muita importância a esse

casamento arranjado. Supus que Chloe se manifestaria e faria sua própria vontade na hora certa, se necessário.

Voltei para casa, tendo perdido todo o meu peso extra, confiante e com uma sensação renovada de propósitos, mas não mais num estado de excitação. Fui procurar Francis Roles e lhe perguntei se podia voltar a frequentar os encontros londrinos. Após hesitar, concordou, desde que eu não distraísse seus seguidores contando-lhes algo sobre a Obra no México, pois "Rodney está seguindo um caminho completamente diferente".

Quando falei disso a Elsie Abercrombie, ela observou, na linguagem franca que empregava quando se exasperava com Roles:

— Que diabo isso importa, desde que siga um caminho! Francis está se fechando completamente numa caixa formada por suas próprias opiniões!

Algumas semanas depois, Rodney escreveu de Atenas pedindo que Derry e eu fôssemos encontrá-lo e a seu grupo em Roma numa certa data. Essa data seria um feriado para Derry. Por algum motivo, porém, Rodney escrevera na carta uma data completamente diferente para esse encontro, e por isso nos desencontramos, não conseguimos nos comunicar e o encontro planejado e os feriados em conjunto não aconteceram. Mais tarde, ele disse:

— Evidentemente, O. não quis que acontecesse.

Por sua vez, ele, Janet e Mema foram para a Inglaterra passar um mês para visitar todos os amigos.

Quando chegaram, Chloe não estava com eles. Fora deixada num colégio interno próximo a Paris. "O. e G." teriam aconselhado ou desejado que ela fosse matriculada lá para aprender latim e grego, de forma a poder ajudar Rodney em seu trabalho. Como estava acostumada a se vestir e a se maquiar como uma adolescente americana, essa súbita reversão ao *status* de ginásiana — uniforme, meias brancas compridas, rosto limpo e unhas sem esmalte — deve ter sido bem difícil para ela. Permitiram-lhe passar o Natal com Derry, Ann e comigo em Westerham. Ela estava

corajosamente alegre e se dedicando bastante à tarefa que lhe fora imposta. Mas ela parecia tão estressada por causa das condições espartanas do internato e tão excessivamente contente em nos ver, que achei que deveria estar muito triste na França.

Apesar de inteligente e bastante criativa em termos artísticos, não era muito estudiosa ou erudita, e, com quase toda a certeza, não teria optado por dedicar um ano ao estudo do latim e do grego.

Chloe receberia uma herança considerável após a morte de sua mãe. Tony herdaria pouco, pois os escassos recursos de seu pai seriam divididos entre diversos filhos, e Mema nada possuía de seu. As 'vozes' de Mema manipularam um par bastante interessante para Tony. Seria essencial para os planos que ela fosse mantida no gelo em algum lugar seguro até que o rapaz estivesse pronto para ela. Esse pensamento, quando me ocorreu, parecia um pouco desleal para com Rodney e Janet, que presumivelmente estavam querendo o melhor para sua adorada filha única. Ao mesmo tempo, me aborrecia. Eles tinham carinho um pelo outro e fariam um casamento perfeitamente compatível. Mas não era um caso de amor espontâneo. Incentivavam os dois a trocar correspondência regularmente, mas não se percebia um brilho no olhar quando as cartas de garoto colegial de Tony chegavam. Ela aceitava a situação como uma menina obediente e dócil.

No final de 1955, Rodney, Janet e Mema voltaram novamente à Inglaterra e se hospedaram num hotel à beira-mar, o Adelphi, em Brighton, não muito longe da casa em que Rodney e Derry passaram a infância. Fui passar uma tarde com eles. Rodney me escrevera uma série de longas cartas durante suas viagens, das quais alguns trechos aparecem em *A teoria da harmonia consciente*. Lendo algumas delas, deduzi que o oráculo direcionara o grupo e teria lhes mostrado algumas coisas interessantes. Estiveram em Paris; em Sevilha, durante a Semana Santa; em Atenas; novamente em Roma; em Istambul; e mais uma vez em Roma, em resposta às mensagens que Mema estavam transmitindo.

Rodney achou que descobrira traços da "escola" em alguns lugares, e escreveu bastante sobre Cosimo de Medici, a Casa de Lorraine e Leonardo da Vinci, além de numerosas outras figuras históricas bem conhecidas, em particular artistas e escritores, que ele afirmava terem sido "gente da escola". As vozes de Mema os enviou a vários lugares, para buscarem pistas, fazerem descobertas, que seriam parte de um vasto e complexo padrão de atividades ocultas subterrâneas, estendendo-se a áreas políticas, literárias e artísticas ao longo de muitas gerações. Na verdade, tinham tocado em muitos dos ramos do esoterismo que mais tarde seriam descobertos e diligentemente pesquisados por James Webb para seus três livros: *O vôo da razão*, *A instituição oculta* e *O círculo harmônico*. Até certo ponto, eles se superpõem às investigações e conclusões levemente diferentes de Henry Lincoln, Richard Leigh e Michael Baigent em seu livro *The holy blood and the holy grail* (*O sangue sagrado e o cálice sagrado*).

Rodney estava ao mesmo tempo excitado e um pouco aborrecido com suas descobertas. Tal como ocorre com a maioria dos médiuns, as 'mensagens' de Mema tinham a tendência de variar em precisão. Elas consistiam em algo como: volte a Roma. Vá a tal e tal biblioteca. Em tal posição, em tal prateleira, o terceiro volume da esquerda para a direita está encadernado em couro vermelho. Seu título é assim e assado. Vá à página tal e tal e você lera como o Quarto Caminho chegou em Florença e os nomes daqueles que o levaram à família Medici.

O grupo todo voltaria de avião, a um custo considerável, de outro local de pesquisa — Irã, por exemplo. A biblioteca seria localizada, a prateleira encontrada, e, com certeza, o livro tinha o nome dado. Ao abri-lo, porém, via-se que tratava de um assunto diferente, e em nenhum lugar continha qualquer referência ao tema mencionado.

Como se vê, a pesquisa estava ficando cada vez mais frustrante, como se um personagem de desenho animado, não um alto mestre, estivesse levando-os a executar uma dança, divertindo-se com sua obediência e simplicidade.

Naquela época, eu tinha muito menos experiência com a mediunidade do que tenho hoje, e estava tão intrigada quanto Rodney com o estranho fenômeno. Confesso, porém, que o processo estava fatigando Rodney desnecessariamente; no final, poderia acabar se mostrando uma completa perda de tempo.

Disso tudo, proveio algo de interesse para mim. Quando Mema me ouviu dizer que sempre estive interessada em tudo que vinha do Tibete, entrou subitamente em um de seus semitranses e disse:

— Claro, pois você nasceu lá certa vez. Foi em 1620. Seu nome era HAON.

Ela anotou esses dados num pedaço de papel. Tomando novamente a caneta, escreveu rapidamente algumas palavras com aquilo que Rodney descreveu como uma mão do século XVIII e a assinou Ivan Ivanovitch. A mensagem arrepiou meus cabelos. Toda a minha vida, ouvi o nome Ivan Ivanovitch, tendo-o usado como uma espécie de encantamento ou invocação quando criança, pensando que se tratasse de um nome poderoso. Ele conseguia fazer com que me livrasse de coisas que não queria fazer, deixando tudo a meu favor: "Ivan Ivanovitch, faça com que eu tenha catapora para não ter de ir àquela festa". "Ajude-me a encontrar meu estojo de lápis." "Faça com que eu passe de ano."

Quando questionada, Mema disse que Ivan Ivanovitch era "um dos professores de Gurdjieff, muito alto e louro, usava uma túnica azulada abotoada até o pescoço, tinha olhos muito azuis". Perguntei a Rodney se ele podia confirmar esses dados, e numa carta ele me escreveu: "Ivan Ivanovitch, segundo nos disseram, foi uma figura misteriosa que veio do Tibete no começo do século XIX, passando de forma oculta por escolas na Sicília, em Florença e em Roma, que teria inspirado Ibsen, Stevenson e Nietzsche, retornando à Rússia em torno de 1885; deu a Krilov suas fábulas, ajudou Philemon a traduzir o *Philokalia*, moldou o balé russo, ensinou a avó de Ouspensky e Gurdjieff quando jovem, e desapareceu nas vésperas da guerra de 1914". Não me senti muito segura quanto à existência histórica dessa 'figura misteriosa', mas mantive a mente aberta durante um bom tempo. Rodney estava bem tranquilo e complacente

com relação a essas 'mensagens'. Estava convencido de que fazia um trabalho bom e útil, completamente de acordo com os desejos de seu mestre. Contudo, as 'vozes' ficaram mais estranhas e descontroladas, e em Brighton ele acrescentou, aparentemente ignorando como soava estranha aquela declaração vinda de um homem anteriormente dotado de considerável inteligência e discriminação: "Ivan Ivanovitch é Mestre Atlas, que segura o mundo. Ele também foi São Lucas, o professor de Cléofas e Simão, discípulos de Emaús. Foi ainda São Cristóvão, o professor dos santos Cosme e Damião. Como Ivan Ivanovitch, foi professor de Gurdjieff e Ouspensky. Foi o professor desconhecido de Kunrath e Dee. Os nomes mudam com os séculos, mas os seres são eternos. Ele também foi o 'outro discípulo', conhecido do Sumo Sacerdote. E esteve conosco recentemente, na Paris do século XX".

Essa considerável mixórdia de informações me deixou extremamente inquieta e insegura. Há, de fato, dois santos menores da Igreja Menor reconhecidos pela Igreja Católica Romana com o nome de Cosme e Damião, que trabalharam juntos em atividades médicas — e Ouspensky teria aparentemente sido batizado Piotr Damianovitch a pedido de sua avó. Havia, portanto, um vínculo tênue com o nome de Damião e com as igrejas da Igreja Menor, as igrejas tradicionalmente provenientes de São João e de Madalena, que apareciam em algumas das 'mensagens' de Mema. Mas o padrão que se assentava por trás disso vinha de uma teoria sombria e misteriosa.

Rodney e eu caminhamos de lá para cá à beira d'água em Brighton, conversando sobre esses temas.

— Assim que tivermos transcrito tudo isso, mandarei as fitas para que você as ouça — disse ele.

Na verdade, o tempo era muito escasso. Nunca as ouvi.

Caminhamos de volta para o Hotel Adelphi, e quando já havia me despedido do resto do grupo, dei-lhe um beijo de partida. Ficamos na varanda por alguns momentos, banhados pelo sol, num silencioso abraço. Quando me afastei, olhei-o mais uma vez.

Contrariamente à razão, a minha 'voz interior', então já familiar, me disse: "... a última vez".

Ele estava então com 47 anos, e eu com 37. Parecia muito pouco provável.

Titubeei, depois virei-me e entrei em meu carro.

Nunca mais o vi com vida.

6

Chloe escreveu do internato no início de 1956: "Mamãe e papai foram para o Peru visitar o grupo do papai em Lima".

Rodney ainda mantinha vínculos com diversas pessoas e, apesar de ter aparentemente menos seguidores do que antes e de não estar dando tantas palestras, ainda estava em ação, e mantinha uma enorme troca de correspondência. Logo, não havia nada de incomum nessa comunicação. Entretanto, ao ler as palavras, sentada à mesa da cozinha ao lado de uma xícara matinal de café, fui imediatamente tomada por um sentimento irracional de medo.

Em meio a muitos sonhos precognitivos, memórias aparentes e coisas meio lembradas, meio esquecidas da infância, havia a plena convicção de que eu deveria morrer no Peru. Na verdade, nunca visitei esse país, e agora me parece improvável que seja essa a terra onde morrerei. Mas o "devo morrer lá" me veio à mente na hora, e foi traduzido como "ele deve morrer lá". Fiquei sentada imóvel, rígida, cheia de terror e de uma sensação de inevitabilidade e impotência. Não sabia bem o que esperar. Mas sabia que seria o fim.

Rodney, Janet, Mema e mais umas duas ou três pessoas vieram da cidade do México, visitaram algumas pessoas em Lima e depois tomaram um pequeno avião para ir até a antiga cidade montanhosa de Cuzco, que, para os peruanos, era o 'umbigo do mundo'.

Antes de sair de casa, Rodney passara um bom tempo colocando os seus negócios em ordem. Em resposta às perguntas de Janet sobre essa excessiva preocupação com detalhes de sua papelada e negócios pessoais, ele disse:

— Está para acontecer algo novo, mas não sei o que é. Temos de estar preparados.

Mais tarde, Janet me escreveu dizendo que se preocupava a meses com a saúde dele. Ele sempre teve certa propensão para desmaios. Mas isso costuma acontecer com pessoas altas: Derry e eu também temos esse pequeno problema e não damos muita importância a ele.

Contudo, ele tivera uma série de *blackouts* bastante prolongados, especialmente após as longas e exaustivas caminhadas que ainda fazia ocasionalmente. Certa ocasião, ele estava levando um grupo desde a obra do planetário até Zocalo, a praça da Catedral no centro da cidade do México, numa distância de mais de 35 quilômetros, sob calor intenso. Sua intenção era que todos acabassem essa expedição de joelhos diante da catedral, pois a adoração de Cristo e de Nossa Senhora o estavam agora preocupando cada vez mais. Recentemente fora recebido pela Igreja Católica Romana, seguindo a instigação de Mema. Ele passava longos períodos rezando.

No entanto, nesse dia ele desmaiou como morto bem na frente da catedral, e só recuperou a consciência uns 20 minutos depois. Obviamente, isso era anormal e causa de preocupação, pois o desmaio comum devido ao calor ou à fadiga dura apenas alguns segundos. Quando finalmente voltou a si, insistiu em entrar na catedral para completar sua planejada vigília.

Quando se voa para Cuzco num avião pequeno sem pressurização, faz-se necessário usar uma máscara de oxigênio devido à grande altitude, mas, em certo ponto, Janet virou-se para falar com ele e descobriu que a máscara caíra de seu rosto — ele deveria a estar segurando. Estava dormindo ou inconsciente. Ela conseguiu acordá-lo, apesar do tamanho reduzido da cabine e segurou a máscara para ele na posição correta até pousarem.

O longo relato que Janet fez dos acontecimentos subseqüentes, o qual ainda tenho, descreve com detalhes todos os eventos dos três dias seguintes. Ela escreveu

versões com leves variações para alguns outros amigos na Inglaterra e para Francis Roles. Outras pessoas — que rapidamente expressaram sua opinião, apesar de não terem estado lá — acrescentaram adornos pessoais à história, de modo que cartas e longas narrativas voaram de lá para cá entre o México e Londres durante algum tempo.

Na primeira noite em Cuzco, Rodney tomou dois comprimidos de Coramina contra o enjôo causado pela altitude. Isto surpreendeu Janet, pois para ele era regra não tomar qualquer tipo de medicação. Estava acostumado a suportar a dor, tal como a dor na nuca e ombros causada por estresse, do qual ambos tendíamos a sofrer quando muito cansados, com o comentário de que isso era "necessário" ou então que "O. quer assim". Contudo, ela não fez nenhum comentário a respeito do remédio.

No dia seguinte, eles deram uma volta na antiga cidade e fizeram arranjos para serem levados até as ruínas incas nas colinas. Esta era uma excursão que ele tinha aguardado com grande prazer, pois sempre esteve profundamente envolvido com a idéia de civilizações do passado.

No final da manhã, visitaram a catedral espanhola em Cuzco. Enquanto estavam lá, Rodney subitamente exclamou alguma coisa, como se tivesse reconhecido algo muito significativo. Na verdade, fizera contato visual com um pequeno garoto camponês, aleijado e aparentemente indigente. O Peru tem muitos deles, e não havia ajuda oficial para esse problema. Eles sobreviviam pedindo esmola ou de algum outro modo.

Rodney disse: "Vi o menino". Mema pareceu saber do que ele falava, mas Janet confessou não ter se alterado pela visível emoção no rosto de Rodney. Sem nada conversar com o garoto naquele momento, Rodney se afastou. Mas o menino o seguiu, apoiando-se em suas muletas, como se também estivesse ciente de seu destino. Assumiu uma posição do lado de fora do hotel e ainda estava lá depois que o grupo retornou, descansou e saiu de novo.

Neste momento, Rodney se aproximou do menino, pegou-o pela mão e conversou com ele. Ficaram falando em particular durante alguns minutos. Ele se identificou como Modesto. Rodney lhe disse para acompanhá-lo. A visão do grupo de americanos e ingleses já havia atraído certa atenção, e agora mendigos e turistas se amontoavam à volta de Rodney. Naturalmente, há a tendência, em países muito pobres das pessoas que não conseguem se alimentar ou se vestir esperarem gestos grandiosos dos visitantes, que para eles dão a impressão de serem minas de ouro. Ao ver o inglês alto e o aleijado Modesto andando de mãos dadas, a multidão foi se aglomerando, evidentemente animada pela curiosa cena e à espera de dinheiro.

O relato de Janet diz que Rodney parou subitamente, olhou à sua volta e disse:

— Vocês precisam fazer as coisas por si mesmos. Vocês precisam fazer algo uns pelos outros. Vocês devem dar uns aos outros.

Uma voz na multidão disse, com desdém:

— Isso é muito fácil para o senhor dizer. Você é rico. Mas nós somos pobres. Não temos nada para dar.

Rodney respondeu:

— Todos têm alguma coisa para dar. Todos podem dar um sorriso, uma palavra gentil.

Depois, fez o melhor que podia para desestimulá-los a segui-lo tão de perto e levou Modesto com ele. Comprou-lhe uma camisa e calças para substituir seus andrajos. Vendo que estava sujo, levou-o até uma fonte próxima e lavou o corpinho esquelético. Tirou sua própria camisa e o secou. Já vestido, levou o menino para uma cantina e lhe pagou uma refeição, que ele devorou com fúria.

Limpo e nutrido, o garoto sorridente seguiu Rodney e ficou novamente de vigília do lado de fora do hotel. Mais tarde, Rodney contou a Janet que o menino vivia na torre do sino da catedral, dormindo ali num estrado de palha e ganhando alguns pesos dos sacerdotes para badalar os sinos para eles.

No decorrer daquela noite, Janet, que estava dormindo profundamente, foi acordada por Rodney, que parecia estar inquieto. Em resposta à ansiedade de Janet, que lhe perguntou se estava passando mal, disse:

— Fiz algo errado. Era tão importante para mim que Modesto se curasse que teria oferecido minha própria vida em seu lugar. Agora, de súbito, percebi que estava preparado para outra tarefa.

Para acalmá-lo, Janet respondeu:

— Se há alguma outra tarefa a fazer, você irá descobrir, e nenhuma palavra que se possa dizer fará qualquer diferença.

Ela continuou a tentar acalmá-lo. Agitado, disse:

— Invoquei a Trindade. Se você faz isso, consegue aquilo que pede.

Janet finalmente o acalmou, e ele voltou para cama e dormiu. Pela manhã, Modesto estava novamente na entrada do hotel e os seguiu, mas aparentemente Rodney não conversou com ele.

Após o almoço, os membros do grupo voltaram para os seus quartos para fazer a *siesta*, preparando-se para o árduo dia de visita às ruínas incas que se seguiria. Com o calor do início da tarde, Janet dormiu profundamente em sua cama, enquanto Rodney dormia na outra. Ela acordou assustada quando o relógio da catedral bateu as três da tarde. Ao olhar para a cama de Rodney, viu que estava vazia.

Quinze minutos mais tarde, exatamente às 15h15, um rapaz que dirigia seu carro pela praça da catedral olhou para o relógio da torre a fim de acertar o do seu pulso. Quando o fez, viu um corpo projetando-se da torre do sino. De acordo com sua história durante o inquérito policial subsequente, Rodney caiu ou saltou para a frente, de cabeça para cima, com os braços bem abertos. Aparentemente, deu um giro no ar, seu rosto olhando para cima. Atingiu o chão com os pés, morrendo instantaneamente.

... interessante observar que, como a cabeça é a parte mais pesada do corpo humano, os corpos inconscientes tendem a cair de cabeça durante uma longa queda, sendo por isso incomum que os pés atinjam o chão primeiro. Presume-se que ele

estaria consciente. Mais tarde, a autópsia confirmou que a espinha tinha comprimido o cérebro. Outra testemunha disse que o tinha visto caindo em posição vertical, com os braços estendidos em forma de cruz e a cabeça para trás, como se olhasse para o céu.

A perna direita de Rodney se quebrou na queda, e quando Janet viu o corpo no hospital local, um pouco depois, ficou impressionada pelo fato de a perna quebrada estar encolhida, dando-lhe a mesma aparência da perna curta de Modesto, o garoto aleijado.

O corpo foi removido para a casa de um dos seguidores de Rodney, onde a sala de visitas foi rapidamente convertida numa *chapelk ardent*, um velório. Surgiu um padre franciscano, e durante toda a noite Janet, Mema e o restante do grupo ficaram rezando ajoelhados em volta do caixão negro apoiado sobre pequenas colunas, com uma janela de vidro na tampa pela qual se podia ver o rosto de Rodney. Acharam que estava sorrindo. Após os breves procedimentos policiais e médicos no dia seguinte, ele foi enterrado num dos cantos do cemitério da catedral, num dos ângulos da parede da velha igreja, entre roseiras. O grupo silencioso, com Janet esgotada de tanto chorar, retornou novamente para o México. O *Daily Telegraph* publicou um breve obituário baseado em seus livros publicados.

Durante cinco semanas, não houve sinal de Modesto, e as autoridades aparentemente perderam o interesse em localizá-lo. Então, certo dia, ele foi visto mancando na praça da catedral, voltando para seu abrigo na torre do sino. O padre foi encontrado, a polícia avisada e ele foi levado para um interrogatório. Parecia aterrorizado. Disse que tinha ficado escondido nas colinas, com medo de ir para casa.

— Por quê?

— Porque o deus-homem disse que iria me curar, e então ele morreu. Eles vão dizer que o matei.

Pelo que pôde ser obtido daquele menino assustado, Rodney saiu do hotel por volta das três da tarde, pegou-o pela mão e foi com ele até a catedral. Subiram a

escada em espiral juntos e entraram na sala da torre. De lá, uma ampla vista incluía uma gigantesca estátua de Jesus Cristo, que fica sobre uma pequena colina na parte alta da cidade.

De modo nada típico, Rodney — cujo medo de altura já foi mencionado — se sentou na janela da torre, sob a qual ficava, muito abaixo, a praça da catedral. Sentados juntos, ele começou a dizer a Modesto como Jesus Cristo ama todos os Seus filhos, e a dizer que Jesus o curaria e faria com que andasse sobre duas pernas, tal como as outras pessoas.

Após alguns minutos de conversa, Rodney se levantou. Inclinou-se para a frente pela abertura e caiu. Interrogado, o garotinho, obviamente ainda temendo algum destino terrível nas mãos da polícia, sugeriu que ele poderia ter batido a cabeça na parte superior da janela quando se levantou. Poderia ter batido a cabeça e caído. Ele exclamou algo antes de cair. Ele pode ter ficado tonto, zozzo. Ele pode ter saltado. A única coisa de que tinha certeza, e que ficou repetindo chorosamente, é que o deus-homem tinha dito que sua perna ficaria boa. Mas isso não aconteceu.

De um modo estranho, porém, a promessa acabou se concretizando parcialmente. Muitos dos amigos e devotos de Rodney doaram dinheiro para que se abrisse um orfanato e uma clínica infantil em Cuzco. Modesto e outras crianças abandonadas foram para lá. A perna de Modesto foi operada e, ao que parece, melhorou bastante, permitindo-lhe caminhar com relativa normalidade.

*[Ver meu "Beloved Icarus" ("Amado Ócaro"), *Astrological Journal*, outono de 1971, vol. XIII, nº 4. Um curioso desdobramento desse evento, e em particular da aparente convicção de Rodney de que teria feito algo que acabaria resultando na cura de Modesto através de sua 'invocação da Trindade', está na crença das pessoas do lugar de que teriam visto Modesto saindo *correndo* da catedral, atravessando a praça, logo depois da queda de Rodney. Ele sempre precisou de muletas para caminhar. Ninguém do grupo de Janet viu isso, mas a história se tornou parte do folclore local. O milagre, se aconteceu, não durou. Permanece um mistério inexplicado, mas interessante.]*

No dia seguinte à morte de Rodney, Derry e eu recebemos um telegrama de Janet dando os detalhes essenciais, pedindo-me para que eu fosse a Paris contar a notícia para Chloe. Fiquei desesperada. Andei de cômodo em cômodo da casa chorando histericamente. Derry, que tinha perdido seu único e tão amado irmão, foi uma torre de força, controlando sua própria dor numa tentativa de me consolar.

— Esperei minha vida toda. Só o tive por dois anos — eu chorava. — Não posso viver sem ele. Quero morrer também. Era eu que deveria ter morrido no Peru.

Enquanto fazia uma mala pequena, Derry telefonou para Heathrow para fazer uma reserva para mim em um voo para Paris. Chorei no avião de modo tão incontrolável que a aeromoça foi ver se eu estava doente. Cheguei tarde da noite. Seria impossível ir até a Notre Dame des Oiseaux antes da manhã seguinte. O internato ficava numa antiga mansão que tinha sido a residência de Chateaubriand, a quem Mema identificava como homem da 'escola'. Ficava a certa distância da cidade, e por isso me hospedei num hotel.

Rodney morreu no dia três de maio. Agora estávamos no dia cinco, e Paris estava quente demais para a época. Durante quase toda a noite, fiquei andando de um lado para o outro no meu quarto por causa do calor, tentando me refrescar ao lado das janelas abertas, que davam para a Rue des Saints Pères e a Rue Jacob, ou ajoelhada ao lado da cama na tentativa de obter ajuda ou confiança, antes de ter de me defrontar com minha jovem sobrinha e consolá-la na manhã seguinte.

Eu estava quase certa de que a morte fora prematura. Contudo, havia nela certa inevitabilidade. Aos 48 anos, sua vida parece ter sido completa. O trabalho que podia fazer foi feito de modo correto e diligente. Contudo, nos últimos meses, parecia ter perdido contato com as antigas realidades e ter-se transformado em alguém que não conseguia mais viver e trabalhar neste mundo.

Em dado momento da madrugada, ajoelhada com a cabeça entre meus braços, exausta de tanto chorar, ouvi uma voz. Parecia vir de fora de mim. Ouvi as palavras: "Está tudo bem. Diga-lhe que está tudo bem". Fiquei sobressaltada. Tinha ouvido

'vozes' diversas vezes antes, a maior parte no México, onde as aceitei como parte das estranhas experiências que tive lá. Desta vez em diante, porém, passaram a fazer parte ocasional de minha vida cotidiana. Nessa ocasião, não houve novas 'comunicações', e não consegui identificar a fonte da voz. Contudo, ela me deu a sensação de não estar completamente só. Consegui me acalmar interiormente, viajando calmamente até o internato pela manhã.

Passei quatro dias com Chloe. As freiras foram excepcionalmente caridosas, encomendando um réquiem por Rodney e incentivando minha sobrinha e eu a ficarmos juntas. Deram-me um quarto em sua ala de hóspedes. De dia, caminhávamos ou nos sentávamos ora na grama, ora numa mesa de pedra sob lilases plenamente desabrochados, onde Chateaubriand teria se sentado para trabalhar em dias ensolarados há muitas primaveras. O forte aroma dos lilases ainda me levam a esses primeiros dias de luto por meu irmão.

Chloe estava inconformada com os eventos, mas muito corajosa. Dizia: "Por quê? Por quê?" E depois, com aceitação infantil, decidiu que era da vontade de Deus que seu amado pai morresse inesperadamente, e que Ele mudara de idéia quanto a querer que ela aprendesse latim e grego para trabalhar com ele. Ela achava que devia ir para casa. Tive de contê-la enquanto aguardávamos as instruções de Janet.

Quando chegaram, numa longa carta, ela descrevia a morte como um evento feliz e disse que agora Rodney "poderia ajudar todo mundo e ficar perto de todos que amara". Ela queria que Chloe ficasse no internato e voltasse depois dos exames, que aconteceriam dali a algumas semanas. Foi o tipo de carta que uma ginásiana teria escrito para uma colega. A imaturidade de Janet costumava me espantar. Levara Rodney para a Obra, mas ela a havia ultrapassado há muito tempo.

Antes de sair de Paris, Chloe e eu decidimos dar a notícia ao dr. Albert Rouhier, dono da Librairie Vega no Boulevard St. Germain. O dr. Rouhier era amigo íntimo de Rodney, tendo fornecido a ele muitos livros esotéricos. Ele conseguiu comprar uma vasta biblioteca deixada por um certo dr. Cabrera, que teria sido fragmentada se não

fosse sua intervenção. A coleção Cabrera continha muitos livros valiosos e raros sobre alquimia, magia, astrologia, filosofia adivinhatórias, religião e muitos assuntos correlatos. Ele fora um estudioso do ocultismo. Como um todo, a coleção era quase inestimável, mas muito menos valiosa se fragmentada e dispersa em leilões. Rodney concordou em adquiri-la, e o lote foi despachado para o México. Os livros deveriam ser acomodados no planetário.

Não havia sido apresentada antes ao livreiro parisiense, apesar de ouvir falar muito a seu respeito. Mais tarde, tomou-se um amigo querido. Albert Rouhier era um homem de porte, com barba, barriga proeminente e uma boina parisiense usada de lado. Não falava inglês, apesar de poder lê-lo. Saudou-nos com um sorriso amável, abraçou Chloe e beijou minha mão. Assim que lhe falamos da morte de Rodney, porém, ficou sério e preocupado.

— *J'arais aucun pressentiment* — repetia, balançando a cabeça.

— Mamãe disse que foi uma morte feliz, *une mort heureuse*, em sua carta — disse-lhe Chloe.

— Não. Ele terá de pagar um preço elevado.

Acalmara-me interiormente nos últimos dias, especialmente pela necessidade de dar apoio a Chloe, e em parte por causa da sensação de que, apesar de haver algo nisso tudo além do que podia perceber, realmente podia estar "tudo bem", como a voz dissera.

— Será que aqueles que o amaram poderiam pagar o preço por ele, durante nossas próprias vidas? — disse em meu vago francês.

— Não. Ele terá de pagar pessoalmente. Vocês não podem pagar por ele.

Saimos da livraria sombria — era uma espécie de Watkins Books de Paris — num clima mais soturno.

— Mesmo assim, vamos amá-lo e rezar por ele, e ele estará bem — disse Chloe. Logo depois, concordei com ela.

Quando voltei para casa, soube que Francis Roles me telefonara. Sua profecia de que Rodney teria "uma morte violenta" parecia próxima o suficiente da verdade para que confiasse nele. Ele estava muito perturbado e disse a Derry que eu deveria ir vê-lo caso "precisasse" dele. De qualquer maneira, deixou claro que gostaria de ter maiores detalhes.

Fui visitá-lo alguns dias depois, agora mais calma e apresentável, apesar de não estar muito certa daquilo que deveria dizer. Encontrei-o enterrado em cartas e relatos da morte de Rodney espalhados por toda a casa, muitos dos quais bastante distorcidos, totalmente diferentes da narrativa de Janet. A impressão geral era de que Rodney andava meio enlouquecido há algum tempo, e que no final teria perdido totalmente a razão. ... curioso observar que alguns de seus amigos mais queridos foram os mais ferinos em relação a ele, demonstrando desdém ao condená-lo por se associar a Mema Dickins.

Francis Roles queria que eu lesse todas as cartas. Entretanto, após ler rapidamente algumas, deixei-as de lado, sentindo que não ganharia nada com esse julgamento prematuro. Ninguém sabia ao certo se ele teria saltado da torre ou se o seu coração simplesmente teria o levado lá para cima.

Mais tarde, quando James Webb estava escrevendo *O círculo harmônico* a respeito da obra de Gurdjieff e Ouspensky, disse-me:

— Não concordo com tudo que Rodney dizia. Mas a qualidade de sua vida e a maneira como terminou me atraíram.

Pareceu-me um comentário mais apropriado do que toda a tagarelice daqueles que o conheceram.

Apesar de estar um pouco desolada por dentro, consolava-me continuamente com o fato de tê-lo conhecido, de que parte dele sobreviveria, e por ter aprendido com ele o suficiente para prosseguir o caminho. Passei a manter a cabeça erguida, dizendo que a obra de Rodney estava aparentemente completa, sem permitir maiores discussões sobre o assunto.

Fiquei com Francis Roles o mais que pude. Ele estava agora muito amável comigo, e conversamos calmamente muitas vezes. Mas ele ficava nervoso ante qualquer idéia, qualquer desdobramento que não refletisse o ensinamento que tinha herdado de Ouspensky ou o modo de tratar o tema indicado por O. Suas tropas bem treinadas eram obedientes e sérias. Tinham a expressão de atenta observação que alguns de nós chamávamos brincando de "cara de reunião" — a expressão que as pessoas costumam assumir quando assistem a uma reunião filosófica ou religiosa, em contraste com a expressão mais relaxada da vida cotidiana.

Confesso que, depois de todas as minhas aventuras, logo comecei achar o grupo bastante aborrecido. Contudo, evitei me afastar totalmente, pois Francis mencionava continuamente que estava buscando o "método direto" — algo que elevaria a consciência mais rapidamente do que as disciplinas e práticas regulares, colocando ao alcance da visão o *status* do 'Homem nº 5'. Este, conforme acreditava, teria sido o último desejo de O. E tal método poderia, segundo eu achava, permitir-me recuperar e manter, com maior clareza e em caráter permanente, aquele conhecimento que alcançara brevemente naquela noite em companhia de Hugh Ripman. Ainda estava tentando me lembrar exatamente daquilo que teria percebido naquele instante de 'iluminação'.

Em 1958, o místico indonésio Pak Subuh foi para Londres. Foi recebido de imediato por J. G. Bennett e convidado a instalar seu centro de atividades na casa de campo de Bennett, Coombe Springs.

John Godolphin Bennett foi um homem aventureiro que superou Ouspensky e se afastou dele de maneira amigável. Como poucas pessoas perceberam que ele fora encorajado por O. a se estabelecer por conta própria, era geralmente visto como um pária perigoso, que devia ser evitado como a praga. Achavam que quem tivesse tido contato com ele teria sido contaminado de algum modo.

Na verdade, durante seus anos remanescentes, Bennett fez explorações, ofereceu hospitalidade ao sufi Idries Shah, voltou ao cristianismo, continuou com os

seus pensamentos e escritos sobre os ensinamentos de Gurdjieff e deixou um considerável legado de livros eruditos e úteis sobre os Caminhos esotéricos. Só o vi pessoalmente duas vezes, de modo que não farei maiores digressões acerca de sua contribuição para a Obra.

Quando ouviu dizer que Pak Subuh tinha algum tipo de 'método direto', que estaria transmitindo ao seguidores de Bennett em Coombe Springs, Francis Roles resolveu se encontrar com ele em particular. Após diversas visitas secretas e de conversas ao pé do ouvido, ele convidou 20 de seus alunos 'de confiança' para uma reunião com Subuh e sua mulher Ibu, para ver se teriam algo a extrair da prática que Subuh chamava de *latihan* — o 'exercício'. Francis não me incluiu entre os 20 escolhidos, provavelmente porque não estava certo de poder confiar em mim. Eu conseguiria captar a informação e seguir meu caminho a qualquer momento. Ele teria ficado muito desconcertado se tivesse tido na época um vislumbre da experiência de Subuh, pois, na verdade, quase todos os membros do grupo cuidadosamente escolhidos por Francis abandonaram seu rebanho — nem todos para Subuh, mas para outros professores ou métodos — no prazo de dois anos. Sentiram o aroma de algo diferente e, como um bando de veados, ao erguerem a cabeça e sentirem o cheiro de alimento fresco trazido pelo vento, saíram em busca de novas pastagens.

O contato de Francis com Pak Subuh foi bastante breve. Ele decidiu que a nova prática era perigosa e não deveria ser dada ao grupo como um todo.

Eu, porém, fui naquela que seria a segunda leva e passei a experimentar por conta própria. Madame Kadloubowsky e eu sempre estivemos em contato, e eu me acostumara a visitá-la para conversar sobre a vasta gama de assuntos e idéias que interessavam a ambas. Ela tinha idade quase suficiente para ser minha avó. Seus modos aristocráticos e corteses se refletiam em seu ambiente. Sua casa, apesar de bem modesta, era repleta de livros, cheia de lembranças da Rússia pré-revolucionária da qual conseguira escapar antes do holocausto.

Foi ela que me disse que Subud, como era chamado o movimento, merecia uma investigação. Seu filho e sua nora, George e Lesbia Kadleigh, estavam envolvidos com ele, tendo se afastado definitivamente de Francis Roles. George e Lesbia, juntos com Reggie Hoare (do Banco Hoare) e sua mulher, além de Basil e Hilda Fenwick, assistentes regulares dos encontros do dr. Roles há vários anos, decidiram que o esquema de Coombe Springs não era para eles. Eles estiveram lá, viram que a prática espiritual do *latihan* tinha certo fundamento, mas acharam que seria preciso certo controle para que não se tornasse impraticável.

Conseguiram persuadir Bapak, como chamavam carinhosamente Pak Subuh, e sua mulher Ibu a iniciarem um ramo totalmente separado do Subud sob seus próprios auspícios. Para esse fim, alugaram uma sala no prédio da Escola do Royal Ballet em Colet Gardens, para grande aborrecimento do dr. Roles cuja propriedade, Casa Colet, ficava ao lado.

Casa Colet pertencera ao próprio Ouspensky. Foi vendida após sua morte, mas alguns anos depois voltou ao mercado. Francis Roles conseguiu juntar dinheiro suficiente entre os membros da Sociedade para comprá-la. Como disciplina e exercício de atenção e autopercepção, seus seguidores estavam agora entregues à tarefa de pintar e renovar a colossal mansão em equipes silenciosas, tal qual operários. A casa estava num estado de extremo abandono.

Como era absolutamente proibido manter qualquer contato com a empresa ao lado, surgiu uma situação bastante tola e risível. Para chegar a Colet Gardens por meio da estação Barons Court do metrô — atualmente essa região faz parte de uma ampla avenida, mas na época era puramente residencial — as pessoas que iam às reuniões em Casa Colet e as que iam ao *latihan* na Escola do Royal Ballet não tinham como evitar o encontro.

Contudo, as pessoas da Casa Colet eram estritamente proibidas de conversar ou cumprimentar os hereges. Assim, marchavam sérias pela rua, sem olhar para os lados. Chegavam a ficar escondidas nas soleiras das portas para evitar a

contaminação pelas pessoas totalmente inofensivas com quem antes partilharam experiências em reuniões, mas que agora tinham desenvolvido opiniões diferentes sobre o melhor método para lidar consigo mesmas. Elas estavam 'seguindo um caminho completamente diferente'.

Confesso que me divertia tanto com esses absurdos que, mais de uma vez, dirigi-me diretamente a pessoas da Obra que estiveram em minha casa, almoçaram ou jantaram comigo no passado em amistoso relacionamento. Rubores de vergonha coravam os seus rostos quando apertavam o passo e murmuravam que precisavam ir. Uma certa sra. Hick, cujo marido tinha uma 'atividade de grupo' baseada na leitura de poesias, correu encantada para meus braços quando me viu — costumava visitá-los regularmente — para depois 'se lembrar' a tempo de me afastar com tamanha violência que quase caí na rua. Ela saiu galopando pela entrada da Colet House e fechou a porta com um estrondo.

Afastei-me de Francis Roles sem rancor de parte a parte, e ele gentilmente me disse que devia manter contato pessoal com ele, comunicando-lhe qualquer acontecimento interessante em minha vida. Devia escrever para sua casa, não por intermédio de sua secretária na Obra — um privilégio raro, pois os demais só podiam se comunicar com ele por meio de Helen. Na verdade, porém, nossa correspondência logo se tornou agressiva, cessando a seguir.

Pak Subuh era um homem muito sensual. Percebi isto logo que assisti à sua primeira palestra. Suas mãos acariciavam constantemente o interior de suas coxas, e havia algo em sua expressão e postura que me dava certas idéias.

Seu tema básico dizia que o homem precisa da ajuda do nível superior se deseja progredir e ocupar sua posição no mundo, cumprindo seu verdadeiro destino. Seu livro, *Susila Budhi Dharma*, escrito sob seu verdadeiro nome, Muhammad Subuh Sumohadiwidjojo, significa *Caminho da submissão à vontade de Deus*. Sugere que o intelecto e a imaginação formam um obstáculo ao caminho da 'submissão', e que é necessária a completa entrega do 'eu'. Boa parte do livro é dedicada a uma discussão

das relações sexuais como modo de liberar e realizar a natureza divina no ser humano.

Sua história pessoal, que geralmente contava em suas palestras, dizia que ele fora escolhido para 'abrir' as pessoas ao poder de Deus. Quando jovem, procurou um mestre em seu país. Em todo lugar que ia, era rejeitado com as palavras "Não sou seu mestre. Seu mestre irá até você". Um dia, em sua casa, ele experimentou uma hora de iluminação. Percebeu que seu mestre entrara nele. Agora, podia abrir o caminho para sua mulher, sua família e os outros que viessem.

A 'abertura' era um processo bastante nebuloso. Inicialmente, parecia tão inócua quanto a 'escuta de Deus' ou a auto-recordação. Contudo, os efeitos eram bem diferentes. Diziam-nos de antemão que era essencial separar homens e mulheres para essa prática. Ambos não deviam ficar no mesmo cômodo, sequer no mesmo prédio ao mesmo tempo. O *latihan* dos homens, com Bapak, ocorreria num certo horário; o das mulheres, com Ibu, bem antes ou depois, para evitar qualquer encontro fortuito no caminho ou na escola de bale.

Fui com Madame K. e Lesbia, que já estava em condições de ser uma das 'abridoras'. Contudo, foi Ibu quem me 'abriu'.

Quando saímos do vestibulo onde deixamos nossos casacos e seguimos por um corredor até o longo salão dotado de barra para as alunas de balé, um forte aroma de incenso tomou de assalto meu nariz. Presumi que deveria haver bastões queimando em algum lugar. Mas não vi nenhum.

Havia umas 30 mulheres reunidas no salão vazio. As que seriam 'abertas' foram levadas a Ibu. As outras ficaram caminhando à vontade ou se sentaram no chão, esperando. Ao comando 'início', as mulheres começaram a se concentrar em seus próprios sentidos. Isso logo levou o grupo a movimentos ondulatórios ou a perambulações pelo salão, algumas com os braços erguidos ou esticados. Começou um canto em voz baixa e desordenada, formando um som curioso mas não de todo desarmônico, cujo tom foi aumentando gradualmente, sem que fosse possível

identificar alguma melodia. Era algo claramente espontâneo e agradável de se ouvir. Durante uns dez minutos, o canto sem palavras continuou a subir e baixar. O movimento de algumas alunas se assemelhava ao das danças do templo de Kathakali; em outras, a danças gregas ou ao balé russo. Algumas ficaram sentadas, de pernas cruzadas, olhos fechados, apenas movendo os ombros, braços e mãos.

Todas pareciam contentes, exceto uma senhora de meia-idade que começou a soluçar e depois a chorar ruidosamente. Uma das 'abridoras' foi consolá-la, acalmando-a e evitando perturbações indevidas.

Enquanto isso, aguardei minha vez, até ficar diante da senhora indonésia. Ela estava trajando uma roupa oriental; era grande, de feições algo rudes, cujo interesse pelas alunas parecia um pouco superficial. Não recebi qualquer instrução, exceto a de ficar de pé à sua frente, aberta e submissa ao poder. Ela começou a respirar depressa, seus grandes seios subindo e descendo.

Sem saber muito bem o que esperar, fiquei apenas pronta. Na verdade, depois, tive a impressão de que não aconteceu nada. Não senti poder ou presença alguma, nada fora do normal. Pouco depois, disseram-me que havia sido 'aberta', e sugeriram que circulasse com as outras.

Os cantos e danças tinham efeito levemente hipnótico. A única instrução que Lesbia me dera de antemão foi para que eu procurasse não me empolgar. Em Coombe Springs, onde não se exercia qualquer restrição, as pessoas se atiraram pela sala, gritando e berrando, batendo com as mãos ou até com a cabeça nas paredes e no chão, na aparente tentativa de se livrarem de mil demônios. Com certeza, o 'exercício' era uma espécie de processo de liberação ou limpeza. A violência ou não da reação dependeria da natureza do indivíduo.

Basil Fenwick, os Hoare e os Kadleigh achavam que o efeito 'liberador' do *latihan* era enormemente benéfico, produzindo um efeito de catarse quase imediato. Mas podia ser usado com muito mais proveito por aqueles que tinham experiência

com a 'auto-recordação' e que já estavam adquirindo autoconhecimento, do que pelos recém-chegados às práticas esotéricas ou espirituais, e que ficavam 'doidões'.

Tinham-me aconselhado a não fazer o *latihan* sozinha no início. Os novos iniciados deviam comparecer à reunião comunitária apenas uma ou duas vezes por semana. Este número seria aumentado, e a prática solitária seria permitida, quando a pessoa já estivesse adequadamente estabelecida na arte. Durante várias semanas, a única coisa que experimentei foi um relaxamento agradável, a gostosa sensação de ser capaz de dançar e cantar como uma criança desinibida, sem me fazer de tola.

Isso, e o aroma de incenso. Descobri que não havia incenso. Apesar de sentir seu forte odor em quase todas as ocasiões, não havia uma só vareta de incenso queimando.

Ao discutir o problema com os outros, fiz uma descoberta curiosa. Alguns sentiam o aroma do incenso num dia, não sentiam no outro; alguns o sentiam quando eu mesma nada detectava. Além disso, algumas pessoas sentiam outros odores. Essência de rosas era comum; também mimosa, lírio e outros aromas florais. Uma mulher descobriu que sempre sentia o aroma do perfume L'Aimant, da Coty. Estranho foi uma moça gorda e grande, que me disse que normalmente sentia o cheiro de *bacon* com ovos fritos! A partir disso, cheguei à conclusão experimental de que as pessoas sentiam o cheiro que queriam. Se o alimento para o corpo era mais importante do que o alimento para a mente, o coração, o espírito, era isso que o nariz parecia receber.

Este curioso fenômeno me levou de volta em pensamento ao livro de Mallory, *Morte D 'Arthur (Morte de Artur)*. As lendas arturianas associam o Cálice Sagrado a aromas e a comidas. As moças levavam o Santo Graal até o salão onde os cavaleiros se reuniam. Ele era acompanhado por 'suaves aromas'. E, em pelo menos um relato, cada cavaleiro descobriu à sua frente o prato que mais gostava.

Mais tarde, quando estava com o iogue Maharishi Mahesh, aprendi muito mais a respeito das chamadas 'camadas sutis' dos sentidos. Assim como o ouvido humano

só consegue detectar uma gama relativamente pequena de sons (o grito de um morcego, por exemplo, ou esses apitos supersônicos para chamar cães, são inaudíveis para a maioria das pessoas), estamos restritos, segundo Maharishi, no alcance dos outros sentidos também. Só através da meditação é que conseguimos encontrar aromas, sons, visões, sabores e sensações táteis além do que o ser humano normal consegue atingir. Mas seus ensinamentos diziam categoricamente que tudo isso era uma perda de tempo — apenas uma estação intermediária antes do estado transcendental.

Naquele momento, porém, achei que era uma curiosidade interessante. Fiz algumas pesquisas sobre a história e o uso do incenso. Descobri, no Antigo Testamento, que os judeus receberam instruções exatas e detalhadas sobre a fabricação de incenso devocional. E se a intenção para o uso da mistura desses ingredientes específicos — especiarias, ervas etc. — fosse a abertura das portas internas da mente, focalizando as camadas sutis com um fim específico?

Mais tarde, descobri o trabalho de Enid Case, uma interessante senhora de idade que vivia em Devon, cujo livro *The odour of sanctity* (*O odor da santidade*) contém uma coletânea variada de experiências pessoais e de terceiros a respeito do que chama 'aromações'. Sua conclusão foi a de que o aroma de flores, fumo, incenso etc, sem a presença física dessas coisas, costuma estar associado a algum tipo de experiência emocional. As pessoas sentem o aroma de flores quando se sentem emocionadas por uma separação ou perda. Talvez seja por isso que os lírios de Nossa Senhora e outras flores fortemente aromáticas costumavam ser levadas a igrejas para os funerais e velórios.

Tabaco era freqüentemente descrito em palavras como "Senti o cheiro do cachimbo de papai, e por isso entendi que ele ainda estava por perto". "Senti o perfume favorito de minha mãe depois que minha filhinha morreu, e por isso soube que ela viria me consolar." Apesar dessas explicações parecerem um pouco ingênuas, a realidade das experiências parecia indubitável.

Pensei que todas as aparições poderiam ser dessa natureza: o toque das penas das asas dos anjos sobre a pirâmide de Teotihuacán e as vozes. Podem ser reais, mas será que, em si, indicariam avanço espiritual? Muito possivelmente, viriam de um nível interno inferior ao que estava acostumada.

Logo ficou claro o motivo de se separar tão severamente os homens e as mulheres para a prática do Subud. Primeiro uma amiga, depois outra, choraram durante o *latihan*, confessando depois que se apaixonaram por maridos alheios. Naquela época, o estímulo sexual atingira um ponto tão elevado entre os jovens, que estavam acabando com seus casamentos ou relacionamentos estáveis e se associando com outras pessoas, com outras e outras, numa versão permanente da antiga tradição do 'com licença' nos bailes.

Havia um homem no grupo de Francis Roles, bem mais moço do que eu, por quem sempre me senti um tanto atraída. Achei que a atração fosse recíproca. Disciplinara-me para não pensar nele, pois não haveria futuro num caso assim. Além de meu estado conjugal definido há muito tempo, sabia que Jim era charmoso, sedutor e promíscuo, e minha inteligência há muito me advertia para tomar cuidado com ele.

Nessa época, o trajeto até Colet Gardens se tornara uma ridícula história do tipo "será que vou vê-lo? Será que ele vai aparecer numa janela? Será que vai sair por aquela porta justo quando eu estiver chegando?" Meu coração batia como o de uma colegial, e à noite sofria o tormento dos condenados por causa do intenso desejo sexual que sentia por ele! Ao mesmo tempo, a razão e a vontade me impediram de dar qualquer passo, mesmo quando soube, um pouco depois, que ele saíra do grupo de Francis Roles e que estaria presumivelmente livre para se encontrar com quem quisesse, além de estar disponível (ele foi um dos 'homens de confiança' que abandonou Roles após a experiência do Subud.)

Em minha mente, a grande pergunta era: por que todos nós, até mulheres de meia-idade e homens bem ajustados e casados, estávamos ficando tão sensuais? Gurdjieff descrevera a energia sexual como a matéria-prima de onde formas mais finas

de energia poderiam, no devido momento, brotar. Dividindo a mente humana em compartimentos artificiais para demonstrar o que dizia, ele indicou a necessidade de se transformar ou transmutar os níveis básicos de energia em algo que pudesse servir ao homem superior. Dentre estas coisas, a energia procriativa convertida em expressão artística seria claramente uma meta compreensível. Comecei a direcionar para aí aquela matéria-prima inútil, sentando-me à escrivaninha durante horas quando não conseguia dormir. Minha produção de romances ainda era fluente e tinha recebido boas críticas. Fiquei me perguntando se minha capacidade criativa estaria melhorando. Estava produzindo muitas notas filosóficas entre um livro e outro, além de bastante poesia. Mesmo estando mais prolífica do que antes, porém, não achei que meu material seria capaz de pôr fogo no mundo. De toda forma, a maior parte dele era pessoal demais, e portanto inadequada para publicação.

Certo dia, uma mulher meio mexeriqueira, que normalmente se comportava com um grau minimamente razoável de boas maneiras, passou a se dirigir a todo mundo no vestiário, submetendo-nos a insultos tão violentos e injustificáveis por causa de algum erro banal, que fiquei pasma. Na mesma noite, chamaram-me a atenção o comportamento exagerado e as roupas bizarras de uma jovem executiva, antes muito discreta. Ocorreu-me que aquilo com que estávamos lidando no *latihan* era uma fonte de energia pura, mas absolutamente neutra. Portanto, ela realçaria e desenvolveria as tendências ou intenções das pessoas que estavam 'abertas' a ela. As pessoas criativas ficariam mais criativas e ocupadas, mas as de temperamento irascível ficariam ainda mais irascíveis, e as fúteis ambicionariam o auto-engrandecimento. Seria uma liberação, de fato. Mas, no final, poderia captar se revelando uma versão da Caixa de Pandora.

Não seria capaz de dar um palpite a respeito da fonte disso tudo. Como ela não vinha acompanhada de conhecimentos superiores, presume-se que não seria de ordem superior. Talvez fosse uma entidade desencarnada que desejasse ajudar o mundo, mas sem dispor de um nível capaz de fazer algo muito útil. Talvez fosse do

nível dos elementos. A teoria da existência dos elementares, seres associados ao ar, à água, ao fogo e à própria terra, era algo que estava estudando na ocasião. Sílides, ondinas, salamandras e elfos são um campo de estudo bastante interessante!

Madame K. era a única pessoa com quem podia falar abertamente sobre o problema do Subud. Elsie Abercrombie estava 'aberta', mas sua saúde estava se deteriorando rapidamente, e ela não podia mais prosseguir; além disso, não se encantara desde o início. Quase todos os demais estavam eufóricos e dispostos a continuar com Bapak de qualquer maneira, ou tinham abandonado o grupo descontentes quando o lado sexual e outras manifestações desagradáveis passaram a ser predominantes. Apesar de que o processo de infiltração no próprio ser não seja muito rápido nem violento em suas manifestações iniciais, com certeza estava se aprofundando e se tornando menos controlável ao longo do tempo.

A princípio, a velha senhora russa estava disposta a discutir o processo tão franca e friamente quanto eu. Depois, porém, começou a me preocupar muito. Ela dava a impressão de ter ficado quase que permanentemente doente desde que começou a prática do *latihan*, e um problema atrás do outro a afligiam. Com profunda humildade, disse-me:

— ... uma catarse, como sabe. Preciso suportar tudo isso. As impurezas estão trabalhando em mim. Devo melhorar logo.

Mas ela parecia cansada, exausta. Finalmente, ocorreu-me que a vida cotidiana trazia contínuas 'impurezas' a todos. Um desgosto ou aborrecimento momentâneo, um lampejo de impaciência com a estupidez alheia, qualquer preconceito ou crítica interior ante a vida ao nosso redor, podem se manifestar como 'impurezas'. A doença pode ser psicossomática no verdadeiro sentido dessa palavra tão abusada. Até os pecados ou defeitos de outras pessoas, se observados e assumidos, estavam sendo 'digeridos' pelo sistema de Madame K., em vez de passarem inofensivamente por ela. Tudo estava sendo afetado por sua diligente

prática do *latihan*. Como ninguém é perfeito, obviamente ninguém conseguiria evitar as 'impurezas' cotidianas que provêm do fato de estarmos vivos no mundo.

Em casa, praticava por minha conta, conforme me instruíram. Interessava-me descobrir a maneira espontânea pela qual meu corpo, apesar de longo e não mais jovem, ainda conservava a flexibilidade, movendo-se em posturas semelhantes a danças orientais. Quadris, pescoço, braços, mãos e pés adotavam posições estranhas à minha experiência anterior. Às vezes, o quarto parecia se encher de incenso enquanto praticava. Parecia haver alguma conexão entre os movimentos de dança e o incenso, a tentativa espontânea de assumir a posição do lótus com Reggie Carroll quando criança e o quarto escuro e cheio de incenso que, momentaneamente, sentia naquela época. Deveria ser algo de natureza igual à experiência tibetana que tive quando corria pela estrada Banbury em Oxford, quando me senti coberta de roupas pesadamente acolchoadas, ficando tão desorientada durante alguns segundos que tive de ir até o parque da universidade e me sentar, enquanto redescobria minha presente identidade.

Certa vez, minha filha, já adolescente, surpreendeu-me ao comentar que sentia o aroma de incenso na casa de Westerham em que morávamos. Ela começou a procurar por toda parte e aparentemente localizou sua fonte num quatinho debaixo das escadas. Nessa ocasião, eu mesma nada senti. Mas foi interessante ver que era algo que podia ser captado por outro ser humano, que nada tinha a ver com a prática do Subud. Não lhe dei nenhuma explicação sobre o problema, e logo ela esqueceu o incidente.

As mulheres só viam Bapak ocasionalmente, quando dava palestras na Inglaterra. Sempre me sentei a certa distância dele. Percebi que gostava cada vez menos dele e de Ibu. Meus sentimentos se fortaleceram quando uma amiga me contou, muito envergonhada, que levava Ibu para fazer compras na rua Oxford, a pedido desta, e que a indonésia furtou bijuterias, lenços de seda e outros pequenos itens, escondendo-os na bolsa. Quando minha amiga comentou polidamente que

tínhamos em nosso país o hábito de pagar por aquilo que pegávamos nas lojas, a questão se solucionou informalmente. Ela era Ibu. Ela tinha o direito de ter o que queria.

Bapak estava viajando pelos Estados Unidos e outros lugares do mundo, fundando centros em toda parte. Hollywood o atraiu bastante, e diversos artistas de cinema, começando com Eva Bartok, que fora 'aberta' em Coombe Springs, declararam que seguiam seu método e expressaram sua satisfação com os resultados. Esses atores se sentiam mais enérgicos, mais vivos, melhores artistas — e de quebra, sem dúvida, bem mais sensuais. Na verdade, tinham-se transformado em versões ampliadas de seus eus anteriores.

Enquanto isso, Coombe Springs foi sacudida por uma série de escândalos diferentes e acontecimentos inexplicados. Um recém-chegado, advertido de que não deveria praticar o *latihan* com muita freqüência ou sozinho enquanto não fosse autorizado, ficou tão afetado por ele que entrou numa espécie de dança catatônica e acabou morrendo. A imprensa fez um estardalhaço com essa história. Não quiseram ouvir a explicação de que descobriu-se que o iniciado tinha um histórico de instabilidade física e mental, e que na verdade poderia ter sofrido um ataque cardíaco a qualquer momento. O episódio chocou a todos. As pessoas mais próximas do caso foram postas de forma vociferante na defensiva. O que é que um sujeito com um histórico de saúde como aquele estava fazendo em Coombe Springs, perguntavam as pessoas. Elas não sabiam. Achavam que ele estava bem. Só descobriram depois, disseram.

De repente, a gruta no jardim de Coombe Springs foi abalada por uma série de explosões completamente inexplicáveis. Não se descobriu nenhuma causa. As pessoas que viviam na casa ficaram bastante assustadas. Dava a impressão de ter sido um fenômeno do tipo *poltergeist*. John Bennett parou de lidar com o Subud logo depois disso. Dr. Roles deve ter murmurado "eu sabia". Mas a verdade é que Bennett estava ficando interessado no mestre sufi Idries Shah, a quem cedeu mais tarde toda

a propriedade de Coombe Springs. Contudo, seus livros *Concerning Subud (Com relação ao Subud)* e *Christian mysticism and Subud (Misticismo cristão e o Subud)* mostraram que ele dava valor à prática e que achava que ela era realmente capaz de ajudar a abrir as portas interiores do conhecimento.

Enquanto isso, o grupo da escola de balé continuou, mais restrito, mais controlado, observado por pessoas dotadas de senso comum muito maior do que o bando de berradores que Bennett aparentemente admitira. Aquele grupo continuou a praticar por muitos anos depois de minha saída.

Apesar de receber menos divulgação pela mídia, a prática do Subud continua ativa até hoje, pelo mundo todo, mesmo depois da morte de Bapak em junho de 1987, com oitenta e poucos anos, e de Ibu um pouco antes dele. Na Casa Subud em Norwich, próxima da minha residência atual, um grupo de pessoas medianamente criativas vive em perfeita harmonia, praticando o *latihan* diariamente. Essa é uma dentre numerosas pequenas comunidades semelhantes. São pessoas satisfeitas com seu trabalho. Mas quando perguntei a um artista e escritor bastante talentoso de uns quarenta e poucos anos a razão pela qual se limitava às possibilidades inerentes àquela prática, ele respondeu, revelador:

— Não posso viver sem ela. Já tentei uma ou duas vezes. Mas quando saio e me afasto dos demais, começo a me desintegrar. Tudo desmorona. Sabe, Subud é essencial para mim.

Olhei para ele. Seu rosto era inteligente e aberto. Ele era um ilustrado. Enviara-me poesias muito bonitas. Mas era incapaz de usar seu próprio centro criativo sem ajuda externa. Com sua idade, tinha por trás de si uma série de relacionamentos e casamentos desfeitos, e o espírito juvenil da comunidade ainda o comandava. Achei que ele ainda não se encontrara. Além disso, há tempos não conseguia uma fonte regular de sustento. Anteriormente, ensinara inglês no exterior.

Para mim, dois anos foram suficientes. Decidi me desligar discretamente dos Hoare, dos Kadleigh e de Basil Fenwick, trabalhando por conta própria por algum

tempo. Para mim, a importância do Subud está na possibilidade que nos oferece de vislumbrar os diversos níveis de onde podemos extrair forças, e em perceber como é fácil nos tornarmos alvo de influências sobre as quais não temos nenhum controle.

Mas a prática do *latihan* ainda ficou em mim, assim como a 'escuta', a auto-recordação e as experiências que tive no México. Para relaxar e me acalmar diante de alguma adversidade, deixo às vezes esse estranho poder psíquico fluir através de mim, movendo-se e oscilando, cantando para mim mesma na privacidade do meu quarto ou estúdio.

Mas o vigilante 'eu' interior ordenou-me para ser mais cautelosa quanto às minhas atividades. Não é a psique e sim o Espírito que constitui a Jóia no Coração do Lótus. Era lá que eu queria chegar.

8

Bill Kadleigh, o filho único de George e Lesbia, atendeu o telefone na casa de Madame K. certa manhã, quando minha amiga Ailsa Lenney ligou para falar com a velha senhora. Bill era estudante de medicina e vivia com sua avó naquela época. Sua vida foi tragicamente curta, pois morreu num desastre de avião quando ia para uma conferência um ano ou dois depois.

Bill voltou ao telefone após alguns instantes e disse: — Parece que ela está dormindo profundamente. Não gostaria de acordá-la.

Meia hora depois, percebeu que ela estava morta. Deixou a vida em algum momento durante a noite, com sua catarse auto-imposta aparentemente incompleta.

Mais ou menos no mesmo horário, Elsie Abercrombie morreu também. Estava hospitalizada há algumas semanas, tendo sido uma paciente incomum. Qualquer tentativa de lidar com problemas usando aparelhos elétricos de qualquer espécie representava um risco para enfermeiras e médicos. Ela os avisava:

— Tome muito cuidado. Você vai tomar um choque elétrico.

Sem levá-la muito a sério, aplicavam normalmente os eletrodos ou o que fosse, sendo submetidos a um violento tranco. Uma enfermeira que tentou estimular seu

sistema circulatório foi atirada para o outro lado do quarto assim que ligou o aparelho. Embora nem mesmo ela soubesse explicar a situação, o senso de humor de Elsie fazia com que se divertisse até em seu leito de morte, quando seu pequeno corpo se reduzira a quase nada, exceto seu poder vital, ainda maior do que a média. As enfermeiras ficaram perplexas e devem tê-la julgado senil. O que não era o caso.

Fiquei sentada a seu lado durante suas últimas horas. Abrindo os olhos, buscou minha mão e sussurrou:

— ... melhor você ir. Acho que vou ficar por aqui só mais um pouquinho.

Dei um beijo em sua testa e saí. Na manhã seguinte, disseram-me que ela falecera um pouco depois de minha saída. De pé, ao lado de sua sepultura no cemitério, confesso que me senti meio triste novamente. Perdera Rodney. E agora essas duas senhoras, ambas tão mais sábias do que eu, que se tornaram minhas *loco parentis*, também se foram. Sempre tive tendência a me sentir mais atraída por pessoas mais velhas do que por meus contemporâneos, e sua partida deixou uma lacuna.

Decidi que nada mais resultaria da manutenção de contato com o resto do grupo de Rodney no México. Após sua morte, o projeto do planetário foi abandonado. Um edifício comprido, construído para servir de oficina de tecelagem e de trabalhos artesanais, tornara-se um bangalô de fim-de-semana. Não tardou para que um punhado de seguidores, inclusive a família Dickins, instalasse residências de férias nos terrenos de Rodney e Janet, mudando-se para lá para desfrutar do sol, fazer companhia uns aos outros e se apoiar mutuamente.

Os arbustos e árvores que Rodney plantou cresceram rapidamente naquele solo fértil. Disseram-me que a colina, que antes era nua, está tão arborizada que mal se consegue localizar as casas quando se passa de avião por lá.

Mema passou a tomar conta dos poucos seguidores restantes, e Janet era sua obediente discípula. A Câmara do Sol e a Câmara da Lua foram convertidas, por ordem de Mema, em duas capelas, uma dedicada a Cristo e a outra à Nossa Senhora.

A biblioteca foi abandonada, e os valiosos — talvez inestimáveis — livros da coleção ficaram mofando nas garagens de várias pessoas, roídos por cupins e apodrecendo com o bolor.

Em Paris, dr. Rouhier ficou tão furioso quando soube disto que escreveu cartas e mandou mensagens por meu intermédio, sugerindo que, a todo custo, os livros remanescentes fossem reunidos e alojados em local seco e seguro, no aguardo de alguma decisão sobre seu futuro. Suas cartas não foram respondidas. Uma resposta verbal, dada a mim por uma pessoa que veio do México, informava que Mema vetara a maior parte da coleção por não serem livros adequados a católicos romanos. As primeiras edições e os inestimáveis volumes sobre magia, alquimia e temas correlatos foram propositalmente destruídos. As outras obras apenas desapareceram, discretamente. Não se pôde fazer nada. Janet, que herdara tudo, tinha todo o direito de destruí-los se quisesse.

Nessa época, Mema tinha um grupo de jovens seminaristas católicos, que estudavam numa faculdade eclesiástica próxima. Suas 'vozes' estavam trazendo mensagens cristãs. Além disso, surgiram estigmas em seu corpo. Toda sexta-feira, ela mostrava as palmas das mãos a sangrar. Naturalmente, nunca vi o fenômeno. Sei de muitas pessoas que ficaram muito impressionadas com a manifestação. Mas uma das que a observou me disse: "Vi que foi algo induzido", e não voltou a se aproximar do grupo, exceto para expressar desaprovação e desprezo. Creio que, em muitos casos, a aparição de estigmas tende a estar associada à histeria.

Após um certo tempo, os fenômenos cessaram, bem como as faculdades clarividentes de Mema. Após a morte de Janet, não tive mais notícias desses casos. O filho de Mema, Tony Dickins, disse-me em 1980 que não sabia de nada a respeito deles:

— Mamãe simplesmente não me falava do passado.

Chloe casou-se tranquilamente com Tony após ambos completarem 21 anos. Como católicos romanos, começaram a constituir família rapidamente e tiveram três

garotinhas de idades próximas. Tony estava estudando medicina. Contudo, ainda era imaturo, tendo se casado cedo, e com o tempo passou a procurar diversão em outros lugares. Corajosa e filosófica como sempre, Chloe ficou cuidando de três bebês, entregue a sua falsa viuvez.

Aqueles que sempre foram contra Mema e a culpavam por tudo o que 'dava errado' condenaram Tony também, mais ainda quando, depois da morte de Janet, voltou rapidamente para Chloe para acompanhá-la em sua vasta herança. Os membros da Obra na Inglaterra achavam, de modo geral, que Janet ficara praticamente pobre depois dos enormes projetos incompletos de Rodney, além das investidas financeiras de Mema ao longo dos anos. Na verdade, seu dinheiro estava sendo mantido por um fundo, já que seu pai, vitoriano típico, achava que as mulheres eram incapazes de administrar suas próprias finanças. Só a renda foi gasta, ou dada através de generosos presentes para as pessoas que amava. O capital estava intacto. Sua própria viuvez foi vivida com simplicidade, não por necessidade, mas por escolha e por convicção religiosa. Ela passou a maior parte do tempo dando aulas para crianças mexicanas num orfanato. Ficou toda deformada por causa da artrite, mas sempre sorrindo, tranqüila e contente.

Tony e Chloe passaram a levar uma vida de gastos logo que ela recebeu sua herança. Tony gostava de se divertir. Viagens, carros esportivos, casarões, tudo o atraía. Chegou a estudar hipnose para usar em medicina. Chloe me dava a impressão de ser uma boa voluntária. Ele conseguia curar suas dores de cabeça. Ele tentou me convencer a me deixar hipnotizar, mas ri e ele mudou de assunto. Tinha a impressão de que estava sendo usada para induzir Chloe a perdoá-lo. Quando visitam a Inglaterra, percebo cada vez mais que Chloe não consegue se lembrar de seu próprio passado, e a promessa que tinha feito de "continuar a Obra" com Tony fora há muito abandonada.

— Não estamos na Obra — disse-me Tony numa visita recente. Atualmente bem qualificado, trabalha como endocrinologista nos Estados Unidos, e Chloe se

satisfaz em ajudá-lo como secretária. O casamento parece ter-se estabilizado; Tony cuida do dinheiro e estabelece o ritmo de vida. As três meninas cresceram e se tomaram atraentes jovens americanas, e a família parece totalmente orientada para as coisas materiais. Com 40 e poucos anos, Chloe ainda não lera os livros de seu pai, e perguntou-me por onde deveria começar o estudo, uma vez que deveria se familiarizar com sua obra. Não creio que o tenha feito.

Vendo-a satisfeita, rosto de meia-idade, com orgulho das filhas e aceitando o papel dominador do marido, afetuosa e cheia de perdão, fico ponderando sobre os planos nunca concretizados. Sem dúvida, porém, ela tem seu próprio destino para cumprir, e talvez ele seja material.

Dos seguidores originais de Rodney Collin no México, só John Grepe, que antes administrava a Libreria Britannica, e sua mulher, ainda se descrevem como membros da Obra. John me telefonou recentemente para reclamar de um artigo — que ele não lera, mas do qual ouvira falar — no qual menciono o nome de Rodney junto com o de James Webb. Aparentemente, ele acha que ninguém teria o direito de pôr no papel qualquer coisa sobre meu cunhado sem sua permissão. Antes um homem agradável e bem-intencionado, tornou-se mandão. Ele era uma das três pessoas que achavam, cada uma por sua vez, que o manto de Rodney devia ser posto sobre seus ombros. As outras duas saíram de cena. John me cobrou:

— Quero ver esse artigo. Mande-me uma cópia, por favor, para que possa analisá-lo.

Não vi motivo para fazer qualquer coisa, exceto lhe dizer onde fora publicado. Durante a conversa, sugeri-lhe que a verdade tem muitos lados — no que concernia a Rodney e a mim — e que há muitas maneiras de amá-lo. Ele não me entendeu, e a respeito do tema de meus diversos artigos e de minhas palestras ocasionais, tivemos de divergir.

Após a experiência do Subud, entrei num período de estiagem. As idéias de Ouspensky a respeito de 'começar de novo' de algum modo, não simplesmente

continuando a repetir antigos sistemas psicológicos, era agora muito mais real para mim do que antes. Vira como o grupo de Francis Roles, em especial, ficara preso na rotina, com medo de qualquer coisa nova. Ao mesmo tempo, muitos daqueles que se abriram a 'métodos diretos' de crescimento atravessaram fases perigosas, chegando a perder o rumo, caso estivessem muito dispostos a se deixar 'assumir' de algum modo.

Deveria haver, em algum lugar, um mestre que pudesse me ensinar e em quem pudesse confiar. Enquanto isso, tal como Eric Kennington em seu estúdio e Rodney Collin nas pedras de seu planetário mexicano, seria melhor ir 'desbastando' a matéria-prima da vida, usando todos os conhecimentos que adquirira e cultivando cada talento que tivesse como escritora e oradora. Assim, afastei-me das atividades dos grupos durante dois anos, ocupando-me com meus negócios pessoais.

Certo dia, estava olhando pela janela de uma casa em Londres onde estava passando uma semana com alguns amigos, quando senti um forte aroma de lilases na sala. Havia um maço de flores de macieira num vaso alto sobre o piano, mas o aroma não tinha origem ali. Já fazia algum tempo desde que sentira essas 'aromações' pela última vez, mas como os lilases estavam associados em minha mente com Chateaubriand e o internato de Notre Dame des Oiseaux, pensei imediatamente em Rodney. Hesitante, olhando primeiro à minha volta e depois, com os olhos fechados, para o meu interior, murmurei: "Rodney?"

A voz de que me lembrava tão bem, ouvida ocasionalmente através dos anos nos ouvidos de minha mente, disse simplesmente: "A balista". A palavra não tinha qualquer significado para mim. Entretanto, para não esquecer o que tinha ouvido, anotei-a num pedaço de papel e o coloquei em minha bolsa.

Alguns dias depois, Ailsa Lenney me telefonou.

— Joyce, há um extraordinário mestre hindu dando palestras em Londres nestes dias. Vamos ouvi-lo. Ernest e eu ficamos muito impressionados.

Ernest Lenney era um judeu alemão que lidava com antiguidades, além de bom pianista. Ele ficou rodando à margem da Obra por muitos anos, sem nunca chegar a

se comprometer. Os ingleses o haviam internado na Ilha de Man como inimigo durante a primeira parte da guerra, e ele nunca chegou a superar o trauma. Usou seu tempo de ócio forçado para ler e estudar, o que lhe foi benéfico. Ele se tomou um grande erudito.

— Creio que temos de crescer por conta própria — disse-me em certa ocasião. — A ajuda externa não é necessária. Tudo está em nós.

Ele e Ailsa moravam em Earls Court, e fui almoçar com eles. Contudo, assim como deixaram Rodney, depois Francis Roles, dedicaram-se ao Subud e saíram do grupo em pouco tempo, já tinham também perdido o interesse pelo "extraordinário mestre hindu". Deram a impressão de terem se tornado peregrinos como eu.

— Só desejo paz — dizia Ernest. — Paz, paz. Quero ser deixado em paz.

Depois do almoço, Ernest se sentou ao piano e tocou de modo agressivo enquanto conversávamos, ficou em silêncio e falou novamente. Era verão, e as longas cortinas oscilavam levemente com o vento que soprava pelas janelas abertas; a vista dava para as praças de Earls Court. De repente, percebi que ele estava tocando *Pour Elise*. Esta bela melodia de Beethoven surgia sempre que Rodney estivesse envolvido de alguma maneira. ... uma curiosidade que não consegui desemaranhar. Mema a tocava em meu piano em Westerham, e minha filha, então no ginásio, tocava-a continuamente. Aparentemente, foi a música tocada no velório em Cuzco.

Quando alguém escolhia um disco, aparentemente ao acaso, para ter alguma música como pano de fundo para uma noite tranquila, costumava, conforme percebi, escolhê-la de início sempre que eu estava presente, e isso em diversas casas. Bem recentemente, em 1986, numa festa, disseram-me que um estranho menino tinha o "infortúnio de ter seus *chakras* permanentemente abertos, e ele não consegue distinguir entre as pessoas que estão na sala e as muitas outras que vê o tempo todo — é uma grande dificuldade para ele". Olhei para seu rosto jovem e vulnerável enquanto se sentava ao piano no outro lado da sala. "Toque alguma coisa para Joyce",

pediu-lhe minha anfitriã. Sem qualquer pausa ou hesitação, sem mesmo olhar para mim, tocou *Pour Elise*.

Naquela tarde com Ernest e Ailsa, esperei. Depois eu disse:

— Bem, de qualquer modo vocês podem me dar o nome do mestre hindu, e depois verei o que faço a respeito.

Levei comigo um bilhete com o nome hindu e um endereço na Estrada Prince Albert, em Regents Park, onde estava morando. Mais tarde, subi as escadas para assistir a uma pequena reunião para a qual, por telefone, fui rapidamente convidada.

Fui de coração aberto, acompanhada por uns 10 ou 12 devotos e aspirantes, todos estranhos para mim, que estavam reunidos no *hall*. Estavam tendo início os seis anos de meu aparente destino. Eles me destruíram como novelista e escritora. Deixaram-me como uma sombra de meu antigo 'eu'. Caí das alturas dos céus para as profundezas do desespero interior, e eventualmente escapei apenas com a vida.

Algumas tradições dizem que toda alma deve passar por três grandes iniciações antes de poder escapar da roda das encarnações. Após a terceira, podemos fazer uma escolha consciente, seja a de voltar e ajudar a humanidade, seja a de ir em frente. Minha primeira iniciação tinha começado, sem dúvida, naquele momento com Hugh Ripman no México, completando-se na pirâmide quando reconheci meu irmão. Naquela ocasião, o ar parecia estar cheio de anjos, mas todos os eventos daquele tumultuado período fizeram parte dela. Não conto a iniciação no Subud como algo da mesma categoria, apesar de ter sido uma experiência iniciatória de grau menor.

A segunda grande iniciação seria, em extraordinários estágios, uma peregrinação para dentro do poço, para o vale da sombra da morte, apesar de só conseguir vê-la assim de forma muito lenta. A subida para sair desse vale me custou muito tempo.

Contudo, mal sabia eu do que iria acontecer depois que subisse aquela escada, toda contente e interessada, para entrar na sala de palestras.

A primeira pessoa que encontrei lá foi Jim, aquele por quem tanto suspirei durante anos. Não sabia se ficava satisfeita por vê-lo ou não — sua influência era perturbadora. Saudamo-nos com certo embaraço. Com ele, porém, estavam muitos de meus antigos colegas de Colet House, e, como um todo, formavam um grupo de pessoas que eu considerava dotadas de bom senso: verdadeiros aspirantes, tentando se libertar dos grilhões de métodos ultrapassados. Assim, reuni-me a eles com certo senso de inevitabilidade. Evidentemente, estávamos juntos em La Ronde, e nossos caminhos deveriam voltar a se cruzar ao longo dos anos.

De repente, ouvimos um murmúrio vindo de trás das portas e nos levantamos para receber o mestre quando ele entrou. Seu nome era Maharishi Mahesh.

9

Maharishi entrou na sala de palestras com um sorriso benevolente. Estava vestindo uma túnica de seda branca e segurando um maço de gladiolos vermelhos. Seu cabelo, longo e negro, descia em caracóis até os ombros. Ele usava barba.

Após contemplar o grupo de rostos familiares daqueles que compareceram para lhe fazer perguntas ou ouvi-lo falar, seus olhos se fixaram nos meus, e ele me olhou longa e firmemente. Mais tarde, descobri que eu era a única novata da noite. Ele sempre percebia um rosto diferente, segundo me disseram. A sala estava fracamente iluminada. Durante o dia, as cortinas eram mantidas um pouco fechadas para evitar o brilho forte do sol. Ele vivera muitos anos na solidão e no escuro das cavernas do Himalaia.

Seu ar era impressionante. Tive quase que a completa certeza de estar diante de um verdadeiro Mestre, um guru. Todos nos sentamos, espremidos, sobre o piso acarpetado. Não havia cadeiras. Aguardei suas palavras com grande atenção.

Em vez de começar uma palestra formal, sua voz profunda e rica disse, de modo surpreendente:

— Alguma pergunta? Ponham a bola em jogo!

Seu inglês era rápido e coloquial, nem sempre fácil de compreender devido ao sotaque hindu, cheio de musicalidade. Ele fez comentários sobre diversos aspectos da filosofia hindu. Um jovem pediu-lhe para definir a ioga.

— Quer dizer apenas união. Tudo Um.

Um alemão idoso inquiriu sobre os diversos tipos de ioga, começando a exhibir seus conhecimentos:

— Hatha loga, Kriya loga, Raja loga, Karma loga, loga Tântrica, Gnana loga...

— Sim, sim. Caminhos rumo à união. Caminhos diferentes. Hatha loga é apenas o corpo. O sistema de que lhes falo pertence a Karma loga, esse sistema simples de meditação transcendental.

Seus olhos eram grandes e luminosos. Apesar de estar sentada num canto distante da sala entre Jim e outro velho amigo, com as pernas dobradas por falta de espaço, minha visão restrita pelas cabeças e ombros de outras pessoas, tive a curiosa impressão de que seus olhos estavam bem próximos, de que me fitavam.

Comecei a pensar em outros ensinamentos, técnicas e filosofias que estudara nos últimos 25 anos, comparando-os e ponderando-os com suas palavras. Uma frase de ensinamentos de Ouspensky me veio à mente. Dizia respeito ao diagrama de uma seta com dupla ponta, indicando "eu" e o objeto da atenção.

— Não, a seta de dupla ponta, isso não é bom, isso é atenção dividida — disse a voz de Maharishi.

Meu corpo teve um sobressalto, como se sofresse uma convulsão. Ele disse — ele realmente pronunciou — as palavras que eu tinha em mente. Meu coração disparou como um tambor, e mal conseguia respirar. Essa frase, jogada aparentemente ao acaso, fora evidentemente dirigida a mim. Os grandes olhos estavam próximos, bem abertos. Fechei os meus e respirei fundo. Quando os abri novamente, seus olhos estavam distantes, com um ar comum, vistos na semi-escureidão em meio às cabeças daquele salão lotado.

Tentei me manter calma. Alguém estava perguntando algo sobre a crucificação.

— A cruz, sim. Mas Cristo não sofreu. Para quem o via, parecia sofrer. A cruz é simbólica.

E no momento seguinte:

— Para meditar, recolhemo-nos ao nosso interior. ... como colocar uma flecha num arco. Retesamos o arco e soltamos a flecha. Quanto mais esticamos, maior o poder quando soltarmos a flecha. Em meditação, esticamos e liberamo-nos para a vida com grande energia.

— Maharishi, sou cristão, e...

— Nesta noite, vamos falar mais do arco e da flecha do que da cruz. Vocês ingleses estão querendo sofrer! Não é necessário sofrer. Com minha meditação, vocês podem ser felizes.

O pedaço de papel com as palavras "a balista" guardado em minha bolsa agora fazia sentido. Quando ele se levantou e saiu, as luzes foram acesas. Olhei à minha volta. Havia mais fisionomias familiares na platéia do que pude perceber.

Uma, Beatrice Mayor, uma senhora idosa e erudita, que fora membro do grupo de Bloomsbury e era tia de Malcom Muggeridge, veio me cumprimentar. Eu a conhecia há anos.

— ... tão bom vê-la aqui! — ela disse. — Você tem que ir até a sala particular de Maharishi e conhecê-lo pessoalmente.

Ela me pegou gentilmente pela mão e me levou a uma sala muito pequena, apresentou-me, saiu e fechou a porta.

Maharishi estava sozinho. Estava sentado com as pernas cruzadas numa pele de gazela posta sobre lençóis de seda, que revestiam um sofá-cama. A pele de gazela pertencera a seu mestre e o acompanhava por toda parte, segundo soube depois. A sala estava cheia de flores cujo odor impregnava o ambiente, além do perfume insinuante de incensos. Ele estava segurando uma rosa vermelha. Devido ao tamanho da sala, tive a impressão de estar muito próxima a ele.

— ... a primeira vez que você vem — observou.

— Sim, Maharishi.

Comecei a conversar com ele com grande hesitação. Não tinha muito a dizer. Achei que seria melhor me manter calada na presença desse indubitável guru. Ele me fez perguntas. Cinco minutos depois, disse:

— Vou iniciá-la amanhã. Você vai começar a meditar e ser feliz. Venha ao meio-dia.

Saí. Havia outras pessoas esperando para entrar na sala. Alguém me puxou de lado e me deu instruções e informações sobre a iniciação. Devia levar flores e frutas. Não devia comer nada antes. Desci lentamente as escadas para sair. Achei que precisava de mais tempo, que ainda havia muitas perguntas a responder. Depois da experiência com o Subud, queria ser mais cautelosa. Contudo, quando tentei formular as perguntas, não me ocorreu nenhuma idéia coerente. Só sabia que tinha realmente encontrado algo muito importante.

Quando abri a porta, encontrei um grupo de antigos conhecidos sentados na escada: Elizabeth Jane Howard, a romancista, Jim, agora repórter de televisão, um jovem médico chamado John Allisson e sua mulher Susan. Todos fumavam, o que era contrário ao costume da casa, pois Maharishi não gostava do cheiro de cigarro. Assim, eles saíam para fumar. Perguntei se todos eram iniciados.

— Sim, é maravilhoso! — disse Jim, ansioso. — Amanhã você terá uma maravilhosa experiência.

E os outros responderam em coro "sim", eles estavam muito contentes com o que acontecera a eles. Logo se uniu a nós Stephen Andrews, um barbudo artista canadense em cujo estúdio em South Kensington passei agradáveis horas de conversa no passado. Cyril Frankl, o produtor cinematográfico, também estava lá.

Apesar de não estar muito certa da direção que estava tomando, senti-me fortalecida pela presença de velhos amigos. Se o próprio Maharishi me aconselhava a ir em frente, por que deveria hesitar? perguntei-me.

Na manhã seguinte, fui para Londres logo cedo. Ciente das instruções, não tomei desjejum. Levei flores do meu próprio jardim, frutas compradas na Estação Victoria, um lenço branco novo para simbolizar pureza e inocência de intenções, tal como as luvas brancas dadas e recebidas quando se saúda alguém no Tibete. E o equivalente ao que seria uma semana de meu salário se eu ainda trabalhasse como jornalista na rua Fleet. Esse donativo era exigido a todos os candidatos à iniciação.

A casa estava cheia de burburinho, ruído e risos. Uma tremenda e extraordinária energia de vida parecia sair dela o tempo todo. Havia gente subindo e descendo as escadas, pessoas sendo chamadas de uma sala para outra e portas sendo batidas impunemente. Não havia nada monástico na atmosfera que cercava aquele homem santo.

Johnson Bates, empresário de meia-idade que antes vivera temporariamente com Maharishi num apartamento na rua Pont, estava nominalmente encarregado da residência. Mas ele parecia um pouco desnortado. Maharishi o nomeara 'líder' dos iniciados, e ele achava que precisava controlar os grupos com firmeza.

Ele espalhou avisos por toda parte — SILÊNCIO, PARTICULAR e TIRE OS SAPATOS — enquanto Maharishi estava viajando. Quando voltou, Maharishi disse "O que é isto?" e mandou retirar todos os avisos rapidamente. Ele não queria regras, regulamentos e restrições. Felizes com seu Mestre, os membros do grupo logo adotaram comportamento espalhafatoso. O trabalho e a administração geral dos negócios de Maharishi eram levados a cabo casualmente por várias pessoas que, sem ser convidadas, montaram residência lá.

A maioria dos ocupantes do número 2 da Estrada Prince Albert tinha empregos em período integral e trabalhava para Maharishi à noite. Os principais pólos da casa eram Nina, secretária de uma associação espiritualista, e Ulla, uma divorciada alemã que trabalhava como professora de arte numa faculdade técnica e que estivera antes com Francis Roles.

A porta da sala de Maharishi estava fechada quando cheguei para minha iniciação. Do lado de fora, havia alguns pares de sapatos. Lembrei que estivera de sapatos em sua presença na noite anterior, e me senti desajeitada por não ter observado o costume indiano logo de início. Tirei meus sapatos e esperei.

Havia bastante riso e conversa na sala. De tempos em tempos, a porta se abria e saíam algumas pessoas sorridentes. Outros tiravam os sapatos ao chegar e passavam na minha frente. Não me chamavam. As horas corriam. Já passava muito do horário marcado. Fiquei com fome e louca por um café, mas não ousei me mexer para não perder a consulta.

Ulla desceu correndo as escadas, vinda do andar superior da casa, seus pés apenas com meias. Ela parou para conversar.

— Você terá de ser paciente. Ele não tem noção de tempo. Alguns não esperam, outros sim. Depende de quanto a pessoa quer aprender a meditar.

Naquela época, pouca gente ouvira falar de Maharishi Mahesh. Sua presença em Londres atraía pouca atenção da imprensa, e a maioria dos comentários que surgiam eram sarcásticos e irônicos, ou então altivos e arrogantes. Os repórteres achavam que suas atividades mereceriam inclusão na 'sessão bobagem' de agosto. Mas a maioria o ignorava. Era verão de 1960, e suas viagens pelo mundo construindo seu Movimento de Regeneração Espiritual e as outras organizações correlatas que fundou mais tarde só recentemente começaram a ganhar impulso.

Era um período de formação que conduziu a um momento crítico para ele e seu Movimento, com o qual me envolvi depois. ... deste período inicial que me lembro com certa felicidade: os dias inocentes que se mesclavam uns com os outros. Depois de um longo tempo procurando sozinha, era bom voltar a me reunir com outras pessoas, todos juntos no trabalho pelo desenvolvimento superior.

Em algum momento da tarde, Maharishi saiu e me mandou entrar. Entramos na longa sala onde ele estivera respondendo perguntas na noite anterior. As janelas altas estavam abertas, deixando entrar o sol da tarde. A sala tinha um tapete verde. Havia

almofadas coloridas espalhadas pelo chão, onde as pessoas se sentavam. Numa extremidade havia um pequeno altar, sobre o qual repousava um retrato do mestre Maharishi, o falecido Sri Bramananda Sarasva Shankaracharya Jagad, guru de Yotir Math, no Himalaia, um dos guardiões da tradição espiritual de Shankara, que tem raízes na Índia, no século IX. ... uma das tradições Saivite, ou seja, deriva de Shiva, o destruidor ou demolidor, enquanto outras tradições vêm de Vishnu, o mantenedor ou preservador. A Trindade hindu é composta por Brahma, o Criador, Vishnu e Shiva. Mais tarde, quando comecei a entender um pouco melhor a 'tradição religiosa' à qual pertencia Maharishi, o fato de ser uma tradição Saivite assumiu grande significado.

Além de me apontar o altar de Guru Dev, o Mestre Sagrado, Maharishi me disse muito pouca coisa nessa fase. Deixei minhas oferendas no altar diante do retrato, conforme ele me indicou. Havia velas e incenso queimando. Em estado de prontidão, bacias com água, arroz e coco.

Maharishi mandou-me "manter a mente em devoção". Olhei para ele, questionando-o silenciosamente. Devoção a quem? A Deus? Aos deuses hindus? Ele respondeu a pergunta não formulada:

— Invocamos os mestres de minha tradição. Há grande sentido em invocar os mestres da tradição.

Autores ocidentais que discutem a prática da Meditação Transcendental enfatizaram bastante o fato de que a prática consiste na repetição de uma palavra ou mantra em sânscrito, que cada iniciado recebe para uso pessoal durante a cerimônia de iniciação. O *método* de repetição do mantra é a chave da meditação. Qualquer um pode encontrar mantras em livros, mas eles não costumam funcionar para aqueles que apenas os lêem e tentam usá-los sem ajuda. Muitos dos mantras são palavras antigas e obsoletas, sem qualquer significado atual. O efeito parece estar nas vibrações da palavra, que é repetida silenciosa e interiormente.

As ações rituais e as palavras em sânscrito da cerimônia de iniciação não foram explicadas ou traduzidas, mas se pareciam bastante com invocações dos

deuses hindus, aos quais se oferece alimentos e bebidas, sendo chamados em auxílio do aspirante, cuja intenção — simbolizada pelo lenço branco — é inocente e imaculada por propósitos mundanos ou pecados. Algumas dessas invocações devem ter feito parte do núcleo de muitas tradições pré-cristãs, tendo sido incorporadas aos rituais dos Mistérios e servido de base para primitivas iniciações xamânicas. Contudo, depois desse dia atribuí muita importância ao fato de que estávamos aparentemente invocando o reino elementar. Não soube disso nessa ocasião.

A pequena cerimônia não foi longa, e me foi impossível saber por que causou tanto impacto. Era bem diferente da 'abertura' Subud, que na ocasião nada me causou, trazendo resultados graduais posteriormente. Após ter-me dito exatamente como devia repetir meu mantra, notei que ele passava rapidamente por minha mente, de modo quase automático, como se algum poder diferente da minha vontade estivesse operando os mecanismos do meu cérebro. Maharishi me disse para "ficar em meditação", e disse que voltaria depois "para ver como você está se saindo".

Passaram-se duas ou três horas. O tempo não me pareceu longo, e, para falar a verdade, mal percebi sua passagem. Não me ocorreu que ele não voltou. Não pensei em nada além de me sentar, relaxada e feliz, de pernas cruzadas sobre uma almofada, sentindo uma curiosa mescla de satisfação e alegria.

O trânsito da hora do *rush* começou a passar ao lado da casa. O dia de trabalho havia acabado. As pessoas que saíam de seus escritórios começavam a entrar na sala onde eu estava meditando. Podia ouvi-las sentando-se no chão sozinhas ou aos pares, silenciosamente. Não me mexi, nem abri os olhos. Sabia que elas também estavam meditando.

Finalmente, voltei a ficar totalmente consciente de minha localização. Abri os olhos e olhei para meu relógio. Notei os rostos tranquilos ao meu redor, olhos fechados, feições imóveis e relaxadas. Levantei-me em silêncio e desci as escadas até a recepção. Apesar de não ter comido nada naquele dia, não sentia fome ou sede. Uma sensação de prazer, leveza e satisfação me preenchia. Percebi que estava me

sentindo tal como me senti durante um feliz relacionamento afetivo de muitos anos antes: satisfeita e despreocupada quando saía da cama, e cheia de simples e inocente alegria devido a todas as coisas do dia e da noite. Senti-me como se tivessem feito amor comigo com grande perícia e ternura, e tivesse dormido, descansado e despertado novamente. Como se tivesse sido lavada e renovada, como uma criança. Como se eu fosse completamente inocente.

Antes de voltar para casa, conversei rapidamente com Johnson Bates, que me disse que Maharishi gostaria de saber no dia seguinte como me sentira.

— Ele já saiu. Esqueceu-se completamente de voltar para falar com você. Volte pela manhã.

Disseram-me para meditar durante meia hora, de manhã e de noite. Na manhã seguinte, tomei um banho, sentei-me e comecei. O mantra fluiu de modo fácil e natural em minha mente, e novamente a sensação alegre e limpa me invadiu. Imagens claras começaram a surgir na mente, a maioria de crianças sorridentes. O familiar e amado rosto de Rodney brotou sorrindo das brumas da memória e sua voz ressoou em mim. Tive a impressão de que estávamos novamente juntos no alto da pirâmide, em alegre e confiante amizade. Aquela fora um ano feliz... Gradualmente, percebi que estava pensando, em vez de meditar. Não estava mais repetindo o mantra. Comecei a repeti-lo novamente.

Então a meia hora se passou, apesar de ter tido a impressão de que me sentara e começara apenas alguns instantes antes. Vesti-me, dei cabo de algumas tarefas domésticas essenciais, engoli torradas com café e me enfiei no trânsito matinal de Londres.

Nessa época, quando sua organização não era muito grande, Maharishi costumava observar e supervisionar de perto os novos iniciados, instruindo-os e usando seus serviços de diversas maneiras. Com o tempo, isso mudou, e milhares de pessoas foram iniciadas sem sequer conhecer o mestre. Tive a impressão de ter tido a sorte de chegar no começo. Quando soube que eu era escritora, pôs-me a compor

folhetos, a organizar os cartazes para encontros que faria nos salões Caxton e Conway e a rascunhar outros documentos.

Logo descobri que ele tinha uma mente altamente inteligente, uma memória retentiva e que mantinha em mente uma dezena de projetos ao mesmo tempo, estando sempre em movimento. Enquanto lia para ele em voz alta o que escrevera, interrompia-me para telefonar para Estocolmo pedindo uma reserva num hotel, telefonava para alguém em Atenas para falar de alguma proposta de visita, mandava uma mensagem para a baronesa Fulana de Tal em Hamburgo. Ou para perguntar:

— Qual o maior auditório de Londres?

— O Albert Hall, Maharishi.

— Quanto custa? Quantas pessoas cabem lá? Ligue para eles! Diga-lhes que vamos usá-lo para um congresso mundial em breve.

Apesar de trabalhar e pensar com grande rapidez, seu método consistia em pôr meia dúzia de pessoas a fazer planos, descartando-os em preferência às idéias mais claras e desenvolvidas que lhe ocorressem. Seu método de trabalho e sua forma de lidar com os seguidores era bem oriental — gregário, falador, nada pontual e, com seu sorriso charmoso e riso solto, era perdoado por pegar os trabalhos prontos, pô-los de lado, mandar que outras pessoas os refizessem e depois juntar tudo após horas ou dias de esforço.

As pessoas iam e vinham o dia todo. Ele gostava de ter pessoas à sua volta, fazendo-lhe perguntas, sentadas a seus pés, tal como os alunos tradicionalmente se reúnem perto do mestre na Índia. Escrevíamos de pernas cruzadas sobre o chão, interrompidos pelo telefone que tocava sem parar, pela chegada de visitantes ou para irmos à cozinha mexer o *curry* de verduras que fervia ao fogo. Ele comia uma vez por dia, e todos que estivessem na casa naquele momento comiam com ele. Ele era completamente vegetariano, e vivia principalmente dos *curries* que os devotos indianos cozinhavam, além de frutas, iogurte e leite.

No primeiro dia, trabalhei 18 horas com ele. Não percebi o horário. Ele mesmo parecia incansável. Quando ele disse:

— Telefone para senhora X. Ela vai me dar algum dinheiro para um circuito de palestras.

Alguém respondeu:

— Ela deve estar na cama, Maharishi. Estamos no meio da noite. Meu relógio marcava três da manhã.

— No meio da noite? Então todos devem ir para casa — disse, olhando curioso à sua volta. — Vocês não querem ir para casa?

Respondemos com um gesto, e ninguém se mexeu. Como se estivesse combinado, recomeçamos a trabalhar e a planejar, pois via-se claramente que ele mesmo não desejava dormir.

Cochilei sobre algumas almofadas na sala do andar de baixo por algumas horas. Desse dia em diante, ia e vinha quase diariamente, oferecendo ajuda para quase toda tarefa que se apresentasse: aspirar o tapete, lavar os pratos, escrever rascunhos de folhetos que impeliavam o mundo ocidental a praticar meditação. Tudo que escrevia no objetivo estilo jornalístico era alterado para uma florida linguagem oriental antes de ser publicado.

Quando havia tempo, sentávamos e repetíamos nossos mantras meditando. A maioria de nós ficava fascinada, de início, com visões, vozes e sutis percepções sensoriais que eram agradáveis, interessantes ou inexplicavelmente curiosas. Nada disso era novidade para mim, claro. Mas nunca conseguira entender plenamente essas coisas.

Maharishi dizia que essas experiências pertencem ao 'meio-mundo' com que os espíritas e clarividentes costumam lidar. Atualmente, eu diria que pertence ao nível psíquico, não espiritual.

— Isso não vale nada. Deixem essas coisas de lado. Vamos além disso.

A teoria simples de Maharishi dizia que a mente se voltará naturalmente para a fonte de sua própria existência caso disponha de uma técnica fácil para isso. Esse é o "reino do Deus interior", e a fonte de toda existência. "Grande felicidade, energia, criatividade e amor podem ser encontrados por esse meio simples", disse, "pois a mente transcende facilmente este mundo e entra no campo do Ser." Assim, o iniciado vê que se esvai toda tensão, desgaste mundano e energias negativas. Ele vai até o fundo e emerge renovado e leve.

Ele estava tão convencido de seu sistema simples de Meditação Transcendental, que falava com confiança em completar sua obra em três anos. Depois disso, ele voltaria para o Himalaia, para uma vida de solidão e meditação nas cavernas montanhosas do Vale dos Santos em Uttar Kashi, onde viviam seus irmãos espirituais. A obra que iria completar era a "regeneração do mundo".

Quando menino, Maharishi viveu no mundo secular comum da Índia, formando-se em física na Universidade Allahabad. Pouco depois de completar seu curso universitário, encontrou o Shankaracharya de Yotir Math, que estava sendo carregado cerimonialmente pelas ruas de Allahabad num dia santo.

O jovem estudante abandonou sua carreira mundana e seguiu o homem santo, passando a viver entre reclusos e monges, totalmente dedicado ao avanço espiritual. Ele emergiu novamente aos 45 anos, após a morte de seu mestre. Ele preferia a expressão "depois que Guru Dev deixou seu corpo". Achava que Guru Dev queria que ele ajudasse o mundo.

De suas experiências mundanas iniciais, o homem agora conhecido como iogue Maharishi Mahesh extraiu suas idéias sobre a maneira de organizar uma comunidade secular. Não tinha experiências de vida além da comunidade fechada, pois era muito jovem. Começou analisando as coisas de modo factual e lógico, considerando o tamanho da população do mundo e calculando quantas pessoas deveriam começar a meditar diariamente, mensalmente e anualmente: quantas teriam de se qualificar para iniciar outras. Quantos candidatos os novos iniciadores

precisariam admitir por semana, por mês e por ano, e quantos destes deveriam se tornar iniciadores. Sim, sim, o mundo todo poderia aprender a meditar em três anos! Regenerado, o mundo não passaria por novas guerras. Todos os homens viveriam em feliz e pacífica fraternidade.

Sentava-se sorridente sobre a pele de gazela de seu mestre, seus grandes olhos castanhos brilhando, vestido de branco, braços cheios de flores. Nós olhávamos para ele e o amávamos. Guardávamos sua inocência. Em sua presença, quem ousaria verbalizar o *Weldschmerz* que passava por nossas mentes sinistras, obscurecidas pelo conhecimento da expulsão do Paraíso e pela tênue compreensão do calvário?

Fechando os olhos e entoando as tradicionais palavras mânticas que "produzem todas as boas vibrações", como nos dizia, sentíamos nossas mentes se introjetarem através de camadas de experiência cada vez mais sutis. Além das visões dos meio-mundos, descobrimos algo infinitamente delicado, infinitamente precioso e doce: a água da fonte da vida eterna, com certeza. Voltávamos sem saber onde estivéramos ou o que encontráramos. Quando sedentos, voltávamos para aquele lugar. A felicidade nos invadia e nossas vidas pareciam renovadas, como na manhã e tarde do primeiro dia do mundo.

Tive a impressão de ter encontrado um caminho para fazer, intencionalmente, aquilo que me ocorreu tão espontaneamente naquela noite com Hugh Ripman, tantos anos antes. Contudo, começou a fazer sentido que, naquela ocasião, devo ter notado que sabia de algo — mas não sabia o quê! "A mente consciente não pode perceber a natureza do Ser", disse Maharishi. Por este motivo, era difícil trazer qualquer coisa lúcida do estado transcendental. Contudo, as pessoas ficavam cada vez mais sequiosas para praticar.

Após algumas semanas, eu estava bancando a motorista para Maharishi por toda a Londres em meu carro. Quando ele disse que queria conversar com os estudantes em Oxford, ofereci-me para ir com ele. Apesar de já não ter mais meus pais, tive um prazer todo especial em voltar até meu lar de infância. Ele costumava

viajar com um pequeno grupo de acompanhantes, mas na última hora decidiu ir apenas com Henry Nyberg, um antiquário aposentado de origem judaico-holandesa que ingressara recentemente no Movimento e que se tornou seu líder mais tarde. Eu devia ir antes até o Hotel Randolph e preparar sua chegada.

Conhecia a rotina de suas palestras suficientemente bem para saber que era preciso reunir um bom grupo de pessoas para atender o fluxo de candidatos à iniciação que sempre surgia após suas apresentações. Por isso, telefonei para Stephen Andrews, o artista canadense, que já viajara com Maharishi e conhecia o esquema, e quem eu considerava um amigo de confiança. Disse-lhe que esperava que fosse. O recado foi anotado pelo dr. John Allison, que disse que o transmitiria. Seus apartamentos eram contíguos.

De Londres, reservei um quarto duplo para Maharishi e outro para mim, e alugamos o salão de baile do hotel, que deveria ser convertido em auditório naquela noite. Havia muitas coisas a fazer antes da chegada de Maharishi. Eu estava ocupada fazendo arranjos florais no salão, distribuindo folhetos e acompanhando a acomodação do público. Ele sempre se sentava de pernas cruzadas para dar palestras, e, para que pudesse ser visto, os funcionários do hotel arranjaram uma mesa com plataforma onde podia sentar-se. Eu a cobri com um dos cobertores marrons de Maharishi e a adornei com flores, do jeito que gostava. Sobre o cobertor, ele poria sua pele de gazela ao chegar.

A seu pedido, chamei a imprensa, e o *Oxford Mail* e o *Times* enviaram um jovem repórter e uma fotógrafa. Consegui chamar a atenção do jornal graças à minha antiga associação com eles antes da guerra. Entre organizar o salão, orientar o cozinheiro acerca da comida de Maharishi, refazer seu quarto à sua maneira, fazer um altar com um criado-mudo e atender a muitos interessados, subi e descí as escadas e percorri os corredores em velocidade sobre-humana. Precisava de ajuda, mas não havia sinal de Stephen.

Quando Maharishi chegou com Henry Nyberg, mencionei aborrecida a ausência de auxiliares, pois nenhum surgira. Henry deixou claro que só estava levando Maharishi, e que estava a caminho de sua casa de campo em Wiltshire. Maharishi disse, alegremente:

— Você conseguirá administrar tudo sozinha, e muito bem.

Depois que se acomodou em seu quarto, levei o repórter até ele. Perguntei ao rapaz se ele se incomodaria em tirar os sapatos, como era de costume, e ele o fez de modo amistoso e amável. Quando ficou diante de Maharishi ele parou e fez uma reverência antes de sentar. Essa era uma bela mudança para a imprensa inglesa, cujos representantes raramente se mostravam corteses para com Maharishi; geralmente, eram rudes, sarcásticos e agressivos.

Maharishi saudou-o à maneira indiana tradicional, com as palmas das mãos reunidas, murmurando "Jai Guru Dev" (Salve, Mestre Sagrado). Observei o rosto reluzente de Maharishi ao falar, com seu jeito simples e infantil, de suas esperanças e aspirações para o mundo. Estava claro que, naquela época, ele não levava em conta que talvez não fosse apenas a ausência de 'métodos', 'práticas' e 'caminhos' para consciência superior que mantinha o mundo em seu atual estado de infelicidade. Alguém lhe mencionou o clichê "Não que tenham testado o cristianismo, vendo que não correspondia às expectativas; viram que é difícil e não testaram". "Meu caminho não é difícil", respondeu, sem compreender a pergunta e demonstrando total confiança em seu sucesso, e sem se importar com o destino de outros ensinamentos.

O jovem repórter ouviu polidamente tudo o que Maharishi disse. Fez perguntas, tomou notas, fechou sua caderneta e se retirou polidamente. Maharishi parecia satisfeito e confiante.

— Será que ele vai mesmo escrever tudo a meu respeito? Será que vai escrever apenas aquilo que eu disse, sem inferir coisas que eu não disse?

Isso acontecia muito nos jornais londrinos — a distorção deliberada ou o exagero de suas palavras simples.

— Creio que ele vai escrever a verdade, sem comentários adversos — disse-lhe.

A fotógrafa entrou. Seu tipo era completamente diferente do de seu colega. Recusou-se com desprezo a tirar seus sapatos de salto alto. Seu rosto, pequeno e áspero, avaliou o cenário e o ambiente, vendo Maharishi sentado com o incenso e as flores às suas costas. Ela ordenou categoricamente que ele se mudasse para outro lugar, com um fundo menos cheio de coisas. Intrigado, ele disse "não, não" e não se moveu.

Com uma expressão de aborrecimento, ela passou sua poderosa lâmpada para minhas mãos e disse:

— Olha, segure isto e ilumine o rosto dele.

E para Maharishi:

— Olhe para cá. Vire a cabeça. Erga os olhos. Mantenha-se assim. Certo.

Uma lâmpada de *flash* explodiu subitamente. Ela praguejou e começou a tentar substituí-la, mexendo em sua mala ruidosamente, numa exagerada demonstração de desdém por ele.

Maharishi, com seus modos tão gentis e polidos, olhou espantado para o rosto duro e ousado da jovem. Depois olhou para mim com uma expressão de espanto, insegurança, quase medo. Segurando a lâmpada para realçar suas feições tal como me disse a jovem, sorri para tranquilizá-lo. Ele sorriu, depois riu quando a câmara começou a bater algumas chapas. Ela saiu toda descontente e sem sequer ter dito uma palavra para ele, como se tivesse fotografado um animal ou objeto inanimado. Ele olhou para mim.

— Será que está tudo bem?

— Creio que as fotos sairão bem, Maharishi.

— ... muito importante ter publicidade — disse ele pela centésima vez.

— Mas você precisa de boa publicidade, Maharishi. Algumas notícias que saíram a seu respeito antes foram negativas.

— Toda publicidade é boa publicidade. Não há isso de má publicidade — respondeu suavemente.

Fiquei comovida. Como ele ainda entendia pouco do mundo ocidental. Apesar de já fazer algum tempo desde que saíra da Índia, ficou no Oriente a maior parte do tempo, indo de sua terra natal para a Malásia, Burma, Hongkong e Honolulu, depois rapidamente para os EUA antes de ir para Londres. Percebi subitamente a solidão, a coragem, a enormidade dos obstáculos que estava tendo de superar nesse seu exílio auto-imposto. E a urgência de seu sonho idealista.

No último instante, surgiu John Allison no lugar de Stephen Andrews. Ele deu uma vaga desculpa para sua presença, e percebi, por sua expressão evasiva quando perguntado, que não dera o recado e que achava que seria uma boa oportunidade para chegar mais perto de Maharishi por seus próprios motivos particulares. Junto com ele estava Elizabeth Jane Howard. Esperando obter alguma ajuda prática, pedi a Jane que completasse o arranjo floral e a John para ver se o gravador já estava no lugar, com fita e ligado. Corri para atender a alguns telefonemas e voltei dez minutos depois, encontrando os dois sentados com Maharishi, conversando sobre filosofia, alheios ao tempo. Isso me surpreendeu, pois sempre foram pessoas bastante competentes. Ocorreu-me que havia uma certa vagueza, certa indisposição para o trabalho, uma aversão às responsabilidades em certos setores do Movimento de Regeneração Espiritual.

Maharishi costumava falar bastante nessas primeiras palestras. Ele sabia que as pessoas ficavam, estavam mais seriamente interessadas do que aquelas que logo se entediavam e iam embora. Ele sempre dizia que a meditação era para todos, não apenas para aqueles que conheciam e compreendiam os ensinamentos religiosos e pensamentos filosóficos. Ao mesmo tempo, tentava cativar novos discípulos por meio de seu discurso teórico.

Seus ensinamentos estavam calcados principalmente na filosofia hindu, na qual era bastante versado. Ele dizia que a prática da meditação não implicava o

abandono de suas próprias religiões. Aquilo que cada um sabia a respeito dos dogmas e rituais de sua própria crença, bem como das práticas e costumes de seus próprios países, iria se aprofundar com o aprofundamento da meditação. Ninguém devia pensar que seria preciso abandonar as maneiras ocidentais.

Ao mesmo tempo, alguns de seus seguidores passaram a adotar túnicas indianas, o uso de incenso em casa e de flores como presentes ou decoração. Muitos começaram a se alimentar com pratos indianos ou passaram ao vegetarianismo. Era como o começo da era do Flower Power, e os seus seguidores, de pés descalços ou sandálias, cabelos compridos e roupas leves pareciam se multiplicar pela sociedade, como pequenos ecos dos mestres indianos que alguns veneravam e de quem outros ouviram falar. "Paz e amor", entoavam em coro, abraçando-se uns aos outros.

Certo dia, tendo de subir na plataforma com uma francesa que o acompanhava pela Europa usando sari, Maharishi disse sombriamente para um discípulo íntimo: "Gostaria que Madame B. não me apresentasse na plataforma. As pessoas vão pensar que nós dois somos birutas". O modo rápido como adotava a gíria e expressões idiomáticas alegrava e divertia a todos.

Após a palestra no Hotel Randolph, as pessoas me cercaram e comecei a marcar consultas com intervalos de 15 minutos ao longo dos dois dias seguintes. Elas me pressionavam, perguntando, cobrando, ansiosas e ávidas por atenção. Sabia muito pouco. Não estava qualificada para responder suas perguntas urgentes e pessoais. Meu papel era o de secretária, anotando nomes num bloco, até que consegui subir novamente as escadas. Os porteiros do hotel, um tanto intrigados mas muito solícitos, ajudaram-me a levar os inúmeros vasos de flores. Foram postos no quarto de Maharishi.

Jane estava sentada numa poltrona, olhos esbugalhados, quieta. John estava falando sem parar sobre Ouspensky. Via-se claramente que Maharishi não estava escutando. Estava perdido em seus pensamentos. Andei pelo quarto, pondo flores no

pequeno altar com o retrato de Guru Dev que eu montara e deixando os incensos e velas prontos.

Perguntei-lhe se desejava comer. Eu solicitara um *curry* vegetariano um pouco antes, mas ele o recusara. Disse-me que gostaria de iogurte, mas era tarde e a cozinha estava fechada. Ele acabou aceitando frutas e alguns biscoitos de minha cesta de piquenique, bebeu um pouco de leite e ficou satisfeito.

Começamos a falar dos eventos da noite. John e Jane ainda estavam falando de filosofias pessoais, e por volta de uma da manhã ele interrompeu bruscamente a conversa, aparentando impaciência, e disse:

— Vocês devem ir. Vão para casa. Voltem para Londres.

Não foram úteis, apenas se aproveitaram de meu pedido por auxiliares, e pelo olhar que ele me lançou quando fechei a porta, percebi que não devia ter tomado essa iniciativa. Fiquei sozinha com ele. Após alguns instantes, disse, embaraçada:

— Maharishi, creio que amanhã vou precisar de umas duas ou três pessoas para me ajudar a lidar com tanta gente. Pode haver 40 ou 50 pessoas a iniciar nesses dois dias. Como poderei cuidar de tanta gente? Será que poderia telefonar para Londres para chamar alguns auxiliares pela manhã?

— Não, você vai conseguir controlar tudo sozinha. Não será preciso chamar ninguém.

Fiquei sentada ao seu lado por mais uma hora, enquanto fazia anotações para outros planos e projetos. O Congresso Mundial no Albert Hall ainda estava em sua mente. Deveria ser organizado para breve, pensou. E uma grande conferência para os iniciados que já estavam meditando há alguns meses. Depois disso, ele voltaria e excursionar pela Alemanha, Escandinávia, Itália, Grécia e Paris. Alguns meses depois, voltaria a fazer a Europa e depois a África do Sul, pensou. Mais tarde, poderia ir aos EUA, Nova Zelândia e Austrália, voltando em janeiro para descansar silenciosamente na Índia.

Ele estava procurando um lugar adequado na Ôndia para a construção de sua Academia de Meditação. Quando começasse a funcionar, seria o centro mundial de treinamento para iniciadores e iniciados avançados em MT, Meditação Transcendental. Nela, as pessoas iriam meditar com ele durante longos períodos, seriam instruídas na filosofia hindu, na qual sua teoria se baseava, e no conhecimento esotérico que ele desejava transmitir pouco a pouco. Naquela época, porém, ele enfatizava que quaisquer outras orientações ou conhecimento de práticas secretas seriam limitados às pessoas que realmente os desejassem. Para a maioria, a simples prática da MT seria suficiente para realçar as possibilidades de suas vidas pessoais e, no final das contas, para 'regenerar o mundo'.

Quando ele finalmente encerrou os trabalhos da noite, deitou-se sobre os lençóis de seda branca que eu pusera sobre sua cama, virou para o lado e apoiou a cabeça com mão. Peguei seu cobertor marrom e cobri-o com ele. Parecia ser uma proteção noturna bastante inadequada, mas sabia que ele raramente se incomodava com mudanças de temperatura. Ele nunca usava os cobertores ou edredons fornecidos pelos hotéis.

Ele me pediu para abrir a janela. O ar parecia frio, mas ele disse que não estava frio demais.

— A quantidade de roupas que usamos é apenas uma questão de hábito — disse-me ao caminharmos pelo Regents Park, quando ele usava um fino dhoti de seda e sandálias nos pés numa noite fria e ventosa. Para ele, o ar fresco era muito importante. Quando as pessoas o visitavam, ele geralmente deixava a janela aberta. Suponho que seu sentido sensual fosse bem desenvolvido e que ele se sentisse desconfortável ante os odores impuros da humanidade ocidental, predominantemente carnívora.

Voltei ao meu quarto, tomei um banho e me sentei para meditar. Dessa vez, porém, não consegui manter a mente quieta. Dezenas de pensamentos, as considerações e ansiedades do dia seguinte a percorriam. Vi que seria inútil voltar a

pedir mais auxiliares. Por algum motivo, seria obrigada a atravessar sozinha com ele os próximos dois dias. Deitei-me. Ao longo de toda a noite, os sinos familiares do Grande Tom, da Santa Maria, da Virgem e de tantas igrejas que ouvira durante minha infância e juventude anunciaram a passagem das horas.

Nas camadas profundas da mente, formavam-se pensamentos vagos sobre esse homem estranho e impressionante, sobre cujo profundo conhecimento não tinha a menor dúvida. Em sua presença, costumava ficar calada devido à insignificância de meu próprio eu, minhas questões e aspirações em comparação com os motivos e propósitos que via nele.

Mas, e sua meta? Regenerar o mundo? A impossibilidade da tarefa era bastante distante da aparente sabedoria desse mestre. As palestras e ensinamentos traziam a essência de muitos livros sobre filosofia e religião que eu estudara no passado. Em suas conversas, sugeria-se continuamente o conhecimento esotérico. Ele me dava a impressão de ser 'um homem que sabe'. Pessoas como Francis Roles eram apenas homens que receberam alguns ensinamentos e acreditaram neles — algo bem diferente. Maharishi me lembrava mais de Rodney em seu apogeu, talvez mais forte e sereno, pois tinha às costas uma tradição antiga e estabelecida, e se desenvolvera lentamente ao longo de muitos anos de trabalho, ao que parecia.

Aparentava uma intenção perfeitamente honesta. Mas havia algo irrealista em sua meta e no fato de acreditar absolutamente em sua possibilidade real. Parecia inevitável que o mundo o maculasse.

10

Pela manhã, quando fui até o quarto de Maharishi, já havia uma multidão fazendo fila pelo corredor. Pedi às pessoas para tirarem os sapatos, e revelaram-se grandes dedões saindo de meias por coser. Algumas delas, rindo, tiraram as meias também, ficando com os pés nus.

Ele começou a atendê-las, não individualmente como então era o hábito com os recém-chegados, mas em pequenos grupos. Depois ele os enviava para mim. Eu

os instruía a respeito das oferendas de frutas e flores. No meio da tarde, havia pessoas por todo o corredor e pelas escadas, tagarelando e rindo enquanto esperavam. Ele já estava atrasado.

Uma moradora do hotel, já idosa, começou a reclamar em voz alta:

— O que significam todos esses sapatos pelo corredor? O que esses jovens desejam? Estudantes por toda parte! Que desagradável.

Reorganizei tudo bem depressa. Meu próprio quarto, bem grande, tornou-se uma sala de espera, e aluguei um quarto ao lado para servir de local para meditação. Eu saía e entrava, dando ordens, instruções, tentando ficar de olho nos recém-chegados, pedindo às pessoas para falarem baixo, mantendo os corredores livres, impedindo os novos iniciados e os não iniciados de se misturarem, evitando que os candidatos à iniciação não atrapalhassem aqueles que já estivessem meditando. A moradora idosa passou por ali e deu uma olhada no meu quarto, que estava com a porta aberta.

— Francamente, minha senhora! Vinte rapazes em seu quarto. Vou falar com a gerente.

No quarto ao lado, novos iniciados se sentavam nas duas camas, nas cadeiras ou no chão, com os olhos fechados. Os estudantes risonhos e tagarelas ficaram calmos e silenciosos. Seus rostos pareciam lavados, tranquilos e em paz, como uma dúzia de Budas fundidos em bronze, seus rostos quietos banhados pela luz da tarde filtrada pelas cortinas semicerradas. Olhei longamente para eles antes de sair para instruir e atender aos demais.

Ao longo de todo o dia, as pessoas entravam e saíam. Eram estudantes, na maioria, embora houvesse um punhado de homens e mulheres mais velhos, dois indianos e uma menina com evidentes problemas mentais. Ela começou a gritar desesperadamente pelo corredor e teve de ser acalmada e gentilmente isolada dos outros.

— Deus do céu, isto parece um hospício! — berrou a senhora idosa, aparecendo outra vez, indignada, querendo saber o que estava acontecendo. A gerente apareceu e, desculpando-se pediu à sua idosa, estabelecida e respeitável moradora, a senhora Fulana de Tal, que mantivesse o senso de humor. Será que eles não poderiam se mudar para o andar de cima? pediu ela.

Maharishi pareceu aborrecido.

— Não — disse. — Não vamos nos mudar. — Ele ficou quieto por alguns instantes. — Não vamos mais ter problemas — disse, com uma expressão intrigante no rosto. — Agora, vamos continuar. — Ele foi chamar o próximo candidato.

Para minha surpresa, a velha senhora tinha desaparecido. Sua porta estava firmemente fechada e não houve nenhuma outra reclamação. Na verdade, nunca mais a vi. ... como se ela tivesse sido posta a dormir, a esquecer, a desaparecer de nossos círculos, a não nos impedir mais, ao ponto de nem sequer continuar consciente de nossa presença.

Ocorreu-me, quando pensei no assunto mais tarde, que Maharishi poderia ter o uso pleno e consciente do tipo de poder de transferência mental que Elsie Abercrombie usara em suas travessuras quando criança. O que em Elsie fora um talento ou uma malandragem, em Maharishi era uma arte disciplinada.

Maharishi conversou com a menina com problemas mentais, pedindo-me para ficar no quarto. Para minha surpresa, ele a iniciou. Em alguns minutos, ela estava silenciosamente sentada com os outros, aparentemente livre de todos os demônios, repetindo seu mantra em paz.

Os novos iniciados eram trazidos 'de volta' da meditação para que sua experiência fosse 'conferida' após meia hora. Pedi que Volkurt Knudsen, um jovem alemão muito sensível, anotasse os nomes e horários em que cada um começou a meditar, para que fossem postos em fila na ordem de saída. Depois de Maharishi conversar com cada um, mandava-os para casa ou de volta à meditação, de acordo

com o resultado individual. Naturalmente, eu ainda era muito inexperiente na ocasião para pessoalmente avaliar a experiência de cada um. Mal entendia a minha.

Eu pensei em cobrar algum dinheiro de todos eles. Logo percebi que pouco surgiria. A renda de uma semana significava uma semana de bolsa universitária para muitos deles; do que iriam viver se dessem tal soma? Consultei Maharishi. "Que paguem o que puderem", disse. Um rapaz disse que só tinha alguns centavos, e deixei por isso mesmo.

Usando apenas meias, para evitar ter de tirar e pôr meus sapatos toda hora, subi e desci escadas, fui de um lado para outro, e, por milagre, consegui manter tudo em ordem numa velocidade razoável. Lá pelas quatro e meia da tarde, perguntei-lhe se queria almoçar, pois não fizéramos qualquer pausa desde o café da manhã.

— Não — disse ele. — Agora vamos falar do Congresso Mundial. Telefone para o Albert Hall e marque a data.

— Sim, Maharishi. Mas, e os rapazes? Ainda há muitos esperando. Ele aparentou aborrecimento novamente.

— Estou cansado dos rapazes. Eles fazem perguntas só por fazer. Traga todos de uma vez e vamos acabar com isso.

Hesitei, pensando na melhor maneira de resolver o impasse. Surgiu uma distração oportuna. Um dos recepcionistas apareceu levando um exemplar do *Oxford Mail*, que comprou para nós sem que tivéssemos pedido. Uma grande e atraente foto de Maharishi em meio-perfil, sorridente, adornava a primeira página. Havia um texto longo e bem redigido.

— Leia-o para mim — pediu.

Tentando não me sentir ansiosa com os movimentos e filas do lado de fora, sentei-me e li. O repórter fizera um relato fiel e honesto. Tudo estava bem até que li a última frase. De modo comovente, ele finalizou sua entrevista com esse extraordinário mestre indiano que iria "regenerar o mundo em três anos" com as palavras: "De minha parte, vou meditar sobre a estranha inocência do Maharishi".

— O que significa isso? — disse Maharishi, arregalando muito os olhos.

Lá fora, com grande alarido, batiam fortemente na porta. Levantei-me e olhei o corredor. Os estudantes se comprimiram à porta, todos falando ao mesmo tempo.

— Quando ele irá nos atender?

— Tenho um jantar na faculdade.

— Preciso ir a um palestra.

— Meu tutor está me esperando e já estou atrasado.

— Estamos esperando há horas.

— Muito bem — disse Maharishi —, vamos continuar com eles.

Por volta das onze da noite, ele terminara as iniciações, e todas as avaliações e instruções adicionais para o primeiro dia foram dadas. Todos, isto é, exceto para dois rapazes que chegaram para a primeira consulta depois que as lojas haviam fechado, razão pela qual não conseguiram comprar suas oferendas de flores e frutas. Perguntei se poderiam partilhar a oferenda de outras pessoas ou pegar alguma que já tivesse sido usada, pois todos os quartos estavam cheios de frutas e flores.

— Não, não. Eles devem trazer as oferendas deles. Aquelas que já foram postas no altar não são usadas novamente.

Disse aos jovens candidatos para saírem e tentarem conseguir alguma coisa com alguém, nas faculdades ou em algum dos hotéis. Eles voltaram quase desesperados, dizendo que não conseguiram absolutamente nada, exceto duas maçãs. Estavam determinados a receber a iniciação. Imploraram-me. Transmiti suas súplicas a Maharishi. Ele foi categórico.

— Se não trouxerem os presentes conforme a tradição, não os iniciarei. — Disse-lhe que tinham tentado. — Que voltem amanhã.

Eles disseram que teriam exames o dia todo. Será que Maharishi não faria uma concessão? Ele ficou calado, olhando para um ponto qualquer à sua frente.

Os jovens esperaram toda a noite, sem falar nada, sentados uma ao lado do outro num sofá do corredor. Pela manhã, tinham ido embora.

Às onze e meia da noite, perguntei-lhe se tinha comido alguma coisa. Eu não fizera uma pausa sequer desde a manhã, e, naturalmente, nem ele.

— Posso pedir alguma coisa para o senhor, Maharishi?

Ele recusara seu *curry* antes. Queria iogurte, disse. Apesar de meus arranjos com o porteiro da noite, aconteceu alguma coisa errada na cozinha e não havia iogurte no hotel.

— Não faz mal — disse. Deitou-se de lado, apoiando a cabeça nas mãos. — Vá comer.

Apesar de saber que ele não precisava de muito alimento, senti-me ansiosa pelo fato de ele passar o dia inteiro sem comer nada e sem conseguir aquilo que pediu. Saí do hotel e percorri todos os restaurantes da cidade até encontrar um restaurante indiano aberto na rua Walton, apesar de ser quase meia-noite. Jantei rapidamente e os convenci a me darem duas garrafas de iogurte, levando-as orgulhosamente para o Hotel Randolph.

Entrei silenciosamente em seu quarto para não acordá-lo caso estivesse dormindo. Seus grandes olhos negros apontaram para mim. Ele viu o iogurte, sentou-se contente e feliz, e pus um prato diante dele.

— Estava deitado aqui pensando que, se o corpo precisasse de alimento, haveria alimento — disse. Ele riu enquanto comia. — Você comeu também?

— Sim, obrigada, já comi.

Quando terminou, trouxe-lhe água num prato e uma toalha, à maneira como estava acostumado. Ele molhou os dedos e os secou.

Então, disse:

— O que ele quis dizer? "A estranha inocência do Maharishi"?

Não respondi. Retirei o prato, lavei-o, pendurei a toalha e comecei a limpar o arroz, os restos de incenso e as flores caídas em redor do altar. Às minhas costas, ele repetiu:

— O que ele quis dizer? Hum? Hum?

Não conseguia imaginar algo apropriado para dizer. Quando ele insistiu, observei que nossa Bíblia diz que, a menos que você seja como uma criancinha, não pode entrar no reino do Céu.

— Ele acha que você é como a criancinha, Maharishi. Na verdade, foi bonito o que ele disse.

Maharishi ficou me observando. Não quis olhar em seus olhos, pois sabia que era uma meia-verdade. Senti-me incapaz de dizer algo que pudesse parecer áspero ou cruel, ou de fazer algum julgamento dele. Olhei para ele e afastei meu olhar novamente enquanto andava pelo quarto.

— Ele pensa que eu não posso regenerar o mundo? — disse a voz de Maharishi às minhas costas. Concordei, hesitante.

— Ele pensa que você não pode regenerar o mundo, Maharishi. Fez-se um longo silêncio.

— Não quer dormir, Maharishi?

Ele me deu a impressão de ter envelhecido de uma hora para outra. Confessou-me que estava um pouco cansado. Deitou-se. Aparentemente, não sentia nem frio, nem calor. De qualquer modo, cobri-o suavemente com seu cobertor marrom. Depois, abri um pouco a janela. Ele não olhou para mim, mas ficou contemplando o infinito. Quando saí do quarto, disse-me:

— Vou meditar sobre essas palavras: "a estranha inocência do Maharishi".

Tivemos problemas com a menina mentalmente perturbada logo no começo do dia seguinte. Fiquei surpresa por ele não ter percebido que esse caso poderia ter repercussões, mas creio que fazia parte da estranha inocência. Ela chegou mancando, chorando, com um jeito estranho. Dizia coisas incoerentes e atraiu muita atenção. Fiz com que passasse na frente de todos e levei-a rapidamente à presença de Maharishi. Fiquei maravilhada com o modo como ele a acalmou, a rapidez com que ela recuperou a normalidade e a serenidade. De olhos límpidos e feliz, ela saiu do hotel com um ar saudável, com equilíbrio mental e físico. No meu íntimo, achei que esse milagre não

iria durar muito. Por ora, no entanto, estava preocupada apenas em fazer com que não atrapalhasse os demais.

Quando entrei em seu quarto, Maharishi disse:

— Deveríamos nomear um líder para cuidar deste novo centro de meditação de Oxford. Quem poderia ser?

Sugeri um dos indianos, pois ele estava me ajudando com habilidade e bom senso. Ele descartou a hipótese imediatamente. Ocorreram-me duas ou três alternativas — pessoas mais velhas que, em meu entender, pareciam responsáveis e sensatas. Ele não aceitou nenhuma delas. Pensou um pouco e disse:

— Vou nomear aquele rapaz alemão. Será que está por aí?

Volkurt Knudsen estava no hotel, tendo sido um dos primeiros a chegar, apesar de lhe termos dito que saíra bem e que não precisaria voltar. Mesmo assim, apareceu logo cedo, trazendo três crisântemos enormes para Maharishi. Ele estava sentado quietinho com as flores nos braços, embora eu lhe tivesse dito que talvez não pudesse ver Maharishi. Evidentemente, este deve ter sentido a presença do rapaz, pois eu não o informara. Fui chamá-lo correndo. Vinte minutos depois, Maharishi me disse:

— Eis o líder do Centro de Oxford. Diga aos outros.

Volkurt reuniu-se novamente ao grupo. Seu inglês era bem fraco. Ele estava no começo do primeiro semestre da faculdade. Seu pai era industrial em Hanover. Ouvi-o quando dizia a Maharishi, naquela manhã, que se acostumara a rezar e a meditar sobre a Cruz, ficando ajoelhado durante uma hora a cada vez. Seu rosto franco e jovial ficou iluminado enquanto conversava com Maharishi. Via-se claramente que tinha mais consciência espiritual do que os outros, o que Maharishi percebeu rapidamente. Junto dos outros iniciados, parecia muito jovem. Esforçou-se para se fazer compreender, e continuou a me ajudar durante a manhã toda.

Por volta do meio-dia, Maharishi disse, de repente:

— Creio que devemos voltar para Londres agora.

Lembrei-o de que ainda havia muitos compromissos agendados. Ele pareceu tristonho. — Eles falam tanto — disse. — Bem, vamos ficar mais uma hora.

Fui até os quartos onde as pessoas esperavam e 20 rostos se viraram esperançosos para mim. Seria impossível escolher aqueles que o veriam ou não, de modo que os selecionei ao acaso, esperando que minha escolha fosse aceita. Assim, alguns foram iniciados e avaliados, alguns não foram avaliados, alguns marcaram suas consultas e nunca foram iniciados.

Pedi para fecharem a conta. Peguei o dinheiro das iniciações e o somei ao montante da caixinha de latão do quarto de Maharishi. O dinheiro não era suficiente. Saquei de meu talão de cheques. O telefone tocou. A gerente, pedindo desculpas, disse que houvera um erro. A conta estava alta demais.

— Mas, e os outros quartos? — perguntei.

— Percebemos que o cavalheiro indiano foi perturbado por uma certa senhora. Nessas circunstâncias, não vamos cobrar o uso dos dois quartos adicionais.

Parecia extraordinário, mas comecei a achar que não havia mais nada de extraordinário com o Mestre por perto!

Enfiei minhas coisas na mala, pus seus poucos pertences na caixa de metal, reuni as melhores flores e frutos. Algumas pessoas prestativas ofereceram ajuda, e alguém trouxe o meu carro. Saímos em lenta procissão. Os funcionários do hotel, que acolheram friamente o pequeno indiano vestido de branco em sua chegada, vieram vê-lo sorridentes. Ele deu flores a todos que viu pelo corredor e pelo *lobby*.

Volkurt empilhou a bagagem no carro em vez de deixar a tarefa para os porteiros. No último instante, disse:

— Será que eu poderia ir a Londres com vocês? Por favor, peça a Maharishi por mim, caso ele diga não.

O jovem alemão sempre mostrou polidez. Maharishi sorriu para ele.

— Sim, sim, entre, há bastante lugar.

Volkurt entrou no carro e se acomodou no banco de trás entre as frutas e flores. Fomos saindo e nos afastamos do grupo sorridente de funcionários do hotel, que ficaram acenando. Volkurt fez algumas perguntas cuidadosamente formuladas enquanto viajávamos. Depois ele se reclinou, observando que esgotara sua cota de atenção dispensada por Maharishi, e que agora ficaria quieto. Pelo retrovisor, vi que seus olhos estavam fechados. A cabeça de Maharishi pendeu para a frente, e pensei que ele estava tirando um bom cochilo, mas meia hora depois já estava bem acordado.

Toquei num assunto que já estava me intrigando há algum tempo.

— Maharishi, nem todos os iniciados voltaram para sua avaliação esta manhã, conforme combinamos. Será que alguns dos novos iniciados param de meditar?

— Eles vão continuar. Todos querem ser felizes. Eles vão meditar e serão felizes.

— Maharishi, apesar da meditação parecer fácil se comparada com técnicas que exigem austeridade e disciplina, às vezes eu mesma não consigo meditar.

— Como? Você não consegue meditar? Basta sentar, fechar os olhos e começar.

Comecei a tentar explicar-lhe que, quando estava cansada ou ansiosa como ficara nessas três últimas noites, não conseguia manter estável minha mente. Ficava preocupada com minhas responsabilidades, com o que tinha de fazer, organizar, planejar e assim por diante.

— Nessas circunstâncias, alguma coisa na pessoa impede a meditação. Parece que estamos prestando atenção a algo que está numa direção bem diferente.

Pensei em John e Jane, descansando enquanto eu corria de lá para cá, arrumando tudo. Também percebera que outras pessoas, antes ocupadas, estavam ficando mais letárgicas e interiorizadas. Mesmo assim, parecia obviamente importante meditar.

— Qual o problema? — perguntei de uma vez.

Ele pensou um pouco no assunto, como se nunca tivesse encontrado esse problema antes.

— São seus pecados — disse sem rodeios.

Tive a impressão de que ele ficou pensando no problema. Quanto a mim, comecei a analisar qual seria o significado final da palavra 'pecado'.

Na verdade, apenas um pequeno número de pessoas iniciadas nessa época prosseguia em seus estudos. A maioria ia embora rápido. Este deveria ser o primeiro indicador da necessidade de uma mudança de táticas mais tarde, quando lidasse com o atarefado mundo ocidental.

Tarde da noite na estrada Prince Albert, sentávamo-nos no quarto de Maharishi para tomar um café e comer sanduíches enquanto ele tomava leite, e às vezes sobrava tempo para uma conversa. Geralmente, ouvíamos coisas extremamente interessantes. Ele nos falava de seu adorado Mestre, de cuja presença constante estava sempre consciente. Fazíamos perguntas sobre o hinduísmo, e às vezes ríamos e tagarelávamos sobre atualidades e sobre o mundo ocidental na visão de Maharishi.

Ele nos disse que a democracia era má, em essência, pois toda a criação funciona através de uma hierarquia. — Portanto, um reino com príncipes é melhor do que um sistema de governo eleitoral — disse.

Dava a impressão de saber de tudo o que acontecia no mundo, e ria das táticas e políticas absurdas dos governos. Entre esses momentos alegres, porém, podíamos notar que ele estava ficando cada vez mais sério. Mais tarde, não conversamos mais sobre atualidades ou trivialidades domésticas.

— Não estou aqui para ensinar política, nem economia... nem culinária — dizia. — Só tenho uma coisa para vender: meditação, meditação, meditação.

Foram feitas mudanças consideráveis na equipe. Johnson Bates decidiu sair. Não havia nenhum encarregado agora. Apesar de surgirem algumas pessoas sensatas e com aparência profissional, a maioria não ficava muito tempo. Os devotos

mais fiéis eram muito radicais, na maioria pouco práticos, pobres e ligeiramente lunáticos.

— Como é que o Movimento pode crescer se não tivermos gente importante aqui? — perguntou. — Como posso administrar as coisas se não entrar mais dinheiro? Como conseguir mais publicidade?

Mais tarde, naturalmente, ele ficou bem conhecido por meio da imprensa; graças a ela e à televisão, o público gravou seu rosto. Provavelmente, nenhum outro mestre oriental da era *hippie* foi tão familiar. Houve uma considerável migração de professores da Índia naquela época, mas poucos tiveram seu carisma, ou sua bossa, para chamar a atenção.

Mexendo meus pauzinhos, reuni representantes da maioria dos jornais ingleses. Eles o provocavam e ironizavam, ainda convencidos de que a meditação só serviria para um gracejo passageiro. Acusavam-no de charlatanismo, pediam-lhe para "ficar equilibrado sobre a cabeça ou algo assim, para batermos uma foto", e perguntavam-lhe por que não se casava e criava uma família.

Ele parecia surpreso.

— Não, não, nós não nos casamos.

— Como o senhor viaja, sr. Maharishi?

— De carro, de trem e de avião.

— O senhor tem carro?

— Tenho devotos que me levam em seus carros.

— Quem paga suas passagens aéreas?

— Tenho devotos que me pagam as passagens.

— O senhor deve estar ganhando muito dinheiro.

— Não, não.

— O que é que o senhor está bebendo, sr. Maharishi?

— Leite de vaca.

— Creio que vocês imaginavam que havia um iaque no quintal — interrompi, cansada com toda essa história. Eles riram.

— O senhor deve ter amigos muito ricos. Quem cuida de seus assuntos financeiros?

— O dinheiro está naquela latinha.

Eles gargalharam.

Ele estava calado naquela noite, e muito pensativo. Parecia estar ficando desanimado. Mais tarde, disse-nos que não gostaria de ver ninguém que não fosse da casa. Ele 'entraria no silêncio' durante algum tempo.

Sua porta ficou trancada durante a maior parte dos três dias seguintes. Ele não comeu nem bebeu nada. Andávamos na ponta dos pés e abafamos os telefones. Pensamos que estivesse meditando longamente à sua maneira, possivelmente muito mais avançada. Percebemos os seus problemas. Ele não conseguia ver o mundo através de nossos olhos ocidentais. Para nós, era óbvia a razão pela qual seus floridos modos orientais não estavam atraindo gente sólida. A abordagem estava errada. Além disso, ele não via a causa pela qual as pessoas mais sadias não se encantavam de imediato nem continuavam com a meditação como esperava. Na verdade, todas as pessoas iniciadas em Oxford se foram, exceto Volkurt, que permaneceu fiel durante muitos anos. Ele também estava atraindo neuróticos ou desequilibrados mentais em excesso, gente que tomava boa parte de seu tempo, mas que não ficava equilibrada, a menos que ele continuasse a atendê-los. Muitos deles tiveram experiências e *insights* extraordinários, do tipo que Jung descrevia quando falava de alguns de seus pacientes. Eles não adaptavam sua vida interior à realidade exterior, nem viviam uma existência cotidiana normal na sociedade. Esperavam obter dele o tipo de ajuda que a medicina não conseguira oferecer. Mas eles o estavam exaurindo, e quando ficavam mais e mais agitados e perturbados, via-se que eram casos em que a confusão se tornava maior.

Ele dissera que a meditação atuava por meio do sistema nervoso central. Se este se danificasse, a meditação não seria possível. Os tratamentos à base de choques elétricos danificavam o sistema nervoso central, conforme disse, sendo assim algo completamente nocivo. Eles destruíam toda possibilidade de desenvolvimento superior. Muitos dos casos de problemas mentais eram apresentados por pessoas que foram, de fato, submetidas a eletrochoques, e no fim ele começou a mandá-las embora.

Quando emergiu de seus dias de silêncio, seu rosto mostrava um ar forte e decidido. Ele mudara um pouco de atitude. Se o mundo não aceitava com facilidade o seu modo de ser, ele se adaptaria ao que fosse possível. Ele olharia para os outros com um pouco mais de prudência. Ele dispensaria os birutas e se concentraria naqueles que pudessem causar um impacto real no estado do mundo quando avançassem na meditação. Apesar de não gostar de organizações e regras, criaria algumas. Ele percebeu que as pessoas gostavam de meditar juntas, e às vezes praticariam por mais tempo e mostrariam alguns sinais de firmeza na prática se fossem estimuladas pela situação de grupo. Ele não conseguia entender a causa de precisarem dessa espécie de incentivo e de apoio mútuo, mas, se era o que precisavam, ele montaria uma organização e lhes daria isso.

A crença infantil na regeneração do mundo em três anos estava começando a esmaecer. Ele começou a restringir e limitar seus seguidores, criando regras para eles. A medida que sua inocência o abandonava, imperceptivelmente, sua visão inicial começava a desaparecer também.

O principal assistente de Maharishi era um jovem anglo-indiano alto chamado Philip Williams, que estava quase sempre ao seu lado. Ele acabara de começar uma carreira jurídica quando conheceu Maharishi, abandonando tudo por ele. Mais tarde, foi para a Índia e se tomou um *brahmachari*, um monge noviço, usando a túnica oriental, cabelos longos e barba exigidos pela tradição. Nesse estágio, Maharishi nomeou-o seu sucessor, apesar de esta decisão ter sofrido alterações depois.

Philip Devendra, como foi chamado mais tarde, era muito mais sábio em termos mundanos do que o próprio Maharishi. Contudo, ele acreditava em "respirar o hálito do Mestre", curvando-se à sua vontade em tudo, a ponto de tentar realizar os pedidos mais impossíveis. Com seu jeito charmosamente ingênuo, Maharishi nos disse para irmos "procurar a Rainha, pedindo-lhe permissão para construirmos quartos de meditação no Palácio de Buckingham. Poderíamos fazê-lo no porão, sob os jardins. Ela ficaria muito contente com a idéia". Ou: "Vão até a residência do Primeiro-Ministro, na rua Downing n° 10, e marquem uma entrevista com ele. Ele pode mandar construir quartos de meditação em todas as cidades". Rimos carinhosamente e dissemos que faríamos o que fosse possível. Philip ficou permanentemente preocupado com o modo de entrar em contato com as pessoas mais importantes do planeta e de expor as idéias de Maharishi ao mundo ocidental.

Lutando valentemente para organizar tudo de maneira mais profissional e aceitável, Maharishi reuniu algumas pessoas e as nomeou 'conselheiros', com a tarefa de colocar o Movimento em ordem. Apesar de dedicadas ao Movimento de Regeneração Espiritual, eram pessoas sem capacidade administrativa, arrojo ou dinheiro, e logo ele se exasperou com o ritmo dos conselheiros.

Agindo por conta própria, mandou fazer papéis de correspondência de aspecto bastante alegre, impressos com o título *Sua Divindade Sri Bramananda Saraswati Jagad Guru*, com um retrato de Guru Dev e dele mesmo no alto. Ele se descrevia como *Sua Santidade o Maharishi Mahesh Yogi*. Obviamente, para o público leigo, a sugestão do *status* de divindade pareceria absurdo, se não blasfemo, mas em vez de discutir com ele continuamos a utilizar o papel de cartas comum. Quando ele descobriu, ficou intrigado e cada vez mais exasperado. Finalmente, após um encontro um tanto agitado com os conselheiros, ele disse:

— Vocês estão todos despedidos. Vão! Vão!

Derrotados, cada um tomou seu próprio rumo. Ele anunciou que, dali em diante, Nina seria a líder do Movimento e da casa. Ela era bastante dedicada e tinha um bom *insight*.

— ... como ser a ponta-de-lança de um exército — disse ela. — Estamos nos forjando num país difícil. Temos falta de suprimentos, equipamentos e pessoal administrativo, mas isso é muito menos importante do que as pessoas imaginam. No devido tempo, vamos estar totalmente equipados.

Essa perspectiva parecia boa, mas Nina não tinha cabeça para negócios, estava sempre tomando dinheiro emprestado e acumulando dívidas, lidava com ocultismo, freqüentava clarividentes e curandeiros, e lia a sorte com cartas. Via-se claramente que não conseguiria fazer nada de muito prático para realizar suas metas a longo prazo, e ele acabou percebendo isso.

Entre as pessoas que freqüentavam a casa, havia uns oito ou nove antigos membros da Sociedade para o Estudo do Homem Normal, e muitos outros que ainda mantinham um pé na Casa Colet e o outro na estrada Prince Albert. Os ensinamentos de Maharishi eram bastante atraentes para aqueles que já conheciam o sistema de Ouspensky — que o Homem é um ser que evolui e se cria por si mesmo, e que para pôr em prática todo o seu potencial precisa de um 'método direto' para abrir os centros superiores da mente. Tudo que envolvesse modos de meditar ou de orar parecia digno de exame, especialmente para aqueles que também tivessem mantido algum contato com Rodney Collin, sabendo que ele se dedicara bastante ao conceito da prece nos últimos tempos.

O próprio Francis Roles foi apresentado ao Maharishi, por meio de Beatrice Mayor. Aparentemente, ele sentiu que a MT dava mostras de ter saído da mesma fonte que o Quarto Caminho. Ele achou a MT, diferentemente do Subud, parecia perfeitamente segura. Assim sendo, apresentou seus seguidores a Maharishi num grande encontro na Casa Colet. Contudo, depois de terem sido mantidos sob rédeas curtas, abalaram-se profundamente com esse desvio da normalidade, dividindo-se em

duas facções: os que gostaram da personalidade forte de Maharishi e os que queriam 'manter o sistema puro', sem qualquer contato com flores, incensos e invocações em sânscrito. Devido ao furor causado, o dr. Roles fez reduzir rapidamente a ligação entre os dois grupos.

Durante um bom tempo, Maharishi tratou com frieza os seguidores de Ouspensky. Ele não estava interessado em seu 'sistema', que considerava uma salada de pedaços e fragmentos de antigos ensinamentos pouco valiosos. Ao mesmo tempo, aceitou dinheiro de Roles, usando-o para alugar o Albert Hall. Entretanto, o chamado Congresso Mundial foi um desastre. Pela primeira vez, ele encontrou reações hostis, e a imprensa que antes o ridicularizava passou à agressão, publicando artigos que iam de "De onde vem o dinheiro de Maharishi?" e "O iogue sorridente: charlatão?" a "Será a MT uma prática perigosa?" Além disso, a falta de instalações apropriadas para acompanhamento e 'avaliação' teve como efeito o fato de que o número potencialmente grande de novos iniciados logo se reduziu a zero.

Olhando para Nina com olhos grandes e tristes, ele disse:

— Os deuses estão irados comigo. Não estou indo rápido o suficiente. Devo voltar ao silêncio.

Quando estava discutindo esse período com Colin Wilson, alguns anos depois, comentei que Maharishi foi se entendendo com o mundo pouco a pouco, perdendo sua pureza de intenções no processo. A história não era exatamente como a de Fausto — Maharishi nunca fez pactos com o demônio. Contudo, buscou uma solução intermediária para a sua situação. Colin chamou a atenção para as palavras de Camus em *The rebel (O rebelde)*: "A inocência, no momento que começa a agir, comete homicídios".

Wagner simbolizou isto na figura de Wotan. Ele é o representante arquetípico da inspiração pura. No entanto, não pode pôr em prática sua inspiração, a menos que tenha algum tipo de poder. Para obter esse poder, é forçado a trocar um de seus olhos pela "força da lei". Toda a tragédia de *The ring (O anel)* vem dessa barganha duvidosa.

Assim, Maharishi também teve de fazer sua barganha. Ele não caía de amores pelo dr. Roles, que estava apenas procurando um método para complementar o sistema de Ouspensky, e não uma prática que o superasse. Contudo, vira na Casa de Colet um grupo de pessoas com aparência profissional, bem organizadas, excessivamente disciplinadas e eficientes, com dinheiro e contatos úteis. Ele precisava de sua ajuda. Eles a dariam. Ele procurou o dr. Roles.

Vi quando ele submeteu a vontade do dr. Roles à sua própria, graças à sua habilidade verbal, em diversas ocasiões, e estou certa de que, apesar de inteligente, o dr. Roles não percebeu o que estava acontecendo. Ele se sentiu lisonjeado. Recebera o poder de iniciar outras pessoas. Sentia-se em pé de igualdade com o guru. Ele manteria o núcleo esotérico dos ensinamentos de Ouspensky e o núcleo esotérico da tradição de Maharishi, misturando-os de modo plausível e oferecendo a mistura através da Sociedade para o Estudo do Homem Normal: propiciaria crescimento da "linha do conhecimento", e este o crescimento da "linha do ser".

Quase que da noite para o dia, deu-se uma grande mudança no nº 2 da estrada Prince Albert, quando o dr. Roles passou a tomar conta da organização e a "pôr o Movimento em pé", como pediu o Maharishi. Ele olhou com espanto para o grupo bizarro de 'devotos' e para a equipe heterogênea de seguidores que acampavam e comiam na casa sem pagar nada.

— Há muitas pessoas aqui que não queremos mais ter por perto — disse rispidamente para os moradores.

A casa foi logo varrida de todos os que não se enquadrassem no conceito de modo correto de vida de Ouspensky. O escritório e os acordos comerciais foram organizados adequadamente. Os folhetos e panfletos em estilo oriental foram descartados sem muita piedade. Jornalistas profissionais que pertenciam à organização de Roles produziram literatura moderna e atualizada. Foi aberta uma conta bancária, contrataram-se contadores e advogados. Logo, o nome Movimento de Regeneração Espiritual da Grã-Bretanha foi apresentado à Comissão de Empresas de

Caridade e aceito, dando finalmente à obra de Maharishi no país um *status* adequado e uma aura de respeitabilidade.

11

Por motivos pessoais, estive ausente da estrada Prince Albert durante alguns meses. Quando voltei, havia um silêncio anormal na casa. Fui espiar a recepção. Estava cheia de novos iniciados, sentados numa fila de cadeiras, com as mãos postas sobre as pernas, esperando sua 'avaliação' em silêncio. Alguns rostos tímidos e nervosos se viraram para olhar para mim. No escritório ao lado, meus velhos conhecidos da Casa Colet eram agora encarregados do grupo. Ninguém sorria, ninguém ria. Obviamente, bancavam os mandões, embora se posicionassem curiosamente na defensiva.

Fui até a cozinha, lugar onde sempre houve barulho e conversa. Estava em silêncio. Umas dez ou doze pessoas sentadas à volta da longa mesa se agitaram com minha chegada, exibindo um ar de culpa. Eram os antigos moradores da casa. Desalojados dos quartos do andar de cima, privados de seus deveres anteriores, descobri que ficavam sentados mastigando aqui no porão, como *trolls* em seu mundo subterrâneo, enquanto os oupenskistas trabalhavam nos andares superiores.

... como se houvesse duas equipes sob um único teto. Os 'avaliadores' e 'guias' não-oficiais viviam embaixo, e as pessoas que conheciam o esquema se insinuavam até ali através da entrada externa para o porão. Se fossem vistos entrando pelo acesso oficial, seriam detidos e mandados embora. O ridículo esquema de capa-e-espada servia para proteger o simples sistema da MT de alterações por 'toda aquela baboseira psicológica' dos andares superiores. Por sua vez, a turma do andar de cima estava 'mantendo o sistema puro' e livre das 'esquisitices lunáticas' do porão. Nina estava de cama, num estado de colapso nervoso. O calor humano e a naturalidade desapareceram do Movimento, e até a posição de Philip Williams, que fora nomeado como sucessor do mestre, parecia ter se enfraquecido.

Numa das salas, agora vazias, Philip e eu discutimos a situação e depois nos olhamos em silêncio. Ele era um homem alto, de boa aparência e de porte muito digno, mesmo usando roupas ocidentais e cabelo curto como um europeu. Na Índia, com os cabelos longos até os ombros e barba quase até a cintura, tornou-se uma figura realmente imponente dentro dos trajes brancos de monge *brahmachari*. Seus olhos suaves brilhavam de amor por seu guru, fisicamente muito menor do que ele.

— Ele parece um personagem bíblico, como São João Batista, tremendamente impressionante — disse-me alguém então.

— Devemos continuar a meditar — disse agora, depois que ficamos em silêncio por algum tempo.

Maharishi sempre disse que a meditação poderia alterar para melhor as circunstâncias exteriores, bem como as atitudes interiores. Fui até o quarto de Maharishi, sempre aberto para que os iniciados lá meditassem em sua ausência. Agora a porta estava fechada.

Fui ao grande salão de meditação, onde ouvira falar naquela primeira noite e o escutara ou meditara tantas vezes depois, sentada em meio à multidão. Estava vazio. Não havia velas ou incenso queimando no pequeno altar. Não havia flores em profusão ao seu redor ou sobre ele, como Maharishi gostava. Uma singela e solitária orquídea num vaso de vidro adornava o retrato de Guru Dev.

Sentei-me de pernas cruzadas no chão e fechei os olhos. O salão estava silencioso. Estava terrivelmente frio.

Quando Maharishi voltou de suas viagens, o olhar grave e taciturno que estava começando a usar me passou uma sensação crescente de desconforto. Senti que havia uma imensa força nele, mas que a estava empregando de maneira impiedosa. Comecei a ver que estava mantendo seus devotos numa espécie de servidão, o que me alarmou muito. Ele parecia dotado de poderes hipnóticos. Muitos de nós podiam ser chamados à distância, atendendo a um comando interior. Certa vez, saí de uma

reunião em minha cidade e fui impelida a ir imediatamente à estrada Prince Albert. Ele me deu um documento.

— Preciso que você edite isso — disse.

Mais tarde, percebi que nós só víamos nele aquilo que ele queria que víssemos, e ouvíamos o que permitia, nada mais, nada menos.

Pude observar muitas coisas nos ensinamentos de Ouspensky quando vi meus antigos colegas atacando os indefesos devotos de Maharishi. Seu valor e seus perigos ficaram visíveis de imediato. Eram muito mais confiáveis do que os antigos avaliadores e guias. Mantinham uma rotina adequada, eram pontuais e mantinham promessas, registros e apontamentos sobre tudo. Mas eram muito menos capazes de se expressar com clareza e simplicidade a respeito da meditação, e muitas vezes acrescentavam detalhes e ornamentos durante as sessões de avaliação. Tudo que acontecia era interpretado em termos dos ensinamentos que tinham recebido na Casa Colet. Eles não haviam lido muito sobre filosofia ou religiões comparadas, uma vez que Roles 'censurava' a maioria dos outros estudos e livros. Eram crianças obedientes e de idéias limitadas por causa de sua formação escolar, e ainda não haviam atingido o potencial de sua inteligência.

Maharishi acabou conseguindo realizar sua meta de estabelecer um *ashram* aos pés do Himalaia em Rishikesh, convidando certas pessoas para fazer parte dele. No momento oportuno, recebi uma herança que me permitiria ir até lá. Contudo, apesar de meu antigo desejo de conhecer a Índia, decidi não ir. Estava ficando muito nervosa com os possíveis resultados.

O dr. Roles e um punhado de seguidores foram com ele. Logo, desencantado com diversas coisas, Francis Roles saiu do grupo e visitou Sivananda, um guru idoso que estava estabelecido na mesma região há anos e que tinha um *ashram* freqüentado por muitos ocidentais, ele fez que todos soubessem que não aprovava a missão de Maharishi. Por este motivo, os devotos de Maharishi foram desencorajados a sair de

seu *ashram* para conhecer os petiscos espirituais que o outro guru pudesse apresentar.

Francis Roles acabou pegando suas malas e voltando mais cedo para a Inglaterra. Lá, anunciou que forjara um elo com um mestre maior do que Maharishi, e que doravante seus seguidores teriam um vínculo com o próprio Sivananda. Não haveria mais ligação entre a Sociedade para o Estudo do Homem Normal e o Movimento de Regeneração Espiritual.

Roles tinha uma antiga relação com uma organização chamada Escola de Ciência Econômica, que mantinha alguns interesses financeiros na Casa Colet. Era um dos muitos desdobramentos da herança de Gurdjieff e Ouspensky. Juntos, Leon MacLaren, o advogado que administrava essa escola, e Francis Roles, fundaram a Escola Londrina de Meditação. Os recursos financeiros e a ajuda prática da Sociedade de Estudos foram subtraídos da estrada Prince Albert, tão bruscamente quanto tinham sido oferecidos antes.

Após a formação da Escola de Meditação, houve um tremendo surto de publicidade. Pregaram cartazes nas estações do metrô de Londres, encontros públicos foram anunciados no *Times* e no *Telegraph*. As pessoas que se matriculavam na Escola eram iniciadas de acordo com a fórmula de Maharishi, mas nunca ouviam nada sobre o próprio Maharishi.

Nesse período, Roles estava tendo alguns problemas com seu próprio grupo. A separação do MRE foi tranquila no que dizia respeito às pessoas que nunca foram muito fãs do pequeno mestre indiano. Mas certas pessoas criaram um profundo apego pessoal por Maharishi, e achavam que suas linhas da vida estavam sendo interrompidas de maneira peremptória. Em compensação, o dr. Roles lhes ofereceu um vínculo distante com o 'mestre maior', que agora lhes enviava cartas e instruções espirituais de Rishkesh. Mas de longe não era a mesma coisa. A maioria deles nunca teria oportunidade de ir até a Índia para se sentar aos pés de Sivananda, tal como antes se sentaram aos pés de Maharishi na sala de meditação da estrada Prince

Albert ou na sala de palestras da Casa Colet. Uma reunião organizada para resolver o assunto se transformou em baderna, e muitas pessoas saíram ou foram banidas da Casa Colet de uma vez por todas.

Maharishi se defrontou com o dr. Roles numa ocasião final, na qual ele tentou vigorosamente converter novamente o poderoso inglês, com seus recursos e dinheiro, para sua causa. Apesar de toda a sua -capacidade e de seus indubitáveis poderes hipnóticos e telepáticos, não conseguiu nada. Aqueles que estiveram presentes dizem que viram um ódio declarado no rosto de Maharishi quando este percebeu que deixara de impor sua vontade a um homem que considerava claramente um inferior, em todos os sentidos.

— Ele pareceu assustadoramente humano, não um Homem Santo — disse-me alguém.

Apesar de tudo que se afirmava no cabeçalho do papel de cartas, Maharishi não podia ser chamado de um homem plenamente realizado. Contudo, ele poderia ter sido bastante útil para o mundo conturbado daquela época — e ele possuía mesmo 'conhecimento superior'. Faltava muito para que eu o abandonasse.

Após a partida de Roles, Maharishi convocou aqueles que tinham sido expulsos do grupo e nomeou alguns líderes dentre eles. Sob sua vontade hipnótica, todos aqueles que foram nomeados passaram a extrair presentes, contribuições e donativos de seus recursos pessoais para cobrir a lacuna deixada pelo benfeitor que saíra. Esses valores foram reinvestidos na nova Fundação, mas em condições reservadas, como quem compra ações de uma empresa que pode se mostrar lucrativa, mais tarde, e de cuja venda é bom afastar todos, exceto seus melhores amigos.

Nesse momento, Nina foi dispensada junto com os demais.

— Ela não é o tipo de pessoa que queremos, completamente inadequada. Ela deve sair — os novos mestres declaram com arrogância.

Para tirá-la de suas costas, um dos líderes a instalou num apartamento de cobertura situado na rua Welbeck. Logo, os *trolls* do porão da estrada Prince Albert começaram a se dirigir para lá. Lançados do poço aos deuses — resfolegando ao subir três longas escadas e emergindo nos quartos ensolarados — recuperavam a respiração, sentavam-se no chão e entravam rapidamente em meditação.

Mais tarde, discutiriam o bom passado, o triste presente e o incerto futuro como um bando de refugiados políticos maltrapilhos. Eram pessoas honestas e de boas intenções, algumas dotadas de profundidade mental, e a conversa nesse apartamento costumava ser bem mais interessante do que a dos rígidos e estreitos oupenskistas que agora reinavam supremos na estrada Prince Albert. Achei que Maharishi mostrara uma cruel desconsideração pelo coração humano ao aceitar, com tanta indiferença, o exílio desses devotos.

Maharishi decidiu manter um curso de verão num hotel de esquiadores nas montanhas austríacas de Hochgurgl. O preço do curso seria bem elevado. Estava ficando claro que só as pessoas com boa conta bancária poderiam acompanhá-lo. Fazia certo tempo que ele se mostrava firme em exigir dos candidatos à iniciação o equivalente ao salário de uma semana. Ele descrevia essa prática como a tradição indiana entre mestre e discípulo. Contudo, agora ele começava a pedir elevados valores para certas adições à técnica básica. Muitos iniciados achavam que não deveriam cobrar deles os 'benefícios espirituais'. Eles recusavam as técnicas que desejavam de coração, preferindo gastar seu dinheiro em benefícios materiais.

Pessoalmente, eu não tinha qualquer objeção contra pagar por um conhecimento. Por que não por conhecimentos antigos, que poderiam ser mais valiosos do que todos os outros reunidos? Contudo, estou inclinada a achar que é válido discutir o *status* do professor que pede dinheiro. Krishnamurti, Ramana Maharshi e outros líderes espirituais de renome sempre recusaram pagamentos. De certo modo, a crença de que 'o Senhor proverá' apóia essas pessoas, que sempre

parecem receber o suficiente. Mas Maharishi estava começando a ter planos ambiciosos.

Certa vez, quando estava sozinha com Maharishi na estrada Prince Albert e ele me ditava uma carta, parou de repente para dizer:

— Se eles lhe disserem que você não pode entrar no meu quarto, não dê atenção. Entre. Entre sempre.

Ergui os olhos das anotações, sem saber do que falava. Seus olhos tinham aquele ar distante.

— Ninguém vai me impedir de entrar, Maharishi. Sempre entro, tal como você me disse antes.

Ele riu.

— Sim, sim. Faça sempre assim.

Em Hochgurgl, depois de pôr minhas malas no quarto, fui até o quarto de Maharishi. Uma longa fila de pessoas se alinhava no corredor. Eram estranhos, na maioria, e de muitas nacionalidades. Após uma hora, Vincent Snell, um cirurgião ortopedista que era o líder inglês da época, saiu e disse:

— Ele não vai receber mais ninguém hoje. Ele vai dormir.

A fila se desfez e as pessoas se dispersaram. Comecei a descer as escadas, mas mudei de idéia quando me lembrei subitamente das palavras que me dissera. Voltei e tentei abrir a porta. Vicent apareceu e disse, com os modos bruscos de Ouspensky:

— Eu disse que todos deviam ir.

— Será que ele não falaria comigo?

— Eu disse não.

Saí, titubeei no alto da escada e acabei voltando com a forte sensação de estar sendo chamada para o quarto onde o mestre estava sentado. Desta vez a porta se abriu, e entrei.

Maharishi raramente dormia mais do que duas ou três horas por noite, e mesmo assim bem de leve. Ele não gostava de pessoas que se orgulhavam de 'dormir feito uma pedra'. O sono devia ser tão leve que, mesmo adormecida, a pessoa continuasse consciente de que estava dormindo, disse ele. Muitos de nós conseguimos experimentar esse sono estranhamente leve mas reparador, sob sua orientação. Em outros momentos em que precisava de repouso, entrava em meditação profunda, sentado com as costas eretas na posição de lótus. Quando não estava dormindo ou meditando à noite, estava invariavelmente lendo ou escrevendo.

Ele desviou a atenção de seu trabalho e me olhou.

— Ah, eis Joyce! Ela vai continuar. Vincent, pode ir.

Shell saiu de mau humor. Sentei-me e peguei uma caneta, como nos velhos tempos. Quando seus olhos encontraram os meus, porém, tive a impressão de que sua expressão mudara bastante. O olhar franco e confiante desaparecera. Havia uma sabedoria mundana e manhosa despontando nas pequenas linhas sobre seus olhos e boca. Quando seu sorriso se fechava, seu rosto ficava sombrio e resoluto.

Ao longo do curso, uma pequena equipe de ouspenskistas o guardaram, sentando-se a seu lado enquanto ele trabalhava em sua nova tradução e comentários do *Bhagavad Gita*, e impedindo que outras pessoas se aproximassem dele. Os *trolls* restantes batizavam os recém-chegados de o Povo Eleito, devido a seus modos arrogantes, e o círculo interior era agora conhecido por eles como os Primeiros Onze. Como eu estava ficando cada vez mais desencantada com a situação, logo parei de tentar uma reaproximação do círculo interior e comecei a fazer algumas meditações nas montanhas, geralmente na companhia de um ou dois dos *trolls*, que agora também não conseguiam sequer se aproximar do mestre.

Os picos à nossa volta eram cobertos de neves perenes, e muitos tinham riachos e cascatas. Uma brisa suave agitava continuamente os arbustos e tufos de rosas alpinas, varrendo nossos braços e pernas, que começavam a bronzear sob o sol do meio-dia. Estávamos num lugar elevado, e a atmosfera rarefeita poderia ter sido

parcialmente responsável por fazer com que nossas experiências pessoais parecessem um pouco exageradas. Quando estive no Vale do México com Rodney, a 2 100 m de altitude, percebi que experimentara pensamentos e até ilusões curiosas, sem ter sido capaz de exercer julgamentos equilibrados. ... fato que houve uma boa dose de discussões e brigas, excitabilidade e tensão quase histérica entre as diversas facções presentes a esse curso. Os *trolls* emotivos e os Eleitos intelectuais também tinham suas contrapartidas em outras nacionalidades.

Todos os dias, Maharishi descia até o grande salão de baile para dar palestras e responder perguntas. Havia 200 iniciados, a maioria dos quais recebera as bases da meditação e se firmara nela por meio de regras e disciplinas bem diferentes das idéias originais do mestre; pelo menos — diferentemente das primeiras turmas — eles estavam progredindo. Ele falava em inglês, e intérpretes alemães, escandinavos, franceses e italianos traduziam suas palavras em diferentes partes do salão.

Ele falou dos ensinamentos védicos da Óndia, alinhando as antigas teorias com suas próprias idéias e explicando a profundidade da técnica da Meditação Transcendental. Era bastante erudito em filosofia hindu e também razoavelmente familiar com os evangelhos cristãos, gostando de citá-los. Mas insistia em seu tema: "O direito inato dos homens é ser feliz. Não sofrer mais. Medite e será feliz". Essa recusa em aceitar o sofrimento como parte essencial do crescimento evolutivo era um obstáculo para muitos, especialmente aqueles cuja crença tinha raízes no cristianismo.

Comecei a ter a impressão de que o ensinamento de Maharishi era uma tentativa de fazer o mundo voltar à inocência de seu início, ao Paraíso antes da vinda da serpente. Sua concepção era panteísta, e em sua interpretação cristã estava mais próximo de Pelágio do que dos santos, acreditando que o homem não teria nascido em pecado e por isso não teria necessidade de redenção.

Parecia-me *possível* que a volta a uma Causa Primeira pudesse ser conseguida através da confiança simples e infantil no fato de Deus ser bom. Em meu coração, porém, achava que o caminho para o avanço do homem não estaria em seu

retorno ao início, mas em alguma forma de progresso. Com isso, eu estava adotando a idéia do homem como ser auto-evolutivo, conforme Gurdjieff o descreveu, pensando em algum tipo de sistema evolutivo e de expansão da consciência. Não acreditava que alguém pudesse realmente fugir do sofrimento que parecia fazer parte da vida num mundo em desenvolvimento.

Se faltasse algo no sistema de Ouspensky, que nos motivava a buscar o 'método direto', então faltaria algo no sistema de Maharishi também, pensei naquela ocasião.

Após alguns dias, Maharishi mandou me chamar e disse:

— Por que você não vem me ajudar todos os dias com os comentários sobre o *Gita*? Tenho esperado por você.

Assim, até o final do curso, reuni-me aos Primeiros Onze, sentando-me no chão com eles. Maharishi estava fazendo uma tradução do texto sânscrito e ditando um comentário sobre cada verso. O *Bhagavad Gita*, literalmente "A Canção do Senhor", é a "nata de todas as vacas dos vedantas", disse Maharishi. Basicamente, é a história de um encontro no campo de batalha da vida. Arjuna se reúne ao senhor Krishna e procura entender o impasse humano, no qual combater e não combater parecem ser linhas de conduta igualmente indefensáveis. Há tantos comentários sobre o *Gita* quanto há comentários sobre evangelhos cristãos. A versão de Maharishi se dedicava a provar que há, em quase todos os versos, referências ocultas à meditação e ao uso dos mantras.

Ele fez uma digressão para explicar que a tradição mântrica é um dos conhecimentos espirituais fundamentais de toda prática religiosa. Há, naturalmente, uma tradição que diz que o nome de Jesus pode ser usado na forma de mantra. Dizem que alguns dos monges dos mosteiros do monte Atos são adeptos dessa prática. E a idéia de som criativo é encontrada na misteriosa abertura ao evangelho de São João: "No princípio era o Verbo, e o Verbo estava em Deus, e o Verbo era Deus. (...) E o Verbo se fez carne..."*

*[Texto extraído da edição *Bíblia Sagrada*, traduzida da vulgata e anotada pelo padre Matos Soares, 7ª ed. São Paulo, Ed. Paulinas, 1975 (N. do T.).]*

Essa noção do poder mágico ou sagrado das palavras é, sem dúvida, muito antigo, e a energia que pode ser despertada pelo ritual verbal já foi reconhecida há muito tempo. A repetição de preces e cânticos nas igrejas cristãs tinha a intenção original de provocar no praticante sutis vibrações íntimas, despertando êxtase ou enlevo no ato de adoração. A tradição mântica das disciplinas hindu e budista é da mesma natureza.

Quando jovem, ainda obcecada pelo Tibete, comecei numa época a repetir o mantra "Om Mani Padme Hum", ou "Salve, ó Jóia no Lótus". A sílaba mágica OM, que dizem ter sido o som primordial de toda criação, tinha um efeito curioso, quase me fazendo delirar.

Mas Maharishi nos advertiu:

— Nunca repitam o mantra OM. Ele pertence a uma tradição de reclusos. Ele provoca o afastamento do mundo. ... um mantra muito perigoso para os 'membros do grupo'. Tem sido usado erroneamente na Índia há gerações. ... por isso que meu povo é tão passivo, tão pouco disposto à ação. Eles preferem passar fome a se esforçar no cultivo do campo e desenvolvimento do país.

Quando orientava os candidatos à iniciação naquela época, Maharishi lhes dizia:

— Adotamos algumas palavras que, segundo nossa tradição, têm reconhecidos efeitos harmoniosos e positivos, e começamos a experimentar os seus aspectos vibratórios em estados cada vez mais sutis. A mente acaba experimentando o estado 'pontual' do pensamento e sai do estado mais sutil para o campo da Existência. A mente sai do campo da relatividade e atinge a fonte de toda criação, de todo poder: do Ser Absoluto. Finalmente, usando os mantras de minha tradição, as células do cérebro serão alteradas. Observaremos mudanças no metabolismo. Seremos capazes de comprovar isso. Seremos pessoas plenamente realizadas, cosmicamente conscientes.

Certa noite, sozinha com Maharishi, perguntei a ele o que achava dos progressos de seu trabalho.

— Seus três anos estão quase completos.

— Atualmente, penso que levarei mais nove anos — disse. — Nesses três primeiros anos avançamos bem depressa, lançando as sementes. Algumas morreram, outras cresceram lentamente, outras cresceram bastante. Nos três anos seguintes, vamos construir centros de meditação por toda parte e conseguir uns bons edifícios em todas as cidades, onde as pessoas poderão meditar em quartos separados.

Recentemente, ele havia indicado que as pessoas deveriam meditar em silêncio e na escuridão, da preferência. Ele ainda ansiava pelo silêncio e escuridão das cavernas do Himalaia, onde a mente poderia se estender interiormente, mergulhar nas profundezas de nosso ser e atingir o reino interior de Deus. Obviamente, há diversos precedentes para sua forte propensão pela solidão e silêncio monásticos como caminho para a auto-realização. Contudo, eu não gostava muito da idéia de escuridão e cavernas, estando mais inclinada por natureza a voltar meu rosto para o sol.

— E o que fará nos últimos três anos, Maharishi?

— Vamos consolidar a posição — disse com ar determinado, como se desafiasse e abafasse qualquer possível oposição ou dúvida.

12

A mente humana está sujeita a fluxos e refluxos de consciência e compreensão. Apesar de ter começado a sentir que uma influência estranha estava sendo exercida sobre mim, continuei por um bom tempo a seguir um caminho pouco firme.

Ouspensky e Rodney Collin tinham por regra o desenvolvimento da liberdade e da dignidade individuais, jamais sujeitando a vontade de outras pessoas às suas próprias. Maharishi *queria* que nossa vontade se sujeitasse à dele. Devíamos tirar os

sapatos quanto fôssemos encontrá-lo. ...ramos seus devotos. Isso estava ficando cada vez mais claro.

Não conseguiria me sentir plenamente satisfeita assumindo compromissos com um mestre poderoso e ambicioso. Mas não conseguia me decidir a abandonar um homem tão notável, cuja meta declarada era ajudar o mundo nessa época de queda acelerada no caos e de conflitos por toda parte.

Naquela época, também estava influenciada pelo fato de muitos de nós vermos, de vez em quando, uma auréola de luz em torno de sua cabeça. Alguém me disse que, na semi-escuridão de um quarto de hotel em Roma, vira nitidamente uma nuvem dourada resplandecendo sobre ele.

— Maharishi, parece que você está envolto num halo! — exclamou espantado.

— ... provável — respondeu com indiferença, mal levantando os olhos do que estava fazendo. — Isso vem do cabelo.

Esse fenômeno é bem conhecido, naturalmente. Experiências similares são encontradas em *In search of secret Õndia (A Õndia secreta)*, de Paul Brunton, *Ramana Maharshi*, de Arthur Osborne e na Autobiografia de Yogananda. Além disso, o novo secretário do MRE observou certa vez "uma luz esverdeada como a de uma jóia" reluzindo no centro de sua testa, na posição do terceiro olho. Essas coisas não poderiam ser explicadas por qualquer meio racional, mas uma série de pessoas racionais, entre as quais eu mesma me incluo, viram algo. Achava que deveriam ser sinais de desenvolvimento superior.

Ainda achava que a prática da MT era algo bem separado do Mestre. Com ela, experimentava a luz interior ou a felicidade irracional, e tinha a sensação de saber algo a respeito da natureza da vida, mas de um modo difícil de se traduzir em palavras. Tinha a impressão de chegar à fonte do conhecimento, de saber que estava tudo bem, que tudo era muito mais simples do que parece, e que na fonte de tudo há alegria e paz. Não era preciso *fazer* nada. Bastava *existir*.

Pensei muitas vezes nas palavras de São João da Cruz:

Entre num lugar desconhecido

E lá fiquei apesar de nada saber

Transcendendo o conhecimento com meu pensamento.

Logo depois do início dos cursos internacionais, os novos conselheiros na Inglaterra — os Primeiros Onze — puseram a casa da estrada Prince Albert n° 2 à venda. Era um bom jeito de lidar com seus moradores intratáveis! Agora o Movimento não tinha nem sede, nem local para reuniões. Algumas iniciações ocorriam em várias residências particulares, mas além disso pouca coisa acontecia. Maharishi enviou mensagens do exterior impelindo-os a ser mais ativos, a provocar mais reuniões.

As primeiras reuniões públicas dessa nova fase foram apresentadas por J. M. Cohen, autor e tradutor. Ele era um orador experiente, que gostava do som de sua própria voz. Naturalmente, porém, logo ficou dolorosamente óbvio que nem Jack Cohen, nem ninguém dos Primeiros Onze, tinha uma fração do poder de atração do próprio Maharishi. Com sua túnica branca e barba, era uma figura bastante carismática.

Cohen podia apresentar uma excelente palestra sobre o México, onde visitara recentemente os remanescentes do grupo de Rodney, ou sobre a Espanha, na qual era uma autoridade. Mas lidava com a MT com entusiasmo impetuoso e pujante, o que não conseguia quebrar o gelo de suas platéias.

— A MT traz mais energia, mais poder criativo, mais capacidade para o trabalho, mais harmonia em casa! — gritava entusiasmado. — Acima de tudo, é um modo de aliviar toda forma de tensão. Medite, e você vai relaxar! — falava com ar sincero, sem perceber que suas mãos gesticulantes, o contínuo movimento dos seus pés, seu hábito de passar os dedos nos cabelos e de puxar o queixo enquanto falava davam uma impressão bem oposta à do relaxamento.

Ele nunca teve paciência para acompanhar as palestras e cursos de Maharishi ou para aprender as sutilezas de seus ensinamentos, de modo que não tinha uma fonte muito profunda de onde pudesse extrair assuntos.

Após uma série frenética de encontros não muito notáveis ou bem-sucedidos, a estrutura pareceu desmoronar. O grupo de Ouspensky falava muito, mas quando as pessoas observavam mais de perto, viam que era apenas ar quente. Estavam se mostrando bem menos sensatos, menos dotados de recursos e com visão bem mais estreita de que aqueles que ficaram com o dr. Roles.

Mantive-me afastada do Movimento. Contudo, comecei a notar um fenômeno muito esquisito, que parecia estar diretamente ligado à meditação, que continuava praticando. Onde quer que eu estivesse, percebia que me sentia sempre atraída para conversas com pessoas que precisavam de ajuda. Lentamente, fui aceitando que devia ser uma portadora involuntária da influência de Maharishi, quer gostasse disso ou não.

Meu marido e eu nos mudamos de nossa casa em Kent e alugamos um apartamento de frente para o mar em Brighton, não muito distante da casa onde ele e seu irmão Rodney nasceram. Pouco antes de mudarmos, recebi uma carta de meu velho amigo Patric Kirtlan, um astrólogo profissional que vivia em Brighton. Ele escreveu: "Joyce, foi você quem me falou há mais ou menos um ano do Mestre indiano que ensina meditação transcendental? Tenho pensado muito nisso ultimamente. Gostaria de saber mais"

Com uma notável falta de entusiasmo, procurei alguns dos modernos livretos que foram preparados pelo Povo Eleito para fins de publicidade. Pus alguns num envelope e o enviei para Pat, esperando não ouvir mais falar do assunto. Contudo, na manhã seguinte, ligou-me imediatamente, dizendo:

— Quando posso falar com você? Esses livretos são muito interessantes. Gostaria de saber mais.

Pat era um homem erudito de 50 e poucos anos, conhecedor de muitos estudos religiosos e filosóficos e bem versado na tradição ocultista. Senti-me francamente desanimada e respondi que não tinha mais muito contato com o MRE.

Mas poderíamos nos ver em Brighton, disse-lhe, falando de nossa mudança. Ele reagiu com satisfação.

Quando fui conversar com os decoradores no apartamento, passei pela casa de Pat e de sua mulher Vick conforme combinado. Ele tinha estudado toda a literatura cuidadosamente.

— Vamos reunir algumas pessoas aqui, e seria bom se você pudesse nos expor o assunto — ele disse. — Não percebi em você um bom motivo para abandonar o MRE. Pode ser que você esteja com preguiça.

Alguns meses depois de mudarmos para Brighton, tinha formado um grupo de 30, depois 40, depois 65 pessoas, provenientes da primeira iniciativa de Pat. Percebi então que há uma sede tão grande de conhecimentos espirituais na Inglaterra, que as pessoas vão aderir e se sentar aos pés de qualquer um que aparente saber algo que elas não sabem. No entanto, não estava nem um pouco satisfeita com minha situação, e por isto estava decididamente relutante em continuar com essas reuniões. Pat Kirtlan, uma pessoa volátil e ansiosa por natureza, ficava me incentivando. Mas quando ele finalmente pôde ouvir o próprio Maharishi num encontro no Conway Hall, numa de suas (agora) raras visitas à Inglaterra, ele e sua mulher voltaram silenciosos e deprimidos.

— Ele tem ambições espirituais. — disse Pat. — No início, lendo seus textos, deduzimos que poderíamos atingir a consciência cósmica por meio de seus ensinamentos. Agora vimos que estávamos errados.

Eles pararam de participar do grupo de meditadores que ainda se reunia, sem que os convidasse, em torno de minha lareira.

Um dia, recebi um convite para visitar a Casa Colet e assistir a uma apresentação de dança dervixe. Francis Roles fora apresentado a um mestre do *mukabeleh*, a dança dervixe em que as pessoas giram como piões, derivada das escolas Jelalludin Rumi e Sufi da região de Konya, na Turquia. Francis adotara essa prática, além de sua versão pessoal da MT e dos 'movimentos' — complexos

exercícios físicos — de dança de Gurdjieff, usando-os como complementos para auxiliar na expansão da consciência de seu grupo. Portanto, usavam continuamente uma variedade de disciplinas diferentes com a mesma finalidade.

O ritual me impressionou não só por ser extraordinariamente belo de se ver, exigindo um nível muito grande de atenção para ser corretamente realizado, como também por se poder observar nos rostos familiares dos dançarinos a mesma limpeza e frescor inocente, despojado e infantil que víamos nas pessoas em meditação profunda.

Não tinha dúvidas de que os dervixes girantes e seus seguidores ingleses atingiam exatamente o mesmo estado que os praticantes da MT — e que esse estado poderia ser atingido por outros meios. Mas essa percepção não me ajudou a saber o que esse estranho estado, que parecia um sono acordado, poderia ser. Uma pista importante é que dava a impressão de estar associado ao estado de ausência de pensamento. Os ensinamentos de Maharishi costumavam afirmar a importância de não termos fluxos contínuos de pensamento, "como a patinação na superfície gelada de um lago". "Mantenha a mente imóvel", dizia, "vamos mergulhar bem no fundo do lago de nosso ser. Vamos até a fonte da Existência."

Em seu livro *Experiment with time (Experiência com o tempo)*, J. W. Dunne fala dessa mesma idéia de manter a mente parada como maneira de entrar em outras dimensões do tempo. No entanto, ele acha que só experimentamos as três dimensões da existência comum porque nossas mentes estão condicionadas a esse fluxo contínuo de pensamentos e idéias. Tudo aquilo que vemos, ouvimos ou experimentamos com os sentidos provoca um pequeno pensamento que, por sua vez, provoca uma série de pequenos pensamentos associados, um dos quais nós seguimos até topar com outra rede de pensamentos, ao longo de todas as nossas horas de vigília. No sono, segundo Dunne, essa compulsão que temos para "ficar na superfície do lago" se afrouxa, o que pode explicar a estranheza e abrangência de nossa vida onírica.

Ele começou pela experiência de manter sua mente levemente fixada em qualquer objeto ou idéia, sem permitir que ela tocasse em pensamentos associativos. Com o tempo, começou a ter experiências onde mergulhava nas profundezas do tempo, onde ora vislumbrava o futuro, ora mergulhava no passado, compreendendo-o melhor, observando-se e à sua vida como se estivesse numa quarta, talvez quinta dimensão do tempo. Além disso, suspeitava da existência de outras dimensões, as quais sua mente não poderia atingir sem que entrasse num estado não só de não-pensamento, mas de não-experiência.

Comecei a pensar que a meditação de Maharishi, e possivelmente todas as formas de meditação mântica, eram de natureza similar. Contudo, no caso de Maharishi, o grande impulso dado no início pelo poder que ele parecia ser capaz de invocar através da tradição de Shankara, era quase como a cauda de um foguete: o míssil decolava a grande velocidade, depois caía ao solo enquanto a cápsula iniciava sua propulsão. Daí a facilidade e satisfação com que as pessoas meditavam durante a sua iniciação e mais alguns dias depois. Mais tarde, porém, tinham de fazê-lo por conta própria, e aí já não era tão fácil. ... por isso que Maharishi estava percebendo que disciplinas, regras, regulamentos, encontros e cursos eram necessários para manter as pessoas firmes em sua intenção de meditar.

Num dos cursos, conheci um jovem norueguês, Kjell Kolflaath, que era intérprete dos participantes escandinavos. Trocamos correspondências e trabalhamos juntos na preparação de um longo poema que Maharishi escreveu e nos enviou com o pedido para ser "convertido em inglês apropriado". Kjell o converteu em inglês escandinavo apropriado e eu fiz a correção para a prova, mas quando ele finalmente surgiu num livro, voltara ao estilo florido e vitoriano que o Mestre preferia!

Um dia, recebi de Kjell uma gravação feita na Noruega quando Maharishi conversava à noite com alguns devotos. Ele falava de suas viagens anteriores, depois de ter deixado seus irmãos espirituais em Uttar Kashi, quando seu guru 'deixou o corpo'. Quanto mais pensava nessa fita, mais me sentia aflita. A julgar pelos artigos

em jornais e revistas que estavam aparecendo com freqüência cada vez maior, eu não era a única que estava começando a sentir certas dúvidas a respeito de suas origens e de seu verdadeiro propósito.

Ele sempre deu a entender que era um discípulo especialmente amado e o favorito de Guru Dev, o antigo Shankaracharya de Yotir Math. Contudo, ficou aparente que, favorito ou não, quando Guru Dev desapareceu não foi ele quem se tomou o próximo Shankaracharya. Ele sugerira por implicação que isso se devia ao fato de ter uma tarefa maior.

A longa palestra informal que eu estava recebendo não devia existir. Nela, ele dizia que saíra do vale de Uttar Kashi, no Himalaia, após a indicação do sucessor de Guru Dev, indo depois para Madras, no sul da Índia, onde visitou mosteiros e templos sem qualquer meta estabelecida. Naquela época, não estava em missão. Não tinha instruções. Dava a impressão de que queria apenas sair do vale. A dedução por trás de suas palavras, nesse momento, era a de que estava deprimido.

Ele já dissera a alguns de nós que tivera experiências espirituais em Madras, no templo da deusa Lila Lakshmi, que é, na verdade, a deusa hindu da riqueza. Na fita norueguesa, ficou claro que a idéia de 'regenerar o mundo' se originou lá, e não antes.

— Pensei — dizia a voz familiar na fita — por que não oferecer parte dessa glória divina a essas pessoas pobres do sul da Índia? Depois eu pensei, por que não regenerar o mundo inteiro?

Seria impossível deixar de ter com essa narrativa a impressão de que ele teria deixado Uttar Kashi desapontado ou furioso por não ter sido o sucessor de seu mestre. A experiência de ter sido guiado por Lakshmi pusera em marcha toda a série de eventos que se seguiu. Se não pôde ser Shankaracharya, por que não fazer melhor? Por que não criar fama pessoal, algo que todo o mundo exterior conhecesse?

Ele começou a ensinar nas aldeias de Madras. As pessoas sempre gostam de ouvir um homem santo. Como todos os povos em todos os tempos, elas queriam saber como atingir as 'glórias divinas' de que ele falava. Pensou nisso e lhes disse que

poderia apresentar uma técnica simples de meditação que seria adequada para elas. Escolheu mantras da tradição 'doméstica'. São mantras de efeitos mais suaves do que os mantras mais usados, adequados para reclusos. O termo 'doméstico' se aplica a toda pessoa que tem compromissos com a vida, que precisa arar o solo, plantar, criar os filhos. A fita deixou claro que a indicação de mantras domésticos foi, no início, uma simples experiência. Aparentemente, funcionou. Os aldeões gostaram da meditação e ficaram mais felizes. Tanto essa técnica como os mantras específicos que, mais tarde, formaram a base da prática da MT, foram desenvolvidos no decorrer de algumas semanas em Madras. A variação entre essa história e a versão que normalmente dava era bem grande em alguns trechos — apesar de estar claro que ele se convenceu de que Guru Dev teria, do além, guiado e orientado o desenrolar dos acontecimentos de algum modo. Mais aparente ainda ficou que seu Mestre não lhe teria confiado essa tarefa em pessoa, como ele deixara implícito antes. Deve ter havido um intervalo muito pequeno entre a experiência no templo de Lakshmi e a convicção de que Guru Dev o teria orientado a fazer algo muito importante, perto do que o cobiçado ofício de Shankaracharya ficaria insignificante. Isso aumentou minha crescente convicção de que Maharishi tinha uma sede muito grande de poder.

A natureza experimental das técnicas também foi ficando aparente para mim. Muitas pessoas estavam se sentindo bastante inseguras do rumo para o qual a meditação as estaria levando. Um desejo de se recolher e de não se ligar a ninguém e a nada parecia aumentar entre elas. Elas não estavam mais tão ativas ou interessadas no mundo como antes. Naturalmente, muitas pararam com a meditação profunda, e por isso não obtiveram resultados marcantes. Mas um bom número de iniciados meditavam com profunda satisfação emocional, e não conseguiam deixar de permanecer quase que continuamente nesse estado. De tempos em tempos, Maharishi dava conselhos para que tentássemos reverter essa situação, ficando o tempo todo "na sala do tesouro contando o dinheiro, em vez de gastá-lo no mercado".

Ele lidava com pessoas que estavam se tornando reclusas, apesar dos mantras 'domésticos'.

Algumas pessoas tiveram experiências assustadoras, não muito diferentes do transe catatônico. Às vezes, isso fazia com que a pessoa não conseguisse se mexer ou abrir os olhos. Esta experiência está associada à ioga *kundalini*, e com toda a certeza não é parte do modo doméstico de desenvolvimento, pois traz evidentes perigos. Dizem que é causada pela súbita elevação da energia nervosa sutil que, de acordo com a tradição indiana, vem da fonte da própria vida. Ela caminha pelo corpo humano através da coluna vertebral. Há muitas maneiras de 'elevar o *kundalini*', o que causa diversos efeitos, inclusive excitação sexual.

Aqueles que tinham essas experiências acabavam se aproximando mais de Maharishi. Tornavam-se devotos reclusos, renunciando ao mundo. A nova secretária contratada pelo MRE passou por muitos estados curiosos. Durante uma das palestras de Maharishi, a vi entrar involuntariamente em transe. Ela não conseguiu se levantar no final da palestra. O líder da delegação alemã, que estava perto dela, ergueu bruscamente seu queixo, chamando-a pelo nome. Mais tarde, ela disse:

— Eu percebia que você me chamava, mas não conseguia responder.

Depois disso, disseram para os 'guias' que deveríamos despertar essas pessoas suavemente, passando a mão em movimento circular sobre sua cabeça e chamando-as gentilmente. Parecia sensato para mim, mas não era o modo teutônico. Os alemães geralmente chacoalhavam as pessoas em transe, sem se preocupar muito com o choque causado ao sistema nervoso.

Tais reações fortes eram raras, mas aqueles de nós que experimentaram os estados mais profundos se familiarizaram com as diferentes reações do sistema nervoso, tais como arrepios, tremores, convulsões na espinha e, vez por outra, estímulo sexual ou visões eróticas. Mas nos ensinaram a ir além de tudo isso, e normalmente conseguíamos nos controlar. Entretanto, os jovens ocasionalmente perdiam o controle. Alguns pareciam perder totalmente o interesse pela atividade

sexual. Encontravam toda a sua satisfação na meditação, e ficavam vagando de lá para cá, incapazes de trabalhar ou de fazer qualquer coisa no mundo real. Comecei a perceber que os profissionais liberais também davam a impressão de se deixarem levar pela curiosa letargia que atacava os praticantes mais sérios e assíduos da MT. O iniciado tradicionalmente experimenta os prazeres da carne e todas as alegrias sensuais da vida. ... o recluso que não busca a satisfação dos sentidos nas atividades mundanas, que espera se afastar dessa necessidade num estado de 'não-apego'. Mas todos estavam se tornando cada vez mais preguiçosos. Agora, eu mesma não conseguia prosseguir em minha carreira de escritora.

Maharishi parecia não saber que a meditação que nos dera era contraproducente — caso desejasse causar um impacto realmente forte no mundo! Aqueles que conseguiram, de início, mover montanhas com sua energia e eficiência, agora não tinham vontade de fazer muita coisa, e não se dedicavam sequer a divulgar sua obra. Por toda parte, havia lentidão e dispersão. Tinha a impressão de que o Movimento crescia quase que apenas como resultado da vontade e determinação do *próprio* Maharishi, e de sua manipulação consciente das pessoas e situações com que se defrontava. Ninguém parecia ter qualquer força de vontade, exceto ele. As pessoas só queriam se sentar a seus pés e ser felizes.

Ocorrera-me que os seguidores de Shiva, o destruidor, e aqueles que seguem os ensinamentos de Shankara, costumam ter a tendência a *voltar*, a *regredir* na vida de alguma maneira. Se alguém quisesse ir em frente, atingindo a auto-realização plena, deveria usar algo bem diferente. Como disse Herman Hesse em *Steppenwolf* (*O lobo da estepe*), citado por Colin Wilson em *O forasteiro*: "Não, voltar à natureza é uma pista falsa que só leva ao sofrimento e desespero... O caminho para a inocência, para o incriado e para Deus, conduz, não de volta, não de volta ao lobo ou à criança; leva mais para a culpa, mais para dentro da vida humana... Em vez de limitar seu mundo e simplificar sua alma, você terá, até o final, de assumir o mundo inteiro em sua alma, custe o que custar..."

Para mim, isso era real, e parecia mais de acordo com minha atitude natural e intrínseca ante a vida do que qualquer coisa que acabasse me levando a me contrair.

Na época do Flower Power, chegou na Inglaterra um Guru da tradição de Vishnu, o preservador ou mantenedor da vida, a segunda pessoa da Trindade hindu. Swami Vishnu Devanunda assumiu a causa dos *hippies* e marginais que vaguearam pelos caminhos de Shiva, e tentou discipliná-los, fazendo com que aceitassem as necessidades do mundo, pondo-os de volta em nossa época. Apesar de ambos os caminhos poderem ser apenas outros atributos de Brahma, o Criador, a Primeira Pessoa, a diferença clara entre essas duas atitudes em relação às necessidades evolutivas do homem se tornou cada vez mais importante para mim.

Maharishi falava freqüentemente das Três Gunas, as forças que, conforme o ensinamento hindu, permeiam toda a criação: Sattva, a força doadora de luz; Rajas, a força da atividade; e Tamas, a força das trevas. Dizem que toda a vida se baseia na relação entre as Gunas, cada um se misturando eternamente com os demais numa grande dança cósmica. Em nossa época, disse, as forças das trevas e da destruição predominam. Assim, a luz deve retornar ou o mundo se aniquilará.

"A natureza está sempre se equilibrando. Quando a vida vai para uma extremidade, a natureza a empurra para a outra". Através dos 'mensageiros da sabedoria', a força doadora de luz seria projetada novamente sobre o mundo, dizia. Via-se claramente que ele se considerava um desses mensageiros.

Mas, e o que dizer daqueles que, por sorte ou acaso, entravam em contato *próximo demais* com um desses 'mensageiros'? Será que não se tornariam adoradores inativos, sob o poder de Sattva que apenas quer 'ser', e não 'fazer', e com isso não trazendo nenhuma contribuição à sua época? ¿ mercê de tão grandes forças naturais e impessoais, seria muito fácil sermos levados a dormir e a cair na armadilha de acreditar que nada mais seria exigido do ser humano, exceto existir: que qualquer outra coisa seria inútil.

Em contraste com os seguidores enfeitados de Maharishi, o pessoal de Francis Roles na Casa Colet estava recebendo um grande afluxo de recém-chegados, todos, quase sem exceção, do calibre que os líderes do MRE raramente tinham a oportunidade de encontrar. Segundo soube, Sivananda passara ao dr. Roles um modo diferente de lidar com as coisas. Ele estava mantendo seu pessoal alerta e animado com exercícios, disciplinas, práticas e estímulos intelectuais, restringindo a meditação a períodos breves e limitados, nos quais mergulhavam no 'tesouro' antes de sair e se ocupar vigorosamente com o 'mercado' da vida.

Maharishi agora anunciava a intenção de nos dar técnicas avançadas num curso no Alpes Dolomitas. Ele estava determinado a fazer com que todos os guias e líderes de destaque estivessem lá. Já apresentara certas técnicas adicionais, dizendo que elas trariam benefícios à meditação e acelerariam seus resultados, como se tudo já não estivesse bem apressado. Ele escolheu a dedo aqueles que receberiam as técnicas avançadas, e a maioria de nós pagou um valor bem elevado pelo privilégio. Ele passou a selecionar outros, incluindo-me novamente no grupo. Eu não freqüentava mais os cursos regularmente, apesar de sempre receber grupos para liderar nas ocasiões em que comparecia. Senti-me forçada a isso, no último curso a que assisti.

No Lago de Braes, nos Alpes Dolomitas, ele separou 30 pessoas do grupo de 300 'iniciados avançados' e, pela primeira vez, referiu-se às técnicas extras pelo nome correto: eram os *siddhis* — práticas mágicas que traziam poderes familiares aos iogues e homens santos, mas que não são tidas como muito seguras ou desejáveis para ocidentais. Antes, referira-se a elas jocosamente como 'fertilizantes'. "As plantas precisam de fertilizantes."

Os *siddhis* deveriam ser mantidos em segredo por todos aqueles que os recebessem pessoalmente. Ele explicou que havia uma conexão direta entre as práticas e a experiência espiritual ou psíquica que ele teve no templo de Lakshmi, em Madras.

Ele parecia decididamente nervoso quanto ao que se propusera a fazer. Mandou-nos sentar de modo especial, pensou bastante no número exato de pessoas e no modo como deveriam se sentar, e nos fez jurar que não praticaríamos essa técnica sozinhos em casa sob hipótese alguma. Deveria ser praticada sempre por um número ímpar de pessoas, mas não por três — deveria haver cinco, sete etc. pessoas reunidas. Era uma tentativa clara de invocar a deusa hindu, e tudo recendia a mágica. De imediato, alguns ficaram alarmados. A atmosfera do salão mudou e parecia carregada com eletricidade, como se estivéssemos numa sessão espírita. Algum tipo de poder passou por nós. Lembrou-me muito do *latihan* do Subud, no qual a sala às vezes também parecia estranhamente carregada.

Antes, Maharishi sugeriu que a prática de Pak Subuh, o indonésio, era indesejável, e explicou:

— Ela vem de algum espírito, algum forte espírito ou entidade. Pode até querer salvar o mundo. Mas não os levará à auto-realização.

Agora, ele estava dando instruções, criando as regras e tomando precauções exatamente do modo como Pak Subuh fizera, e estava mais do que disposto a invocar qualquer espírito que pudesse ajudá-lo.

Era claro que essas novas práticas, das quais havia, conforme dissera, "muitas outras na sacola", estavam bem distantes da técnica original e simples da MT. Eram uma tentativa consciente de obter ajuda de entidades e poderes externos, e eu e muitas pessoas pressentimos o perigo.

O pagamento pelas técnicas especiais estava aumentando cada vez mais. Agora, até os cursos básicos eram caros, e os ensinamentos adicionais implicavam gastos de várias centenas de libras por iniciado. Em 1982, ele estava cobrando mil libras por curso extra, e esse valor tem aumentado desde então. Enquanto os humildes e os mais pobres se afastavam, outros economizavam e sacrificavam a si mesmos e às suas famílias. Em 1985, estavam pagando elevadas somas para se tornarem clarividentes, para manipular os poderes da natureza ou levitar. Pelo que sei,

ninguém chegou a adquirir esses poderes de maneira marcante. No entanto, ele continuou fazendo experiências. Mas me parecia que ele estava passando conhecimentos esotéricos que não deviam ser revelados ao mundo. Ele estava se tornando um homem realmente perigoso.

De modo geral, poucos iniciados deram a impressão de ter melhorado de algum modo como resultado daquelas práticas. Ficaram apenas mais auto-absortos e introvertidos. Houve algumas exceções temporárias: aparentemente, certas pessoas rejuvenesceram maravilhosamente por algum tempo, apesar de isso não durar muito. Uma delas era uma pediatra alemã, dra. Badoglio, que parecia bem mais jovem, entusiasmada e animada da última vez que a vi.

Contudo, no Lago de Braes, nos Alpes Dolomitas, ela caiu em desgraça na opinião de Maharishi. Ela não gostava de cobrar. Iniciou várias pessoas sem receber pagamento. Também impôs suas próprias idéias e opiniões às pessoas, em oposição aos desejos expressos do mestre.

Ele repreendeu a dra. Badoglio numa série de pontos e, aparentemente, ela fincou pé contra ele. Quando ficou claro que ela não estava mais maleável, ele perdeu a cabeça e a mandou embora de sua presença. Dali em diante, ordenou, ela não deveria ser admitida no hotel. Ela não deveria vê-lo. Estava sozinha: uma pária.

Tendo encontrado acomodações numa cidade próxima, a dra. Badoglio voltava a Lago de Braes todos os dias, pedindo para ser recebida por Maharishi. Ele se recusou a vê-la. Juntamente com duas amigas que ela mesma iniciara, viajava de ônibus desde o vale todas as manhãs e depois vagava em torno do hotel, conversando com as pessoas. Quando os Primeiros Onze disseram isso a Maharishi, ele mandou uma mensagem dizendo que ninguém deveria auxiliá-las, favorecê-las ou mesmo conversar com elas. Horas após horas, dia após dia, as três senhoras de meia-idade ficavam sentadas nos bancos às margens do lago, contemplando o hotel em silêncio. Os iniciados que davam seu passeio matinal antes da palestra ou uma corrida antes da sessão noturna de meditação, passavam apressadamente por elas,

envergonhados. Menos passíveis de coação, os *trolls* e eu parávamos vez por outra para conversar com as pobres párias.

Quando olhei de perto para o rosto que me parecera tão liso, de olhos brilhantes e aparência jovem dois anos antes, fiquei horrorizada. A compleição suave e sem rugas e o ar alegre e vivo tinham desaparecido. A pele tinha rugas profundas e havia bolsas sob os olhos. O belo cabelo grisalho que antes fazia ondas estava repuxado formando um coque. O olhar transmitia medo, como os olhos de um prisioneiro em campo de concentração. A médica se transformou, nas últimas semanas, numa velha. Dava a impressão de estar possuída, como se enfeitada. Incapaz de ter acesso a Maharishi, também era incapaz de se desligar e se afastar dele.

Da sacada do meu quarto, que dava para aquele lago pacífico e para as encostas das montanhas cobertas de pinheiros, observava a vigília silenciosa. Ele não tem nenhuma compaixão, pensei. Essas mulheres decentes, bem-intencionadas e espiritualizadas se tornaram vítimas do feitiço de um bruxo. Um amor desesperado e estéril por seu Mestre e uma malevolência crescente e muda parecia emanar de suas formas silenciosas.

Maharishi não era muito adepto do ar livre, mas durante os cursos saía de seu quarto durante uma ou duas horas para ver e ser visto pelas redondezas. De vez em quando, organizava uma excursão até algum mirante, onde se sentava, conversava e trabalhava, ou então meditava, com alguém que estivesse com ele.

Certa vez, na justria, fomos de carro com ele até um ponto acima da linha da neve, bem no ponto onde a estrada encontrava a fronteira com a Itália. Ali, ele colocou seu cobertor e sua pele de gazela sobre uma pedra, sentou-se e começou a ditar seus comentários sobre o *Bhagavad Gita* sob o ar frio e luminoso da montanha. Envolvemo-nos em nossos casacos e pulôveres e tremíamos. Com sua roupa fina de seda, ele parecia completamente alheio à baixa temperatura e à enorme altitude. Não reagiu ao frio cortante.

Os guardas da fronteira, naquele solitário posto de montanha, abaixaram seus rifles e olharam espantados para a estranha reunião. Ele os chamou e deu uma flor de caule comprido para cada um. Eles riram ao recebê-las. Um deles, sério, súbita e inesperadamente se ajoelhou na neve à sua frente e inclinou a cabeça. Maharishi lhe deu algum tipo de saudação ou bênção breve, e ele se levantou e se afastou. Suponho que ele deverá se lembrar do estranho encontro durante toda a vida — quem poderia esperar encontrar um homem santo da Índia, todo vestido de branco, sentado entre as neves de um pico de montanha, dando flores para os transeuntes?

Na última semana nos Dolomitas, Maharishi anunciou que estava se aproximando uma época de significado espiritual. Coincidiria como último dia do curso, quando a lua estaria bem cheia. Deveria haver um *puja*, um festival, e uma invocação dos deuses em sinal de comemoração.

Os iniciados italianos decoraram as árvores com lanternas feitas com velas e penduraram algumas, menores, em torno do lago. Os pequenos barcos de aluguel que ficavam no lago foram trazidos para perto, e uma lanterna foi pendurada na proa de cada um. Outras velas foram colocadas em copos de papel encerado e postas a flutuar na água.

À meia-noite, Maharishi desceu até o lago: a grande lua estava se elevando sobre os imensos cumes escuros, tocando a água com raios iridescentes. Ele entrou num dos botes, todo decorado para ele com flores e cheio de luzes. As pessoas que o acompanhavam começaram a remar e foram se afastando da margem. Uns doze botes tinham sido alinhados e estavam prontos para acomodar a maior parte dos que queriam embarcar e ir até o centro do lago com Maharishi. No entanto, enquanto as pessoas estavam observando o trajeto de Maharishi ao longo das águas, um dos ciumentos Eleitos, evidentemente sentindo a necessidade de manter a maioria das pessoas à distância, correu pelo ancoradouro, soltou todos os barcos e os afastou das margens, deixando-os flutuar à deriva. Houve uma grande discussão no ancoradouro e ferozes recriminações por parte dos muitos que não tiveram escolha senão

acompanhar Maharishi pelas margens, vendo seus botes se afastando antes de poderem ocupá-los. O ato tinha o tipo de espírito malvado que era bastante comum entre os ex-ouspenskistas, causando muita mágoa e desapontamento às pessoas em cujas vidas esse pequeno episódio seria uma experiência única.

Alguns de nós, mais velhos e talvez um pouco mais cansados, simplesmente se recostaram nas grades do ancoradouro e ficaram observando os acontecimentos em terra firme. Não havia sons, exceto o vento entre as árvores e o leve murmúrio dos remos na escuridão, bem como nossa conversa discreta. Os dois botes onde os Primeiros Onze estavam seguramente acomodados convergiram até o bote de Maharishi, no centro do lago escuro. Podíamos ver as luzes agrupadas tremulando a distância, mas eles estavam distantes demais para que pudéssemos escutar alguma coisa. Mais tarde, soubemos que eles fizeram preces em sânscrito e invocaram divindades hindus, lançando flores do bote para a superfície do lago.

Caminhei com algumas pessoas até o ancoradouro, quando eles voltaram. Quando percebi, a figura vestida de branco, frágil e barbuda, estava me olhando enquanto saía do bote. Seus olhos imensos brilhavam sob a trêmula luz da lanterna. Naquela época, não conseguia me aproximar dele e olhar em seus olhos sem me sentir um pouco desconfortável. Às vezes, ele parecia divino e demoníaco — ao mesmo tempo. Cheio de poderes sinistros e disposto a assumir compromissos com os males deste mundo na determinação de atingir sua meta ambiciosa. Ele poderia ter o poder de criar. Mas tinha mais poder ainda para destruir, e nisto ele partilhava do quinhão do homem comum.

Ele começou a caminhar à beira do lago. As chamas das velas já estavam fracas, e muitas já tinham morrido sob poças de cera. Vendo-me no ancoradouro, acenou para mim, mas não o segui. Olhei para os pinheiros e para o banco de madeira à beira do lago. À sua frente, como três espectros sombrios, a dra. Badoglio e suas amigas estavam de pé, aguardando sua passagem. Num pequeno grupo

silencioso, quase sem vida, caminharam na direção de seu mestre. Ele deu a impressão de não ter visto nada ou ninguém ali ao passar por elas.

13

Os Beatles surgiram no cenário e apareceram, cheios de alegre exuberância, entre os grupos reclusos de um curso na Universidade Bangor, no País de Gales. Maharishi tentara com insistência, nos últimos seis ou sete anos, atrair gente bem conhecida e influente para o Movimento, e ficara desanimado ao perceber que seus seguidores tinham muito pouca influência nos altos escalões. Foi com surpresa e desprazer que descobriu que todos os famosos que se iniciavam solicitavam discrição e privacidade. Mas Mick Jagger e Mia Farrow, logo que o conheceram, começaram a meditar avidamente, trazendo os outros com eles, francos e abertos em seu apoio declarado.

A chegada de toda a turma *pop* e do pessoal do mundo dos espetáculos teve um efeito absolutamente explosivo sobre o MRE. Com exceção de um único homem, o Povo Eleito cerrou o grupo contra eles. Se eles odiaram os 'marginais lunáticos' e as 'pessoas inadequadas' na estrada Prince Albert, que na maioria eram fracos ou passivos diante da vida, odiaram com muito mais vigor os rapazes de Merseyside,* tão bem-sucedidos na vida! A idéia de que eles pudessem aspirar aos mesmos benefícios espirituais que seus colegas mais bem-educados fez com que as penas se eriçassem de imediato.

[Referência a um lugar onde surgiram muitos conjuntos de rock (N. do T.).]

— Como é que eles vão entender essas coisas? — perguntou uma senhora idosa, com extremo desdém.

Na verdade, as mentes ágeis e brilhantes dos Beatles captaram tudo num instante, e sua atitude aberta e franca para com Maharishi foi como uma brisa de primavera soprando pelo inverno gelado do Movimento. As discussões animadas e as conversas curiosas indicavam que a palavra da meditação se espalhava como um incêndio pela geração mais jovem. Eles surgiam aos bandos, vindos de todas as

partes. Mandavam os viciados se afastarem das drogas antes. Aquilo que procuravam através da maconha podia ser obtido com a mesma facilidade e menos perigosamente através da MT, disseram-lhes. As drogas mais pesadas ainda não eram comuns quanto as mais brandas, menos nocivas, e as pessoas podiam ser convencidas a se afastar se quisessem.

O fenômeno do grande afluxo de jovens cantando 'paz e amor', dando flores uns aos outros, mudou tanto a face do Movimento que muitas pessoas foram embora e nunca mais foram vistas.

Os Beatles foram a Bangor contra a vontade expressa de Brian Epstein, seu mentor e, para todos os fins, seu criador como grupo. Eles eram profundamente leais a Epstein, que administrava todos os seus negócios, e normalmente obedeciam a sua vontade. Dessa vez, porém, seguiram seu próprio caminho, e Epstein foi passar um ou dois dias em Sussex com alguns amigos.

Na universidade, Maharishi se trancava com os quatro durante horas a fio. Eles dedicavam grande e sincera atenção a seu Mestre recém-descoberto. Mas ele queria deles mais do que silenciosa aquiescência e obediência. Queria usar sua fama: quatro arenques pequenos lançados para pegar a cavala, ainda no grande mar da vida ocidental contemporânea. Eles não se importavam que as pessoas soubessem que meditavam. Mas suas ações no mundo eram ditadas por Brian Epstein, e obviamente suas carreiras lhes eram muito importantes. Estava claro que eles poderiam ser muito úteis para Maharishi — se estivessem livres.

Certa noite, enquanto ainda estavam com ele em Bangor, Epstein saiu bem tarde de uma festa na casa onde estava hospedado, em Sussex, e sem qualquer explicação ou motivo aparente, foi dirigindo para seu apartamento em Londres. Todos esperavam que fosse passar a noite no campo. Em seu apartamento, tomou uma grande *overdose* de comprimidos para dormir, foi para a cama e não se levantou mais. Ninguém sabia que ele estava no apartamento, e passaram-se umas 48 horas até que a porta fosse aberta com uma chave-mestra, e seu corpo encontrado.

Os Beatles ficaram completamente arrasados. Também ficaram espantados, pois não parecia haver absolutamente qualquer razão para que ele tirasse sua própria vida numa época em que tudo estava indo muito bem. Ele dormia mal, e às vezes tomava barbitúricos. No entanto, não havia dúvidas de que morrera devido a uma dose grande demais para ser acidental. Num estado de choque e pesar, incapazes de encarar a perda filosoficamente, os quatro rapazes procuraram consolo e conforto em Maharishi. Tive a impressão de que ele já sabia do ocorrido, apesar de ter sido impossível sabê-lo por meios normais. Ele não usou as palavras habituais para a situação.

— Agora vocês poderão ir à Índia comigo — foi tudo o que disse.

Tive a impressão de que uma mão fria apertou meu coração quando soube disso. Refleti sobre o que observara a respeito do poder de Maharishi e de sua vontade implacável. Outras razões poderiam ter causado esse suicídio inesperado, apesar de ninguém poder saber com certeza. Porém, não consegui evitar um pensamento freqüente: a existência de Epstein era um claro obstáculo para Maharishi. Sua saída do cenário removeu o principal empecilho para seus planos de usar os Beatles para levar toda a geração *pop* para a causa do MRE.

Em poucas semanas, ele partiu para a Índia com seu grupo e os quatro rapazes, apagados e tristes, caminhando ao lado da nova figura paterna que substituíra seu velho amigo e mentor. Os grandes dias dos Beatles como um grupo unido e bem administrado cessaram de fato com a morte de Epstein, e o lento declínio e divisão em facções menos eficientes começou.

Eles deveriam ficar no novo *ashram* com Maharishi para "aprofundar suas experiências com a meditação", até que pudessem ser enviados ao mundo como seus grandiloquentes emissários. Na verdade, após umas poucas semanas lá, três deles voltaram para a Inglaterra de maneira súbita e precipitada, enquanto George Harrison ficou na Índia e se tornou, durante algum tempo, aluno de cítara de Ravi Shankar. John Lenon juntou-se a Yoko Ono, cuja presença parecia ter uma natureza

desagregadora, Paul McCartney encontrou Linda, e Ringo também teve alguns peixes para fritar. Tempos tormentosos antes do lento declínio.

A imprensa lhes perguntou inúmeras vezes, individualmente e como grupo, qual teria sido o motivo para terem desertado tão depressa de Maharishi. Foram cuidadosos e diplomáticos.

— Bem, afinal ele é humano. Por um momento achamos que não fosse — disseram. — Mas vamos continuar a meditar.

Quando perguntaram ao próprio Maharishi sobre sua partida, ele respondeu:

— Eles eram muito instáveis. Não estavam dispostos a renunciar a seu reino Beatle. Contudo, enquanto continuarem a meditar, serão meus — acrescentou com um sorriso sinistro.

Nessa época, porém, o número de iniciados estava aumentando depressa, e, apesar de ter perdido Jagger, Mia Farrow e uma série de nomes famosos um tanto rapidamente, seu movimento estava ganhando impulso de modo extraordinário.

— Ponha-os na rede! Não podem escapar — disse a seus íntimos em diversas ocasiões, enquanto os números aumentavam e o dinheiro jorrava. Lila Lakshmi, a deusa da riqueza, estava trabalhando entusiasticamente a seu favor. No início da década de 1980, ele tinha dinheiro e propriedades espalhadas pelo mundo, carros, um helicóptero e uma universidade em seu nome, em Freshfield, Iowa. Sete mil pessoas se reuniram a seu redor em 1984, e milhares frequentaram seus cursos na Europa e nos Estados Unidos. Observei tudo isso de lado, ouvindo as notícias dadas por alguns amigos, mas sem mais participar das atividades.

Soube que as regras estavam ficando mais rígidas. Em 1986, uma amiga reclamou que seu marido foi mantido virtualmente incomunicável num curso em Yorkshire, e suas tentativas para entrar em contato telefônico com ele devido a uma emergência familiar foram infrutíferas.

— Os alunos não podem ser interrompidos durante os cursos por motivo algum, a menos que seja uma questão de vida ou morte. — disse-lhe uma secretária.

- ... muito urgente.
- Nada é tão urgente quanto o trabalho que estamos fazendo aqui.
- Então vou lhe mandar uma carta registrada.
- Como quiser.

A carta só lhe foi entregue quando estava saindo, três ou quatro dias depois. Ela tinha o carimbo da recepção com a data do dia seguinte ao que foi enviada, mas foi retida.

Em 1987, os tribunais norte-americanos se defrontaram com um caso levantado por três antigos devotos e professores de MT na Universidade Maharishi de Iowa. Eles requeriam uma indenização de 64 milhões de libras a título de danos, dizendo que tinham pago milhares de dólares a Maharishi e aos cofres da Universidade por aulas que os transformariam em 'mestres da criação'. Eles foram levados, passo a passo, a pagar mais por outras técnicas destinadas a 'ganhar poder sobre as leis da natureza', e ofereceram seus serviços de ensino de graça. Após anos de estudo eles acabaram, não no Nirvana, mas "tomados por ansiedade, raiva, culpa e perda de memória". Eles "perderam um período crucial da vida quando deveriam estar estudando numa faculdade, seguindo uma carreira e estabelecendo relacionamentos familiares e sociais". Tudo o que conseguiram com o exercício de levitação (que faziam sentados com as pernas cruzadas) foi "um rude retorno à terra e uma artrite crônica"! Temendo represálias, os querelantes preencheram os papéis do tribunal usando os nomes falsos de John Doe, James Doe e Mary Doe.

*[Veja o artigo de Mack Hosenball em *The Sunday Times* de 30.11.1986.]*

Poucos na Inglaterra reclamaram tão ferozmente. Estóicos, levavam seus colchões até o centro de estudos, agora no Mentmore Towers, para amenizar qualquer possível "rude retorno" caso realmente conseguissem decolar. Se insatisfeitos, tal como eu, simplesmente pararam com os pagamentos e iam embora.

Pensei muito em Philip Devendra, que deveria ser o sucessor de Maharishi quando ele eventualmente se aposentasse do mundo, e que me parecia ser um dos

poucos que cresceram em estatura espiritual ao longo dos anos. Trocávamos correspondência, e ele incluía algumas flores secas de um jardim ou colina da Ôndia, que eu mantinha numa pequena caixa de madeira perfumada. Após alguns anos, porém, não tive mais notícias dele.

Até que um dia, 20 anos depois, Philip apareceu inesperadamente em Londres. Ele estava completamente exausto. Também estava sem um tostão, e tão perturbado que nem mesmo sabia onde pedir ajuda. Ele foi até o apartamento de Nina na rua Welbeck e ela o acolheu. Ele não queria ver ninguém, e praticamente ninguém soube de sua chegada. Tinha quase 60 anos, não tinha renda, não tinha meios de retomar sua carreira como advogado e teve de pedir dinheiro emprestado para se sustentar enquanto procurava trabalho.

Ele explicou que ficou cada vez mais perturbado com os efeitos da meditação. Maharishi o mantinha em longos períodos de jejum e meditação em cavernas escuras, atividade que durou muitos anos.

— No final, sozinho nas cavernas, pensei que estava ficando louco — disse. — Maharishi não me deu assistência, não me deu orientação. Ele apenas riu e me disse para prosseguir.

Teve experiências terríveis enquanto tentava obedecer à vontade de seu antes amado e agora indomável Mestre, tal como sempre fizera sem reclamar.

Finalmente, desesperado, saiu e foi procurar Shankaracharya, que tinha acompanhado as atividades de seu antigo irmão espiritual com interesse durante algum tempo. Aparentemente, o Shankaracharya o teria aconselhado a partir — "fugir discretamente" sem deixar que Maharishi soubesse disso até que fosse tarde demais para deter sua saída do *ashram*.

De bom grado, Nina deu-lhe apoio durante a traumática readaptação à vida ocidental. Mais tarde, incapaz de encontrar coisa melhor, arrumou emprego como garçom num restaurante japonês em Londres. Vivendo de modo frugal e economizando a maior parte de seu salário, acumulou o suficiente para pagar suas

dívidas e para comprar uma passagem para as Filipinas, onde tinha uma irmã. Ele disse a Nina que iria escrever, mas nunca o fez. Deu a impressão de ser um homem completamente acabado.

Mais ou menos nessa mesma época, surgiu algo no noticiário que me espantou muito. De uma hora para outra, Lennon denunciou Maharishi numa entrevista coletiva nos EUA, em parte pelo fato de manter, ao que parece, uma considerável atividade sexual.

— Houve um grande diz-que-diz a respeito de ele ter tentado estuprar Mia Farrow e outras mulheres, e coisas assim — ele disse. — Ficamos discutindo a noite toda, foi verdade ou não? Fomos ver Maharishi, todo o bando, no dia seguinte. Eu fui o porta-voz. Eu disse: "Estamos indo embora". Ele me deu uma olhada como quem diz: "Vou matá-lo, seu canalha". Por causa desse olhar, percebi que tinha plantado verde e colhido maduro".

Apesar de haver uma tradição em torno do erotismo religioso na Índia, Maharishi veio de uma linha de irmãos espirituais celibatários, que negam o corpo e têm poucas necessidades físicas. Quando o conhecemos, ele comia pouco, dormia pouco, usava poucas roupas para se proteger do frio, tinha poucos bens. Ele parecia todo Espírito, todo Luz. Não creio que qualquer um de nós que esteve com ele e cuidou dele nessa época jamais o associasse à sexualidade. Ele não nos tocava, nós não o tocávamos. Ele era tão assexuado quanto um bebê.

Contudo, quando a história surgiu, alguns começaram a lembrar essa época, analisando pela primeira vez o significado de um período em que ele começou a trancar sua porta à tarde, enclausurado com alguma jovem. Apesar da influência hipnótica ter aparentemente nos deixado inconscientes daquilo que acontecia na época — pensávamos que ele tivesse ministrando aulas especiais a devotos escolhidos —, agora percebíamos algo diferente. Havia um certo tipo de garota, com olhos grandes e pele clara, por quem o indiano de pele escura se sentia freqüentemente atraído. Víamos agora algo que ele tentou ocultar. Ele foi se afastando

da Tradição Sagrada de seus Mestres à medida que as necessidades mundanas foram tomando conta dele.

John Lennon foi o único dos Beatles que falou aberta e francamente sobre essas coisas, apesar de não fazê-lo antes de se passarem alguns anos, após terem se afastado dele. Os outros sempre usaram tato e discrição ao responder a perguntas sobre o Guru Risonho. Eles ainda estão vivos. Mas Lennon, defrontando-se com um assassino louco e misterioso que aparentemente acreditava ser o próprio e verdadeiro John Lennon, morreu, tal como Brian Epstein, de forma prematura e inexplicável. ... possível que sua vida tenha chegado a seu término natural. Entretanto, lembrando-se do puro ódio e raiva que saíam dos olhos de Maharishi, até hoje tenho arrepios quando penso nisso.

"Há homens a quem ofendemos por nossa conta e risco", como disse Eliphaz Levi. Faço o sinal da cruz, lembrando-me do poder da flecha no arco.

14

Após deixar Lago de Braes, nunca mais estive na presença de Maharishi. No entanto, lentamente, uma sinistra consequência começou a se fazer sentir.

Inicialmente, apenas experimentei uma sensação de liberdade. Subitamente, o fluxo de candidatos para iniciação diminuiu muito. Tinha a impressão de que não estava mais carregando e expondo à venda um pacote de quitutes espirituais que atraía a atenção dos famintos em todo lugar que eu ia. As pessoas não iam mais à minha casa. Mudáramos do centro de Brighton para o campo, um lugar bem menos acessível para quem não tivesse carro. Voltei à minha escrivaninha, com a intenção de voltar à minha carreira como escritora.

Parecia que não tivera tempo, que não tivera o impulso para agir durante certo tempo. Agora, estava determinada. Mas parecia extraordinariamente difícil voltar a agir. Antes, imaginava que a criatividade e todas as formas de trabalho criativo ou artístico eram muito importantes para a humanidade, sendo, de certo modo, a justificativa para nossa existência. Através da arte, cada um glorificava Deus, e até

chegava a partilhar do ato da criação, recorrendo ao mesmo poderoso fluxo do qual todas as 'criaturas' do Todo-Poderoso vieram originalmente.

Agora, era um trabalho penoso, não um prazer. Quanto mais tentava escrever meu quinto romance, mais era tomada pela sensação de que todo empreendimento humano é infrutífero e vão. Uma sensação de vazio me invadia enquanto analisava a relação entre personagens, interações e situações. Todos os temas pareciam desprovidos de valor. Quando finalmente acabei, meus editores o rejeitaram e meu agente literário não conseguiu publicá-lo em outro lugar.

Gradualmente, fui sendo tomada pela depressão. Tudo na vida parecia sem propósito, sem significado, árido. Eu estava entrando num completo colapso nervoso. Tivera acesso a camadas muito profundas da mente, e agora não conseguia mais desfrutar de nenhuma das experiências exteriores de vida ou qualquer nível normal de pensamento racional. Interiormente, apelava continuamente a Rodney, mas não conseguia mais sentir sua presença. Derry, apesar de irmão de Rodney, não se interessava por filosofia, desenvolvimento psicológico ou vida espiritual, e, embora gentil, era totalmente incapaz de entender minha angústia. Sugeriu que procurasse um médico. No entanto, não havia assistência para isso, salvo o conselho para tomar tranquilizantes e comprimidos para dormir e tentar relaxar e não me desgastar tanto.

Depois, lentamente, tudo começou a se tornar não apenas deprimente e pesado, mas totalmente sinistro. Notei que não conseguia mais manter minha mente concentrada. Percebi aquilo que o intelecto sempre soube, mas que a experiência ainda não reconhecia: que tudo na vida está num perpétuo estado de fluxo; que não há estabilidade em parte alguma; que a única constante é a contínua e incansável mudança.

Olhando para minhas mãos, vi-as dissolvendo: das mãos, competentes e cheias de anéis de uma mulher de meia-idade para as mãos pequenas, suaves e jovens de uma menina, os pequenos punhos de uma criancinha, as mãos em

formação do bebê no útero. E, ao mesmo tempo, estavam velhas e enrugadas como as de uma anciã; finalmente, como esqueleto, cruzadas sobre o corpo na cova.

... assim que 'Joyce' estava nessa época: a estrutura cambiante de embrião para esqueleto, repetindo-se e repetindo-se numa roda interminável, girando e renascendo. Ao mesmo tempo, meus olhos não conseguiam mais se firmar em qualquer objeto sem vê-lo como tinha sido e como seria depois: a mesa não era apenas um móvel, era também uma pilha de chapas de madeira; era a árvore; o broto; uma semente; o pólen da flor de uma árvore anterior, caído ao solo para se propagar. Ao mesmo tempo, a mesa era uma coisa velha e desgastada que alguém iria jogar fora em algum lugar, mandar para o depósito de lixo, cortar, quebrar ou queimar. Suas cinzas, espalhadas pelo vento, iriam fertilizar o solo para que outras árvores crescessem.

O terror indizível de conviver com tudo isso — um conceito normalmente apenas intelectual — é muito difícil de se transmitir a qualquer pessoa que não tenha passado por ele. O olho percebe o fluxo de modo tão contínuo que até o esforço de colocar uma xícara e um pires — porcelana, argila, a roda do oleiro, os cacos em que um dia se tornarão — numa mesa que está se dissolvendo em pedaços de madeira, cuja própria estrutura celular é visível, é uma questão que requer um esforço de concentração quase sobre-humano.

Os rostos sempre cambiantes das pessoas à minha volta me aterrorizavam, a ponto de eu ficar num estado de imbecilidade quase incoerente. Enquanto conversava com meu vizinho ou faxineira, começava a ver a criança por trás do rosto envelhecido, o crânio por trás da pele e um caleidoscópio mutável de rostos diferentes.

Tenho certa autodisciplina e autocontrole naturais sob circunstâncias comuns. Usando-os, tentava manter um ar de normalidade para que meu estado interior não ficasse muito visível. Contudo, não fui mais capaz de ter qualquer tipo de vida social. Encerrei-me em meus pensamentos. De vez em quando, saía de casa e, evitando

contato humano, caminhava por Sussex Downs, tentando em vão restaurar meu senso de normalidade ou realidade.

Certa vez, fiquei deitada na encosta de uma montanha a noite toda, encolhida na posição fetal, tomada pela crença de que estava descendo ao Inferno de Dante. Via seus horrores com uma nitidez assustadora. A visão da impotência eterna e do sofrimento da humanidade, o horror do tema recorrente de nascimento, luta e morte, fizeram com que eu me encolhesse mais e mais, molhada pelo orvalho e pela da chuva da manhã. Compreendi então o tipo de experiência que Philip Devendra deve ter tido na solidão das cavernas do Himalaia.

A lembrança que meu marido tem desse período é muito vaga. Ele mudara recentemente de seu emprego na rua Fleet e estava muito tenso, saindo de casa cedo e voltando bem tarde. Ele se recorda de não ter jantar na mesa, dos talheres do café da manhã não terem sido lavados, de minhas presenças ou ausências inexplicadas, meu ar distraído e meus olhos cobertos por um vago desespero toda vez que tentava olhar para eles. Era a menopausa, acreditava, e não me dava muita atenção, virando-se da melhor maneira possível.

Durante alguns meses, equilibrei-me à beira do que poderia ser chamado de rematada loucura. O pouco instinto que me restava me manteve fora das mãos dos psiquiatras, pois estava certa de que estava nadando em águas profundas demais para aquele tipo de intervenção ou de ajuda. De algum modo, precisava encontrar uma maneira de me libertar de tudo aquilo. Com o tempo, porém, até o ânimo interior para fazê-lo pareceu morrer.

Havia um carvalho que se erguia em viés sobre uma encosta, com um galho que se projetava sobre um caminho que eu costumava usar para chegar até o parque. Descobri uma corda e levei-a para lá. Sentei-me sob a árvore e pensei no melhor modo para passar a corda, fazer um nó, um laço e me enforcar. Antes, sempre achava que o suicídio não era saída para os problemas de ninguém. Parecia provável que a

teoria de Gurdjieff estivesse correta — não há saída, exceto voltar para lidar novamente com aquilo que nos incomodou, até superar a dificuldade.

Fiquei sentada ali com a corda a meus pés, repetindo e repetindo a ação em minha mente, mas sem executá-la. Vi meu corpo pendurado, cabeça inclinada, meu tronco balançando ao vento. Na pior das hipóteses, estaria "adormecida, quem sabe sonhando", e ficaria repetindo ação até que compreendesse o sentido de tudo aquilo.

Cheguei a ficar em pé com a corda nas mãos quando notei, de repente, que tudo parecia estar mudando. Em meu estado recente, a corda teria se dissolvido em cordões, em fibra crescendo no campo, florindo e lançando sementes, sendo colhida, molhada e desfiada; ao mesmo tempo, envelhecendo e se desintegrando, apodrecendo, sem qualquer valor no final de sua vida útil.

Agora, percebia que minha profunda concentração naquele momento — na corda, e não no que acontecera ou no que iria acontecer — fez com que minha mente se detivesse no instante presente. Eu a via como um pedaço de corda. Seu propósito imediato: enforcar-me de um carvalho ao lado de uma trilha. A árvore também se manteve estável, nem morrendo, nem se transformando num broto ou semente. A trilha estava em sua situação atual — sem as folhas levadas pelo inverno, os galhos estirados como mãos apontando para o céu. Era como a técnica usada pela televisão para manter os personagens e situações parados, deixando tudo imóvel enquanto o telespectador a contempla antes que as imagens voltem a se mexer.

Portanto, parece que o segredo de recuperar a 'normalidade' consiste em manter a atenção concentrada no momento presente, sem permitir que a mente avance ou recue no tempo.

Ocorrera-me, há muito tempo, que para todos os fins e propósitos o 'presente' é, normalmente, uma experiência inexistente. Até as palavras que você está lendo nesta linha já fazem parte do passado enquanto lê as seguintes. Onde, então, está o presente? Assim que alguém fala ou escuta algo a experiência já faz parte do passado. A frase seguinte ou mesmo o instante seguinte estão no futuro. O homem

vive nesse extraordinário perpétuo — cego para o futuro, separado dele por um simples segundo; consciente, ao menos temporariamente, do passado, mas incapaz de experimentar qualquer coisa que possa ser chamada, com razão, de 'presente'.

A intensa concentração e direcionamento de minha mente ao contemplar minha própria intenção com a corda teria subitamente acionado um mecanismo que, em estados normais, permite-nos agir no mundo. Evidentemente, seria uma função automática, ativada de algum modo pela atenção ou pela intenção, mas que normalmente passa despercebida.

A atenção dirigida deve ter sido a chave para recuperar a sanidade. Ao ficar de pé sob a árvore com a corda na mão, atingi o ponto de inflexão de meu colapso. Senti-me como se alguém, em algum lugar — Rodney, Ouspensky ou sabe-se lá quem —, tivesse testemunhado meu momento de desespero e ficado com pena de mim. Tinham-me lançado uma linha de vida, não um laço com o qual poria fim a ela.

Finalmente, voltei para casa. Direcionei minha atenção consciente para cada tronco de árvore, cada folha morta, cada pedregulho no caminho, dizendo a mim mesma que existe um 'agora', e que eu podia e iria me manter nele.

Eu tinha readquirido a arte de manter o momento 'em foco'. Durante meses, estivera olhando para a vida como que através de um microscópio fora de foco, vendo demais — bem mais do que podia aproveitar. Estivera observando grandes modelos, desenhos em perene mutação, enquanto tentava infrutiferamente manipular o instrumento de observação e 'trazê-lo' de alguma forma. Subitamente, descobri o método de focalizar minha atenção naquilo que queria observar no momento. Tinha-me tornado 'normal'.

Enquanto me recuperava lentamente, comecei a me convencer de que a experiência muito facilitada ou muito freqüente do estado transcendental ou da 'consciência do êxtase' era a responsável direta pela triste situação em que me vira. Quando se entra em meditação profunda, mergulha-se numa experiência atemporal. Percebe-se uma zona de perfeição absoluta e imutável. Neste mundo, porém, o tempo

e as circunstâncias requerem atenção e foco, devendo ser compreendidas e usadas corretamente caso desejemos viver normalmente. A tentativa de voltar a esse estado me deixara numa perigosa situação intermediária, percebendo em demasia, e ao mesmo tempo não o suficiente, a posição do homem no mundo.

A tradição mânica de Shankara parece destruir gradualmente qualquer interesse pelo processo evolutivo a tal ponto que, como Maharishi disse certa vez em relação aos reclusos, "se quiserem agir no mundo não conseguirão". Mesmo sua versão modificada e adaptada da tradição teve, no final, esse efeito. Estive observando as eternas rodas sobre as quais a vida gira, como alguém que observa os ponteiros do relógio girando, mas sem saber mais ler as horas.

Levei pelo menos dois anos em conflito íntimo, privado, para voltar a um modo de vida no qual pudesse pensar com lucidez, voltar a ler livros, conversar e saborear a companhia dos amigos. Tinha de me trazer constantemente de volta ao 'agora' por meio da atenção consciente. Devo ter escapado por um triz de um feitiço mental! Devo ter assustado meus amigos e vizinhos, que me viram agir muito estranhamente, por um longo tempo. Felizmente, a síndrome da menopausa pode ser usada para acobertar uma infinidade de excentricidades e idiossincrasias, e foi o que fiz. Contudo, minha capacidade de escrever desapareceu. Ao ultrapassar tudo aquilo que sustenta a imaginação criativa e ao entrar continuamente no 'centro imóvel', privei-me de meus talentos inatos, que desejava usar neste mundo. Embora com a mente abalada, vivi estoicamente cada momento durante um bom tempo.

Com o tempo, minhas leituras me levaram a perceber que o estado transcendental ou de consciência do êxtase é um fenômeno perfeitamente conhecido, e que há diversas maneiras de induzi-lo além da MT. Em seu livro *Altered states** (*Estados alterados*), por exemplo, Paddy Chayefsky descreve experiências feitas num tanque de isolamento, no qual "o pensamento, normalmente linear e lógico, torna-se holístico e padronizado". *[Com versão cinematográfica, *Viagens alucinantes*, dirigido por Ken Russell em 1980 (N. do T.)]*

Experiências realizadas na Escola de Medicina de Harvard na década de 60 incluíam induzir um sujeito a alterar seu estado normal de consciência através da hipnose, transe auto-induzido ou por algum agente farmacológico como a dimetiltriptamina. Mesmo um 'louco de camisa-de-força' submetido a tratamento com essa droga vai ficar sentado em silêncio, como se estivesse em transe e, quando questionado, vai dizer coisas que "indicam que sente uma comunhão com grandes e poderosas forças metafísicas". Na época em que saí do MRE, estava bastante convencida de que estávamos sendo induzidos a um estado de transe na MT.

Em *The relevance of bliss (A relevância da beatitude)*, Fritjof Capra, Rupert Sheldrake, David Bohm e outros descrevem um número considerável de maneiras diferentes com que as mesmas experiências podem ocorrer, e sabe-se que ocorrem, espontaneamente ou por indução deliberada. Dentre elas, incluem-se cantos ou entonações prolongadas, apnéia ou disciplinas ascéticas extremas, tais como jejum prolongado ou privação do sono. Além de drogas modernas, como o LSD, há cogumelos alucinógenos e outras plantas que alteram a consciência, conhecidas há muito tempo pela tradição xamânica e por pajés.

Em 1970, depois que Maharishi começou a causar impacto nos Estados Unidos, R. K. Wallace e Herbert Benson, de Harvard, realizaram estudos que mostraram "as correlações fisiológicas da MT". Os testes controlados indicaram mudanças no padrão da atividade do cérebro, idênticas às induzidas por meios químicos e outros meios experimentais.

Enquanto isso, ainda nos EUA, uma médica que pesquisava o tema da experiência transcendental numa pequena abadia assustou tanto os religiosos quando provou que os estados exaltados que atingiam após longos e árduos esforços e disciplinas podiam ser induzidos por alguns momentos com um soco no braço, que muitos renunciaram a seus votos e abandonaram a vida religiosa!

Nina Coxhead, que compilou *A relevância da beatitude*, deparou-se com a questão: "queria ou poderia lidar com esse tipo de experiência, esse Choque

Beatífico?" Suas extensas pesquisas levaram-na a perceber que os argumentos pró e contra a tentativa de entrar nesse estado beatífico são igualmente fortes. Os riscos ficaram aparentes para ela. No final, ela disse:

— Sim, vamos tentar, vamos induzi-lo, vamos correr o risco, vamos viver o mundo com prazer... mas conhecendo muito bem a fonte da qual fomos criados.

Contudo, na época em que escreveu o livro, não tivera êxito em induzir o estado desejado, malgrado diversos esforços.

Apesar de minha infância tímida e hesitante, suponho que sempre vivi vigorosamente e 'com prazer'. Mas minhas aventuras me levaram a alguns lugares perigosos. Tomara uma decisão a respeito de minha própria vida, naquele momento na sexta série da escola há muitos anos, quando me ouvi dizer espontaneamente "há duas maneiras diferentes para fazermos isso. Uma é agir como as freiras, caminhando de cabeça baixa e mãos dentro das mangas, sem olhar para ninguém, sem tocar nada, sempre procurando por Deus em algum lugar interior, e a outra consiste em olharmos para tudo, envolvendo-nos e querendo realmente fazer parte do mundo, pois Deus é tudo isso também". Ao aceitar os dois caminhos, seria inevitável que acabasse lidando com ambos.

O mais importante nesse estágio, porém, parecia ser me enraizar novamente na vida. A 'coisa urgente e esquecida' do começo da infância tinha clara relação com o processo evolutivo, não com a fuga dele ou com o desejo de ser aliviada cedo demais da tarefa do homem no planeta terra.

Ponderei sobre minhas próprias origens neste mundo. Quando criança, estava sempre desenhando, pintando, escrevendo poesia, inventando coisas. Muito cedo, ocorrera-me que, se você faz coisas, faz algo criativo, a energia criativa da mente de Deus pode fluir através de você. Você se torna um canal. Às vezes, as coisas que eram feitas por minha mão ou escritas com meu lápis pareciam ser feitas 'através de mim', e não 'por mim'. No processo de ser um instrumento da criação, descobri a felicidade. Foi, durante a infância, a única felicidade verdadeira que encontrara num

mundo aparentemente estranho. Por este motivo, refugiei-me constantemente nele, como uma eremita — o vão da janela, por trás das cortinas de veludo — ou num canto qualquer onde não fosse vista.

Minha mãe, desenformando bolinhos na cozinha ou bordando com sua agulha fina e ágil à luz da lareira, abrindo o tecido e inspecionando seu trabalho, do mesmo modo como eu me afastava um pouco do que fazia e avaliava minha obra, parecia partilhar do mesmo conhecimento silencioso da arte criativa. Ela raramente falava comigo, embora eu normalmente tivesse com meu pai longas e sérias conversas e troca de idéias. Mas mamãe estava sempre ocupada com seus próprios afazeres, e não funcionávamos na mesma faixa de onda. Contudo, tínhamos um vínculo comum, não-verbalizado, no modo como fazíamos as coisas.

— As pessoas criativas são sempre mais felizes do que as destrutivas — costumava dizer, aconselhando a quem se queixava ou se entregava à preguiça a pôr mãos à obra. — Está bonito — dizia de algo que eu tivesse feito, um rápido e informal elogio, feito de passagem.

Às vezes, enquanto crescia, cuidava do jardim com ela. Cada flor, cada planta me espantava com sua complexidade, sua cor, seu aroma, sua natureza sempre cambiante. Fascinada, eu me ajoelhava na grama, examinando os veios de uma pétala ou folha, considerando sua vida e sua função com encanto e prazer. Pensava no crescimento, na procriação e na morte com simplicidade e inocência, e pressentia, sem a assistência de 'técnicas', aquilo que Maharishi chamava de "glórias divinas".

Cada inseto, cada joaninha subindo por um galho me passava uma impressão igualmente notável e bela: tão pequenos e, no entanto, tão perfeitos e cheios de propósito. Seus minúsculos órgãos internos e seus sentidos adequados para sua breve existência na Terra e para seu lugar no grande concerto global. Tudo faz parte da mesma coisa, pensei. Ocorrera-me, nesses dias de infância, que Deus se manifesta em todos os níveis. No entanto, onde quer que o observador esteja, ele tende a ver a manifestação apenas em seu próprio nível, de seu próprio ponto de

vista. Notei que para os pequenos insetos um pássaro poderia ser Deus, por ser algo grande e poderoso, terrível para as criaturas menores. Eu não era Deus para elas porque era grande demais para que me vissem. ... possível que nem sequer tivessem consciência de mim, apesar de eu ter o poder de movê-las ou de fazer o que quer que desejasse com elas. Uma joaninha caminhando pela palma da minha mão devia ser tão incapaz de ver quem eu era quanto eu era incapaz de ver a totalidade da Via Láctea. Para meu cão e meu gato, no entanto, eu poderia ser Deus: um Deus benevolente, provedor de alimento, abrigo e amor. Assim, pode ser que se você desse algum tipo de alimento e presentes amáveis, você embarcaria com segurança na linha que levaria a um Deus muito maior; contudo, de certo modo, você também seria Deus, pois você seria Deus para os pequeninos. ... possível que as coisas que eu fazia acabassem se transformando num tipo de alimento, alimento para a mente e o coração das pessoas, não especialmente para seus corpos...

— Está bonito, — Mamãe, ao passar, fez uma breve pausa para inspecionar o modo como minhas sementes anuais se transformaram num festival de cores ao lado de uma velho muro de pedra. — Você cuidou delas muito bem.

— Deus as fez crescer — disse hesitante, referindo-me ao Grande Deus, ao Criador.

— Ele não as faria crescer dessa maneira se você não as tivesse plantado ali, regando-as e cuidando delas — respondeu em sua maneira brusca, começando a podar com suas tesouras, decapitando as rosas.

Naturalmente, isso era verdade. O Grande Deus podia criar matas virgens ou florestas, mas não fazia jardins. Ele não poderia pintar um quadro ou escrever uma história — exceto usando as pessoas como instrumentos, instrumentos voluntários pelos quais ele canalizava Seus poderes. Nesse sentido, ele *precisava* de mim e de todos, de cada criatura, para realizar sua própria função. Subitamente, compreendi que criatura e Criador e criatividade eram palavras inter-relacionadas. Olhei à minha volta, para as árvores e jardins, o gato listrado deitado na varanda, o jovem cãozinho

pulando na grama, com uma sensação de súbita revelação. ... isso o que o livro de orações quer dizer quando fala de *Criação*, pensei. Comecei a recitar baixinho para mim mesma: "Eu também algo farei..."

*[“Eu também algo farei/Com alegria ao fazer;/Apesar de amanhã tudo se parecer/Com as palavras vazias de um sonho/De que ao despertar me lembrei”. Robert Bridges, *I love all Beauteous Things (Eu amo todas as Coisas Belas)*”

— Quase hora do chá — disse Mamãe, tirando suas luvas de jardinagem, tentando segurar o cãozinho. — Vamos, querida, vamos, se quiser acabar de arrancar as ervas daninhas de suas flores ainda hoje.

Assim, com seu prático senso comum, ela me trazia de volta à terra e 'ao agora'.

Aparentemente, completei um círculo 40 anos depois. Não podia acreditar que o homem fosse uma espécie degenerada, destinada a arrasar a Terra espalhando-se por sua superfície como um câncer, tal como foi sugerido recentemente por Peter Russell em *The awakening earth (A terra desperta)* e outros. Apesar de meu estado pouco elevado, ainda estou convencida de que a humanidade tem um papel a cumprir na espiral evolutiva. Como Laurens van der Post em *A walk with a white bushman (Uma caminhada com um bosquímano branco)*, sentia em meu íntimo que o próprio Criador ainda estaria evoluindo e que teríamos de colaborar no processo à nossa maneira, em nosso próprio nível.

Há, quase sempre, um senso de propósito bom e positivo em qualquer indivíduo criativo. Até o cozinheiro que prepara uma refeição com orgulho, a dona-de-casa que pinta e decora seu lar, as pessoas que plantam suas próprias verduras, dão-nos a impressão de estar em contato com aquela fonte de felicidade. Mas ela é algo estranho para os tristes moradores em blocos de apartamentos sem jardins, infernizados por urbanistas e políticos dizendo-lhes o que fazer, sem ao menos ter liberdade para pintar sua porta da frente da cor que desejam. Privadas de um pedaço de terra no qual possam cavar e plantar, levando para casa pratos congelados do supermercado, ouvindo música enlatada o tempo todo, elas nunca assobiam e cantam

como as pessoas costumavam fazer quando eu era jovem. A tendência à obstrução e à falta de cooperação me parece proveniente, em grande parte, da negação da liberdade de *criar*, de sermos supervisionados, organizados e forçados à uniformidade e à conformidade pelos governantes. Famílias com anões no jardim, lagos pré-fabricados e portas pintadas com cores berrantes podem não ser os membros mais notáveis da espécie humana! Mas geralmente são muito mais alegres, otimistas e bem-humoradas do que os moradores de apartamentos controlados, sem jardins e sem animais domésticos. Um pouco mais alto na escala criativa, no nível das artes, sei que havia alegria. Deixadas com seus próprios recursos, as pessoas sempre farão alguma coisa.

O enorme problema que eu tive de enfrentar depois do colapso nervoso foi saber que o fluxo de energia criativa, antes tão vigoroso e prolífico em mim, fora bloqueado, desviado ou até destruído. Assim, eu não tinha nenhuma fonte de felicidade e satisfação. A julgar pelas conversas que tivera com diversos artistas, escritores, músicos e bailarinos, esse efeito da meditação era partilhado por eles.

— O balé era minha vida. Agora, é apenas o modo como ganho a vida.

— Não quero mais pintar. Prefiro ficar apenas sentado ao sol.

— Não consigo continuar a escrever meu livro. Não sinto mais muito interesse por qualquer coisa que não seja a MT.

Esses eram alguns dos comentários que ouvia.

Compreendo que uma de minhas partes vitais não mais funcionava, passei a viver sem ela, por falta de coisa melhor, ajustando-me da melhor maneira possível, tal como faria se tivesse um membro paralisado. Quem poderia dizer quanto tempo iria levar até que a força da vida voltasse a fluir por ele? Na verdade, esperei dez anos.

15

A única coisa com que podia trabalhar era o intelecto. Não conseguia despertar a emoção. Logo, todos os campos artísticos estavam de fora, e só podia desfrutar do artesanato, com seus pequenos e modestos prazeres. Sendo nômades inveterados,

arrancamos novamente nossas raízes e compramos uma casa antiga de pedra aos pés de South Downs. Nela, esfreguei, limpei e poli, com vigor e determinação, e mais uma vez me dediquei a cuidar de um jardim. Eu não estava criando. Estava levando adiante o trabalho de outras pessoas. A terra era fértil, mas tinha sido descuidada. Todos os dias eu trabalhava, limpando e cavando, plantando, adubando e voltando exausta para a cama à noite.

Um jovem conferencista da Universidade de Sussex, com modos bastante críticos, passou por lá para nos visitar. Entrei em casa com as mãos cheias de terra e cabelo desganhado pelo vento, pedindo desculpas.

— Venha ver como estou progredindo — sugeri. — Estes arbustos estavam fora de lugar e eu os pudei. Já eliminei todas as ervas daninhas desta área. Estou fazendo uma série de enxertos.

Ele deu uma olhada sem muito interesse.

— Jardinagem é o último recurso daqueles que não conseguem formar relacionamentos com os outros ou fazer qualquer coisa útil na vida — disse.

Fiquei chocada. ... verdade: eu raramente saía ou via outras pessoas, exceto o meu círculo íntimo nessa época. Será que eu estaria saindo da vida? Comecei a pensar em suas palavras cáusticas depois que ele se foi. Nesse caso, o que deveria estar fazendo?

Naquela noite, pela primeira vez em muitos anos, ouvi uma voz que me deu a impressão de ser a de Rodney. Da mesma maneira que pronunciara a misteriosa mensagem "a balista", certa vez, agora disse apenas "o lugar dos pássaros". As palavras não significam nada. Fiz uma pausa em minhas pequenas tarefas domésticas e olhei à minha volta, prestando atenção em meu interior, esperando um sinal. Meus olhos focalizaram uma planta muito azul sobre uma mesa lateral, trazida por um vizinho e que estava dando flores. Ocorreu-me que certa vez, anos antes, em Paris, eu comprara uma planta semelhante no *marche des fleurs* perto da Notre Dame, dando-a ao dr. Rouhier e à sua filha, Odette. Eles ficaram encantados.

— Que azul bonito! ... da cor do vitral da *Sainte Chapelle*, a cor cujo modo de fazer os vidreiros esqueceram e nunca conseguiram repetir. Como se chama essa flor?

— Em inglês, cinerária.

— Ah, *cineráire!*

A lembrança do pequeno incidente estava tão clara que parecia ter acontecido no dia anterior, e com ela veio a quase imediata memória do convento onde eu visitara Chloe para lhe dizer da morte de seu pai: antes a casa do homem da Escola do Quarto Caminho, Chateaubriand, agora o convento de Notre Dame des Oiseaux.* (Nossa Senhora dos Pássaros). Esse, com certeza, era o lugar dos pássaros. Será que aconteceria alguma coisa se eu fosse até lá? Contudo, quase que ao mesmo tempo, senti que deveria me dirigir ao dr. Rouhier, não ao convento. Telegrafei, e Odette me reservou um quarto no Hotel Jacob, onde já estivera antes.

Pela manhã, caminhei pela rua dos Saints Pères e entrei no boulevard Saint Germain, Na Librairie Vega, o velho e sua filha me receberam carinhosamente. Sempre o chamei de *Mon Père*, pois dr. Rouhier era muito formal e 'Albert' muito íntimo para um homem tão erudito, bem mais velho do que eu. Ele me deu um abraço forte, de urso, minha cabeça apoiando-se em seu ombro. Fazia muito tempo que não víamos.

— Você vai passar alguns dias aqui? — perguntou.

— Uma semana, talvez. Hoje, vou acender uma vela na Notre Dame por Rodney e visitar alguns de seus lugares favoritos e depois voltar, se me permite.

Entre numa rotina e fiquei por lá mais tempo do que dissera. Fazia o café e ficava lendo na livraria durante o período mais agitado da manhã. Depois, se o movimento caísse, ele me levava até um dos cafés de calçada para tomarmos um *cassis* ou um *citron pressé*, e ficávamos sentados e relaxando enquanto observávamos o mundo passar. Seu estômago protuberante se dobrava sobre a

cintura, sua boina azul sempre sobre uma orelha, sua longa barba cobrindo a parte da frente da camisa. Ele tinha um ar excessivamente parisiense.

Dr. Rouhier não era versado apenas em esoterismo. Tinha inúmeras idéias curiosas, e era muito mais interessante do que aqueles cujas idéias se cristalizaram em algum sistema. Ele dizia que o desenho da Notre Dame refletia o homem perfeito — um conceito que costuma ser apresentado quando se fala dos projetos das catedrais góticas. Em certos casos, dizem que refletem o desenho da árvore da Vida cabalística, tal como a capela do King's College em Cambridge, onde certas partes da igreja corresponderiam aos *sefirot* da árvore. Contudo, como a árvore também reflete a idéia do homem, basicamente ambas não são diferentes. Animando-se com suas próprias idéias, dr. Rouhier desenhou no cardápio de um restaurante uma gárgula de boca aberta, que recolhe a água da chuva do telhado da Notre Dame.

— Ela está ali para levar os pecados do Homem Perfeito — disse. — *Les péchés de L'Homme Parfait*.

— *Les péchés?* Mas o Homem Perfeito não tem pecados!

— Tem, sim. Contudo, eles não o afetam. Eles passam por ele como chuva e irrigam a terra a seus pés.

Certo dia, caminhamos por ruas secundárias até um café que pertence à Sociedade dos Carpinteiros.

— Eles possuem conhecimentos esotéricos, *Les Charpentiers* — disse ele.

Ele me apresentou a todos que estavam almoçando por lá, e cumprimentei um por um. Num canto, indo do chão ao teto, havia uma réplica em madeira, intrincada e bela, de uma torre de catedral, esculpida com todos os detalhes.

— ... a obra-prima dos *Charpentiers* — disse-me rindo, enquanto eu a examinava.

Percebi que todos os olhos estavam voltados para mim naquele momento. Notei que havia significado no desenho, na exatidão matemática, nos arranjos numéricos. Pois "tudo se baseia nos números", segundo teria dito Pitágoras. Assim, a

inter-relação dos números, seqüências e medidas pode ter um significado. ... desse conhecimento profundo que vêm a ciência oculta da numerologia e todas as complexidades da gematria judaica. Estão aí também os segredos da construção das pirâmides, que são, visivelmente, pontos de poder, e as medidas exatas, dadas em côvados, para a construção do Templo de Jerusalém. Todos começaram a rir quando me viram examinando a obra e ponderando. "Sim", diziam uns aos outros, "madame percebe algo". Vi que alguns possuíam conhecimentos esotéricos, razão pela qual eram amigos de Rouhier.

Nos finais de semana, dr. Rouhier e Odette visitavam madame Rouhier, que, inválida, permanecia em sua casa de campo. Durante a semana, porém, viviam num cômodo alugado, que era parte de uma casa não muito distante da livraria. Tinha-se acesso a ele através de portões de ferro fundido, passando por um jardim todo florido, portas de vidro e, finalmente, uma sala de estar grande, de pé-direito alto.

Nela, havia um Buda de ébano. Sempre que passava pelo jardim, *Mon Père* colhia uma flor — um cravo amarelo, por exemplo — e a colocava, quando passava por ele, na palma da mão do Buda. Ela ficava lá, vívida contra a madeira negra brilhante, até fenecer e ser substituída por outra no dia seguinte. Arrumávamos o jantar, líamos e conversávamos sob o silencioso olhar de Buda.

O dr. Rouhier tentou me interessar, de diversas maneiras, por certas formas de ioga, inclusive a ioga tântrica. Ele possuía certos conhecimentos que desejava me transmitir, mas eu teria de pedir que ele o fizesse. Estava nervosa, após minhas experiências anteriores. Minha tendência era a de entrar em longas discussões intelectuais, nada muito profundo, nada que viesse mesmo do coração.

— Ah, agora seu irmão se foi e você teve certas aventuras por conta própria, e ficou muito tímida — disse com a voz desapontada.

Ele caminhava comigo até meu hotel à noite, pedindo-me para que fosse até a Librairie no dia seguinte.

Na loja, havia um extraordinário gongo tibetano. Era colossal, e, sendo feito à mão, tinha certas imperfeições na superfície. Sempre que podia, ia admirá-lo.

— Já estive numa lamaseria em Lhasa — disse-me, mas nunca descobri como ele o adquirira.

Numa tarde, tínhamos caminhado juntos até a igreja de St. Germain des Prés e voltado pela Rive Gaúche, examinando as bancas de livros e de gravuras. Fizemos uma pausa apoiados na murada do rio, olhando juntos para os *bateaux mouches* repletos de turistas, deslizando pelo rio a nossos pés. Não estava acontecendo muita coisa comigo, mas me senti bastante satisfeita em sua companhia. Percebi que estava ficando cada vez mais solitária.

— Mas você não está lá muito feliz, minha querida amiga — disse subitamente em francês, como se lesse meus pensamentos mais profundos. E depois: — Hoje à noite, vamos fechar a loja mais cedo e fazer soar o gongo.

— Oh, papai — protestou Odette quando voltamos. — Você sabe que ele é ouvido até no Boulevard, mesmo com as janelas e venezianas fechadas! Você não devia fazer isso!

Ele deu de ombros e riu. Eles fecharam as venezianas. Sentamo-nos na semi-escuridão e contemplamos o grande disco, levemente brilhante. Penso que era de bronze, mas sua cor escura dificultava a identificação. Então, lenta e suavemente, ele começou a bater por toda a superfície com um martelo acolchoado, fazendo com que tudo vibrasse numa nota curiosa e reverberante, até que ele encontrou um certo ponto perfeito, muito pequeno. Situava-se levemente para fora do centro. "Escutem", murmurou em francês. Então, suavemente, cada vez mais alto, alto, muito alto, ele golpeou aquele ponto. Tudo à nossa volta chacoalhava e tremia. Oitava após oitava após oitava de som emanavam dele. A prodigiosa seqüência de notas ecoava através de todo o meu ser, de modo sublime, mas quase aterrorizante. Tínhamos a impressão de que estávamos tocando os próprios acordes que estão por trás de toda a existência, os acordes primordiais presentes no dia da criação. Fomos tomados pela

emoção, como se uma grande orquestra estivesse tocando e a livraria estivesse sendo ocupada pela própria música das esferas.

Mundo dentro de mundo, vida dentro de vida, tempo dentro de tempo pareciam se abrir na grandiosa visão em torvelinho — tudo se movia, vibrava, mudava, tinha vida, ligando-se por tênues espirais e fios, viajando para dentro, como para uma grande concha cônica, até um maravilhoso e imóvel centro situado além de todo movimento e de todo som. "Este é o som de Deus criando o universo, criando a Si mesmo", pensei, todos os meus nervos tremendo. Pela primeira vez em muitos anos, chorei.

As notas finalmente esmaeceram, sobrevivendo um longo silêncio. Lá fora, já estava escuro. A iluminação da rua, vislumbrada entre as venezianas, lançava feixes sobre as prateleiras de livros antigos com capas de couro. A escrivaninha e as cadeiras de mogno escuro brilhavam na meia-luz, e, quando os sentidos voltaram ao normal, o odor familiar de livros, papel e tinta de impressão tomaram de assalto as narinas.

Odette se levantou e acendeu as luzes. Para seu alívio, não havia ninguém batendo na porta para reclamar. Olhamos uns para os outros. Havia lágrimas nos olhos do velho e em meu rosto.

— Sinto-me como se todos os meus chakras tivessem sido abertos — eu disse imediatamente. — Talvez isso seja bem perigoso.

— Tudo é perigoso — respondeu. — Nada que valha a pena fazer é desprovido de risco. A vida é um jogo perigoso. *La vie, c'est un jeu tout à fait dangereux!*

Ele não estava sorrindo, mas depois que enxugou as lágrimas seus olhos estavam brilhando, como se ele fosse começar a rir a qualquer momento.

Sim, naturalmente! Procurei a segurança por muito tempo, e agora que provara o sal de minhas próprias lágrimas e meu riso novamente, sentia que estava pronta para ir em frente. Assomou-se uma sensação de aventura. Notei que estava tremendo,

esperando que ele me revelasse novas e profundas verdades, caso lhe pedisse. Ao mesmo tempo, minhas experiências anteriores faziam com que meus cabelos se arrepiassem de medo. Recompus-me novamente.

— *Mon Père* — exclamei, como se estivesse tomando a decisão dramática de me colocar diante de um pelotão de fuzilamento ou de ir sem hesitar para a câmara de torturas —, estou pronta para continuar a jogar esse jogo perigoso da vida! Ensine-me, *je vous en prie*.

Com o ar galante dos franceses, ele inclinou seu grande vulto em minha direção, tomou minha mão e levou-a até seus lábios.

— *Chère amie*, só há uma coisa que eu poderia lhe ensinar — disse. — ... uma lição difícil: não há mais professores para você. Basta que busque o mestre que vive em seu interior.

O Habitante do Mais-Profundo? — disse, repetindo uma frase budista que ele usara certa vez. — Mas preciso de mais conhecimentos. Dê-me seu conhecimento.

Ele riu, e com um gesto amplo apontou para todos aqueles livros à nossa volta.

— Tudo está aqui — disse —, nos livros, nas bibliotecas. Você só precisa pegá-los e torná-los seus.

Então, pegando uma caneta, escreveu firmemente numa folha de papel em branco: "Não chame ninguém de Mestre". Ele se curvou e se foi.

Precisei de certo tempo para digerir o que tinha acontecido. A sensação de desapontamento e de abandono ficou em mim, apesar de ele rir e me abraçar e de continuarmos com nossas conversas por vários dias. No entanto, fiquei folheando aqui e ali na livraria quase todas as manhãs, percebendo lentamente que minhas leituras estavam mais próximas de sua orientação do que antes. Era como uma volta à juventude, em Oxford, quando procurava nas estantes da biblioteca da faculdade uma pista para o sentido da vida. Só que desta vez eu tinha assistência. Analisando essa época, percebi quão sutil e cuidadosamente ele guiou minha mente para um aprendizado mais amplo, chamando minha atenção para possíveis linhas diferentes de

pensamento e para modos comparativos de contemplar as verdades eternas. Ele sempre me falava como um amigo sábio, não como um professor, tentando me levar ao ponto de equilíbrio a partir do qual eu pudesse, de algum modo, agir por minha conta. Ocorrerá-me, muito tempo antes, que há verdade na antiga história do ouro das fadas: se você tenta passá-lo adiante como instrumento de troca, ele se transforma em pedregulhos em suas mãos. Assim é com a compreensão pessoal das verdades básicas da vida. Temos de chegar até elas e aderir a elas à nossa maneira, lendo nas entrelinhas dos livros, ouvindo as insinuações sutis da palavra, vendo-as como se nos fossem transmitidas pela arte. No entanto, além de um certo ponto, não é mais possível transmitir o conhecimento a nossos amigos com palavras diretas, por mais que, por vezes, desejemos fazê-lo.

Com o tempo, comecei a pensar que chegara o ponto de partida e que começara a "conhecer o lugar pela primeira vez".

*[“Não devemos cessar de explorar/E o final de toda a nossa exploração/Será voltar ao lugar de partida/Conhecendo o lugar pela primeira vez”. T. S.

Eliot, "Little Gidding".]

Parecia-me necessário algum tipo de estrutura de pensamento e de trabalho, se eu quisesse ir em frente e parar de vegetar em casa. Mas algo a cujo respeito eu pudesse ser responsável por mim mesma, sendo a única a decidir qual a direção a tomar.

Além das leituras ao acaso que fazia, mesmo nos dias em que o dr. Roles 'censurava' tudo o que pudesse ser remotamente interessante para suas leais e fiéis tropas, pensava que devia estudar algo que eu pudesse pôr em uso prático, quem sabe ajudando um pouco as outras pessoas nos anos vindouros.

Há muito me interessava pela astrologia. Sentindo a necessidade de companhia novamente, e pelo estímulo intelectual que vem com o estudo, dediquei-me a um curso de dois anos que daria direito ao diploma da Faculdade de Estudos Astrológicos — que recebi aos 50 anos de idade. Enquanto aprendia a montar e analisar mapas astrológicos, fiz uma descoberta que provocou certa pausa para

pensar. O mapa para data e hora da morte de Rodney tinha toda indicação de ser um 'mapa de morte'. Quem quer que comparasse seu mapa natal com as progressões e trânsitos daquela ocasião, veria que algo traumático e importante estava para acontecer, e que poderia ser até mesmo o fim de sua vida.

Rodney aprendera astrologia sozinho. Ele tinha os mapas de sua família e de todas as pessoas que o rodeavam, e, com certeza, deve ter percebido o que estaria acontecendo em seu mapa naquele dia e hora. Isso fazia com que o comentário de Janet a respeito de ele ter posto tudo em ordem, dizendo "Está para acontecer algo novo, mas não sei o que é", adquirisse nova perspectiva. Se ele tivesse suspeitado de que na verdade iria morrer em alguma forma de iniciação final traumática, poderia muito bem ter decidido morrer 'conscientemente'. Ouspensky sempre dizia que esse tipo de morte era extremamente importante.

Para melhor ou pior, parece que no final Rodney assumiu a responsabilidade por si mesmo. "O caminho para a unidade consiste em escaparmos do tempo", escreveu certa vez. E seu fim pode ter sido o seu modo de ir em busca disso.

A astrologia é, naturalmente, o estudo das qualidades intrínsecas de qualquer momento no tempo. ... o estudo das engrenagens, dos relógios cósmicos que marcam o ritmo de nossas vidas. Ela lida com a aparente correlação entre os movimentos dos corpos celestes e da vida na Terra, implicando que as mesmas leis se aplicam a toda criação: das galáxias aos nêutrons e prótons, passando pela base da vida orgânica, as mesmas fórmulas e ritmos parecem prevalecer. Por este motivo, mantive-me interessada e me tornei um membro ativo da Associação Astrológica e também da Loja Astrológica da Sociedade Teosófica.

— Todos nós somos pessoas que assumimos a responsabilidade por nós mesmos — disse a Warren Kenton, o cabalista, sentada a sua frente no átrio da Faculdade St. John, em Cambridge, durante uma conferência da Associação Astrológica na qual ele era um dos oradores.

Warren, que escreve com nome judeu Z'ev ben Shimon Halevi, se tornaria um amigo muito respeitado. Naquela ocasião, olhou para mim e respondeu:

— Foi bom você ter dito isso.

Mais recentemente, estabelecera-se em mim a idéia de que o modo de nos desenvolvermos e evoluirmos está em algum ponto do nosso eu, e que isso jamais deveria ser esquecido. ... possível que haja mestres que saibam muito mais e que poderiam estar realizando tarefas valiosas para o mundo. Mas cada um tem seu preço. E qualquer preço que envolva a venda de parte de nossa liberdade de crescer naturalmente e de abriremos nossos próprios centros se mostrará, a longo prazo, muito elevado. Assim, tornei-me uma espécie de *free-lance*, fazendo o melhor que posso, aprendendo e dando palestras ocasionais sobre os assuntos com os quais me sinto mais familiarizada.

Logo entrei para o Conselho da Associação Astrológica, escrevendo artigos para várias revistas astrológicas sérias e começando a ser solicitada como conferencista. Também formei uma clientela como consultora astrológica, e assim tenho me mantido contínua e discretamente ocupada.

Certa noite, 12 anos após ter saído do MRE, seria uma das oradoras numa reunião da Associação Astrológica no Clube Liberal Nacional em Londres. Meu assunto seria a Vida e Obra de Rodney Collin, com uma análise astrológica do mapa natal e do mapa progredido do momento de sua morte.

Enquanto conversava com John Addey, o presidente, esperando para começar minha apresentação, um rapaz ruivo e alto entrou no salão junto à mesa de recepção para pagar seu ingresso. Meu coração disparou, depois ficou pesado ante sua visão. Reconheci-o instantaneamente. Ele era uma das pessoas que eu conhecera na infância, pois aparecera diversas vezes numa espécie de sonho aterrorizador, quase um pesadelo, que tive entre os 9 e os 12 anos, mais ou menos.

Em meu sonho, eu estava num colégio de freiras que freqüentei na vida real. As freiras costumavam-nos levar para um piquenique no dia da Ascensão. No meu sonho,

porém, não estávamos sob as ordens de uma freira, mas de um jovem diretor alto e ruivo: era este rapaz. Estávamos reunidas à sua volta. Ele estava servindo limonada, ou algo parecido, com uma das compridas jarras esmaltadas usadas na época. As crianças estavam com suas canecas na mão, esperando serem servidas.

Quando chegou a minha vez, ele perguntou:

— Onde está sua caneca? Notei que não a tinha à mão.

— Deixei-a no alto da torre — disse.

A torre estava atrás dele. Era uma construção imaginária, coberta de hera e com uma porta semelhante à de uma igreja. Com o olhar da mente, podia ver minha caneca de ágata pousada sobre um banco de pedra ou muro baixo.

— Vá até lá e pegue-a — ordenou o diretor.

— Sozinha? — perguntei. Senti-me relutante em passar por aquela porta baixa, em arco.

— Sim, sozinha, claro.

Entrei lentamente na torre e comecei a subir a escada em espiral. No meio do caminho, havia um quarto vazio cheio de folhas no chão, sopradas pelo vento. A escada continuava do outro lado do quarto. Ao entrar nele, ouvi passos de alguém que descia desabaladamente a escada acima dali. Eles foram acompanhados por um som terrível: um riso alucinado, maníaco. Enquanto esperava aterrorizada, o diretor entrou correndo no quarto. Ele estava completamente insano. Veio correndo na minha direção. Ele não conseguia se aproximar mais, pois eu estava bloqueando sua passagem. Em meu sonho, eu fiquei sempre firme e gritei. Pergunto-me se teria gritado de verdade, pois nunca alguém foi até meu quarto. Eu acordava suando e com o coração disparado. Num instante, deslizava até o outro extremo da cama, sentava-me cruzando as pernas e segurava com as mãos as duas bolas de latão, o que me dava conforto e segurança. Assim como sonhara com meu irmão e com outros personagens também, sonhara com o diretor da escola, mas sempre nessa seqüência de eventos. Contudo, fazia anos que não pensava nesse sonho.

Fiquei tão desconcertada com a súbita aparição de um rosto tão familiar, os cabelos longos, espessos e um tanto desalinhados, os olhos tão lembrados que o segui visualmente até seu assento na última fileira, e dirigi minha palestra quase que totalmente para ele. Sabia que algo estava para acontecer. Quando a palestra acabou, ele me procurou, aguardando-me hesitante ao lado do pequeno grupo de pessoas que se reuniram à minha volta para fazer comentários e perguntas. Naquele momento, estava bem certa de que algo importante estava para começar.

Quando finalmente chegamos a conversar, fiquei surpresa ao ver que era tímido e acanhado. Estava esperando a voz autoritária do diretor da escola. Ele estava escrevendo um livro sobre Gurdjieff e a Escola do Quarto Caminho, disse. Será que poderia ir me visitar em casa para conversarmos um pouco mais sobre Rodney Collin? Ele já publicara outros livros.

Seu nome era James Webb.

A vida de Jamie foi tão curta e trágica que é espantoso ele ter causado tanto impacto no mundo literário, em particular sobre as pessoas que estudam esoterismo. Ele publicou *O vôo da razão* pela Macdonald, *A instituição oculta*, e sua obra magna, *O círculo harmônico*, pela Thames and Hudson, GB, e Putnam, EUA. Ele colaborou com publicações como *Encounter (Encontro)*, *Man, myth and magic (Homem, mito e magia)* e *The Encyclopedia of the Unexplained (Enciclopédia do Inexplicado)*, além de ter feito uma série sobre o oculto para a televisão.

Ele me visitou inicialmente em minha casa em Sussex, e conversamos sobre um vasto campo de idéias. Ele gravou horas e horas de conversas que tivemos, e fez diversas anotações para seu livro *O círculo harmônico* em minha casa. Ele se intitulava um 'historiador de idéias'. Interessava-se pelos movimentos semi-esotéricos que proliferaram na Europa entre o século XIX e o início do século XX, bem como pelo desenvolvimento das idéias subjacentes às tendências exteriores da vida. Apesar de ter apenas 24 anos naquela época, era extremamente erudito.

Ele era escocês comum pouco de sangue irlandês, e teria herdado um considerável patrimônio em Blair Drummond, em Perthshire, se ainda estivesse vivo. Mas estava afastado de sua mãe e de seu padrasto por causa de seu relacionamento com uma moça que não correspondia aos padrões da família, vindo a se casar com ela mais tarde, contrariando os desejos maternos. Dava-me a impressão de ter gostado da naturalidade com que se encaixava em nossa casa, agora que tinha praticamente isolado de sua própria casa e família.

Não tardou para que tratasse Jamie com o mesmo carinho que daria a um filho adotivo. Astrologicamente, nossos mapas se ajustavam perfeita e extraordinariamente bem. Ambos tínhamos o Sol em Capricórnio e o ascendente em Leão, e o número de contatos entre os mapas era tamanho que ele poderia mesmo ter sido um filho meu. Quase cheguei a me esquecer o aspecto do diretor da escola.

Ele estivera em Harrow, onde recebeu todos os prêmios possíveis, inclusive o cobiçado prêmio Winston Churchill por dois anos consecutivos. Estivera na faculdade Trinity, em Cambridge, e causou tamanho impacto que eles criaram o Prêmio Memorial James Webb, concedido a cada dois anos, em sua homenagem. Mais tarde, obteve uma bolsa para fazer pesquisas sobre paranormalidade e abriu uma série de caminhos diferentes para o futuro.

— Você é mais erudito do que eu — disse-lhe, enquanto ele citava obscuras fontes.

— Mas você tem experiência. ... isso que valorizo — respondeu.

A rápida troca de idéias entre nós era estimulante e agradável para mim. Excetuando-se Rodney, nunca encontrara alguém com quem me sentisse tão completamente à vontade como com Jamie. ...ramos ambos rápidos para falar, tagarelando num taquigrafia verbal que tornava as explicações e elaborações de nossos pensamentos algo totalmente desnecessário. Cada um compreendia o argumento do outro antes mesmo da frase ser concluída!

Certo dia de verão, estávamos tomando chá sob uma velha macieira em meu jardim, falando de filosofia, como de costume. Jamie esticou sua mão para o carrinho de chá e interrompeu seu próprio discurso no meio da frase para dizer:

— Mais um pedaço de bolo de cerejas, por favor.

O incidente trivial provocou em mim um efeito extraordinário. Como um obturador de câmara fotográfica que se abre súbita e brevemente, vi novamente as cenas tibetanas: eu, uma criança usando roupas pesadas levando cerejas para meu 'irmão'. Agora, enquanto cortava o bolo de cerejas para meu 'filho', parei e fiquei olhando atônita para ele.

— Que foi? — perguntou.

— As cerejas. Elas têm um significado. Este momento me recorda alguma coisa.

— Bem, as cerejas *têm* certo significado — disse. — O oposto das maçãs. Você sabe, "console-me com maçãs, pois estou enjoado de amar" e coisas do gênero.

— Os desejos terrenos e algo a ver com o Espírito? Talvez as maçãs sejam o compromisso terreno.

Enquanto olhávamos um para o outro em comunhão silenciosa, bem além do alcance da lógica, percebi o quanto o amava. A profunda confiança recíproca era tal que nos defrontávamos sem disfarce, sem culpa ou fingimento: parecíamos dois seres que se encarnaram perto um do outro muitas vezes e em papéis diferentes. Desta vez, era um relacionamento do tipo mãe-filho. As portas do meu coração, há tanto cerradas, abriam-se um pouco mais a cada encontro, e o riso e a pura alegria de ambas as partes aliviavam nossas conversas mais sérias.

às vezes, a meu convite, Jamie vinha com outras pessoas. Charles Harvey, presidente da Associação Astrológica, Warren Kenton, Jill Purce — cujo livro *The mystic spiral (A espiral mística)*, se baseia, até certo ponto, em material apresentado em minhas palestras para a Associação Astrológica sobre a Espiral da Vida na

Astrologia — e uma série de outros jovens interessantes, todos reunindo-se em minha casa para um ou outro almoço dominical.

Foi uma extraordinária mudança de cenário para mim. Tinha-me tornado anfitriã e amiga de um grupo de pessoas consideravelmente mais jovens do que eu. A única coisa que todos tinham em comum é que tinham assumido a responsabilidade por seu próprio desenvolvimento — escrevendo, pesquisando, dando conferências, contribuindo de algum modo para o conhecimento que será o legado desta era em particular.

Eu estava vivendo, suponho, através dessas pessoas. Dava palestras e escrevia um bom número de artigos, mas o mais importante é que apreciava sua companhia jovial, já que estava com mais de 50.

Meus interesses foram se ampliando gradualmente com meus contatos. Na Sociedade Teosófica, fiz amizade com pessoas de minha própria geração, assisti a palestras sobre a *Secret Doctrine (Doutrina Secreta)*, a obra-prima de Madame Blavatsky em seis volumes, e tive a agradável sensação de estar aumentando meu campo de estudos. Mas os próprios membros não estavam progredindo muito, pensei. Hospedada no apartamento de sua sede londrina, em Gloucester Place, antes de dar um seminário e palestras lá, tive a curiosa sensação de que a bela e antiga casa, com sua longa escada em espiral, estava cheia de fantasmas. À noite, havia presenças em toda parte — na biblioteca, na sala de conferências, na sala dos sócios, nas escadas e até na área da escola do porão. Aqueles de baixo me deram a impressão de pertencer a um grupo bem malévolo! Na maioria, porém, eram benignos, apesar de se dedicarem, como parece, a manter o *status quo*. A inspiração de uma era anterior se cristalizara, pensei, dentro dessas paredes.

Além disso, visitei os remanescentes dos grupos de Rudolf Steiner em Londres, mas encontrei-os em desintegração devido ao envelhecimento dos membros e à falta de sangue novo no corpo discente. A mesma coisa parecia estar acontecendo com a Sociedade Teosófica e com os grupos de Ouspensky e Gurdjieff — apesar dos

enormes tesouros de conhecimentos herdados e armazenados em todos esses lugares. E uma vez mais, lembrei-me das bibliotecas de Oxford: todos respeitam e reverenciam o seu porte, mas muitos dos seus mantenedores parecem pouco dignos dessa honra. De algum modo, seria preciso encontrar uma nova abordagem, adquirir novos conhecimentos, e talvez assim os jovens se interessassem.

Warren Kenton dificultou-me o acesso a seu grupo. Havíamos nos encontrado em duas palestras sobre Cabala, e desde o primeiro instante me pareceu bastante familiar. Tínhamos amigos em comum, e ele conhecia o trabalho de Rodney. Como judeu sefardita, aprendera muito com seu avô, sendo versado na tradição judaica desde pequeno. O que mais me chamou a atenção nele é que, desde seus primeiros livros, ele apresentou uma linha pessoal, mostrando a árvore da Vida cabalística numa forma apropriada a nossos tempos e nossa era, mostrando que pode ser adaptada a quase todo trabalho com o 'eu' e nossas situações pessoais.

Os rabinos mais velhos não confiavam nele nem gostavam dele. Ele enfrentou vários percalços por isso. Estava disseminando o conhecimento privado dos rabinos para as massas. Era a velha queixa: "Mantenha o sistema puro". "Afastes aqueles que não são dignos dele." Discreta e confiantemente, ele persistiu em suas convicções pessoais, usando a árvore como uma simples estrutura a partir da qual elaborou suas idéias. Agora, bem estabelecido como escritor e como conferencista do Wrekin Trust, falando em diversos países, dos Estados Unidos a Israel, ele é um nome conhecido por todos os que estudam sistemas de desenvolvimento psicológico.

Lembro-me de ter-lhe perguntado, todas as vezes em que nos encontramos, se ele teria um grupo do qual eu poderia participar. Ele se esquivava. Finalmente, ele disse:

— Claro. Venha amanhã.

— Se você tem esse grupo, por que não me convidou antes?

— De acordo com minha tradição, você precisa pedir três vezes — disse.

Mais tarde, porém, percebi que ele dificultou as coisas para mim por ver que eu já seguia certa linha pessoal.

Nos primeiros encontros, Warren exigia muito de seus seguidores. As exigências que nos impunha em termos de disciplina e 'lições de casa' eram bem maiores do que o pessoal de Francis Roles teria suportado. Gostei disso. A idade dos membros do grupo variava bastante, e alguns, não todos, eram judeus. Eles aceitaram rapidamente a Cabala como uma estrutura na qual podiam estabelecer seus próprios pensamentos e galgar os degraus do Caminho. Faziam perguntas, comentários inteligentes, vinham sempre com novas idéias. Para mim, era um ótimo exemplo de como seria a obra de Gurdjieff e Ouspensky atualmente. Cada um seguia seu próprio ritmo! Bem diferente das versões cristalizadas que encontrei em outros lugares. Quase todos tinham falta de tempo, com atividades profissionais que exigiam muito deles. Chegavam cansados e entravam discretamente em meditação silenciosa e individual. Estavam ansiosos para contribuir e aprender.

Em outros lugares, já havia percebido a considerável tendência que todos nós temos de acreditar que nos situamos em um ponto mais elevado do que na realidade estamos. ... comum que os homens desejem influenciar os demais enquanto ainda estão profundamente insatisfeitos com suas próprias vidas. Satisfazemo-nos indiretamente apresentando-nos como pessoas capazes de curar, por exemplo, enquanto nossos próprios corpos estão em desequilíbrio e precisando de cura. Aparentemente, é um engano bem-intencionado, mas comum, querer viver a vida dos outros por eles, geralmente dando um monte de conselhos que não foram pedidos! Contudo, as pessoas que estudavam com Warren conheciam o ponto da escala em que se situavam. Com elas, não havia fingimentos.

Em resposta às perguntas, Warren parecia ser capaz de extrair informações de seu íntimo de uma tal maneira que, vez por outra, dava-me a impressão de estar ouvindo um mestre falar. Aprendi muito com ele, mas de modo algum me restringi à Cabala. Às vezes, durante suas reuniões, via-se que a atmosfera da sala ficava

carregada — de modo benéfico e criativo, segundo imagino. Ela nunca ficava carregada daquele poder estranho e manipulador que Pak Subuh e Maharishi evocavam. Depois das reuniões, comíamos pão e queijo e bebíamos vinho tinto, de acordo com o antigo costume judaico de sentar-se à mesa em grupo.

Ocasionalmente, Warren me convidava para ficar e cear com ele, caso eu estivesse passando a noite com amigos em Londres. Quando os outros saíam, ele não se tornava o porteiro dos mestres (como gostava de se descrever), mas um amigo e confidente comum, com um grande senso de humor e um enorme estoque de piadas bastante judaicas. Entre risos, comíamos e conversávamos como iguais sobre toda sorte de assuntos, aprendendo um com o outro. Em suas reuniões, porém, sempre o tratei com grande respeito.

A diferença entre o homem e o mestre é algo sobre o que tenho meditado bastante nestes últimos anos, desde que me tomei uma *free-lance*, comparecendo a encontros de muitos cultos e organizações diferentes. Parece haver pouca dúvida de que um grupo animado, procurando atingir o crescimento de modo legítimo, pode extrair de um professor ou líder o conhecimento apropriado para o momento ao qual ele não tem acesso no cotidiano. Ele se torna um canal para pensamentos elevados como resultado de sua própria intenção e do desejo de instrução e elevação do grupo.

Certa vez, numa reunião, fiz uma pergunta sobre o significado oculto da travessia do Mar Vermelho pelos judeus, saindo "da terra do Egito, da terra da servidão", palavras que, para mim, serviam de fachada para alguma outra coisa. Warren começou a expor o significado oculto das histórias do Antigo Testamento de maneira espontânea, rápida e fluente, com extraordinária sutileza e profundidade. Meia hora depois, estava rindo e me provocando por eu ter expressado receio de ser assaltada caso atravessasse o Green Park tão tarde quando voltasse para o apartamento de uma amiga. Ele tirou dos apoios da parede uma espada de samurai, um de seus tesouros, e disse brincando que iria usá-la para me proteger enquanto eu

não conseguisse um táxi. Se eu lhe tivesse feito uma pergunta séria nesse momento, duvido que teria me respondido tal como fez antes.

Além dos grupos e organizações com quem mantive contato durante esses anos, fiz e cultivei algumas poucas amizades. Outro amigo com quem aprendi, e que me foi tremendamente útil durante uma crise que tive um pouco depois, era o reverendo Alun Virgin, o Conselheiro da Diocese de Bath e Wells para o Paranormal. Ele também fazia parte da Fraternidade de Estudos Psíquicos e Espirituais do Conselho Eclesiástico. De vez em quando, Alun aparecia nas conferências da Associação Astrológica. Ele era um astrólogo bastante competente e muito erudito. Discutia o trabalho de Rodney, os livros de Ouspensky e Gurdjieff, os textos de Nicoll e Benett, a obra de Warren e as pesquisas de James Webb com igual facilidade. Era um homem grande, barbudo, que derrubava cinzas de cigarro sobre o hábito ou no tapete, e raramente percebia isso até que sua mulher aparecia e limpava tudo. Ficávamos sentados na frente da lareira da reitoria de Somerset trocando idéias até tarde, enquanto Margaret nos assediava de tempos em tempos com xícaras de chá antes de ir para a cama, deixando-nos com nossas discussões.

O trabalho de Alun com os assuntos paranormais colocou-o em contato com muitos fenômenos de supostas aparições fantasmagóricas, *poltergeist* e coisas do gênero. Ele estava profundamente convencido da existência de entidades desencarnadas e acreditava que, de modo geral, elas deveriam ser tratadas com certa cautela. Ele executou o ritual eclesiástico de exorcismo num punhado de casas. Conhecia um monte de histórias interessantes, especialmente sobre comunicação telepática.

Meu interesse nos padrões ocultos da vida me levou em seguida a estudar o taro, o *I Ching*, as runas e outros métodos de possível adivinhação. Alun me disse para tomar cuidado e me certificar de que eu seria capaz de diferenciar entre as experiências puramente psíquicas e aquelas que poderiam ser chamadas de espirituais. Quando usamos algum método divinatório, o psíquico certamente tende a

predominar, e as entidades desencarnadas podem surgir sem aviso prévio e criar o caos na vida dos incautos, segundo comecei a perceber. Estudei com seriedade, alerta quanto às advertências de Alun. Com o tempo, apesar de certos elementos misteriosos, os processos divinatórios aparentemente trazem à tona o conteúdo de nossa mente subconsciente — e um pouco mais.

Fazer o sinal da cruz e buscar métodos de proteção contra influências indesejáveis tornou-se um hábito ao longo do tempo, apesar de nunca ter sentido que poderia 'professar-me e me chamar de cristã', como Alun. Para mim, o cristianismo se enquadra no grande esquema de coisas; não creio que todos os bons pensamentos venham apenas dos ensinamentos atribuídos a Jesus de Nazaré. O "tema do deus moribundo", como Robert Graves o chamou em *The white goddess (A deusa branca)*, é bem antigo. Aparentemente, representa círculos eternos de morte e renascimento, da disposição para o sacrifício da perfeição, da doação da vida para que o fruto da vida possa florescer. Mas a cruz tem, para mim, um significado todo próprio. A linha vertical parece indicar a descida do Espírito na matéria e seu retorno; a horizontal, o movimento lateral ao longo do tempo. O arco retesado, em termos de Maharishi e dos ensinamentos do xamanismo, extrai grande poder da fonte. Mas o caminho que conduz à concretização do processo evolutivo parece passar pelo símbolo da cruz.

Como eu tive uma série de experiências psicocinéticas, Charles McCreery, do Instituto de Pesquisas Paranormais de Oxford, me convidou para participar de alguns experimentos. Pedira-me para que tentasse influenciar um computador, tentando ver se eu poderia obter em certas experiências com números e figuras resultados acima do acaso. Percebi desde cedo que não seria capaz de fazê-lo. Essas coisas raramente dão certo em condições de laboratório. Na maior parte do dia, obtive resultados medianos.

No fim da tarde, tive subitamente a forte sensação de que sabia com certeza qual seria a seqüência de números seguinte. Rapidamente, apertei as teclas apropriadas. De repente, tive a impressão de que meu dedo escorregou e apertei uma

tecla que não fazia parte do exercício. O programa desapareceu imediatamente da tela. McCreery disse:

— Mas aquela tecla não faria isso! Ela não poderia apagar o programa!

Contudo, foi o que aconteceu. Ficamos com a angustiante dúvida de estarmos ou não diante de uma manifestação psicocinética de minha parte. ... um fenômeno bastante conhecido o fato de gravadores, câmeras e outros equipamentos deixarem de gravar, emperrarem ou não produzirem resultados quando se tenta utilizá-los para esse tipo de propósito experimental. ... como se gnomos entrassem em ação. Tanto Uri Geller como Matthew Manning tiveram experiências desse tipo quando tentaram cooperar com os pesquisadores. Inteligências desencarnadas, se é que são os responsáveis, não podem ser detidas e examinadas dessa forma. Se o fenômeno tiver realmente origem no 'eu' de cada um, esse aspecto é um pouco inexplicável. Contudo, a equipe do Instituto o presenciara mais de uma vez, sempre que o sujeito era tomado pela sensação súbita de que sabia, com toda certeza, o que iria acontecer depois.

Falei a McCreery de uma série de incidentes que me ocorreram no México e depois que voltei à Inglaterra. Envolviam o desaparecimento misterioso de moedas, uma das quais podia ser identificada graças a um sinal vermelho na borda: ela apareceu e desapareceu nada menos do que quatro vezes em minha bolsa depois de ter sido passada adiante. Foi um fenômeno que ainda durou vários meses.

Sempre que precisava de moedas para algum propósito caridoso, elas apareciam. A última vez em que isso aconteceu, porém, foi quando estava num restaurante com minha filha. Perguntei-lhe se teria algum trocado para dar de gorjeta. Imediatamente, alguma coisa caiu no meu colo fazendo um 'plop' surdo, como se alguém tivesse me atirado uma moeda em ângulo através do salão. Era uma moeda de seis pence. Foi nesse instante que pedi interiormente para que o fenômeno cessasse. E foi o que aconteceu.

Costumava discutir essas coisas com as pessoas na Faculdade de Estudos Psíquicos, onde participei de algumas reuniões. De modo geral, porém, na época em

que conheci as pessoas na Faculdade, estava perdendo o interesse por esses temas para fins de conversação, interessando-me apenas pelas explicações científicas que pudessem, no devido tempo, surgir como resultado da coleta e exame sérios de dados. Assim, mantive meu interesse e preferência pelo Instituto de Pesquisas Psicológicas.

Desde a infância, sempre tive certo grau de clarividência intermitente, apesar de não saber do que se tratava. Certa vez, aos 13 anos, olhei para as xícaras de chá numa festa infantil e exclamei, com súbita certeza, que sabia ler a sorte com elas. Com a falta de discricção natural da idade, fiz uma rápida série de previsões, e fiquei sabendo depois que três delas se realizaram ao longo dos anos seguintes. Depois, para minha irmã caçula, que tinha me dado sua xícara, eu disse com toda tranq,ilidade:

— Você vai morrer quando estiver com 48 anos, e eu estarei sentada a seu lado na cama.

Quando, com essa idade, ela rapidamente enfraqueceu devido ao câncer, ambas nos lembramos de repente daquele incidente, algumas horas antes de ela entrar em seu coma final. Sua perda foi um duro golpe para mim. Foi o primeiro de uma série de eventos que, mais uma vez, transformariam novamente minha vida.

16

Minha filha se casou com um materialista que, desde o início, mostrou não gostar dos interesses de sua sogra. Em pouco tempo, na verdade, impediu-me de manter qualquer contato com ela ou com meus netos. Os esforços para manter esse difícil relacionamento em bons termos foram estressantes e, no final, completamente infrutíferos. Aparentemente, achava que o estudo de temas como astrologia era um sinal de loucura incipiente. Ele me proibiu de fazer o mapa astrológico das crianças e me disse que Ann tinha medo dessas coisas. O medo vinha de sua própria insegurança, não de minha filha, cujo *insight* na infância fora muito interessante.

— Quantas vezes temos de viver antes de vir para cá? — perguntou-me de repente, aos oito anos de idade.

Agora ela se isolava, optando por obedecer à vontade de seu marido e por se conformar com suas opiniões bastante limitadas.

Depois, meu marido começou a ter problemas. Ele estava ficando cada vez mais surdo, devido a um ferimento de guerra. Sua empresa o dispensou com base nesse fato, e o problema o impediu de arranjar outro emprego. Jovem demais para se aposentar, ainda não passível de pensão, estava muito alarmado e deprimido com essa situação. Por necessidade, vendemos a casa de Sussex e nos mudamos para um pequeno imóvel em New Forest. Nele, Derry se adaptou lentamente à nova situação, começando a escrever como *free-lance*, saindo-se da melhor maneira possível. Mas o dinheiro não era muito, e eu não podia mais continuar em meus interessantes e intelectualmente agradáveis cursos. Foi ficando cada vez mais importante a minha contribuição para aumentar nossa renda familiar, o que eu fazia lendo os mapas astrais das pessoas, dando aulas e palestras.

Mais ou menos na mesma época, logo depois que mudamos, Jamie Webb telefonou, pedindo-me para conferir em minhas próprias fontes detalhes para um capítulo de *O círculo harmônico*. Ele não parecia mais o mesmo; estava meio deprimido e triste. Ele e Mary tinham acabado de voltar de sua longa lua-de-mel pelo Oriente Médio e Extremo Oriente. Ele me enviou cartões postais de alguns desses lugares.

— Quando podemos nos ver? — perguntou — Posso ir até aí para conversar?

— Agora não — disse-lhe. — Derry não está muito bem e as coisas andam meio difíceis.

— Vamos almoçar em Londres esta semana?

— Eu lhe telefono — prometi.

Já percebera que o mapa astrológico de Jamie, apesar de feroso, vigoroso e tenaz como o meu, apresentava uma tendência depressiva e o perfil de caráter de

alguém que, com o tempo, iria ficar cada vez mais introspectivo. Ele já tinha dificuldade para fazer amizades que o pudessem acompanhar. Acumulara uma vasta biblioteca. Trabalhava em sua escrivaninha durante horas, ficando tão exausto que chegava a dormir sobre ela. Com jeito, eu o havia advertido sobre as tendências que vira, mas ele não levou meus comentários muito a sério.

Uma semana depois, ele ligou novamente, dizendo que estava sendo 'perseguido' por seus editores, acrescentando, um tanto incongruente, que os maçons franceses estavam atrás dele. Eu estava de cama com gripe e disse-lhe para não ser tolo. Ele não voltou a ligar, e mais tarde, para minha grande tristeza, não tive tempo de fazer qualquer coisa. Ele sempre ia e vinha quando queria, e eu não tinha motivos para pensar que ele não apareceria mais à minha porta caso eu não fosse vê-lo em Londres. Na verdade, ele entrou num estado de absoluto colapso mental. Contudo, como eu não freqüentava mais nossos antigos círculos, não fiquei sabendo de nada. Passou-se um longo tempo antes de ele voltar a escrever.

"Acabo de sair de um pesadelo", disse-me, quando voltou a ter certo controle de si mesmo e foi capaz de escrever. "Tive um sério colapso nervoso, com alucinações, visões e um belo repertório de experiências subjetivamente sobrenaturais. Atingido pelo meu próprio tiro, diriam. Apesar da natureza inquestionavelmente alucinatória de muitas de minhas experiências, permanece um resíduo que devo levar a sério. Não consigo encaixar todos os estados alterados de consciência num mesmo sistema. O gnosticismo e alguns dos sistemas indianos parecem prover a melhor estrutura. Agora, interesse-me apenas por filosofia e religião."

Jamie estava me escrevendo de Durisdeer, em Dumfrieshire, na Escócia, onde ele e Mary converteram uma antiga igreja numa residência. Ele saíra completamente dos animados círculos londrinos nos quais fora antes uma figura popular. Respondi imediatamente, falando-lhe de minhas próprias experiências de colapso para consolá-lo. Ele respondeu com uma nova e longa carta. Para meu espanto, descobri que ele

pensava que eu teria me recusado a ajudá-lo naquela hora de necessidade, justo quando estava tendo o colapso. Ele esteve nas mãos de vários psiquiatras e hospitais, e estava tomando tranq,ilizantes. Escapou por pouco de um tratamento por eletrochoque, pois Mary se recusou, com razão, a aprová-lo.

"Sinto-me como um engenheiro cujas mãos foram cortadas", escreveu. Ele não conseguia trabalhar enquanto seu sistema nervoso estivesse dopado pelos remédios. Sem eles, sua capacidade de raciocinar normalmente desaparecia rapidamente. Nos quatro ou cinco meses seguintes, trocamos umas 20 mil palavras em constante correspondência. Duas ou três vezes por semana, longos textos datilografados apareciam na minha caixa de correio, e eu respondia rapidamente devido à aparente urgência do pedido que me fazia para que eu tecesse comentários sobre seus novos estados mentais e para que o apoiasse e compreendesse.

Ele falou de "uma esmagadora visão da roda da vida, o vislumbre de minhas encarnações anteriores, dispostas como um grande rodaminho prateado". Ele se convencera de que há no ser humano "um princípio consciente que não é apenas o resultado de um monte de experiências". Ele imaginou sua própria "consciência individualizada" usando o "pobre e velho Irmão Asno (que se desintegrou dois anos atrás) para trabalhar neste ambiente um tanto nublado, do qual o Irmão Asno é parte. ... como estar num submarino a grande profundidade, usando pinças, garras, câmeras de televisão e luzes artificiais para fazer contato com o estranho universo do fundo do mar".

Durante alguns dias, segundo ele, teve a impressão de ter "visto moléculas". Ele estava bastante familiarizado com a idéia de que "a natureza é um fluxo de Heráclito", citando Gerard Manley Hopkins. Para mim, estava claro que ele passara pelo mesmo fenômeno assustador da mudança contínua, sem qualquer estabilidade, que quase me levou ao suicídio 15 anos antes.

Ele concordou comigo que, conforme afirmou, "não há razão para achar que os peregrinos do inferno têm conhecimentos que, em essência, são diferentes daqueles

dos cavaleiros da Carruagem do Espírito", e ficou se questionando se o seu colapso, por mais terrível e caótico que tenha sido, não seria um passo positivo, quase evolutivo em seus progressos. Ele fora "arremessado subitamente num universo maior". Mas ele estava preocupado com o "puro horror de descobrir que estamos aprisionados nas espirais do tempo cíclico. Estou convencido de que há uma saída", escreveu, "mas provavelmente nós só a encontraremos após a morte. Creio que Rodney Collin estava certo quanto à importância de se morrer de modo adequado, e revisei minhas opiniões sobre o modo como Ouspensky morreu".

Tentei lhe dar algumas idéias sobre como manter a mente quieta durante um certo tempo, tal como eu mesmo aprendi, tentando afastá-lo daquela preocupação com a idéia da morte.

Ele me falou de sua infância, de sonhos precognitivos quando era adolescente, e disse que sempre teve uma mitologia particular: "que somos, na maioria, participantes de algo que é um cruzamento entre uma grande aventura e uma grande tragédia primitiva. Meu mito coloca isso em termos de ficção científica — a população de uma belíssima nave espacial que se choca contra um planeta estranho. Imediatamente, são feitos escravos pelos habitantes do lugar, e agora já se esqueceram quem eram ou de onde vieram. Mas, de vez em quando, alguma coisa agita as suas memórias e eles se lembram da época em que voavam pela galáxia em grandes aventuras, ou algo toca as cordas de seus corações e eles identificam, só por um momento, seus camaradas presos. Junte-se a isso um indescritível sentimento alegria-tristeza. Alguma coisa os está chamando. E, em seus corações, há uma dolorosa lembrança de casa. Permeando tudo, a impressão de períodos de tempo infinitamente longos. A tragédia é infinitamente distante, a aventura infinitamente longa. E somos atemporais, simplesmente atemporais".

Respondi que tive uma mitologia semelhante quando era criança. Passando-se antes da época das naves espaciais, ela dizia respeito a naufragos numa ilha, que teriam sido feitos escravos. Todos estavam sempre olhando para a praia, tentando

localizar uma vela no horizonte. Logo, porém, os habitantes do lugar vinham e levavam as pessoas de volta para o trabalho.

Discutimos os *Septem sermones* de Jung, escritos semi-automaticamente após seu próprio colapso. Jamie comentou: "Nunca entendi por que os mágicos e outras pessoas querem ser possuídos pelos poderes. Com isso, perdemos nossa humanidade".

Vi claramente que ele estava passando por um longo processo auto-induzido de iniciação, introspectivo e bastante aterrorizante. Ele precisava de toda ajuda que conseguisse encontrar.

"... ótimo saber que não estou mais sozinho na selva", escreveu.

Enquanto isso, Mary, cansada de vê-lo vadiando em casa, sem mais conseguir ser feliz e sociável, ou incapaz de se sentar e escrever, começou a forçá-lo a arrumar um emprego, qualquer emprego que o levasse a sair um pouco e a atuar novamente no mundo. Para meu horror, soube que, induzido por ela, ele conseguira um emprego em meio expediente, escrevendo textos para uma empresa de propaganda em Edimburgh. Achei que isso era muito consternador para um homem de seu porte. Ela não pareceu notar que não era necessário para ele obter rendimentos dessa forma. Seus recursos eram mais do que suficientes, mas ele sempre gostou de viver modestamente e nunca divulgou a extensão de seus bens.

As cartas que Jamie me dirigia passaram a aparentar uma enorme tensão e agitação, e suas frases foram ficando cada vez mais irracionais e alucinadas. Tendo pesquisado as origens dos movimentos esotéricos de sua região, estava tentando escrever um livro que seria chamado *Flodden: the Renaissance in Scotland* (*Flodden: a Renascença na Escócia*). Mas ele disse: "Não consigo mais captar o padrão".

Como resultado de minhas próprias experiências, tudo isso era terrivelmente familiar, e por isso fiquei cada vez mais preocupada com o que poderia estar se passando em sua mente. Decidi visitá-lo, pois ele escrevera muitas vezes dizendo que queria me ver, mas que não podia fazê-lo por causa daquele emprego. Contudo, meu

marido e eu tínhamos mesmo de passar rapidamente por Argyll nas férias de verão, e assim decidimos ir até Durisdeer, em vez de fazer a viagem adicional. Enquanto isso, sugeri que seria uma boa idéia reduzir essa enorme correspondência, que parecia estar ficando descontrolada em extensão e freqüência. Achei que poderia estar fazendo mais mal do que bem.

Ele me escreveu uma vez mais, e disse que iria nos telefonar na noite anterior à nossa partida para o chalé de férias em Loch Awe, para combinarmos um encontro o mais rápido possível.

Nessa época, percebi que estabelecêramos um contato telepático um com o outro. Apesar de não ter visto sua casa em Durisdeer, às vezes conseguia vê-lo sentado à escrivaninha. Senti que havia dor no centro nervoso situado atrás de seu pescoço, uma área vulnerável também no meu e no de Rodney. Captei a dor em meu próprio corpo. Tive vislumbres de Freekirk e das redondezas, o que depois pude confirmar pessoalmente.

Em diversas ocasiões nas últimas e tensas semanas, tive a impressão de ouvi-lo chorar à noite. Acordando, sentava-me e tentava, da melhor maneira possível, estabelecer contato mental com ele para consolá-lo. Eu não tinha o hábito de tocá-lo. Ele não era uma pessoa muito física, e não me lembro sequer de ter-lhe dado um beijo no rosto ou de abraçá-lo. Agora, porém, ouvindo interiormente o som de soluços comoventes durante a madrugada, procurei me estender até ele e lhe fazer afagos na cabeça, acalmando-o. Mais tarde, Mary me disse que ele passara a dormir num quarto separado e que, de fato, estava "sempre chorando" naquela época.

De tarde, antes de despacharmos o carro pelo trem noturno para Perth, ouvi subitamente sua voz. A chamada era urgente: "Joyce! Joyce!" Parando de fazer as malas, respondi: "Sim, estou indo".

Quase que imediatamente, senti o que parecia ser uma enorme explosão em minha cabeça. Foi seguida de um período de profundo silêncio. Ele se fora.

No mesmo instante, disse a meu marido:

— Aconteceu algo errado com Jamie.

Ele me acalmou, dizendo que eu deveria estar imaginando coisas. Como Derry achou que tudo era fruto de minha imaginação, não telefonei, apesar de quase saber, em meu íntimo, que ele não poderia manter a promessa de me telefonar naquela noite.

Durante todo o tempo que passamos no vagão-leito, fiquei preocupada com ele e repassei diversas vezes o incidente daquela tarde. Quando chegamos em nosso chalé alugado em Loch Awe, havia uma mensagem telefônica para ligarmos para Mary em Durisdeer. Jamie apontara o cano de sua espingarda para a cabeça, matando-se por volta das três da tarde do dia anterior.

Fomos até Durisdeer. Mary, desesperada, apresentou uma versão um tanto confusa dos eventos. Ela me levou até o escritório dele e tirou um monte de cartas amassadas de seu enorme cesto de lixo, todas escritas para mim nos últimos dias e depois jogadas fora.

"Exceto você, não tenho ninguém com quem conversar sobre essas coisas... Tão poucas pessoas falam das coisas realmente importantes, e aquelas que o fazem geralmente estão tentando impor um tipo de solução que não é aplicável a todos..."

Nas cartas, não havia qualquer indicação de que iria tirar sua vida. Parece ter sido um impulso provocado por um desespero prolongado e crescente, causado, no final, por nada além de uma discussão doméstica. Tal como eu, disse certa vez: "O suicídio não é uma saída". Diferentemente de mim em meu inferno particular, tão semelhante ao dele, os deuses que moldam nossos destinos o enviaram ao seu, enquanto eu fui chamada de volta.

Apesar de ter-me encontrado antes com Mary, nunca me senti à vontade com ela, e percebi a razão pela qual os pais de Jamie ficaram descontentes com sua situação.

— Ele estava sempre falando do estado de sua alma e bobagens do gênero — disse, com o mesmo tom ríspido de voz que minha mãe costumava apresentar. — Ele

não conseguia conversar comigo sobre essas coisas, eu não deixava. Costumava lhe dizer para se recompor e sair, para cuidar do jardim, essas coisas.

Apesar de não ter dúvidas sobre seu amor por ele, um amor a seu modo, notei que ela o via apenas como um pesquisador minucioso. Ela não tinha idéia de seus pensamentos mais profundos, de seu calibre como historiador das idéias e como homem. Ela não foi capaz de lhe oferecer qualquer companheirismo mais profundo.

Quando visitei Rosemary e Paddy Dickson, mãe e padrasto de Jamie, pouco depois disso, soube que ele ficara tal como o diretor da escola no sonho — "louco confirmado" durante algum tempo, poucos meses antes. Ele saiu correndo da casa deles certa noite de inverno, alucinado e histérico, atravessando a propriedade e um rio, que chegava até sua cintura, para ir até a Catedral de Dunblane a 18 quilômetros dali. Lá, ficou batendo infrutiferamente na porta, tentando entrar.

Certa noite, ficou encolhido diante da lareira da sala de estar em Blair Drummond, em posição fetal, repetindo o Pai-Nosso inúmeras vezes, murmurando "o que quer dizer isso?" sem reagir a qualquer palavra ou contato. Só a base de Largactil, um remédio dado a pessoas com distúrbios mentais, conseguiu recuperar alguma aparência de normalidade. Jamie era muito amado por seus pais, e a profunda tristeza que sentiram por serem incapazes de ajudá-lo foi muito aumentada pela convicção de que Mary não era a esposa certa para ele.

— Ela o enfeitiçou — disse Paddy. — ... como se ele estivesse possuído.

Voltando ao chalé de férias em Loch Awe, comecei a tentar entender o que teria acontecido. Li as cartas amassadas que Mary retirara do cesto de papéis do escritório. Percebi que não me pusera totalmente à sua disposição quando ele me chamou. A dor tomou conta de mim enquanto caminhava pelas colinas que margeavam o lago. Tinha perdido a segunda pessoa que mais amava na vida — e da mesma forma, ao que parece, pois aparentemente a morte de Rodney acontecera segundo sua vontade e intenção.

Todos os dias eu subia as colinas e caminhava, passando pelas ovelhas e carneiros pastando, ouvindo os gritos dos pássaros, vendo os corvos circulando. Sentada com as costas apoiadas num rochedo, contemplando as vastas paisagens dos Highlands escoceses que Jamie tanto amava, o lago reluzindo lá embaixo à luz do sol, subitamente dei por mim dizendo em voz alta com meu sofrimento:

— Por que não o ajudou?

Imediatamente, uma voz aparentemente vinda de fora de mim respondeu:

— Eu o fiz.

Durante alguns instantes, surgiu um rosto ante os meus olhos, desaparecendo em seguida. Tinha cabelos escuros, olhos escuros e um olhar firme e penetrante, vagamente familiar, mas bastante remoto no tempo. Pensei nele muitas vezes depois. Creio que poderia ter sido Rudolf Steiner, mas numa idade anterior à das suas fotos mais conhecidas. Jamie recebera encomenda de um livro a respeito de Steiner, e fez boa parte da pesquisa antes de seu colapso. Mais tarde, Colin Wilson escreveu esse livro. Voltando para casa, a primeira coisa que fiz foi ligar para Warren com a notícia. Eu apresentara Jamie a Warren alguns anos antes, e ele lucrou muito com a firmeza de Warren, tendo-o em grande estima. Warren reagiu com emoção, mas parecia sentir que sua morte seria inevitável.

— Ele foi erguido — disse.

Antes de seu colapso, Jamie estava lidando com diversos campos do conhecimento esotérico controlados por guardiães de antigos cultos — e aqueles que têm o conhecimento superior e desejam resguardá-lo dos meramente curiosos têm poder. Lembrei-me por diversas vezes de seu medo dos maçons franceses, e de sua frase: "Eles estão atrás de mim".

Apesar de serem um tanto inócuos na Inglaterra, os maçons são detentores dos segredos do Santo Graal, e detêm o conhecimento de uma linha sangüínea proveniente de uma união entre Jesus e Maria Madalena. Dizem que é perigoso aproximamo-nos daqueles que sabem, e mortes misteriosas parecem acontecer todas

as vezes que alguém tenta trazer às claras aquilo que tem sido entesourado por uns poucos.

Mais tarde, fiquei sabendo de outro pesquisador desse assunto que, ao que parece, teria sido prejudicado por sua curiosidade. Mas isso é mera especulação, baseada em minha experiência com o poder de destruição de Maharishi e na advertência de Eliphas Levi a respeito dos perigos de se meter o nariz em assuntos sobre os quais não sabemos muita coisa.

Finalmente, cheguei à conclusão de que sua curta existência — ele só tinha 34 anos — deve ter se completado. Com efeito, ele deixara de viver criativamente algum tempo antes de seu corpo morrer, pois, como disse Mary, o homem com quem se casou "morreu dois anos antes de se matar".

Pouco depois da morte de Jamie, uma série de estranhas experiências psíquicas começou a se manifestar em minha casa. Eu estava cochilando em minha poltrona, certa tarde, quando ouvi sua voz. Ele disse claramente: "Mãe". Senti sua forte presença e, sentando-me, respondi "Sim, querido", como se me dirigisse a meu filho espiritual. Tive a sensação de um afastamento, seguida por um "Vá até minha mãe". Percebi que cometera um erro ao pensar que ele estivesse se dirigindo a mim. Aparentemente, queria me usar como intermediária. Fui até a Escócia e transmiti a Rosemary as palavras de amor, devoção e pesar pelo afastamento de ambos que pareciam estar provindo de Jamie por meu intermédio, para consolá-la em sua perda.

Comecei a sentir a presença de Jamie de modo mais persistente e contínuo que a de Rodney. Tinha a impressão de que estava me pressionando, como se exigisse que eu assumisse e finalizasse seu trabalho em seu nome, uma tarefa que, obviamente, eu não podia cumprir. Acabei visitando a sra. Wheeler Hopkinson, uma médium muito respeitada que trabalha na Faculdade de Estudos Psíquicos, e que morava não muito longe de nós. As duas longas sessões que tive com ela, e que foram gravadas, formam uma curiosa história que muito colaborou para me convencer da sobrevivência após a morte. A médium, apesar de não ter sido informada de nada

com antecedência, captou o nome de Jamie, seus cabelos vermelhos, sua estatura elevada, sua ascendência escocesa e diversas informações a respeito de seu trabalho e de suas ambições.

Alguns trechos pessoais incluem: "Vou visitá-la na quietude de seu lar, quando você estiver trabalhando à noite, com seus pés naquela longa banquetta. Surgirei em ocasiões especiais... Preste atenção naquele pensamento inspirado — pode ter saído de mim. Pegue meus livros. Mary não os compreende. Continue a escrever. Você vai voltar a escrever de maneira criativa. Mas seu trabalho vai mudar..."

Em dado momento, a presença de Jamie se tornou tão forte, tão avassaladora e pressionante dentro de minha casa, que comecei a me preocupar com aquilo que estava acontecendo. Não conseguia me libertar da sensação de que ele queria algo de mim, de que quanto mais eu fizesse por ele — tal como voltar à Escócia para ver seus pais —, mais ele exigiria de mim. A voz que era canalizada pela sra. Wheeler Hopkinson também se tornou mais vigorosa, despejando mais e mais informações sobre assuntos dos quais não tinha nenhum conhecimento prévio. A maioria delas mostrou-se acertada.

Gradualmente, porém, comecei a sentir que havia algo errado com esse fenômeno. Tinha a impressão de que estavam tomando posse de mim, lentamente. Não era o Jamie inteiro. Eram pedaços e partes dele. Era parte de sua mente. Talvez fosse real. Mas não estava completo. Na verdade, comecei a me perguntar se poderia ser alguma coisa de natureza automática, a repetição de 'formas de pensamento', algo que não existia mais, mas continuava em seu caminho.

Comecei a dizer: "Vá em frente, Jamie. Amo você, lembro-me de você, mas não posso fazer o seu trabalho. Vá em frente".

"Faça uma réplica de mim", veio a voz pela médium. "Ponha de volta aquela foto para que eu possa vê-la." Eu tinha mesmo removido sua fotografia da parede do meu escritório, num esforço para me libertar de um pesar obsessivo. "Há amor lá. Pense com alegria... Vou ajudá-la em seu trabalho... Muitas vezes, vejo-a elaborando

esses mapas astrológicos... Você é tão parecida comigo... Eis algumas rosas vermelhas para você, vindas do mundo espiritual... Devo reencarnar. Ainda não, mas há uma tarefa... "

A mistura — a salada de mensagens que pareciam possivelmente genuínas e as que pareciam triviais absurdas — era extraordinária e intrigante. As palavras "Devo reencarnar. Há um tarefa" eram bastante reais para mim, pois ecoavam a declaração que Rodney repetira tantas vezes: que esperava estar por perto "até o fim do mundo". Ele achava que tinha um trabalho a fazer, tal como Jamie. Naturalmente, isso também encontrava eco em minhas experiências de infância sobre alguma coisa urgente que devia ser lembrada, algo que certa vez alguém teria prometido fazer. Mas "rosas vermelhas do mundo espiritual" não podia ser 'real'.

Finalmente, fui até Somerset para me consultar com Alun Virgin. Seria a melhor pessoa possível para me dar conselhos a respeito de meu extraordinário sofrimento.

— Esse é um fenômeno bem conhecido — disse. — Já ouvi essa frase "faça uma réplica de mim" antes. Você tem razão em parar com isso. Você atingiu o estado de saturação psíquica. Quer que eu faça um réquiem em sua homenagem? Poderíamos fazê-lo na igreja, amanhã de manhã.

Fiquei surpresa quando soube que a igreja anglicana tem um serviço um tanto obscuro que pede que "todas as entidades vão cada uma para seu devido lugar", e ordena que a alma do morto seja liberada dos elos com este mundo e de toda e qualquer necessidade de ficar aqui por perto. Alun me deu o texto para que eu o lesse e aprovasse, e eu concordei. Hesitei, porém, ante a inclusão de uma frase que visava 'isolar' o morto dos vivos, para que aqueles que amavam a alma que partiu não fossem mais perturbados.

— Há um vínculo cármico entre Jamie e eu — disse a Alun. — Não podemos nos isolar um do outro, ou ele não conseguirá me encontrar da próxima vez.

Ele concordou em omitir a frase do serviço.

Pela manhã, Alun, sua mulher Margaret e eu caminhamos até a pequena igreja da cidade de West Huntspill, onde ele era o pároco. Lá dentro, acendeu as velas na capela lateral e rezou o réquiem lenta e sinceramente, e repetimos todas as orações juntos. Não sabia se isso iria aliviar a situação. Subitamente, porém, quando me ajoelhei com a cabeça apoiada nas mãos, tive a estranha e convincente sensação de que acontecera alguma coisa num plano íntimo da vida, e que o que quer que tivesse restado daquele jovem tão amado, teria se sentido realmente livre para seguir o seu caminho.

Isso foi em 1980. Desde então, a essência ou o Espírito, ou seja o que for que possa constituir a forma mais elevada de Jamie, tem-me visitado em casa de tempos em tempos, e sua voz familiar tem ecoado em meus ouvidos. Escuto-o, tal como escuto Rodney ocasionalmente, sempre de maneira inesperada, nunca conforme minha vontade. Às vezes, um comentário ou uma frase tem significado especial. Às vezes, uma pequena pista precognitiva, como a palavra "balista", tantos anos antes, chega até meus ouvidos.

Bem recentemente, estava olhando antigas fotos de pessoas que já morreram — Madame K., Ernest Lenney, Elsie Abercrombie, Rodney e Janet, Jamie — e suspirei, dizendo para mim mesma: "Todos mortos. Todos se foram. Estou só". Dentro de mim, a voz de Rodney respondeu com um ar de indignação: "Eu não estou morto!" Sei que não imaginei isso. De certo modo, certamente é verdade que não existe aquilo que chamamos de morte.

17

Tal como a voz de Jamie através da sra. Wheeler Hopkinson previra, meu trabalho começou a mudar: gradualmente, comecei a dar seminários e cursos sobre diversos assuntos. As pessoas que me procuravam eram, em sua maioria, de uma geração mais nova do que a minha. Mas a voz também dissera "você vai voltar e escrever de maneira criativa". Contudo, todo o campo de idéias criativas continuava fechado para mim, e o fluxo que fora represado ou desviado há tanto tempo não se

abrirá até então. Continuava a fazer minhas longas e detalhadas análises astrológicas, e a escrever meus ponderados artigos astrológicos e filosóficos. As portas da emoção, que se abriram tão alegremente para Jamie e se fecharam com tanta angústia com sua morte, ainda estavam cerradas e lacradas. Buscava a companhia de amigos mais velhos, com mentalidade parecida, mas ninguém mais me tocava profundamente.

Durante algum tempo, mantive correspondência com Colin Wilson, mas nunca o vi pessoalmente. Conhecia-o como autor de *O forasteiro, New pathways in psychology (Novos caminhos da psicologia)*, *The new existentialism (O novo existencialismo)* e outros livros importantes. Certo dia, ele me convidou para passar algum tempo com ele e sua esposa em sua casa na Cornualha, situada sobre um rochedo.

Ele foi convidado a escrever o prefácio de um livro de Jamie, *A instituição oculta*, da pequena editora de Richard Drew, que gostava de pensar que era o 'melhor amigo' de Jamie, o que não era bem verdade, segundo me contaram Paddy e Rosemary. Ele vivia não muito longe deles em Perthshire, e estivera em Harrow na mesma época que Jamie.

Os dois escritores nunca se encontraram, apesar de terem trocado correspondência. Assim, Colin se valeu de meus conhecimentos sobre Jamie, e, como informação adicional, mostrei-lhe trechos de nossas cartas. No entanto, *A instituição oculta* acabou sendo publicado sem o interesse e valioso prefácio* de Colin, pois Mary o vetou quase totalmente, alegando que não queria que os detalhes da 'doença' de Jamie fossem expostos. O livro esgotou sua primeira edição rapidamente. Logo, não é possível obtê-lo na Inglaterra, e a versão americana ainda não foi publicada. O *copyright* de Mary impede sua nova aparição por qualquer outra editora. Os estudiosos agora têm de pegar emprestado nas bibliotecas esotéricas exemplares deste trabalho realmente importante e extremamente erudito.

*[Este foi publicado posteriormente em *Light*, a revista da Faculdade de Estudos Psíquicos, vol. 102, n- 2.]*

Descobri que Colin e Joy Wilson vivem de modo agradável, confortável e casual na Cornualha — dez mil livros forrando quase todos cômodos do chão até o teto, boa música clássica, filhos, cães, a entrada e saída contínua de visitantes. Em meu estado um tanto humilde, achei que sua casa era relaxante e feliz. Situada perto de um despenhadeiro, a propriedade permite ampla vista do mar e do céu.

Com seus cães *labrador* Rosie e Ben a meu lado, durante minha primeira visita, em 1981, caminhei pelos penhascos, estradas e caminhos da pequena vila litorânea, ordenando meus pensamentos, endireitando minha coluna e começando a pôr minha cabeça novamente no lugar. Colin, um homem disciplinado que mantém intacta sua rotina diária e produz uma enorme quantidade de livros e artigos, recebeu-me com carinho e bondade genuínos. À noite, ao lado da lareira, todos tomávamos vinho juntos; mais tarde, com os pratos do jantar no colo, assistíamos televisão e ficávamos conversando sem parar, sempre de modo relaxado, natural e bom. Discutimos uma ampla gama de temas relativos à natureza da vida, à mente humana, esoterismo e paranormalidade, sempre voltando à perspectiva positiva e otimista de Colin acerca das possibilidades evolutivas da humanidade e do uso da vontade para esse fim. Ele também me incentivou muito a voltar a escrever, sugerindo que me concentrasse nisso. O conforto que recebi na casa de Colin permanece em mim como um exemplo de grande generosidade vindo de uma pessoa que pouco me conhecia. Seu principal atributo é sua abertura a todas as idéias. Seu entusiasmo ilimitado pela vida significa que ele dá e recebe na mesma medida, pois uma das leis básicas da vida é que obtemos dela o mesmo que a ela dedicamos.

Sentada no pomar de Colin, escrevi o capítulo de abertura deste livro. Rosie e Ben ficavam quietinhos, deitados do meu lado na relva, resfolegando com o calor. Hoje em dia, Ben está um pouco mais lerdo, dirigindo-se a seu banho de mar num passo confortável em vez de saltar pelos rochedos, exibindo aos visitantes suas grutas e praias secretas, tal como da primeira vez que visitei os Wilson. Eu também caminho mais devagar, e paro e me apoio nas cercas ou me sento nos degraus das casas e

fico meditando. Além disso, uso uma bengala para me auxiliar nos lugares mais acidentados.

Tenho tido sorte com minhas amizades ao longo dos anos. A única coisa que me faltou foi um parceiro no Caminho, pois meu bom marido, apesar de seu vínculo fraternal com Rodney Collin, tem sido alguém que me apóia na vida, não no pensamento esotérico.

O Caminho é em essência solitário, creio, e certamente deve prosseguir por muitas encarnações. O anseio por alguém com quem viajar parece ser um movimento lateral em vez de um movimento para a frente, mas esse anseio faz parte da natureza humana. O companheirismo ao longo do Caminho é uma alegria e conforto em momentos de provação e testes, naturalmente, mas provavelmente não é essencial. Obviamente, procuramo-nos uns aos outros por fazermos parte do mesmo Ser, o Ser conhecido como Humanidade. Podemos ajudar, instruir ou amar o próximo. Por dentro, porém, a maioria das pessoas parece viajar sempre sozinha.

Costumo pensar muito nessa questão — se podemos ter acesso ao Caminho através do amor humano, do relacionamento entre homem e mulher. Tenho a impressão de que deve ser válido como acesso inicial, pois no êxtase da união sexual um homem e uma mulher podem obter o primeiro vislumbre de algo situado além da normalidade de suas existências. Os judeus têm uma tradição que diz que a atividade criativa divina, tal como a dos seres humanos em sua procriação, é uma alegre dialética entre elementos masculinos e femininos. Esta união é conhecida nos círculos cabalistas como o casamento entre o rei e a matrona. Ele irradia uma luz divina chamada *schechinah*. Sempre que as forças criativas divinas estão a agir, a *schechinah* está presente. Ela foi perdida na Queda e só pode ser recuperada em momentos de rara exaltação: um deles ocorre quando existe completo amor e harmonia entre homem e mulher.

Coleridge escreveu: "Tão próximas estão a criatividade humana e divina que se a *schechinah* for recuperada entre os seres humanos, Deus será afetado. Ele recebe uma alegria que Ele mesmo não teria de outra maneira."

*[Coleridge, *the visionary* (Coleridge, o visionário), de J.D. Beer]*

Hoje em dia, porém, muitos homens procuram as mulheres na crença de que, de algum modo, podem entrar no Caminho por meio da influência feminina ou através da submissão amorosa da mulher a eles. A idéia de conquista parece ser intrínseca a essa questão, mas o Caminho não se abre ao conquistador! Qualquer mulher forte pode perceber esse fenômeno, que faz parte da era atual e fica mais aparente agora que as próprias mulheres não buscam mais um amo e senhor no sexo oposto.

..., com certeza, parte da "mudança de paradigma", usando a expressão de Fritjof Capra — a lenta transformação do princípio masculino há muito dominante para o feminino, do qual as estridentes exigências das feministas e seus sutiãs queimados foram a primeira e extremista onda. Nesta era, naturalmente, o movimento feminista está ganhando impulso. No final, porém os princípios masculino e feminino certamente estarão em equilíbrio, nem dominantes, nem subservientes — embora a alternância entre dominação e subserviência de ambos os lados faça parte da relação sempre mutável entre os princípios. O relacionamento homem/mulher só vem a refletir esses grandes princípios: a tentativa de dominação de um desses lados não é, em si, mais permanente ou real do que a tentativa de uma 'parceria' de iguais ou a evolução de um andrógino.

Por natureza, o macho deve penetrar a fêmea e, com isso, renascer perpetuamente, e ela deve recebê-lo e trazê-lo ao mundo vez por outra até o final dos tempos: em seu ventre, em seu peito, em sua vagina, ela o leva e o sustenta. Mas a fêmea não pode encontrar em nome dele o verdadeiro centro masculino, o ponto de equilíbrio que lhe permite prosseguir no Caminho. Isso ele deve fazer por conta própria.

Pode haver mais um papel feminino, sintetizado nas palavras *Stabat Mater Dolorosa* e na "Pietà": a mulher que deve estar irremediavelmente aquiescente ante a crucificação, pronta para receber o Amado, no fim e no princípio. Mas não se exige de todas as mulheres que representem esse papel agonizantemente inativo.

Se uma mulher recebe um homem com o desejo de conquistá-lo e controlá-lo, ela não consegue nada mais do que ele mesmo quando a toma na intenção de conquistá-la e despojá-la. ... preciso, de parte a parte, agir com delicadeza e sensibilidade muito maiores do que a maioria de nós consegue em nossas parcerias humanas. Os pequenos relacionamentos pessoais de homens e mulheres devem certamente refletir e conter os grandes princípios arquetípicos enquanto o mundo passa para a nova era, na qual o indivíduo se torna cada vez mais responsável por seu próprio desenvolvimento e dá sua contribuição — uma pequena gota d'água, cheia de luz, na onda evolutiva.

Há uma prática da tradição xamânica que pode ser feita por dois iniciados juntos, o parceiro atuando com seu 'escudo feminino' e a mulher com seu 'escudo masculino'. Pode surgir disso uma parceria muito poderosa. Mas é algo raro. Dotada de metade da memória, às vezes ficava me perguntando se algum dia encontraria alguém com quem pudesse representar esse papel. Estou consciente, há muito tempo, de que atuo com o 'escudo masculino' dessa forma. A vaga lembrança do parceiro que usava o escudo feminino tem estado em minha mente desde a época da puberdade. Era o mesmo tipo de lembrança que tinha de meu irmão, mas, naturalmente, nunca ouvira falar dessas idéias esotéricas sobre relacionamentos. Nenhum dos jovens rapazes que conheci antes ou durante a guerra se aproximavam dessa imagem, de modo que a tênue e nebulosa lembrança não se desenvolveu de maneira muito forte durante a minha juventude. De qualquer forma, foi uma alegria com a qual os deuses não me obsequiaram.

Nos anos seguintes, eu costumava pensar que as pessoas felizes eram aquelas que encontravam um parceiro de verdade com o qual podem viajar, e infelizes as que acham que não podem ou que não prosseguem sozinhas.

Cada vez mais solitária por dentro, apesar de estar freqüentemente com os amigos, conhecidos e clientes, percebi que estava mais e mais propensa ao silêncio e à prece. Através de toda sorte de práticas — da simples técnica de 'escutar Deus' a exercícios psicológicos, práticas esotéricas de natureza transcendental e esforços intelectuais para retomar à criatividade —, viajei interiormente por quase meio século. Em boa parte desse período, segui os caminhos percorridos por Rodney, cuja a única prática no final da vida era a da prece.

Ao contrário de Rodney, porém, que se tornou devoto da idéia do Cristo, não rezo regularmente para Jesus Cristo ou para a Virgem Maria, nem tento invocar santos ou divindades conhecidas de modo geral. Toda espécie de invocação me parece bem perigosa: podemos suscitar entidades desencarnadas em vez de deuses! Tento entrar em contato com uma parte íntima de meu próprio ser, à qual geralmente tenho pouco ou nenhum acesso: o Eu Superior, o Habitante do Mais íntimo ou qualquer outro nome que se possa escolher para atribuir a meu objetivo. Contudo, já com os olhos abertos novamente após uma prece e em minha vida cotidiana, vejo que Deus está presente em todas as coisas vivas. Quer busquemos o Deus imanente, o reino de Deus dentro de nós, ou o Deus transcendente, estaremos da mesma forma procurando a comunhão com o Criador, pois ele permeia todo o universo.

Segundo minha experiência, é perfeitamente possível, se assim se deseja, entrar em contato com determinada fonte de poder, com resultados aparentemente milagrosos. Isso pode ocorrer tanto com quem fala com o Deus Pai ou invoca são Judas, como com quem lê a Coluna de Anúncios Pessoais do *Daily Telegraph!* Ou então, com quem pede a ajuda de seu mentor — Rodney Collin, no meu caso — ou de alguma pessoa querida de além-túmulo. Não sabemos quem estamos escutando. Geralmente, porém, sabemos que alguma coisa ou alguém está se manifestando.

Quando as pessoas se dirigem a Deus, podem obter ajuda de alguém situado muito mais abaixo na escala hierárquica do que imaginam. Acredito na possibilidade de entrarmos em contato com alguma verdadeira influência ou ser, mas não em lidarmos com o nível supremo, algo em que alguns buscadores sinceros acreditam. Travamos contato com quem quer que nos ouça e identifique.

Como Rodney me disse uma vez: "Só ficamos mesmo sem ajuda quando não estamos cientes de que necessitamos de auxílio. Quando recebemos a verdadeira ajuda, ela não se compara com qualquer coisa que possamos fazer por nossa própria conta". Entretanto, a verdadeira ajuda parece vir através da graça, não como uma rápida resposta a nossas súplicas.

... possível que, como Rodney acreditava, a mais poderosa fonte de todas seja a Trindade de Seres, que forma a primeira manifestação do Absoluto, se é que é possível contatá-la. Ir além disso, até o inefável, o imutável, à fonte eterna e sem atributos, é ir ao silêncio, ao vácuo: a *Ain Soph Aur*, *Ain Soph*, *Ain* — a Luz Ilimitada, o Infinito, o Vazio —, os três universos exteriores da Cabala, que, conforme a tradição, situam-se além de *Kether*, a Coroa da Árvore da Vida. Não acredito que possamos obter muita ajuda prática para nossas vidas ou orientação para as pessoas que se acham neste ambiente terreno fazendo-o com frequência, pois, no final, a alma 'quer sair', e com isso não haveria mais propósito visível para a vida neste mundo. Ir tão longe equivale a cultivar a vontade de morrer antes de chegar nossa hora. Esta é a 'consciência da beatitude', que vicia e faz com que desejemos gradualmente sair da vida.

Tenho tido muitas experiências estranhas com relação ao resultado de minhas preces quando preciso de ajuda. Raramente rezo por mim mesma, pois estou inclinada a acreditar que o elemento 'eu quero' rapidamente se infiltra, e acabamos sem saber o que é que estamos desejando de fato. De vez em quando, conseguimos alterar os eventos exteriores, mas depois percebemos que não obtivemos nenhum benefício.

Obviamente, há um grande fundo de verdade no conto de fadas alemão que diz que um casal recebeu a graça de três pedidos. Enquanto estavam sentados ponderando sobre o melhor uso para eles, o velho marido disse:

— Estou com fome. Gostaria de uma salsicha. Surgiu uma salsicha no prato à sua frente.

— Seu imbecil! — gritou sua mulher. — Você desperdiçou um de nossos pedidos. Queria que essa salsicha estivesse no seu nariz.

Inevitavelmente, o terceiro pedido seria para que a salsicha saísse do nariz do marido e fosse para o prato para que a comessem. Geralmente, não sabemos dar melhor uso a nossos pedidos ou preces. Se rezarmos pelos outros também não teremos certeza de produzir algo vantajoso a longo prazo; no entanto, se o fizermos com amor e humildade, parece que às vezes atingimos o próximo com um toque curador, trazendo a sensação de paz. Contudo, confinar-me a uma prece que pede para que fulano seja ajudado, nunca mais. ... fácil intrometermo-nos na vida dos outros de modo manipulador temos boas intenções, mas aumentamos o caos reinante quando tentamos mudar as coisas para melhor. Uma antiga tradição diz que nunca se deve rezar por alguém sem pedir sua permissão; do contrário, estaremos interferindo em suas verdadeiras necessidades. Apesar disso soar radical, creio que se trata de um conselho bastante sábio!

Raramente rezo de joelhos. Não estou acostumada com a atitude do 'miserável pecador'. Creio que aqueles que nos observam dos reinos interiores ou superiores devem ser encarados de frente; não com arrogância, mas também não com timidez; simplesmente, com discreta dignidade. Certa vez, meu pai me disse:

— Depois de rezar, levante-se e continue vivendo como se já a tivessem respondido. E é o que acontecerá.

Com certeza, é esse o significado das conhecidas palavras de Goethe acerca dos compromissos:

Enquanto não nos comprometemos, podemos voltar atrás; sempre ineficiência. Com relação a todos os atos de iniciativa (e criação), há uma verdade elementar que, se ignorada, derruba inúmeras idéias e planos esplêndidos: que no momento em que nos comprometemos em definitivo, a Providência age também. Toda sorte de coisas acontecem para ajudar a pessoa, o que, de outra forma, não sucederia. Surge toda uma seqüência de eventos a partir dessa decisão, produzindo, a favor da pessoa, incidentes imprevisíveis, encontros e assistência material que ninguém sonharia poder ocorrer. Seja o que for que você puder fazer ou sonhar, comece já! A ousadia abriga a genialidade, a magia e o poder. Comece agora.

Enquanto estava pensando tanto na prece e no compromisso e vivendo a minha solitária vida interior e minha vida exterior cada vez mais agitada, os deuses proporcionaram mais uma mudança inesperada a meus últimos anos produtivos.

Há muito tempo, certa vez, durante uma reunião do grupo de Ouspensky, uma jovem disse:

— Se pudéssemos estar sempre apaixonados, atingiríamos as coisas mais elevadas muito mais facilmente! Todas as cores são mais fortes e tudo tem mais vida para mim quando e sou apaixonada.

Eu era a pessoa encarregada de anotar os eventos daquela reunião e, ao transcrevê-los no dia seguinte, fiz uma pausa e fiquei pensando na possibilidade daquele comentário. Ocorreu-me que eu nunca me apaixonara de verdade. Apesar de todas as minhas aventuras, meus dois casamentos e meus inúmeros contatos ao longo da vida, só experimentara um prazer passageiro em umas poucas aventuras amorosas, voltando rapidamente à minha vida controlada e autodisciplinada. Mantive meu cavalo sob rédeas curtas durante muitos anos, e continuei a fazê-lo naturalmente. Provavelmente, as opiniões puritanas de meu pai devem ter influído em meu comportamento. Na verdade, porém, nunca encontrei alguém que tenha tornado as cores mais fortes e feito com que tudo tivesse mais vida.

Agora, vou contar uma história que não tem final. Com 60 e tantos anos, aparentemente tarde demais para a realização nesta vida, meus olhos se encontraram com os do homem que atua com o escudo feminino — e o reconheci, tal como reconhecera Rodney e Jamie sob diferentes circunstâncias muito antes disso. Não fiquei nem um pouco surpresa ao ver que seu rosto, sua altura, seu porte, seus olhos azuis e seus modos eram muito parecidos com os meus e com os de Rodney. Pela aparência, poderíamos passar por familiares, pessoas do mesmo sangue. Até as linhas de nossas mãos, aquelas que os quiromantes usam, eram quase idênticas. Nossas mentes funcionavam da mesma maneira. A afinidade era profunda. Este relacionamento não foi fraternal.

O destino conspirou para que ficássemos na presença um do outro por uma série de coincidências do tipo que Jung chama de 'sincronicidades'. Havia bem mais do que o acaso por trás daquele encontro. Conhecera muitos homens que atuavam com o escudo feminino, pois isso não é incomum. Mas esse era o amado, o lembrado.

Poucas horas depois, entendi pela primeira vez o que aquela menina quis dizer na reunião de Ouspensky. Todos os meus sentidos se animaram com alegre facilidade, de sorte que o mundo ficou tão cheio de beleza, maravilhas e glórias quanto na época em que me ajoelhava na grama e cantava suavemente para mim mesma. Era esse o caminho escolhido pelos deuses, ao que parece, para reabrir o fluxo criativo há tantos anos represado. "Sinto que posso escrever um livro novamente!" disse-me com surpresa.

Com certeza, devemos ter muitas vidas, e, para que todas as possibilidades sejam satisfeitas, o ritmo deve ser apropriado. Durante meses, pensei: agora tudo dará certo e se concretizará, apesar das dificuldades óbvias que envolvem um amor tardio, bem além da flor da vida, entre pessoas que têm vínculos e obrigações no mundo. Meus dias se passaram com as rédeas soltas, como um perpétuo galope através da relva primaveril da região de Downs numa manhã do início do verão.

Com o tempo, percebi que esse terceiro e profundamente lembrado relacionamento não deveria se concretizar nesta vida. Eram muitos os problemas. Entretanto, pelo menos eu vi, toquei e ouvi a presença daquele parceiro já conhecido, o que me reassegurou de que o caminho é longo e que não o trilhamos sozinhos. Desta vez, não derramei lágrimas por uma morte, por uma perda, mas por uma alegria que mantive. Pelo menos agora as portas estão novamente abertas, o sangue da vida flui por mim como se proviesse de coisas eternas, e recebi as chaves do tesouro. Não perdi tempo e usei o ouro no mercado da vida, escrevendo com uma pena livre e criativa. E quando sinto ansiedade, lembro-me das sábias palavras de William Blake:

Aquele que mantém ante si a alegria recurvada

Destrói a vida alada.

Aquele que beija a alegria que bate asas e vai embora,

Vive pela eternidade sua aurora.

Assim, o terceiro dos vínculos cármicos foi forjado. Em algum lugar tenho um 'irmão', em algum lugar um 'filho' e, ainda neste planeta que devo percorrer por mais ou menos uma década, tenho um amado que pude vislumbrar mais uma vez, como uma última bênção, talvez, antes de partir. Assim, volto agora ao meu trabalho com firmeza de vontade.

'A Obra' é uma expressão empregada por Gurdjieff mas, na verdade, é muito antiga. Muitas das pessoas que começaram a lidar o esoterismo nesta vida tendem a achar que a Obra significa simplesmente pertencer a um grupo, ouvindo aquilo que Gurdjieff, Ouspensky ou algum outro professor tem a dizer, fazendo exercícios psicológicos, observando disciplinas e tentando, por esse meio, desenvolver a si mesmas.

Na verdade, porém, a Obra é uma reação — sempre mutável, sempre móvel, em permanente desenvolvimento — aos tempos. Ela está fortemente ativa em todas as pessoas criativas; é negada por aquelas que têm uma atitude destrutiva diante da vida.

No instante em que alguém compreende a Obra em seu verdadeiro sentido, passa a fazer parte dela. Ele não pode voltar atrás, nem deseja recuar, apesar de logo perceber que não está percorrendo um caminho florido e que não recebeu as chaves do paraíso. Ele põs os pés num caminho rochoso, mas seu próprio eu o impele a prosseguir.

As palavras do livro *A cloud unknowing (Uma nuvem de desconhecimento)*, "esta é a Obra mais curta que um homem pode realizar", certamente se aplicam a este primeiro reconhecimento: o passo à frente, com a coragem nascida da fome, rumo ao desconhecido futuro. Shakespeare diz o mesmo de maneira muito simples:

"Antes de mais nada, sê fiel a teu eu. Segue, como a noite ao dia, que então não serás falso com ninguém".

Enquanto o aspirante vislumbra a verdade inerente a esse aforismo e hesita, pensando em dinheiro, família, vaidades pessoais, ele será como o jovem da história do evangelho que foi embora triste porque possuía muitos bens. Muita gente fica rodeando o limiar, aproximando-se e afastando-se ao longo dos anos, sem jamais ousar cruzar a fronteira final. Aqueles que viram o prêmio, mas levaram em conta o custo, recuam repetidas vezes, e, por tradição, tendem a entrar na espiral descendente da criação, de volta ao lugar de onde veio a carne, de volta às bases da vida na Terra, em vez de levar a herança para o lugar acenado pelos anjos.

Como indicam os ensinamentos do budismo e do hinduísmo, tudo aquilo que fazemos na vida é por nossa felicidade. Todas as nossas ações, nossos planos e nossas intenções vêm desse desejo. Mas a felicidade das aquisições mundanas é efêmera, naturalmente, e desaparece quando a tocamos. Contudo, quando o verdadeiro conceito da Obra é visto, nossas mãos terão a seu alcance aquilo que nunca muda: o eterno, que corre por meio do fluxo criativo nos artistas e nas pessoas comuns. Fazer. Realizar. Ser — de acordo com o ponto mais elevado que nossa percepção alcança em nossas vigílias silenciosas ou que se acha por trás da azáfama de nossa vida cotidiana — isso é a Obra. Ela é sempre criativa, pois no fazer e no

realizar colocamo-nos em linha direta com o Criador. Mesmo quando fazemos coisas simples, que requerem perícia manual e visual e atenção disciplinada, a felicidade está presente. Negar isto é motivo de pesar.

Mas a Obra é, em essência, inevitavelmente solitária, qualquer que seja a forma exterior que possa ter junto ao indivíduo, pois cada um a realiza interiormente, para si mesmo, e ninguém jamais sabe exatamente o que está fazendo. "O Caminho é muito longo", disse-me Rodney certa vez. "Você o encontra num ponto, em meio a um grupo de pessoas, perde-o de vista ali e o descobre novamente acolá". Sempre gostei de trabalhos em grupo, de ouvir estudiosos e professores. Mas como disse Joan Halifax, a antropóloga, "se você estiver adequadamente motivada, pode estudar com o bêbado sob a ponte e ainda obterá néctar. Não precisa nem pôr de lado os charlatães".

Gurdjieff comentou que todo homem pequeno pensa que só Jesus Cristo seria um professor suficientemente bom para ele. Mas você pode aprender com as pessoas mais comuns, sob as circunstâncias mais banais — desde que tenha a chave que abre todas as portas.

Costumo pensar nos Sistemas e Caminhos como estruturas de apoio. Quando vejo crianças brincando num *playground* cercado por grandes árvores, observo os jovens pés e mãos aprendendo a segurar, a testar a segurança e a avançar por meio de passos simples e regulados, e por parâmetros. Um dia, elas se aventurarão na floresta, onde nenhum dos galhos correspondem à regularidade ou às expectativas, e a segurança não é nem um pouco garantida; nessa época, porém, elas já saberão segurar, equilibrar e sustentar.

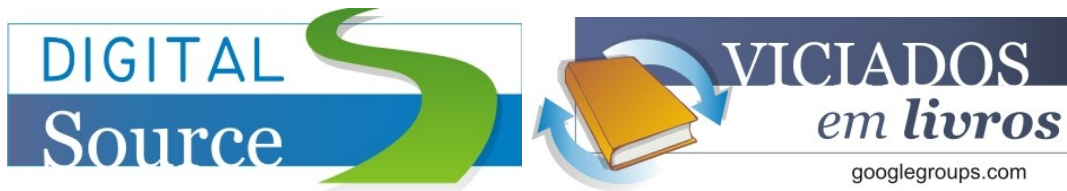
O conceito de Sistemas como mapas que mostram a terra à nossa frente é menos real para mim, apesar de ser normalmente apresentado como analogia. No entanto, os mapas devem ao menos ter um norte em comum, indicando o caminho para Birmingham ou Nova York. Pensar em Sistemas e Caminhos como mapas me dá a impressão de apegarmo-nos à tendência comum de sempre comparar uma coisa

com outra: querer encaixar os planetas e signos do zodíaco na árvore da Vida ou nos arcanos maiores do taro; comparar o Raio da Criação de Gurdjieff com algo escrito por Alice Bailey ou com o *Reflexive universe (Universo reflexivo)* de Arthur Young. Analisar o ponto de mutação de Fritjof Capra e *The awakening earth (A terra desperta)* de Peter Russell, procurando pontos de simpatia ou de divergência. Podemos lidar com números usando a gematria, e brincar com intermináveis jogos nos quais uma coisa corresponde a outra — só que não muito. Para mim, isso leva a dar voltas em círculo infundáveis de discussão. Sem compreender que o que temos a fazer é aprender a ir em frente *por nós mesmos*, o progresso pode ser lento e hesitante demais para uma só vida.

Aquelas estruturas de ferro dos *playgrounds* são boas. Como os mestres, elas existem para que as ultrapassemos. No final, todos devem se embrenhar na selva das idéias, e, para alguns, a permanência no reino selvagem pode ser longa. Aprender a enfrentar os desertos áridos, os lamaçais do desânimo ou mesmo a viagem pelo vale da sombra da morte, pode exigir resistência. Os avisos à beira do caminho são por vezes miragens e, se seguidos, vão levá-lo ao ponto de partida. A verdade está no buscador. Quando você começar a assumir a responsabilidade por seu próprio desenvolvimento, estará no Caminho. Mas, como disse Krishnamurti, "a Verdade é uma terra sem trilhas".

Para mim, o caminho não conduz às cavernas do Himalaia ou aos elementais que dominam o reino mineral e suas pedras preciosas, as águas, o fogo e o ar açoitam a Terra. Atualmente, procuro o Sol. Mas estou aberta e desperta para o inesperado, pois, como dizem os índios mexicanos: "Aquele que é levado pelo Pássaro do Sol deve olhar para o Ladrão!"

Na verdade, o Caminho é sempre o seu. Em solidão e com uma promessa interior, você dá o primeiro passo, mesmo se rumar para o precipício do tempo e da circunstância, dizendo: "Por isto me ofereço". E, milagrosamente, você estará nos braços do Destino e se defrontará com a realidade.



<http://groups-beta.google.com/group/digitalsource>

http://groups-beta.google.com/group/Viciados_em_Livros